

Sara Augusto
Caio César Christiano



Inclui Ficheiros

Áudio

Português com textos 2

Textos narrativos para o ensino do Português
como Língua Estrangeira



Sara Augusto
Caio César Christiano



Inclui Ficheiros

Áudio

Português com textos 2

Textos narrativos para o ensino do Português
como Língua Estrangeira





Encontre os nossos materiais para o ensino do Português disponíveis em versão digital. Visite o site do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa do Instituto Politécnico de Macau.

閣下可上網獲取葡語教學相關材料之電子版本詳情
請參閱澳門理工學院葡語教學及研究中心網站

<https://cpclp.ipm.edu.mo>

© 2021, 澳門理工學院 INSTITUTO POLITÉCNICO DE MACAU
澳門新口岸高美士街 Rua de Luís Gonzaga Gomes, Macau
cpclp@ipm.edu.mo

書名 Título

Português com textos 2: textos narrativos para o ensino do Português como Língua Estrangeira.

編著 Autores

Sara Augusto e Caio César Christiano

設計 Grafismo e Composição

Gabriel Cordeiro

中文詞彙 Vocabulário chinês

王程序 (Wang Chengxu)

教材錄音 Vozes

Ana Catarina S. Monteiro, Caio Christiano, Carlos Botão Alves, Olívia Madeira, Vanessa Amaro, Vânia Rego.

第一版 1.ª edição digital

2021年07月 第一版 (Julho de 2021)

ISBN

978-99965-2-253-6 (pdf)

第一版 1.ª edição impressa: 2018年12月 Dezembro de 2018

ISBN 978-99965-2-198-0 (paperback)

PREFÁCIO

O papel que os textos literários desempenham no ensino de LE tem sido, desde sempre, um tópico de discussão muito interessante. Apesar da divergência de opiniões, que pouco contribui para um consenso, não se pode ignorar o facto de os estudos sobre as línguas humanas não serem privilégio exclusivo dos linguistas: muitos antropólogos, sociólogos, escritores e filósofos, partilham desse interesse comum pela análise das nossas línguas. Neste sentido, os textos literários, tão particulares na sua linguagem, na sua forma de expressão, carregam também consigo conteúdos subjectivos, culturais e históricos, tornando-se mais profundos, exigentes e inspiradores.

Em relação à aquisição de uma L2, as teorias das diversas escolas de pensamento também são muito variadas e até contraditórias. No entanto, deve ser considerado o facto de o *input* ser fundamental para esta aquisição. Uma das formas mais populares de adquirir o *input* é a leitura, processo fundamental na aprendizagem de conhecimentos, incluindo, obviamente, a aquisição de uma L2. Sendo assim, que tipos de materiais os aprendentes de L2 podem e devem ler? Neste segundo volume do *Português com Textos*, os professores Sara Augusto e Caio Christiano reforçam a importância da utilização dos textos literários no conjunto dos materiais utilizados, desde os poemas incluídos no primeiro volume até aos excertos de romances escolhidos para o presente volume, seleccionados cuidadosamente para alunos de Português LE, a partir do nível B1.

Cada língua possui o seu próprio encanto e a sua própria riqueza lexical e beleza rítmica. A Língua Portuguesa não constitui, naturalmente, uma excepção. Neste idioma, Camões escreveu *Os Lusíadas* e Fernando Pessoa escreveu a *Mensagem*, tal como José Saramago escreveu *O ano da morte de Ricardo Reis*, Agustina Bessa-Luís escreveu *A Sibila*, o cabo-verdiano Baltasar Lopes escreveu *Chiquinho*, o moçambicano Mia Couto escreveu *Terra Sonâmbula* e Jorge Amado escreveu *Capitães de Areia*, referindo apenas alguns nomes de escritores e obras do rico panorama da narrativa literária em Língua Portuguesa.

As palavras de um texto literário são palavras, sim, mas são mais que palavras, aumentado e transformado o seu sentido pelo uso metafórico, abrindo as portas a uma leitura atenta. Queria sobretudo chamar a atenção para este facto, uma vez que se constitui como um aspecto diferenciador. Assim, os textos literários oferecem aos aprendentes de português L2 materiais linguísticos mais ricos que outros textos, não só pela utilização conotativa das palavras, mas também pelo sentido cultural e histórico, veiculando conteúdos que fazem falta à aquisição de uma L2.

Apesar de o ensino de Língua Portuguesa, tanto em Macau como no Interior da China, já ter uma longa história, a elaboração de manuais e de outros materiais didáticos, destinados a aprendentes chineses, tornou-se mais visível nesta última década. Uma das missões do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa (CPCLP) consiste, desta forma, na produção de materiais didáticos, sobretudo em áreas com menos incidência e produção, e na sua disponibilização na internet. Este será um contributo decisivo para o ensino de Português como LE em Macau e em toda a China.

Zhang Yunfeng

Coordenador do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa,
Instituto Politécnico de Macau

INTRODUÇÃO

O segundo volume do projecto *Português com Textos* corresponde e vem prolongar os objectivos e expectativas que nortearam o primeiro volume, publicado em 2017. Na introdução desse volume, foram consideradas questões pertinentes, colocadas aquando da elaboração e da validação do material, composto pela leitura e comentário de textos poéticos. Nesta segunda parte do projecto, a maior parte dos aspectos mantêm-se actuais, mas é necessário dar relevo a outras preocupações próprias do modo e do género literário do tipo de texto escolhido para análise, o romance, aqui apresentado sob a forma de excertos.

Como textos literários que são, movendo-se na esfera da originalidade e da criatividade, o aluno encontra neles não só um discurso autoral com as suas características distintivas, mas também uma maior profundidade de pensamento, a exigir atenção, leitura atenta e interpretação. Mantém-se, assim, a ideia complementar que orientou a construção destes livros: a de que, no âmbito do Ensino do Português como Língua Estrangeira, o estudo da Literatura pode ser visto como parte da experiência global de aprendizagem e como forma privilegiada de conhecimento não só da cultura mas também da mundividência expressa em língua portuguesa. Nesta perspectiva, o texto literário não se apresenta como mero recurso para explorações de carácter linguístico e gramatical, mas sobretudo como experiência de leitura, ou seja, como objecto de fruição estética e como fonte de conhecimento literário e cultural. Ao expressar sentimentos e anseios, dando também a conhecer factos e personagens, desenvolvendo mecanismos de expressividade, o texto literário estabelece um nível de comunicação mais amplo, mais completo e complexo.

Ensinar literatura é ensinar o uso da língua dentro do espectro do que uma cultura considera ser linguagem literária. A língua torna-se, então, mais rica e significativa e, a vários níveis, carrega consigo marcas não só de expressão subjectiva mas também do contexto em que o texto foi produzido. São essas marcas que definem uma cultura, enquanto partilhadas entre os falantes de uma língua, diferenciando-se e simultaneamente estabelecendo pontes com outras culturas. É expectável que, quando adquire e consolida o conhecimento de uma língua, o aprendente queira preencher o espaço entre a aprendizagem dessa língua no quotidiano e a fruição do texto literário, dando conta da visão do mundo que ele revela.

As cinquenta fichas de leitura aqui apresentadas dizem respeito a um *corpus* de vinte e cinco romances de autores consagrados do espaço de língua portuguesa, que escreveram no século XX e no século XXI. Na sua maior parte, podem ser considerados canónicos, ou seja, fazem parte de um conjunto de autores e respectivas obras consideradas de maior importância nas diversas literaturas, por motivos diversos, sendo que os principais são o seu impacto em termos formais e temáticos, a sua relação com o contexto e o grau de inovação do discurso narrativo que utilizam. Por estes motivos, constituem obras fundamentais de autores premiados, reconhecidos no panorama literário da língua portuguesa. As fichas biográficas e um pequeno resumo de cada romance permitem situar cada autor e cada obra no contexto adequado.

De cada um dos vinte e cinco romances retiraram-se dois excertos, com diferentes graus de dificuldade, tendo em conta duas preocupações: em primeiro lugar que sejam exemplares do autor e da sua obra; em segundo

lugar, que cada excerto constitua uma unidade com sentido, capaz de ser lida por si mesma, mas sempre com a expectativa de conduzir o aluno à leitura da obra integral. A orientação providenciada pretende que o aluno dê conta da especificidade do texto narrativo, tanto em termos da sua construção formal, considerando o tratamento das diversas categorias narrativas e os sentidos veiculados pelas diferentes opções, como dos recursos expressivos e da sua exigência em termos de leitura e de interpretação. A orientação fornecida insiste ainda no reconhecimento do uso conotativo das palavras como umas das marcas do texto literário, também numa perspectiva sincrónica, tendo em conta as diferentes literaturas de língua portuguesa. Não deixa, contudo, de apontar as circunstâncias em que a presença e a insistência de determinadas particularidades gramaticais têm um efeito real na construção do texto e dos seus sentidos, enfatizando ideias e definindo o tema.

Finalmente, cada ficha propõe actividades e promove, ainda, a investigação sobre os autores, textos e factos, na sala de aula ou individualmente, de forma a tornar mais rica e consistente a leitura dos textos seleccionados. O reconhecimento da intertextualidade que as obras literárias estabelecem umas com as outras e com outros processos artísticos foi também considerada.

Porque os textos narrativos implicam uma estrutura específica, que os distingue dos textos líricos e dos textos dramáticos, sobretudo em termos de enunciação, o conjunto das fichas foi antecedido de um capítulo relativo às características do texto narrativo, aplicadas sobretudo ao romance. Trata-se de um conjunto de conhecimentos que permite adquirir e dominar a terminologia básica relativa ao texto narrativo, mas também possibilita uma leitura mais consciente e eficaz deste tipo de texto.

Este segundo volume do *Português com Textos* (II), no conjunto das fichas que o constituem, tem ainda como objectivo proporcionar um panorama dos grandes romancistas do último século e da contemporaneidade e, sobretudo, despertar, incentivar e orientar o gosto pela leitura e a vontade de conhecer mais sobre os autores e as obras apresentadas.

Os textos narrativos sempre tiveram grande fortuna em todas as literaturas e culturas. Eles são fundacionais porque constroem e estabelecem as primeiras histórias de um povo; são didácticos porque trazem consigo um ensinamento, mais ou menos explícito, sobre os mais diversos aspectos; e, porque contam histórias imaginadas, sempre encontraram no entendimento humano grande aceitação pelo prazer da leitura. Tendo em conta estes aspectos, este conjunto de fichas de leitura, feito a partir de grandes romances produzidos por autores de língua portuguesa, será uma mais-valia tanto em circunstâncias de leitura e aprendizagem na sala de aula, como enquanto exercício de leitura individual.

Sara Augusto
Professora Adjunta Convidada do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa,
Instituto Politécnico de Macau

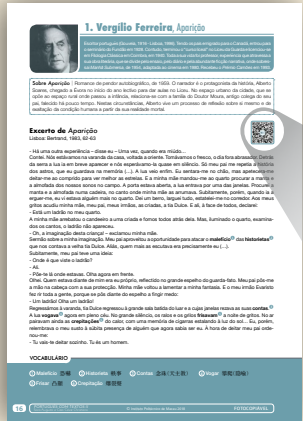
	O Texto Narrativo	10
	Vergílio Ferreira , Aparição	Ficha 01 16
		Ficha 02 18
	José Saramago , O Ano da Morte de Ricardo Reis	Ficha 03 20
		Ficha 04 22
	Agustina Bessa-Luís , A Sibila	Ficha 05 24
		Ficha 06 26
	David Mourão-Ferreira , Um Amor Feliz	Ficha 07 28
		Ficha 08 30
	Lídia Jorge , A Costa dos Murmúrios	Ficha 09 32
		Ficha 10 34
	Valter Hugo Mãe , o nosso reino	Ficha 11 36
		Ficha 12 38
	José Luís Peixoto , Uma Casa na Escuridão	Ficha 13 40
		Ficha 14 42
	Pepetela , Parábola do Cágado Velho	Ficha 15 44
		Ficha 16 46
	José Eduardo Agualusa , Estação das Chuvas	Ficha 17 48
		Ficha 18 50
	Ondjaki , Os Transparentes	Ficha 19 52
		Ficha 20 54
	Baltasar Lopes , Chiquinho	Ficha 21 56
		Ficha 22 58
	Germano Almeida , O meu Poeta	Ficha 23 60
		Ficha 24 62
	Paulina Chiziane , Niketche. Uma História de Poligamia	Ficha 25 64
		Ficha 26 66

	Mia Couto , Terra Sonâmbula	Ficha 27	68
		Ficha 28	70
	Albertino Bragança , Ao Cair da Noite	Ficha 29	72
		Ficha 30	74
	Abdulai Sila , Eterna Paixão	Ficha 31	76
		Ficha 32	78
	Senna Fernandes , Amor e Dedinhos de Pé	Ficha 33	80
		Ficha 34	82
	Luís Cardoso , Para onde vão dos gatos quando morrem?	Ficha 35	84
		Ficha 36	86
	Lima Barreto , Triste Fim de Policarpo Quaresma	Ficha 37	88
		Ficha 38	90
	José Lins do Rego , Menino de Engenho	Ficha 39	92
		Ficha 40	94
	Maria José Dupré , Éramos Seis	Ficha 41	96
		Ficha 42	98
	Rachel de Queiroz , O Quinze	Ficha 43	100
		Ficha 44	102
	Jorge Amado , Capitães da Areia	Ficha 45	104
		Ficha 46	106
	J. M. de Vasconcelos , O Meu Pé de Laranja Lima	Ficha 47	108
		Ficha 48	110
	Clarice Lispector , A Hora da Estrela	Ficha 49	112
		Ficha 50	114
	Guia do professor	Sugestões de Actividades	119
		Sugestões de Resposta	122
		Bibliografia	151

COMO UTILIZAR O LIVRO

1. Este livro contém fichas pedagógicas fotocopiáveis. O professor pode legalmente fotocopiar (ou digitalizar) e usar nas suas aulas as fichas contidas neste livro.
2. Não se trata de um manual de língua! Assim, o livro não foi concebido para ser seguido da primeira à última página. O professor pode escolher os temas mais adequados às turmas que lecciona e utilizar somente as fichas que julgar convenientes para este trabalho.
3. Para cada texto é proposto um conjunto de actividades de “Descoberta e exploração” que orienta a leitura dos textos, possibilitando uma fruição mais completa e apresentando linhas de interpretação.
4. Para cada texto também são propostas actividades de “Produção”. O professor pode escolher realizar estas actividades como exercícios de produção escrita ou como produção oral, desenvolvendo situações de discussão na sala de aula.
5. Nestas actividades de “Produção, com frequência se recorre à experiência pessoal dos alunos. Não se trata de invasão da privacidade do aprendente, mas sim de uma forma de incentivar a expressão da individualidade a partir da literatura. Cabe a cada professor a discricção, o bom senso e o respeito pela liberdade e privacidade de cada aluno, não entrando em questões de foro íntimo, nem forçando o aluno a abordar assuntos com os quais não se sinta à vontade.
6. As actividades propostas para cada texto não devem ser entendidas como obrigação. O professor pode ignorar as perguntas propostas que não se enquadrem no seu objectivo. Pode até complementá-las com outras que considere importantes no quadro da circunstância em causa.
7. Cada texto está acompanhado por um breve glossário com as palavras mais complexas traduzidas para o chinês.
8. Apesar de o livro conter sugestões de resposta para as actividades, o trabalho com literatura abre espaço para a compreensão e interpretação individuais. Desta forma, é sempre interessante ouvir as respostas que os estudantes propõem para os exercícios, pois, ainda que se afastem das respostas sugeridas, podem dar azo a reflexões válidas e a trabalhos posteriores com a turma.
9. O nível proposto para a utilização de cada um dos textos narrativos é baseado no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, mas é meramente indicativo. Se o professor considerar que a sua turma de um nível mais baixo é capaz de desenvolver as actividades propostas para um texto de nível mais elevado, pode (e deve) usar a ficha correspondente.
10. Na maioria dos casos, as fichas preparadas para níveis de proficiência mais baixos adaptam-se perfeitamente ao trabalho com níveis mais elevados. Assim, uma actividade sugerida para o nível A2 pode, sem problemas, ser utilizada com uma turma de nível B2. Na verdade, como estas turmas dominam mais vocabulário e estruturas, serão, provavelmente, capazes de dar respostas mais complexas.

11. As fichas do livro estão apresentadas na seguinte ordem: autores portugueses, autores de países africanos de expressão portuguesa, Macau e Timor Leste, autores brasileiros. Dentro de cada categoria os autores estão ordenados pela data do seu nascimento.
12. Cada ficha contém uma breve biografia de cada autor e um resumo do romance a que pertence o excerto. Nestes textos de apoio é possível encontrar a data da primeira edição do romance. Depois de cada excerto, coloca-se a data da edição consultada e de onde foi retirado o excerto.
13. O capítulo inicial sobre as características do texto narrativo tem dois objectivos interligados. Pretende-se sistematizar a teoria sobre o texto narrativo, dando ao professor o conhecimento da terminologia utilizada neste campo, e pretende-se que esse conhecimento permita uma análise e uma interpretação mais fundamentadas e consistentes.
14. Para cada excerto dos romances são dadas indicações de textos e actividades complementares na secção “Saber Mais”, procurando expandir o tema, conseguir uma leitura de maior profundidade e fomentar a reflexão. Não se trata de actividades obrigatórias, mas de simples sugestões para os alunos mais interessados. Estes podem tentar ter acesso às obras sugeridas através das bibliotecas, livrarias e *internet*.



**Para ouvir os textos
leia os códigos QR**





Ficheiros áudio

também disponíveis em:



<http://cpclp.ipm.edu.mo/pct2>

○ TEXTO NARRATIVO

1. O segundo volume do *Português com Textos* reúne cinquenta fichas compostas a partir de excertos de vinte e cinco romances produzidos por escritores de língua portuguesa. A escolha de textos narrativos traz consigo a necessidade de tecer algumas considerações sobre este tipo de texto e sobre este tipo de enunciação, além de ter em conta o género particular do romance. Este capítulo introdutório sobre teoria narrativa responde, assim, à consciência de que as diferenças de construção e de discurso narrativo só serão perceptíveis, tal como também os seus efeitos estéticos, se for conhecida a construção do texto narrativo de base e a terminologia adequada. É a partir deste ponto comum que se torna possível não só analisar o exercício de estilo de cada autor e os meandros por onde se constrói a sua inovação, como também perceber a desconstrução operada pela narrativa contemporânea, cada vez mais liberta da formalidade instituída como própria do discurso narrativo. Será necessário juntar a estes elementos a consideração da influência dos diferentes espaços de língua portuguesa, da sua própria cultura e tradição narrativa, na construção da narrativa literária, entendendo-a como exercício de imaginação onde confluem aspectos da sociedade e da cultura.

Desta forma, conhecer a construção de um texto literário narrativo implica utilizar a terminologia adequada e, sobretudo, a possibilidade de ler e perceber de forma superior não só a história, na sua composição de acção-personagens-tempo-espaço, mas também o seu significado, primeiro no excerto, em segundo lugar no conjunto do romance.

2. Na relação que estabelecemos entre os textos literários, a intertextualidade, que tem a ver com a forma como os textos, distantes ou próximos no tempo e no género, de diferentes ou do mesmo autor, comunicam entre si, ocupa um lugar determinante. Trata-se de um exercício que pode ter intenções distintas por parte do autor, mas que sobretudo confere ao leitor,

capaz de perceber os intertextos, a capacidade de se maravilhar com a proximidade dos textos e com o sentido acrescido e segundos sentidos, que lhe resultam da capacidade, sobretudo enquanto leitor mais experiente, de perceber os contornos dessa intertextualidade. Neste campo, interessa também ter em conta o conceito de arquitecturalidade, que se relaciona com o conjunto de características, ou referências gerais, que explicam certas semelhanças que unem textos literários para além do local e do específico. É este conceito que tão de perto se relaciona com a teorização relativa aos modos e aos géneros literários.

No que diz respeito aos modos do discurso, estes são entendidos como categorias abstractas, independentes de concretizações em determinadas circunstâncias, e podem prolongar-se na linha do tempo, com características que não são exclusivamente literárias.

Relacionam-se com realizações culturais instaladas na tradição desde tempos muito recuados, e que se tornaram fundacionais como registo da experiência estética. Assim, o facto de as palavras poderem ser representadas diante de um espectador, de poderem ser faladas perante um ouvinte, ou de poderem ser cantadas ou entoadas para ele, implicaram aproximações e experiências distintas.

Com efeito, trata-se de três modos de enunciação que correspondem a um sistema triádico de referência modal - o modo narrativo, o modo dramático e o modo lírico - e que implicam fenómenos literários com características específicas, mas não estanques ou isoladas; com efeito, com frequência os textos literários participam ao mesmo tempo de alguns dos modos considerados.

No que diz respeito aos géneros literários, diversamente dos modos, são entendidos tanto na sua dimensão histórica como na sua dimensão trans-histórica, ou seja, na forma como a sua utilização se verifica ao longo do tempo. Se alguns géneros permitem caracterizar determinados períodos literários, cingindo-se às circunstâncias, outros claramente ul-

trapassaram essas barreiras. No seguimento desta orientação, os subgéneros são categorias com uma dimensão histórica ainda mais evidente e circunscrita a determinadas circunstâncias.

A diferenciação do modo narrativo em relação aos outros três modos assenta primeiramente na voz da enunciação e na presença de um narrador, voz que conta a história, intermediário que tende a não ser visível no texto dramático e que no texto lírico dá voz ao sujeito poético. Assim pela voz do narrador, são estruturadas as categorias da narrativa, constituída pela acção desenvolvida por personagens num determinado espaço e ao longo de um determinado tempo.

São estas mesmas categorias que é possível encontrar no romance e que constituem a sua estrutura de base.

3. O romance é o género narrativo de maior projecção no mundo actual, fruto não só de um interesse que aflorou desde a Antiguidade até se instituir como género preferencial a partir do século XVIII, mas também pela sua versatilidade na forma de dizer o mundo, o homem e a sociedade, e se adequar aos mais diversos temas e matérias, actualizando-se constantemente e garantindo a sua posição privilegiada.

O romance distingue-se do conto e da novela sobretudo pelas dimensões e pela profundidade da diegese, isto é, da história. Tendo em conta este universo mais amplo do romance, conta-se uma acção relativamente extensa, que tende a tornar-se mais complexa pela multiplicação de acções secundárias, desempenhadas por personagens, também elas em quantidade e complexidade mais elevada, bem visível no trabalho mais extenso de caracterização psicológica, recorrendo a estratégias mais exaustivas que cabem no espaço do romance e não do conto, por exemplo. No que diz respeito ao espaço onde decorre a acção, tende no romance a ser mais amplo e pormenorizado, relacionando-se de forma estreita

com as personagens e o seu tempo histórico. Quanto ao tempo, esta categoria implica no romance uma gestão bem determinada das suas diversas possibilidades em função dos objectivos do narrador e do significado da narrativa. Quando o enquadramento histórico é relevante, condicionando o exercício das outras categorias, dá origem ao subgénero do romance histórico.

A pluralidade de registos e o relevo atribuído a certas categorias não só comprovam a maleabilidade temática e formal do romance, em contraste com o conto e a novela, como definem subgéneros específicos como, por exemplo, o romance de aventuras, o romance cor-de-rosa, o romance histórico, já referido, o romance picaresco, o romance policial e o romance psicológico.

Depois de ter atravessado o século XX, caracterizado por movimentos de vanguarda que se caracterizavam por subverter códigos formais e temáticos, o romance manteve-se vivo, cruzando-se com outros géneros narrativos que ampliam o seu campo de acção, como o biografia, a autobiografia, o diário e as memórias. É por esta sua capacidade de conjugar registos discursivos diversos que o romance reafirma a sua vitalidade.

4. Entre os vários aspectos que interessa ter em conta no que diz respeito à construção do texto narrativo, a primeira questão que se coloca tem a ver com o estatuto da autoria e da enunciação do romance, ou seja, a relação entre autor e narrador. Para além do autor empírico, do qual é possível fazer a biografia, pode encontrar-se, no contexto da narrativa, o chamado autor implícito ou autor textual. É este autor a entidade responsável pelo texto narrativo, pela configuração do universo diegético, pelas estratégias narrativas, vinculando-se ao mundo real. Já as entidades ficcionais, entre elas o narrador, vinculam-se ao mundo possível e da imaginação. O romance é sempre “dito”, ou enunciado, por um narrador.

As funções do narrador não se esgotam no acto de enunciação. A presença da sua voz traduz-se em opções bem definidas como a situação narrativa adoptada e a organização do tempo.

Quando o narrador tem um discurso de terceira pessoa torna-se mais fácil confundi-lo com o autor textual. Trata-se de um narrador que não participa do universo narrativo como personagem, contando a história, descrevendo as personagens e o espaço, organizando a linha temporal do romance. Este narrador, chamado heterodiegético (porque se situa numa posição diferente, ou estranha, em relação à narrativa que conta) constitui o tipo de narrador mais comum nos romances e caracteriza-se também pela autoridade que lhe vem do conhecimento completo do universo narrativo, das causas e das consequências da acção, das motivações das personagens e dos seus pensamentos mais íntimos. Por causa desse conhecimento, que o torna um narrador onisciente (focalização onisciente), trata-se de um narrador que manipula o tempo narrativo com desenvoltura e escolhe os pontos de vista mais adequados aos seus objectivos.

Contudo o narrador da história pode ser uma das personagens do romance. Trata-se de um narrador de primeira pessoa, relatando as suas próprias experiências como personagem central da história (narrador autodiegético). Mas pode acontecer ser uma personagem secundária a contar a história (narrador homodiegético), colocando-se assim numa posição subalterna em relação ao protagonista ou outra relação interpessoal cujas consequências podem ser exploradas em termos de significado da narrativa.

A escolha de um tipo de narrador tem consequência ao nível da construção das personagens, sobretudo quanto ao grau do conhecimento que lhe é dado e que transmite sobre a histórias e as personagens e quanto ao envolvimento que estabelece com a diegese. Assim, quanto a este aspecto, o narrador pode ter uma posição objectiva, quando apenas conta os acontecimentos, sem deixar que os seus sentimentos e emoções transpareçam na narrativa; mas também pode ter uma posição subjectiva, quando assume uma posição emocional e sentimental de forma clara, sendo, neste caso, quase sempre um narrador de primeira pessoa.

Quanto ao conhecimento que o narrador tem dos contornos da história em todas as suas componentes, ou seja, a focalização, esta também pode ser variável. No processo de focalização interna, o narrador apresenta o ponto de vista de uma personagem, apenas transmitindo a informação do espaço, dos acontecimentos e das personagens com quem se envolve. Chama-se focalização interna exactamente pelo facto de o narrador revelar um conhecimento semelhante ao de uma personagem. Com a focalização externa, o narrador apresenta apenas os aspetos exteriores da acção e dos intervenientes como se a sua visão fosse "de fora", colocando-se no papel de observador. A focalização mais completa é a onisciente, já referida, que acontece quando o narrador é o condutor da narrativa, criando uma unidade lógica que domina e manipula, penetrando no íntimo das personagens,

revelando os seus anseios e expectativas, analisando as acções, descrevendo os espaços, dissecando comportamentos, os sentimentos e os pensamentos dos seus protagonistas.

5. A acção é uma componente fundamental da estrutura da narrativa. Deve ser entendida como um processo de desenvolvimento de acontecimentos singulares que podem conduzir ou não a um desenlace. A sua concretização depende da existência de um sujeito num tempo e num espaço determinados.

É a acção que permite distinguir os géneros narrativos: se no conto se tende para uma acção singular e concentrada e na novela acontecem várias acções sucessivas individualizadas, protagonizadas pela mesma personagem, no romance é possível observar o desenrolar paralelo de várias acções por personagens distintas, pelo recurso a artifícios de arrumação temporal.

Na sua estrutura mais habitual, a estrutura do enredo permite distinguir a acção principal das acções secundárias, que confluem, dependem ou modificam, a acção ou o fio da acção mais importante. Por outro lado, a organização do enredo implica uma fluidez entre a primeira parte onde se introduzem as personagens e o espaço, o desenvolvimento da história, chegando ao ponto mais alto da narrativa (clímax) e terminando com o desfecho, ou seja, o fim da história.

Outra categoria fundamental da narrativa é a personagem. A sua configuração pode ser variada. Em termos de relevo da sua intervenção na acção, a personagem pode ser principal (protagonista), pode ser secundária ou até pode ser apenas figurante. Enquanto personagem principal pode ser o herói; ao seu lado estão os adjuvantes; do lado oposto está o vilão (antagonista).

A caracterização da personagem, que é um processo fundamental dos textos narrativos, é feita através da descrição que pode ser física e psicológica, ou seja, a enunciação de informações sobre as personagens, mas também sobre os objectos, o tempo e o espaço que configuram o cenário da história. A descrição recorre a procedimentos como a adjectivação, a enumeração, a comparação, a imagem e a metáfora, entre outros recursos estilísticos que permitem não só construir e visualizar a personagem ou o objecto, como também atribuem maior expressividade à linguagem.

Um outro processo de caracterização, mais complexo, advém da interpretação e da capacidade de caracterizar as personagens através das acções que desenvolvem e do contexto que as envolve. As personagens de maior interesse são as personagens redondas, aquelas que manifestam maior complexidade e reagem diferenciadamente aos acontecimentos. Já as personagens planas mantêm um registo constante, a maior parte das vezes pouco rico e modulado, cumprindo determinados objectivos em função do significado da narrativa. Um outro tipo de personagem, com marcada coloração social, é a personagem colectiva, quando o valor individual é substituído por uma representação mais ampla.

O espaço é outra das categorias essenciais da narrativa. Em primeira instância, diz respeito aos elementos físicos que compõem o cenário onde se desenrola a acção e onde se movem as personagens, seja ele exterior ou interior. Por outro lado, o conceito de espaço pode ser entendido num sentido mais amplo, alcançando o âmbito social (espaço social) ou até as atmosferas psicológicas (espaço psicológico).

No que diz respeito ao tempo, o seu papel principal decorre do facto de toda a narrativa implicar uma condição temporal. Será necessário ter em conta a distinção entre o tempo da história e o tempo do discurso. O tempo da história tem a ver com a cronologia dos eventos da história que podem ser datados com maior ou menor rigor. Contudo, a percepção do tempo é relativa: quando o tempo é filtrado pela vivência subjectiva das personagens, surge o tempo psicológico, que transforma, reduzindo ou aumentando, a rigidez do tempo da história.

Quanto ao tempo narrativo, este é entendido como consequência da representação narrativa do tempo da história e permite organizar temporalmente acontecimentos simultâneos, anteriores ou mesmo perspectivados no futuro. Assim, é possível integrar no tempo da narrativa acontecimentos que ocorreram anteriormente, recorrendo ao processo da analepse, como projectar acontecimentos futuros (prolepse), como reduzir ou aumentar a velocidade da narração, recorrendo a pausas descritivas, monólogos interiores e diálogos (cenas), por exemplo. Se é possível calcular o tempo da história, não ocorre o mesmo com o tempo narrativo.

6. O texto narrativo recorre a diversos procedimentos que permitem não só uma maior eficácia na construção da narrativa, mas também atribuem maior expressividade à linguagem. Alguns dos recursos estilísticos mais frequentes são os seguintes:

Adjectivação: consiste na utilização de adjectivos para descrever personagens, objectos e espaços.

Aliteração: consiste na repetição dos mesmos sons ao longo da frase, permitindo estabelecer relações com o seu conteúdo, ampliar o sentido ou gerar novos sentidos.

Repetição: consiste em repetir diversas vezes a mesma palavra, expressão ou frase, geralmente para destacar uma ideia

Onomatopeia: consiste na utilização de palavras que procuram imitar sons ou ruídos.

Enumeração: consiste numa sequência de palavras, sintagmas ou orações, como o objectivo de conferir ritmo ao discurso, ordenar logicamente e intensificar uma argumentação.

Comparação: consiste na relação comparativa explícita estabelecida entre palavras ou expressões, marcada pela presença de termos como “como, assim como, tal como, igual a, que nem”, entre outros. Também pode ser conseguida a partir de verbos, como “parecer” e “assemelhar-se”.

Imagem: consiste na evocação viva de determinada realidade em que se procura recriar sensações, sobretudo visuais (abrange a comparação, a metáfora e a metonímia).

Metáfora: consiste em usar um termo ou uma ideia com o sentido de outro termo ou outra ideia, com o qual mantém uma relação de semelhança.

Antítese: consiste na oposição entre dois termos ou duas proposições.

Hipérbole: consiste no emprego de termos exagerados, ampliando a verdadeira dimensão de uma realidade.

Eufemismo: consiste em suavizar uma ideia, que possa ser considerada desagradável ou grosseira, por meio de uma expressão mais agradável.

Sinestesia: consiste na associação, na mesma expressão, de sensações captadas por sentidos diferentes (visão, olfacto, paladar, audição, tacto).

Personificação: consiste em atribuir propriedades humanas a uma coisa ou a um ser inanimado ou abstrato.

Ironia: consiste numa expressão que veicula um significado diferente ou contrário daquele que deriva da interpretação literal do enunciado.

7. A leitura proposta nas fichas que compõem este livro com frequência recorre, embora de forma simples, à terminologia e aos conceitos abordados neste capítulo. Cabe ao professor, seguindo as indicações providenciadas na sugestão de resposta, explicar a aplicação das categorias da narrativa em cada texto, mas sobretudo ter consciência de que constituem uma opção com consequências na estrutura e no sentido do texto narrativo. Sem ser determinante na leitura dos textos, este conhecimento sobre o texto narrativo torna a análise mais consistente e eficaz.

FICHAS PEDAGÓGICAS



1. Vergílio Ferreira, *Aparição*

Escritor português (Gouveia, 1916 - Lisboa, 1996). Tendo os pais emigrado para o Canadá, entrou para o seminário do Fundão em 1928. Contudo, terminou o “curso liceal” no Liceu da Guarda e licenciou-se em Filologia Clássica em Coimbra, em 1940. Toda a sua vida foi professor, experiência que atravessa a sua obra literária, que se divide pelo ensaio, pelo diário e pela abundante ficção narrativa, onde sobressai *Manhã Submersa*, de 1954, adaptada ao cinema em 1980. Recebeu o *Prémio Camões* em 1993.

Sobre *Aparição* | Romance de pendor autobiográfico, de 1959. O narrador é o protagonista da história, Alberto Soares, chegado a Évora no início do ano lectivo para dar aulas no Liceu. No espaço urbano da cidade, que se opõe ao espaço rural onde passou a infância, relaciona-se com a família do Doutor Moura, antigo colega do seu pai, falecido há pouco tempo. Nestas circunstâncias, Alberto vive um processo de reflexão sobre si mesmo e de exaltação da condição humana a partir da sua realidade mortal.

Excerto de *Aparição*

Lisboa: Bertrand, 1983, 62-63



- Há uma outra experiência – disse eu – Uma vez, quando era miúdo...

Contei. Nós estávamos na varanda da casa, voltada a oriente. Tomávamos o fresco, o dia fora abrasador. Detrás da serra a lua ia em breve aparecer e nós esperávamo-la quase em silêncio. Só meu pai me repetia a história dos astros, que eu guardava na memória (...). A lua veio enfim. Eu sentara-me no chão, mas apetecera-me deitar-me ao comprido para ver melhor as estrelas. E a minha mãe mandou-me ao quarto procurar a manta e a almofada dos nossos sonos no campo. A porta estava aberta, a lua entrava por uma das janelas. Procurei a manta e a almofada numa cadeira, no canto onde minha mãe as arrumava. Subitamente, porém, quando ia a erguer-me, eu vi estava alguém mais no quarto. Dei um berro, larguei tudo, estatelei-me no corredor. Aos meus gritos acudiu minha mãe, meu pai, meus irmãos, as criadas, a tia Dulce. E ali, à face de todos, declarei:

- Está um ladrão no meu quarto.

A minha mãe arrebatou o candeeiro a uma criada e fomos todos atrás dela. Mas, iluminado o quarto, examinados os cantos, o ladrão não apareceu.

- Oh, a imaginação desta criança! – exclamou minha mãe.

Sermão sobre a minha imaginação. Meu pai aproveitou a oportunidade para atacar o **malefício**¹ das **historietas**² que nos contava a velha tia Dulce. Aliás, quem mais as escutava era precisamente eu (...).

Subitamente, meu pai teve uma ideia:

- Onde é que viste o ladrão?

- Ali.

- Põe-te lá onde estavas. Olha agora em frente.

Olhei. Quem estava diante de mim era eu próprio, reflectido no grande espelho do guarda-fato. Meu pai pôs-me a mão na cabeça com a sua protecção. Minha mãe voltou a lamentar a minha fantasia. E o meu irmão Evaristo fez rir toda a gente, porque se pôs diante do espelho a fingir medo:

- Um ladrão! Olha um ladrão!

Regressámos à varanda, tia Dulce regressou à grande sala batida do luar e a cujas janelas rezava as suas **contas**.³

A lua **vogava**⁴ agora em pleno céu. No grande silêncio, os ralos e os grilos **frisavam**⁵ a noite de gritos. No ar pairavam ainda as **crepitações**⁶ do calor, com uma memória de cigarras estalando à luz do sol... Eu, porém, relembra o meu susto à súbita presença de alguém que agora sabia ser eu. À hora de deitar meu pai ordenou-me:

- Tu vais-te deitar sozinho. Tu és um homem.

VOCABULÁRIO

- ① Malefício 恐嚇 ② Historieta 軼事 ③ Contas 念珠(天主教) ④ Vogar 攀爬(隱喻)
- ⑤ Frisar 凸顯 ⑥ Crepitação 爆裂聲

1. Vergílio Ferreira, Aparição

Descoberta e exploração

1. Leia o texto com atenção. Quem conta a história? Justifique a sua resposta com marcas do texto.
2. Quantas histórias se podem observar no texto?
3. Identifique a expressão com que o narrador introduz uma nova história.
4. Há quanto tempo aconteceu a história contada pelo narrador?
5. Em que altura do dia se passou a experiência contada pelo narrador?
6. Como estava a temperatura? Procure também um adjectivo com significado oposto.
7. Por que razão o menino sabia de cor a história dos astros e os nomes das estrelas?
8. O que foi o menino foi fazer ao quarto?
9. O menino apanhou um grande susto no quarto. Como se manifestou esse susto?
10. Por que foi que se assustou?
11. Quem ficou com a culpa do que aconteceu?
12. O menino gostava de histórias? Justifique a sua resposta.
13. Como foi que o pai do menino descobriu o que tinha acontecido?
14. Procure no texto um sinónimo para a palavra “imaginação”.
15. Como reagiu a família?
16. Leia a descrição da noite. Faça uma lista dos aspectos referidos.
17. Relacione os aspectos que apontou com os cinco sentidos. Quais são os que não estão representados?
18. Como é que o pai do menino pensa que deve “um homem”? Concorda com ele?

Produção

1. Na sua cultura é costume contar histórias às crianças? Que tipo de histórias?
2. Como é costume ocuparem-se as noites de Verão em família?
3. Quais os seus medos quando era menino?
4. Lembre os seus tempos de menino. Há algum episódio em que a sua imaginação se mostrou mais forte?
5. No texto descreve-se uma noite de Verão, recorrendo aos sentidos da visão, da audição e do tacto. Complete esta imagem com aspectos relativos aos sentidos do paladar e do olfacto.



- Veja o documentário “Aparição, de Vergílio Ferreira”, da série *Grandes Livros*, produzido pela Rádio e Televisão Portuguesa (RTP), produzido pela Companhia de Ideias, em 2009.
- Conheça o poema de Alberto Caeiro, pseudónimo de Fernando Pessoa, “O luar quando bate na relva”, do “Guardador de Rebanhos – Poema XIX”.



2. Vergílio Ferreira, Aparição

Escritor português (Gouveia, 1916 - Lisboa, 1996). Tendo os pais emigrado para o Canadá, entrou para o seminário do Fundão em 1928. Contudo, terminou o “curso liceal” no Liceu da Guarda e licenciou-se em Filologia Clássica em Coimbra, em 1940. Toda a sua vida foi professor, experiência que atravessa a sua obra literária, que se divide pelo ensaio, pelo diário e pela abundante ficção narrativa, onde sobressai *Manhã Submersa*, de 1954, adaptada ao cinema em 1980. Recebeu o *Prémio Camões* em 1993.

Sobre Aparição | Romance de pendor autobiográfico, de 1959. O narrador é o protagonista da história, Alberto Soares, chegado a Évora no início do ano lectivo para dar aulas no Liceu. No espaço urbano da cidade, que se opõe ao espaço rural onde passou a infância, relaciona-se com a família do Doutor Moura, antigo colega do seu pai, falecido há pouco tempo. Nestas circunstâncias, Alberto vive um processo de reflexão sobre si mesmo e de exaltação da condição humana a partir da sua realidade mortal.

Excerto de Aparição

Lisboa: Bertrand, 1983, 13-14



Pelas nove da manhã desse dia de Setembro cheguei enfim à estação de Évora. Nos meus membros espessos, no **crânio**^① embrutecido, trago ainda o peso de uma noite de viagem. Um **moço de fretes**^② abeira-se de mim, ergue a pala do boné:

- É preciso alguma coisa, senhor engenheiro?

Dou-lhe as malas, digo-lhe que há ainda um caixote de livros a desembarcar.

- Então é dar-me a senhazinha, senhor engenheiro.

- Mas não me trate por engenheiro. Sou professor do Liceu.

Com passinhos curtos, anda dobrado como se tivesse dores de bexiga. A cara e os olhos são vermelhos, enso-
pados em sangue. Carrega tudo aos ombros com uma complicação de cordéis, promete-me uma pensão muito
boa, mesmo na Praça, “que é já ali”, e convida-me a segui-lo com os seus olhos **lastimosos**^③ de aguardente.
Está uma manhã bonita, com um sol íntimo dourando o ar, um vento leve da planície, fresco de **orvalhos**^④. À
minha frente, o moço de fretes, agachado sobre si, vai dançando um estranho ritmo de **arame**^⑤; com os seus
passos saltitados. Mal o olho. Trago em mim um pesadelo de ideias, um cansaço profundo que me alaga, me
submerge^⑥. A Praça ainda é longe e não “já ali”, como me garantira o moço. Mas a angústia que me habita, a
violenta redescoberta da morte, que eu acabo de fazer, tornam-me estranha esta cidade branca, separam-me
dos meus olhos vazios. Venho de luto, o meu pai morreu. Que têm que fazer, em face da minha dor, da minha
alucinação^⑦, estas árvores matinais da avenida que percorro, a branca aparição desta cidade-**ermida**?^⑧

Pelo empedrado das ruas, carroças estremecem com um **estrépito**^⑨ de ferragens, cruzam-se diante de mim
as fachadas dos prédios numa alucinação de luz, uma vaga de aridez abre-me à imensidão da planície. Sobre o
casario branco vou descobrindo aqui e além manchas negras de velhos templos, e ao alto, disparadas ao céu,
as torres da Sé. Subitamente, recordo-me do doutor Moura. Fora condiscípulo de meu pai, passara mesmo, há
algum tempo, pela nossa casa da Beira, meu pai escrevera-lhe dias antes de morrer. Eu tinha de visitá-lo, mas
não antes de descansar, de me refazer, de achar dentro de mim a pessoa conveniente para visitas.

VOCABULÁRIO

- ① Crânio 腦海(隱喻) ② Moço de fretes 送貨郎 ③ Lastimoso 可憐的 ④ Orvalho 露珠
⑤ Arame 鋼絲 ⑥ Submergir 淹沒 ⑦ Alucinação 幻覺 ⑧ Ermida 荒僻(隱喻)
⑨ Estrépito 噪音

2. Vergílio Ferreira, Aparição

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Quem conta a história?
2. Situe a história no tempo e no espaço.
3. Localize no mapa a cidade de Évora e procure saber algumas características desta cidade.
4. Quais as expressões que mostram o “peso de uma noite de viagem”? Porquê?
5. Quais são as funções de um moço de fretes?
6. O moço de fretes chama o viajante recém-chegado de “engenheiro”. Estava certo?
7. O que significa a expressão “olhos lastimosos de aguardente”? Encontre no texto uma expressão com o mesmo sentido.
8. Faça uma lista com as características do moço de fretes.
9. Caracterize os elementos da natureza que o professor observa enquanto caminha para a pensão.
10. A descrição da natureza contrasta com o estado do professor? Justifique a sua resposta.
11. Qual a razão do estado de angústia em que se encontra o professor?
12. O professor refere-se a Évora como a “cidade branca”. Encontre outras expressões no texto com a mesma ideia.
13. Qual é a sensação que a cidade branca provoca no sujeito? Por que razão?
14. Procure fotografias da cidade de Évora. Que elementos referidos no texto encontra nelas?
15. Porquê será que se chama cidade-ermida?
16. Qual a relação do professor com o doutor Moura que é referido no final do texto?
17. Considere o nome do romance a que pertence o texto. Em que circunstância a palavra aparece neste texto?

Produção

1. Para que lugares já viajou de comboio? Qual foi a viagem mais longa que fez?
2. Como se distrai enquanto viaja?
3. Costuma preparar com antecedência e com cuidado as suas viagens? Qual é a sua principal preocupação?
4. Para onde prefere viajar? Para a cidade ou para o campo? Porquê?
5. Lembra-se de alguma viagem que não tenha gostado de fazer ou de algum destino para o qual não tenha gostado de viajar?



- Conheça e leia o romance *Manhã Submersa*, do mesmo autor, publicado em 1954, onde pode encontrar o mesmo pendor autobiográfico.
- Conheça o poema “O meu Alentejo”, de Florbela Espanca, poetisa portuguesa que nasceu em Vila Viçosa e estudou no Liceu de Évora.



3. José Saramago, O Ano da Morte de Ricardo Reis

Escritor português (Azinhaga do Alentejo, 1922 - Lanzarote, 2010). Publicou o primeiro romance em 1947, *Terra do Pecado*. Cultivou vários géneros literários (romance, crónica, teatro, conto poesia, memórias, literatura de viagens, literatura infantil. A título póstumo, foi publicado *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*, em 2014. Ganhou o Prémio Camões, em 1995, e o Prémio Nobel, em 1998. A sua obra foi amplamente traduzida e foi adaptada ao cinema (*Ensaio sobre a Cegueira*, 2008).

Sobre O Ano da Morte de Ricardo Reis | Romance publicado em 1984. Tendo em conta que das biografias de Ricardo Reis e Álvaro de Campos não consta a data da sua morte, Saramago elaborou esta ficção à volta do suposto regresso de Ricardo Reis a Lisboa, depois da morte de Fernando Pessoa. No romance, não só faz com que as duas personagens dialoguem, mas também com que Ricardo Reis acompanhe o período em que o fascismo se instalava na sociedade portuguesa. Em 2016 o romance foi adaptado para teatro pela companhia *A Barraca*.

Excerto de O Ano da Morte de Ricardo Reis

Lisboa: Círculo de Leitores, 1999, 18-20



Ricardo Reis senta-se numa cadeira, passa os olhos em redor, é aqui que irá viver não sabe por quantos dias, talvez venha a alugar casa e instalar consultório, talvez regresse ao Brasil, por agora o hotel bastará, lugar neutro, sem compromisso, de trânsito e vida suspensa. Para além das cortinas lisas, as janelas tornaram-se de repente luminosas, são os candeeiros da rua, tão tarde já. Este dia acabou, o que dele resta paira longe sobre o mar e vai fugindo, ainda há tão poucas horas navegava Ricardo Reis por aquelas águas, agora o horizonte está aonde o seu braço alcança, paredes, móveis que reflectem a luz como um espelho negro, e em vez do **pulsar**^① profundo das máquinas do vapor, ouve o sussurro, o murmúrio da cidade, seiscentas mil pessoas suspirando, gritando longe, agora uns passos cautelosos no corredor, uma voz de mulher que diz, Já lá vou, deve ser criada, estas palavras, esta voz. Abriu uma das janelas, olhou para fora, a chuva parara, o ar fresco, húmido do vento que passou sobre o rio, entra pelo quarto dentro, corrige-lhe a atmosfera fechada, como de roupa por lavar em gaveta esquecida, um hotel não é uma casa, convém lembrar outra vez, vão-lhe ficando cheiros deste e daquela, uma suada insónia, uma noite de amor, um sobretudo molhado, o pó dos sapatos escovados na hora da partida, e depois vêm as criadas fazer as camas de lavado, varrer, fica também o seu próprio **halo**^② de mulheres, nada disto se pode evitar, são os sinais da nossa humanidade.

Deixou a janela aberta, foi abrir outra, e, em mangas de camisa, refrescado, com um vigor súbito, começou a abrir as malas, em menos de meia hora as despejou, passou o conteúdo delas para os móveis, para os gavetões da cómoda, os sapatos na gaveta-sapateira, os fatos nos cabides do guarda-roupa, a mala preta de médico num fundo escuro de armário, e os livros numa prateleira, alguma **latinação**^③ clássica de que já não fazia leitura regular, uns **manuseados**^④ poetas ingleses, três ou quatro autores brasileiros, de portugueses não chegava a uma dezena, e no meio deles encontrava um que pertencia à biblioteca do Highland Brigade, esquecera-se de o entregar antes do desembarque. A estas horas, se o bibliotecário deu pela falta, grossas e **gravosas**^⑤ acusações hão-de ter sido feitas à lusitana pátria (...).

VOCABULÁRIO

- ① Pulsar 按壓 ② Halo 光圈 ③ Latinação 拉丁文的 ④ Manuseado 處理 ⑤ Gravoso 沉重的

3. José Saramago, O Ano da Morte de Ricardo Reis

Descoberta e exploração

1. Leia o texto com atenção. Onde decorre a acção?
2. Quem conta a história?
3. Em que cidade pode estar Ricardo Reis?
4. De onde foi que Ricardo Reis acabou de chegar?
5. Que planos tem Ricardo Reis para a sua vida em Lisboa?
6. Qual é a profissão de Ricardo Reis? Indique duas razões para a sua resposta.
7. Porque é que o hotel é um lugar neutro?
8. Pense na sua ideia de horizonte. Existe horizonte num quarto do hotel?
9. Procure palavras que possam expressar a mesma ideia de “sussurro”.
10. Como é que o narrador mostra a impressão que provoca o ar fresco que entra no quarto?
11. Porque é que um quarto de hotel não é como uma casa? Acha que devia ser?
12. O que foi que fez com que Ricardo Reis tivesse ganho um vigor súbito?
13. Que móveis havia no quarto?
14. Que outros móveis deviam existir no quarto e não foram referidos?
15. Quais os livros que Ricardo Reis lia menos?
16. Por outro lado, que livros tinham marcas de serem os mais lidos?
17. Qual a diferença entre “grossas” e “gravosas” acusações?
18. Releia o texto. De quem são os pensamentos que percorrem a narrativa: do narrador ou da personagem?

Produção

1. Conte qual foi a viagem mais longa da sua vida. Para onde foi? Quanto tempo demorou?
2. No texto, o narrador diz que “um hotel não é uma casa”. Como é o seu hotel ideal?
3. Que género de livros costuma levar consigo quando viaja?
4. Já escreveu um diário em alguma das suas viagens?
5. Conhece algum livro de viagens? Quem foi o autor e para onde viajou?



- Leia a entrevista de José Saramago a José Rodrigues dos Santos, publicada no livro *Conversas de Escritores* (Gradiva, 2010). Pode ver também a entrevista transmitida pela Rádio e Televisão Portuguesa, no âmbito da série *Conversas de Escritores*, episódio 15, transmitido em Novembro de 2009.
- Conheça a poesia de Ricardo Reis, heterónimo de Fernando Pessoa, que pode consultar no sítio arquivopessoa.net.



4. José Saramago, O Ano da Morte de Ricardo Reis

Escritor português (Azinhaga do Alentejo, 1922 - Lanzarote, 2010). Publicou o primeiro romance em 1947, *Terra do Pecado*. Cultivou vários géneros literários (romance, crónica, teatro, conto poesia, memórias, literatura de viagens, literatura infantil. A título póstumo, foi publicado *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*, em 2014. Ganhou o Prémio Camões, em 1995, e o Prémio Nobel, em 1998. A sua obra foi amplamente traduzida e foi adaptada ao cinema (*Ensaio sobre a Cegueira*, 2008).

Sobre O Ano da Morte de Ricardo Reis | Romance publicado em 1984. Tendo em conta que das biografias de Ricardo Reis e Álvaro de Campos não consta a data da sua morte, Saramago elaborou esta ficção à volta do suposto regresso de Ricardo Reis a Lisboa, depois da morte de Fernando Pessoa. No romance, não só faz com que as duas personagens dialoguem, mas também com que Ricardo Reis acompanhe o período em que o fascismo se instalava na sociedade portuguesa. Em 2016 o romance foi adaptado para teatro pela companhia *A Barraca*.

Excerto de O Ano da Morte de Ricardo Reis

Lisboa: Círculo de Leitores, 1999, 79-80



(...) é então que Ricardo Reis repara que por baixo da sua porta passa uma **réstia**¹ luminosa, (...) meteu a chave na fechadura, abriu, sentado no sofá estava um homem, reconheceu-o imediatamente apesar de não o ver há tantos anos, e não pensou que fosse acontecimento irregular estar ali à sua espera Fernando Pessoa, disse Olá, embora duvidasse de que ele lhe responderia, nem sempre o absurdo respeita a lógica, mas o caso é que respondeu, disse Viva, e estendeu-lhe a mão, depois abraçaram-se (...). Olham-se ambos com simpatia, vê-se que estão contentes por se terem reencontrado depois da longa ausência, e é Fernando Pessoa quem primeiro fala. Soube que me foi visitar, eu não estava, mas disseram-me quando cheguei, e Ricardo Reis respondeu assim, Pensei que estivesse, pensei que nunca de lá saísse, Por enquanto saio, ainda tenho uns oito meses para circular à vontade, explicou Fernando Pessoa, Oito meses porquê, perguntou Ricardo Reis, e Fernando Pessoa esclareceu a informação Contas certas, no geral e em média, são nove meses, tantos quantos os que andámos na barriga das nossas mães, acho que é uma questão de equilíbrio, antes de nascermos ainda não nos podem ver mas todos os dias pensam em nós, depois de morrermos deixam de poder ver-nos e todos os dias nos vão esquecendo um pouco, salvo casos excepcionais nove meses é quanto basta para o total **olvido**,² e agora diga-me você o que é que o trouxe a Portugal. Ricardo Reis tirou a carteira do bolso interior do casaco, extraiu dela um papel dobrado, fez menção de o entregar a Fernando Pessoa, mas este recusou com um gesto, disse, Já não sei ler, leia você, e Ricardo Reis leu, Fernando Pessoa faleceu Stop Parto para Glasgow Stop Álvaro de Campos, quando recebi este telegrama decidi regressar, senti que era uma espécie de dever (...). Fernando Pessoa levantou-se do sofá, passeou um pouco pela saleta, no quarto parou diante do espelho, depois voltou, É uma impressão estranha, esta de me olhar num espelho e não me ver nele, Não se vê, Não, não me vejo, sei que estou a olhar-me, mas não me vejo, No entanto, tem sombra, É só o que tenho. Tornou a sentar-se, cruzou a perna, E agora, vai ficar para sempre em Portugal, ou regressa a casa, Ainda não sei, apenas trouxe o indispensável, pode ser que me resolva a ficar, (...) por enquanto estou aqui, e, feitas as contas, creio que vim por você ter morrido, é como se, morto você, só eu pudesse preencher o espaço que ocupava, Nenhum vivo pode substituir um morto. Nenhum de nós é verdadeiramente vivo nem verdadeiramente morto, Bem dito, com essa faria você uma daquelas odes. Ambos sorriram.

VOCABULÁRIO

- ① Réstia 微光 ② Olvido 遺忘

4. José Saramago, O Ano da Morte de Ricardo Reis

Descoberta e exploração

1. Leia o texto com atenção. Quem são as duas personagens da história?
2. Quem conta a história?
3. Ricardo Reis é um dos heterónimos de Fernando Pessoa. Procure saber qual é a diferença entre pseudónimo e heterónimo.
4. Se Ricardo Reis é um heterónimo, como se pode chamar ao escritor Fernando Pessoa?
5. Qual foi a primeira coisa que surpreendeu Ricardo Reis quando chegou?
6. Os factos que se seguiram também o surpreenderam?
7. Qual é o absurdo de que fala Ricardo Reis?
8. Como é que as personagens mostraram contentamento por se reencontrarem?
9. Atente na frase “Pensei que estivesse, pensei que nunca de lá saísse”. Onde é que Ricardo Reis terá visitado Fernando Pessoa?
10. Como é que Fernando Pessoa justifica o facto de poder deambular livremente?
11. Porque foi que Ricardo Reis voltou a Portugal?
12. Quem é Álvaro de Campos?
13. Quais são as duas mudanças que Fernando Pessoa encontra em si por ter morrido?
14. Ricardo Reis regressou do Brasil porque sentiu “que era uma espécie de dever”. Qual era esse dever?
15. Que personagem proferiu a afirmação “Nenhum vivo pode substituir um morto”.
16. Procure a frase onde Ricardo Reis refere a condição ficcional dos heterónimos.
17. Procure conhecer as biografias dos heterónimos Ricardo Reis e Álvaro de Campos, heterónimos de Fernando Pessoa.
18. Qual é o heterónimo mais conhecido que falta referir no texto?

Produção

1. Imagine uma situação que possa considerar absurda. Por que razão é absurda?
2. Lembra-se de alguma situação insólita que lhe tenha acontecido a si ou a alguém conhecido?
3. Já viu algum filme ou leu algum livro que fosse construído a partir de situações absurdas?
4. Na sua cultura, a partir de quando se mede a idade de uma pessoa?
5. Na sua cultura existe a 3ª Idade? Como são tratadas as pessoas de mais idade?



- Conheça o documentário “Fernando Pessoa”, da série Grandes Portugueses, apresentado pela Rádio e Televisão Portuguesa, em Fevereiro de 2007.
- Ouça o poema “O que há em mim é sobretudo cansaço”, de Álvaro de Campos, declamado por José Candeias.



5. Agustina Bessa-Luís, A Sibila

Escritora portuguesa (Amarante, 1922). Tendo publicado uma vasta obra literária, incluindo ficção, biografia, teatro, crónicas, memórias e ensaio, para além de literatura infantil, foi muitas vezes distinguida, condecorada e premiada, tendo recebido o *Prémio Camões* em 2004, traduzida e adaptada para o cinema. O romance *A Sibila* é o mais conhecido. Em 2006, depois da publicação de *A ronda da noite*, retirou-se da vida pública. Em 2017 foi publicado o romance inédito *Deuses de Barro*.

Sobre A Sibila | Publicado em 1954, venceu o Prémio Delfim Guimarães e o Prémio Eça de Queiroz. O título lembra a capacidade de as sibilas, mulheres que proferiam os oráculos dos deuses na Grécia antiga, predizerem o futuro. Conta a história de Quina e da relação privilegiada e íntima que estabelecia com os que a rodeavam e procuravam como companhia, amiga e consultora. É do ponto de vista da sobrinha Germa, herdeira da Casa da Vessada, que a história é contada, revelando a personalidade complexa de Quina.

Excerto de A Sibila

Lisboa: Guimarães Editores, 2009, 40-41



O filho mais velho de Narcisa Soqueira (...) voltara do Brasil (...). Era um filho desvelado. A miséria **encardida**¹ de Narcisa Soqueira fizera-lhe uma impressão **funesta**;² decidiu **desforrá-la**³ das privações e canseiras de muitos anos (...). Levou-a ao Buçaco, em cuja mata a boa mulher acabou por se perder e onde errou até de noite, vendo olhos de lobo nos pirilampos que, pousados nas pedras, reflectiam a sua luz verde sobre folhagens onde pingavam fontes. Levou-a à Batalha. Encheram-na de **comiseração**⁴ as Capelas Imperfeitas, julgando-as em ruínas; os túmulos dos infantes pareceram-lhe inferiores ao jazigo que o conde Monteros mandara construir no cemitério de Água-Levada. Enquanto comia pastéis de Tentúgal que se lhe **esfolhavam**⁵ sobre o vestido, a velha Narcisa Soqueira ouviu do filho uma lição terrível a respeito dos heróis e lugares que os comemoram.

-Tu que queres de mim? - disse ela, de repente, um pouco sem propósito. - Precisava de dez vidas ainda para conhecer isso tudo tão bem como conheço a minha freguesia. Aprender muitas coisas não importa, porque, ao fim e ao cabo, em toda a parte há sete cores e sete ventos, e o homem é só um.

Mas o filho não desistiu. Arrastou-a ainda para a capital, proporcionou-lhe relações, divertimentos, acompanhou-a a um **animatógrafo**⁶ (...). Narcisa Soqueira dormia, muito indiferente ao **pandemónio**⁷ da tela. Despertavam-na as advertências do filho ou doutro qualquer **adido**⁸ da sua comitiva.

- Ora veja, veja, dona Narcisa... Olhe agora, que bonito!

- Ui! Eles aí tornam!... - exclamava ela, muito estremunhada, fingindo, porém, que não perdia **lance**⁹ (...). O "eles aí tornam" de Narcisa Soqueira ficou **proverbial**¹⁰ na casa da Vessada, para definir a situação de alguém que se obriga a comentar aquilo de que nada entende e nada lhe importa.

Finalmente, depois dum mês, regressou ela à terra. **Desentranhou-se**¹¹ em queixumes com Maria, contou-lhe a sua vida **aperreada**¹² nos hotéis, onde se chegava a oferecer para ajudar as criadas, no terror de estar inactiva, metida nos seus vestidos azuis, de passeio (...).

- Os meus pecados, mulher! - suspirava. - Vi-me tão **aporrinhada**!¹³

VOCABULÁRIO

- ① Encardido 骯髒 ② Funesto 痛苦 ③ Desforrar 脫離 ④ Comiseração 憐憫 ⑤ Esfolhar 剝皮
⑥ Animatógrafo 膠片相機 ⑦ Pandemónio 喧囂 ⑧ Adido 隨員 ⑨ Lance 機會
⑩ Proverbial 名句 ⑪ Desentranhar-se 發掘 ⑫ Aperreado 壓抑的 ⑬ Aporrinhado 受折磨的

5. Agustina Bessa-Luís, A Sibila

Descoberta e exploração

1. Leia o texto com atenção. Quem conta a história?
2. Releia o primeiro parágrafo. Indique quais são as três expressões que caracterizam a vida de Narcisa Soqueira.
3. Atente na expressão “miséria encardida”. Procure no texto uma expressão sinónima.
4. Porque é que o filho era “desvelado”? Encontre a expressão do texto que justifica a sua resposta.
5. Releia o primeiro parágrafo. Procure localizar no mapa de Portugal os nomes dos lugares referidos no texto: Buçaco, Batalha, Tentúgal.
6. O que foi que aconteceu a Narcisa na mata do Buçaco?
7. Procure imagens da Batalha. Como se chama o principal monumento deste lugar?
8. Quais foram os dois aspectos que impressionaram Narcisa no Mosteiro da Batalha?
9. Narcisa Soqueira comeu pastéis de Tentúgal “que se lhe esfolhavam sobre o vestido”. Como terá ficado o vestido da velha senhora?
10. Qual é o único lugar que Narcisa conhece bem?
11. Releia a fala de Narcisa: “em toda a parte há sete cores e sete ventos, e o homem é só um”. Narcisa insiste na semelhança ou na diferença entre os lugares?
12. Que outras cidades conheceu Narcisa Soqueira?
13. Nos tempos de hoje, o que significa ir a um “animatógrafo”?
14. Como reagiu Narcisa quando o filho a levou ao “animatógrafo”?
15. Em que circunstâncias Narcisa costumava usar a expressão “eles aí tornam”?
16. Porque é que Narcisa queria ajudar as funcionárias dos hotéis em que se hospedava?
17. Releia o resto do texto. Procure um sinónimo de “aperreada”.
18. Parece-lhe que Narcisa Soqueira gostou de ser levada a passear e a conhecer coisas novas? Justifique a sua afirmação.

Produção

1. Na sua terra, as pessoas que vivem na aldeia vivem melhor ou pior que as pessoas da cidade? Porquê?
2. Ao receber visitas, que lugares da sua terra as levaria a ver? Que têm de especial?
3. Como descreveria a sua terra para convencer as outras pessoas a visitá-la?
4. Quando viaja, quais são as coisas que mais gosta e quais são os maiores inconvenientes?
5. Qual o lugar que mais gostou de visitar? Justifique a sua resposta.



- Conheça o sítio online da *Fundação Mata do Bussaco*, onde pode conhecer melhor este espaço privilegiado do centro de Portugal.
- Veja o curto documentário sobre o *Animatógrafo do Rossio*, feito por David Xavier e Ana Elyseu, do IADE-U, divulgado pelo canal do Youtube *Fitas na Rua*.
- Veja o episódio IV da série *A Alma e a gente*, transmitido pela RTP em 2008, apresentado pelo Professor José Hermano Saraiva. Este episódio intitula-se “Batalha, Mosteiro, Memória e Actualidade”.



6. Agustina Bessa-Luís, A Sibila

Escritora portuguesa (Amarante, 1922). Tendo publicado uma vasta obra literária, incluindo ficção, biografia, teatro, crónicas, memórias e ensaio, para além de literatura infantil, foi muitas vezes distinguida, condecorada e premiada, tendo recebido o *Prémio Camões* em 2004, traduzida e adaptada para o cinema. O romance *A Sibila* é o mais conhecido. Em 2006, depois da publicação de *A ronda da noite*, retirou-se da vida pública. Em 2017 foi publicado o romance inédito *Deuses de Barro*.

Sobre A Sibila | Publicado em 1954, venceu o Prémio Delfim Guimarães e o Prémio Eça de Queiroz. O título lembra a capacidade de as sibilas, mulheres que proferiam os oráculos dos deuses na Grécia antiga, predizerem o futuro. Conta a história de Quina e da relação privilegiada e íntima que estabelecia com os que a rodeavam e procuravam como companhia, amiga e consultora. É do ponto de vista da sobrinha Germa, herdeira da Casa da Vessada, que a história é contada, revelando a personalidade complexa de Quina.

Excerto de A Sibila

Lisboa: Guimarães Editores, 2009, 111-113



Só viram Germa passados dois anos. Apesar de estarem dispostas a considerá-la como uma visita à qual se deve menos afecto do que cortesia, acharam que se parecia muito às mulheres da casa da Vessada, simplesmente porque era bonita. Mediram-na na velha porta da cozinha, já **crivada**¹ de **entalhaduras**² que marcavam a estatura de muitas outras crianças que ali tinham encostado a pequena cabeça que não experimentara ainda a tesoura.

- Há-de crescer o dobro desta altura – diziam. E lá ficava na porta a linha que **profetizava**³ o tamanho de cada uma dessas crianças (...). Germa olhou com uma certa dúvida maravilhada a mão que gravava a canivete a data daquela sua prova. Havia uma infinidade de coisas extraordinárias que ela não achava possíveis de serem realizadas, mesmo pelos adultos. Esse mundo misterioso e deslumbrante da gente grande, era já motivo único da sua observação. (...) Aprendera depressa que a obediência era a sua melhor defesa contra a esmagadora autoridade, força e categoria dos maiores; a sua suavidade era angelical, a ponto de a classificarem como insignificante. Mas, um dia que a mãe a esbofeteara apenas por uma necessidade de violência, desafogando uma **arrelia**⁴ doméstica, a criança refugiou-se num recanto do jardim, sob as palmeiras onde os cachos agrídoces, de tâmaras, se inclinavam para o chão (...).

- Que um raio venha do céu para a ferir, porque ela pecou contra mim! – disse, alto e fervorosamente, Germa, apelando para a justiça bíblica. Bateu com os pequenos punhos na parede, e chorou, porque se sentia **injerida**⁵ no mais íntimo da sua alma, onde, com um **pudor**⁶ estranho, guardava a sua sede de compreensão e de paz. Era esta a pequena Germa que as duas mulheres da casa da Vessada receberam com hostilidade afável, contemplando, cheias de **céptica**⁷ ironia, os seus sapatinhos de verniz e as **polainas**⁸ de lã branca que se prendiam com elásticos sobre os joelhos. Quina disse:

- Que grande mulher! Já sabes varrer e fazer o caldo?

VOCABULÁRIO

- ① Crivar 印刻 ② Entalhaduras 缺口 ③ Profetizar 預言 ④ Arrelia 怨恨 ⑤ Injerido 唾罵
⑥ Pudor 羞恥感 ⑦ Céptico 懷疑的 ⑧ Polainas 長筒襪

6. Agustina Bessa-Luís, A Sibila

Descoberta e exploração

1. Leia o texto com atenção. Onde se passa a história?
2. Quais são as personagens referidas no texto?
3. Que relação tinha Germa com as mulheres da casa da Vessada? Justifique a sua resposta.
4. Encontre as expressões que, no texto, caracterizam a casa da Vessada.
5. Como é que as duas mulheres pensavam que se devia receber uma visita?
6. Leia a expressão “pequena cabeça que não experimentara ainda a tesoura”. O que significa?
7. Como é que Germa via o mundo dos adultos?
8. Qual é o aspecto negativo dos adultos?
9. Como é que Germa se defendia da autoridade dos adultos?
10. Os adultos consideravam que Germa era angelical “a ponto de a classificarem como insignificante”. Por que razão?
11. Qual foi o episódio que Germa considerou muito injusto?
12. Atente na expressão “ela pecou contra mim”. Procure um adjetivo que demonstre o sentimento de Germa para com a mãe.
13. Observe a expressão “hostilidade afável”. Que relação estabelecem estas duas palavras entre si? Que significado tem?
14. Que sinais mostram que Germa não vivia no campo?
15. Leia a fala de Quina, no fim do texto. Quina diz exactamente o que pensa? Como se chama este recurso estilístico?
16. Releia o texto. Qual pode ser a relação de parentesco entre Germa e as mulheres da quinta?
17. Depois de ler o texto, como caracteriza psicologicamente a pequena Germa?
18. Por que motivo as duas mulheres não são afectuosas nem meigas com Germa, mas sim distantes e irónicas?

Produção

1. Qual lhe parece ser a principal característica das crianças?
2. Lembra-se de alguma conversa curiosa que tivesse tido com crianças?
3. Quando era criança, em que circunstâncias a sua mãe lhe calçava sapatos de verniz e meias brancas?
4. Alguma vez passou as férias com a sua avó? De que é que se lembra melhor?
5. Na sua cultura como é a relação das crianças com o mundo dos adultos?



- Veja o documentário "Agustina Bessa-Luís - Nasci Adulta e Morrerei Criança", da autoria de Anabela Almeida, de 2005, em que a escritora fala da sua infância, das suas memórias, do "exílio" no Douro, das aventuras da sua juventude, do início da longa carreira como escritora e do amadurecimento da sua experiência.
- Ouça Fátima Marinho a falar sobre o romance *A Sibila*, em entrevista para a RTP Ensina, produzida em 2011.



7. David Mourão-Ferreira, Um Amor Feliz

Escritor português (Lisboa, 1927 - 1996). Foi professor na Universidade de Lisboa, exerceu funções políticas e foi responsável por alguns dos principais organismos culturais e literários do país. Escreveu crítica literária, ensaio, tradução, teatro, romance e poesia, tendo sido premiado e traduzido. Publicou o primeiro livro em 1950, *Secreta Viagem* (poesia), as primeiras ficções em 1959, *Gaivotas em terra*, e a última obra em 1987, *Duas Histórias de Lisboa*.

Sobre Um Amor Feliz | Romance publicado em 1986, está construído à volta da relação de Fernão, escultor e protagonista da história, com Y, mulher que o prende pela sua extrema beleza e delicadeza e com quem mantém durante algum tempo um “amor feliz”; e à volta da relação com David, com quem Fernão partilha a sua visão do mundo e que é uma projecção autobiográfica do autor. Passado em Lisboa, o romance acaba por ser um exercício de reflexão sobre a paixão e o amor, as suas circunstâncias e os seus limites.

Excerto de Um Amor Feliz

Lisboa: Editorial Presença, 2009, 41-42



Beleza; simplicidade; sensibilidade; sensualidade; inteligência. E inteligência mais profunda, bastante mais viva do que a sua **discrição**^① deixaria supor. Mas não seriam **predicados**^② a mais? Prendas de mais a festejar-me um começo de Inverno? (...)

Acompanhando tudo isto, como fundo sonoro de tudo isto: o volume, o timbre, a altura da voz, toda ela em tons **sépias**,^③ com aquele irresistível pendor para o sussurro, o murmúrio, o segredo, a confiança, situando-se muitas vezes na fronteira indecisa entre o silêncio e a palavra. Frequentemente me assalta, a seu lado, a suspeita e o pânico de que estou a ficar surdo. Talvez esteja.

Outros dons, outros prodígios ainda: a sua relativa disponibilidade; a maravilha, sobretudo em tempos normais, e dentro dos limites de antemão convencionados, de sempre acertarmos os dias e as horas que melhor nos convêm. E o seu requinte a revelar-se nos mínimos pormenores: um requinte que nada tem a ver com a horrenda camada social a que pertence. E a discreta saudade com que amiúde fala do pai; e o fugidio colorido com que às vezes evoca a sua infância, quase toda passada numa grande herdade do Alentejo; ou, de modo ainda mais esquivo, a adolescência repartida entre o Liceu Francês de Lisboa e um colégio de freiras em Inglaterra. E a sua alma bem formada, nada propensa a qualquer intenção ou tentação de **maledicência**.^④ (Tem, aliás, poucas amigas em Portugal). E a sua inata, luminosa gentileza.

Haverá materiais mais preciosos para construir e **cimentar**^⑤ uma relação a dois? E, principalmente, para manter em equilíbrio esse edifício frágil e blindado, entre todos aéreo e subterrâneo, em que sempre consiste uma ligação clandestina?

Fora do espaço deste atelier – aberto para o céu pelas suas claraboias, aberto sobre o rio pelos seus grandes janelões, mas simultaneamente, neste recanto mais privado, como que sumido nas entranhas da terra –, o mundo passou a cobrir-se de uma espécie de cinza, ao longo de quase todo um Inverno, não sei se benigno se agreste, e de toda uma Primavera igualmente incolor.

VOCABULÁRIO

- ① Discrição 慎重 ② Predicado 美德 ③ Sépia 汎黃的 ④ Maledicência 誹謗
⑤ Cimentar 粘合(隱喻)

7. David Mourão-Ferreira, Um Amor Feliz

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Quem conta a história?
2. Que função têm os dois primeiros parágrafos do texto?
3. A primeira frase do texto resume as qualidades da mulher referida. São características físicas ou psicológicas?
4. Considere cada uma das qualidades referidas. Qual era a que mais surpreendia o narrador?
5. Responda à pergunta que o narrador coloca: “mas não seriam predicados a mais?”
6. Como é que uma voz pode ser caracterizada?
7. Como será uma voz “em tons sépias”?
8. Qual o aspecto da voz que o narrador mais gostava?
9. Volte a reler o texto. Está dividido em três partes. Quais são?
10. Faça uma lista com as qualidades que o narrador acrescenta ao retrato já feito.
11. Parece-lhe que o narrador estava mais seduzido pelas características físicas ou psicológicas?
12. Concorda com a pergunta colocada pelo narrador: “haverá materiais mais preciosos para construir e cimentar uma relação a dois?”
13. Porque é que o narrador caracteriza a sua relação amorosa como um edifício frágil e blindado, aéreo e subterrâneo?
14. Por que razão seria uma relação clandestina?
15. Os encontros eram no atelier. Que profissão podia ter o narrador?
16. Porque é que o atelier era uma imagem daquela relação clandestina?
17. O último parágrafo opõe duas realidades. Quais são elas?
18. Qual é o significado dessa oposição?

Produção

1. Qual a importância da beleza na sua cultura?
2. As pessoas costumam preferir as coisas belas ou as coisas úteis?
3. Na sua cultura, quais são as características da beleza feminina mais valorizadas?
4. Pense numa figura que represente para si um ideal de beleza feminina. Descreva essa figura.
5. Qual lhe parece que deve ser a qualidade mais importante na relação de um casal?



- Veja o documentário *Duvidávida*, realizado por António Almeida, produzido pela Panavídeo/Anabela Almeida, em 2006, e transmitido pela Rádio e Televisão Portuguesa (RTP).
- Escute o fado de Amália Rodrigues, “Espelho quebrado”, com letra de David Mourão-Ferreira.



8. David Mourão-Ferreira, Um Amor Feliz

Escritor português (Lisboa, 1927 - 1996). Foi professor na Universidade de Lisboa, exerceu funções políticas e foi responsável por alguns dos principais organismos culturais e literários do país. Escreveu crítica literária, ensaio, tradução, teatro, romance e poesia, tendo sido premiado e traduzido. Publicou o primeiro livro em 1950, *Secreta Viagem* (poesia), as primeiras ficções em 1959, *Gaivotas em terra*, e a última obra em 1987, *Duas Histórias de Lisboa*.

Sobre Um Amor Feliz | Romance publicado em 1986, está construído à volta da relação de Fernão, escultor e protagonista da história, com Y, mulher que o prende pela sua extrema beleza e delicadeza e com quem mantém durante algum tempo um “amor feliz”; e à volta da relação com David, com quem Fernão partilha a sua visão do mundo e que é uma projecção autobiográfica do autor. Passado em Lisboa, o romance acaba por ser um exercício de reflexão sobre a paixão e o amor, as suas circunstâncias e os seus limites.

Excerto de Um Amor Feliz

Lisboa: Editorial Presença, 2009, 229-230



(...) Porquê a Chartreuse? Já a li umas quatro ou cinco vezes.

Há muitos outros romances de que gosto bastante mais; este é todavia o único a fazer-me entrar em estado de graça ou cair em estado de adoração. Foi através dele que principiei, por volta dos vinte anos, a furiosamente amar a Itália: uma Itália que tinha aliás a vantagem de não se parecer com a minha mãe; e, como só depois vim a descobrir, de nem muito se assemelhar à Itália.

No entanto, mesmo que eu pudesse, mesmo que eu soubesse, nunca este seria porventura o romance que eu gostaria de ter escrito. É de toda a maneira um daqueles livros que mais me fazem sonhar sobre a maravilha que deve ser escrever um livro: a invenção dentro da memória; a memória dentro da invenção; e toda essa **cavalgada**^① de uma grande **fuga**,^② todo esse prodígio de umas **poligâmicas núpcias**,^③ secretas e arrebatadas, com a feminina multidão das palavras: as que se entregam, as que se esquivam; as que é preciso perseguir, seduzir, **ludibriar**^④; as que por fim se deixam capturar, palpar, despir, penetrar e **sorver**^⑤, assim proporcionando, antes de se evaporarem, as horas supremas de um amor feliz. Não há matéria mais carnalmente **incorpórea**^⑥; nem outra mais disposta a por amor ser fecundada.

Como se pode interpretar de outro modo esse velho lugar-comum de ter um filho, plantar uma árvore, escrever um livro? Só se em todos os casos se tratar de grandes e inevitáveis actos de amor: com a Mulher, com a Terra, com a Língua. Mas de plantar árvores e ter filhos haverá sempre muita gente que se encarregue. De destruir árvores também; de estragar filhos igualmente. Em compensação, um livro, um livro que viva, multiplicado, durante alguns anos ou alguns séculos, e que depois vá morrendo, sem ninguém dar por isso, mas nunca de uma só vez, até ser enterrado na maior discrição ou até se ver de súbito renascido, inesperadamente **ressuscitado**,^⑦ um livro com semelhante destino – luminoso por mais obscuro, obscuro por mais luminoso –, isto é que foi sempre o que me **empolgou**.^⑧ A escultura? Os meus objectos? Pobres vultos solitários, metálicos ou **empedernidos**,^⑨ que nunca terão o dom da **ubiquidade**.^⑩

VOCABULÁRIO

- ① Cavalgada 騎行 ② Fuga (género musical) 循環(音樂旋律) ③ Poligâmicas núpcias 集體婚禮
- ④ Ludibriar 欺騙 ⑤ Sorver 吮吸 ⑥ Incorpóreo 無形的 ⑦ Ressuscitado 復活
- ⑧ Empolgar 激動 ⑨ Empedernido 變僵硬(隱喻) ⑩ Ubiquidade 到處存在

8. David Mourão-Ferreira, Um Amor Feliz

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Quem conta a história? Qual a sua profissão?
2. Procure saber o que era a Chartreuse, livro referido pelo narrador.
3. Encontre as expressões que definem a relação do narrador com o romance Chartreuse.
4. Encontre as duas razões que explicam a ligação do narrador com o romance.
5. A relação do narrador com a Chartreuse é ambivalente (tem dois sentidos). Procure as duas expressões do texto que confirmam esta opinião.
6. Quais são os dois aspectos mais importantes quando se escreve um livro?
7. Que sinónimo pode encontrar para a palavra “invenção”?
8. O romance resulta da relação entre a memória e a invenção, por um lado, e as palavras, por outro. Que palavra no texto designa essa relação?
9. Porque é que as núpcias são poligâmicas?
10. Que palavras mostram a intensidade dessa relação com as palavras?
11. Atente na expressão “cavalgada de uma grande fuga”. Tenha em conta os significados da palavra “fuga”: qual o sentido neste caso?
12. Observe a descrição que o narrador faz da multidão de palavras. Em quantos grupos pode dividi-las?
13. Tenha em conta todas as acções que referiu. Qual é o campo lexical em que se situam?
14. Leia a expressão: “carnalmente incorpórea”. Que relação estas palavras estabelecem entre si? Como se chama esta recurso estilístico?
15. O narrador recupera um ditado antigo que diz que um homem devia fazer três coisas para sentir-se completo: plantar uma árvore, escrever um livro e ter um filho. Por que é que estes três actos são actos de amor?
16. Qual dos actos de amor é o mais raro?
17. O narrador considera que todos os livros são iguais?
18. Concorde com o narrador quando ele chama as suas obras de escultura de “pobres vultos” quando comparados com os livros?

Produção

1. Qual foi o romance que mais o impressionou? Por que motivo?
2. Que tipo de livros mais gosta de ler? Sobre que assuntos?
3. Existe algum ditado popular na sua cultura igual ao do texto (“durante a vida o homem deve plantar uma árvore, escrever um livro e ter um filho”)?
4. Qual das três coisas desse ditado já fez?
5. Qual dessas coisas pensa que é mais importante fazer no decorrer da vida?



- Veja os dois vídeos disponíveis no portal *ensina.rtp.pt*: “Biografia de David Mourão-Ferreira”, de 2011, e “Um Amor Feliz” comentado por Francisco Simões, de 2014, ambos realizados pela Filbox Produções.
- Ouça os seguintes temas relacionados com o texto: a “Cavalgada das Valquírias”, de Richard Wagner, tema muito conhecido, no início do Acto III de *As Valquírias*; e *Tocata e Fuga em D Minor*, célebre composição de Johann Sebastian Bach (1685-1750).



9. Lídia Jorge, A Costa dos Murmúrios

Escritora portuguesa (Boliquite, Algarve, 1946). Licenciada em Filologia Românica, foi professora do ensino secundário, passou por Angola e Moçambique. Publicou o primeiro romance, *O Dia dos Prodígios*, em 1980. A sua obra, que inclui também conto e teatro, recebeu alguns dos mais prestigiados prémios literários de Portugal, está traduzida em diversas línguas e foi matéria de estudos académicos. Foi condecorada em Portugal e no estrangeiro. O seu último romance publicado foi *Estuário*, em 2018.

Sobre A Costa dos Murmúrios | Publicado em 1988, resultou da experiência em Moçambique antes do 25 de Abril. O romance começa com uma narrativa na terceira pessoa sobre o casamento de Evita e Luís Alex, militar destacado em Moçambique, que é retomada vinte anos depois por Eva. Da sua narração e dos seus comentários ressalta a discussão do que é a “verdade” sobre a história colonial, sobre a diferença entre a história dos colonizadores e a história dos colonizados, preferindo um ponto de vista subjectivo, irónico e reflexivo.

Excerto de A Costa dos Murmúrios

Lisboa: D. Quixote, 2017, 69-71



Nessa tarde mesmo encontrámo-nos na Marisqueira. (...) Helena sentou-se na minha frente, mas era difícil **entabular**¹ uma conversa. As palavras eram simples, contudo, ao chegarem ao meio da mesa, pareciam ter pé e murchavam. (...) O capitão evocou as noites do mato, a luta contra as formigas, as abelhas assassinas que caíam em **enxame**² sobre a pessoa ao passar, a morte dum excelente homem sob as abelhas. Evocou casos menos tristes, respostas interessantes via rádio, desencontros, mas mesmo quando o capitão falava de questões mortais, conseguia falar do seu remate como de **peripécias**³ com final feliz. Então eu lembrei-me de perguntar se era sempre assim, se afinal não havia confrontos reais, entre pessoas e pessoas, se não morria gente. Se não havia afinal um massacre inútil. Claro que eu podia ter perguntado outra coisa, como seria, por exemplo, o rugido do leão na savana, a altura das árvores. Só para perguntar, para dizer alguma coisa no interior da Marisqueira. Estava longe de mim a intenção de provocar desarmonia. Eu, então conhecida por Evita, o nome de som mais frágil de que há memória, procurar perturbação, a primeira vez que me sentava com o noivo e o seu capitão? De modo nenhum – disse Eva Lopo. Mas o capitão olhou para o lado como se atingido por uma grande surpresa.

“Luís Alex, você tem de tirar a mulher daquele **vespeiro**⁴” – disse Forza. E virando-se para mim – “Aposto que você já deu ouvidos ao que se diz lá no vespeiro do Stella Maris!”.

O noivo parecia ter ficado perdido. “O que disse ela?” – perguntou o noivo.

“Você deveria perguntar mas é como são os sul-africanos em combate. Esses sim, desses é que você deveria querer saber. Saberá o que é um verdadeiro conceito de combate. Pergunte ao seu marido e não a mim como fazem os loirinhos que nos ajudam! Pergunte aqui ao seu marido!”

O noivo ria.

“Esses sim, aquilo é que é sempre a matar. E que matar! Vê-se mesmo que vêm duma outra raça, muito mais pragmática, muito mais metódica, muito mais **bife**⁵...” – disse o capitão.

(...) O noivo anuí ao sentimento que movia o capitão. Estavam ambos de acordo que havia gente muito mais eficaz em combate do que aquele que era praticado por eles mesmos em Cabo Delgado. Helena, a bela Helena, também parecia estar de acordo, todos tínhamos de estar de acordo em relação a isso. Aliás, estávamos todos de acordo também em que o vento nos perseguia quando nos encontrávamos.

VOCABULÁRIO

- ① Entabular 發起 ② Enxame 蜂擁 ③ Peripécia 意外 ④ Vespeiro 蜂巢 ⑤ Bife 英國佬

9. Lídia Jorge, A Costa dos Murmúrios

Descoberta e exploração

1. Leia o texto atentamente. Identifique as personagens da história.
2. Quem conta a história?
3. Observe a frase: “Eu, então conhecida por Evita...”. O encontro na Marisqueira aconteceu na mesma altura em que é contado?
4. Leia a ficha sobre o romance. Onde e quando se passa a história?
5. Como foi a conversa no início do encontro?
6. Faça uma lista com as coisas de que falou o capitão.
7. Qual seria a função do capitão e do noivo de Evita em Moçambique?
8. Que característica comum Evita encontra nestas histórias contadas pelo capitão?
9. O que foi que quebrou a harmonia da conversa? Porquê?
10. Eva Lopo, contando a história anos depois, disse que a sua intenção não tinha sido provocar discussão. Concorda?
11. Como reagiu o capitão?
12. O que podia ser o Stella Maris?
13. Porque é que o Stella Maris seria um vespeiro?
14. Porque é que os sul-africanos são chamados de “loirinhos”?
15. Segundo o capitão, em que é que os sul-africanos eram melhores que os portugueses?
16. Como é que o noivo caracteriza esse “verdadeiro conceito de combate” dos sul-africanos? Porquê?
17. Será que Evita estava de acordo com o que o noivo e o capitão diziam?
18. Evita e Eva são a mesma personagem em idades diferentes. Acha que Eva, anos depois, ainda pensa da mesma forma que pensava quando viveu aqueles acontecimentos?

Produção

1. Na sua cultura, são comuns, nos livros e filmes, as histórias de guerra? Quais os mais populares?
2. Conhece algum escritor que tenha escrito sobre a arte da guerra? Que obras escreveu?
3. Quando era mais novo pensava de forma diferente da que pensa agora? Em algum tema em particular?
4. Quais são as coisas que mais fazem mudar a maneira de pensar?
5. Lembra-se de alguma situação em que, se fosse agora, faria ou pensaria de forma diferente?



- Veja o documentário/entrevista, produzido pela Panavídeo Produções, de 2013, com o título *Mar de Letras – Lídia Jorge*, emitido pela RTP África e pela RTP2.
- Conheça e leia o romance *Notícia da Cidade Silvestre*, de Lídia Jorge, publicado em 1984.



10. Lídia Jorge, A Costa dos Murmúrios

Escritora portuguesa (Boliquite, Algarve, 1946). Licenciada em Filologia Românica, foi professora do ensino secundário, passou por Angola e Moçambique. Publicou o primeiro romance, *O Dia dos Prodígios*, em 1980. A sua obra, que inclui também conto e teatro, recebeu alguns dos mais prestigiados prémios literários de Portugal, está traduzida em diversas línguas e foi matéria de estudos académicos. Foi condecorada em Portugal e no estrangeiro. O seu último romance publicado foi *Estuário*, em 2018.

Sobre A Costa dos Murmúrios | Publicado em 1988, resultou da experiência em Moçambique antes do 25 de Abril. O romance começa com uma narrativa na terceira pessoa sobre o casamento de Evita e Luís Alex, militar destacado em Moçambique, que é retomada vinte anos depois por Eva. Da sua narração e dos seus comentários ressalta a discussão do que é a “verdade” sobre a história colonial, sobre a diferença entre a história dos colonizadores e a história dos colonizados, preferindo um ponto de vista subjectivo, irónico e reflexivo.

Excerto de A Costa dos Murmúrios

Lisboa: D. Quixote, 2017, 44-45



Sim, lembrando-me do terraço, acho que todas as noites passava pelo céu a **cabeleira**¹ de um cometa. Nasceu a ocidente e punha-se a oriente, ao contrário da Lua e do Sol, e por isso é inútil perguntar-me se esse hotel era importante nas nossas vidas.

Claro que era importante. Teria bastado esse belo nome de evocação marítima, brilhando acima das palmeiras, para que tivesse a sua importância. No entanto, como sabe, o **Stella Maris**² era importante por outras razões (...). Não esqueci, porém, como o Stella mantinha todo o **fragor**³ dum hotel decadente transformado em **messe**⁴, de belíssimo **hall**⁵. Era aí, no hall, largo como um recinto de atracagem, e filtrado pelos panos brancos das janelas, que os homens abastados que desciam pelos Trans-Zambezian Railways, vinham espalhar até à década de cinquenta, as inumeráveis malas, os longos dentes de elefante. Antes de tomarem os paquetes e partirem a negociar, em língua inglesa. O **sussurro**⁶ dum tempo colonial doirado vinha ali aportar, e por isso ainda se falava de modo como as banheiras primitivas eram assentes no chão por pés em forma de garra. Nessa altura, ainda os negros não podiam, ou não queriam, encontrar colonos brancos no mesmo passeio das ruas. Quando falavam, jamais viravam as costas, curvando-se **às arrecuas**⁷ até desaparecerem pelas portas, se entravam nas casas. (...) A rebelião ao Norte, porém, tinha obrigado a transformar o Stella em alguma coisa de substancialmente mais prático, ainda que arrebatadoramente mais feia. Dificilmente se poderia imaginar nas banheiras quadrangulares que conheci e o jornalista não conheceu – disse Eva Lopo – cravadas no chão como rocha, e nos **polibãs**⁸ do feitio de escarradeiras, as **vasilhas de banho**⁹ que ali tinha havido, em feitio de berço, sobre as quatro unhas de leão de que se falava no terraço. (...) Mas um espírito é um espírito, e o Stella Maris, como sabe, mantinha o seu, até porque o espírito dum recinto provém sobretudo da luz, e a luz não tinha mudado porque os vidros das janelas ainda haveriam de permanecer inteiros, por alguns anos. As janelas ainda eram as mesmas, quadriculadas e altas. O Índico também não era substancialmente diferente, só de longe em longe bramindo a sério, e de resto chiando um pouco, apenas na **maré montante**¹⁰. Bem como o vento quente, pelas tardes. Lembro-me de como se ouvia o vento quente passar, com os ouvidos debaixo da água da banheira.

VOCABULÁRIO

- ① Cabeleira 彗發 ② Stella Maris (Estrela do Mar) 海星 ③ Fragor 喧器 ④ Messe 混亂
⑤ Hall 大廳 ⑥ Sussurro 耳語 ⑦ Às arrecuas 倒退 ⑧ Polibã 淋浴 ⑨ Vasilha de banho 浴缸
⑩ Maré montante 漲潮

10. Lídia Jorge, A Costa dos Murmúrios

Descoberta e exploração

1. Leia o texto atentamente. Quem conta a história?
2. Tenha em conta a ficha sobre o romance. Onde se passa a história?
3. Eva fala, no presente, de um espaço que conheceu no passado. Sublinhe os dois verbos que mostram este facto.
4. Indique os dois motivos que tornavam o hotel importante na vida de Eva.
5. O hotel tinha um “belo nome de evocação marítima”. Qual era o nome do hotel? Procure saber o que significa este nome.
6. Por que razão era um hotel decadente?
7. De que parte do hotel Eva se lembrava? Porquê?
8. Porque é que Eva compara o hall a um recinto de atracagem?
9. Qual a data desse “tempo colonial doirado” que é referido?
10. Foi nessa altura que Eva conheceu o hotel?
11. Que aspecto da decoração do hotel corresponde ao “dourado” desse tempo colonial?
12. Que relação havia entre os negros e os colonos nesse tempo colonial? Justifique.
13. Que acontecimento provocou a transformação do Stella Maris?
14. Mostre como o hotel se transformou numa coisa mais prática e mais feia.
15. O que sobrou do Stella Maris podia ser destruído?
16. Faça uma lista com as coisas que não mudavam e que mantinham o espírito do hotel.
17. Parece-lhe que o hotel se manteve intacto por muito mais tempo?
18. Eva diz que o hotel foi importante “nas nossas vidas”. Como são as memórias que ela tem do hotel?

Produção

1. Lembra-se de algum edifício que o tenha marcado? Uma casa? Um hotel?
2. Por que razão nos lembramos de determinados espaços e não de outros?
3. Sabe quais são os Países de Língua Portuguesa em África? Tente localizá-los no mapa.
4. Qual é aquele que conhece melhor?
5. Qual deles pensa que gostaria mais de conhecer e de visitar? Porquê?



- Veja o filme *A Costa dos Murmúrios*, realizado por Margarida Cardoso, apresentado em 2004, adaptação cinematográfica do livro homónimo de Lídia Jorge. O filme foi nomeado para os Globos de Ouro portugueses no ano de 2005 e ganhou o troféu de Melhor Actriz (com Beatriz Batarda).
- Conheça e leia o romance de Manuel Alegre, *Jornada de África*, das Publicações D. Quixote, publicado em 1989.



11. Valter Hugo Mãe, o nosso reino

Escritor português (Saurimo, Angola, 1971). Licenciado em Direito e pós-graduado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, publicou a primeira obra de poesia, *silencioso corpo*, em 1996. Em 1999 foi co-fundador da Quasi Edições. Além da poesia, cultivou o romance, o conto, a literatura infantil, compondo também letras para canções. Foi premiado várias vezes e traduzido para diversas línguas. A última obra publicada foi *publicação da mortalidade*, em 2018, reunindo a sua obra poética.

Sobre o nosso reino | Publicado em 2004, é o primeiro romance de uma tetralogia que, através de personagens diferentes, percorre o tempo da vida humana. *o nosso reino* é a história de uma criança de oito anos e do seu amigo Manuel, que ingenuamente procura um caminho de santidade, por entre dúvidas, dogmas e preconceitos. Perante o mundo dos adultos e das suas contradições e dentro de uma família em desagregação, o menino age com curiosidade e delicadeza, tentando sobreviver à desilusão do que não entende e que o fere.

Excerto de o nosso reino

Lisboa: Editora Objectiva, 2011, 27-28



a minha avó fazia cozido à portuguesa, disse é que me lembrava bem, como do bacalhau no natal, cheio de batatas e hortaliças. era **bojuda**,¹ toda metida a trabalhar, mas não suava. a minha tia dizia que ela trabalhava sem se sujar, as **pessoas porcas**² é que se sujavam. eu sabia que isso era um preconceito agressivo, ou um exagero como era de hábito da tia cândida, mas tendia a pensar que a minha avó não suava porque era rica. não muito rica, mas rica como nós nunca haveríamos de ser após a sua morte. e foi a comer, rica e limpa, que tombou. a doença antiga mandou a morte buscá-la sem demoras, como algo que se esquecera de fazer há muito tempo. e que estava ela contente por se ter levantado da cama naquele dia perante a insistência de toda a família. sofremos de **pesar**³ quando a morte se lembrou dela, ali tão preparada para uma noite como **outrora**,⁴ vestida e arranjada de festa. levantei-me da mesa e avisei o meu pai, a avó caiu no prato, parece que morreu. o meu avô sentou-se na pedra da lareira, perto de mais das brasas, numa dor de amor que o queimou em poucos dias. a minha mãe, precipitada sobre o cadáver, e eu a ouvir a minha tia cândida gritar **histérica**⁵ pelo cristo. e foi assim que o segundo grito se fechou em casa.

estivemos sentados em redor de nada por um tempo. a minha mãe falou dos meus tios de frança, havia que avisá-los, ainda que não pudessem atravessar a fronteira de volta. o meu avô acenou com a cabeça e disse um palavrão, a parecer que tudo era pouco importante. a minha tia cândida só falava para dizer meu deus e esfregava-se nas mãos da dona ermelinda como quem se aquece. era para não ficar maluca, como se os ossos lhe saíssem do lugar, por isso caía e parecia não saber andar. a minha avó estava quieta da morte na sala. os meus irmãos foram os únicos que não a viram assim, **especada**⁶ de solidão num lugar onde nenhum de nós a acompanhava. o meu pai fechou a porta e noite toda não dormimos de tristeza e medo. a minha avó era como um silêncio muito forte que nos sugeria coisas ao ouvido. noite toda me dizia, se foi um ar que te entrou, abre a boca, abre os olhos, abre bem os ouvidos e aponta para o vento. na janela do meu quarto, à espera, uma presença deixava-se sentir, ou era apenas como uma ameaça mortal da minha imaginação.

VOCABULÁRIO

- ① Bojudo 胖的 ② pessoa porca 邋遢的人 ③ pesar 痛苦(隱喻) ④ outrora 往常
⑤ histérico 歇斯底裏 ⑥ especado 停留

11. Valter Hugo Mãe, o nosso reino

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Quem são as personagens da história?
2. Quem conta a história?
3. Que aspectos da escrita do texto se desviam da norma?
4. De que pratos cozinhados pela avó o menino gostava?
5. Encontre a frase que descreve a avó.
6. Que aspecto da avó impressionava mais o menino?
7. Como era a tia Cândida?
8. Como foi que a avó morreu?
9. Porque é que o dia em que a avó morreu era um dia especial?
10. Leia o final do primeiro parágrafo. Sublinhe as palavras que caracterizam as reações da família à morte da avó.
11. O que significa a expressão “estivemos sentados em redor de nada por um tempo”?
12. Os tios estavam em França. Parece-lhe que eram emigrantes normais e podiam voltar a Portugal sempre que quisessem?
13. Leia a frase: “o avô acenou com a cabeça e disse um palavrão, a parecer que tudo era pouco importante”. Era verdade que o avô pensava assim?
14. Leia a última parte do segundo parágrafo. Encontre as duas expressões com que o menino descreve a sua avó morta.
15. Que sentimentos a morte da avó inspirou aos meninos?
16. O texto diz que a avó dos meninos “era como um silêncio muito forte que nos sugeria coisas ao ouvido”. Parece-lhe que o silêncio pode falar?

Produção

1. Quais são as comidas que na sua cultura fazem parte da ementa nos dias de festa? Qual é a sua preferida?
2. Na sua cultura, que lugar ocupam os mais velhos na família?
3. Que memórias tem dos seus avós?
4. Como é que a sua cultura celebra a memória dos mais velhos?
5. Tem fotografias dos seus avós e com os seus avós? Impressas em papel ou digitais?



- Conheça o álbum *O Jogo do Mundo*, terceiro álbum da banda portuguesa Mundo Cão, de 2013, com letras de Valter Hugo Mãe em temas como “Metamorfose” e “Anos de Bailado e Natação”.
- Veja a entrevista de Valter Hugo Mãe, na série de entrevistas *Baseado numa História Verdídica* (T2 Episódio 19), do Canal Q, publicado no Youtube em 2017.



12. Valter Hugo Mãe, o nosso reino

Escritor português (Saurimo, Angola, 1971). Licenciado em Direito e pós-graduado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, publicou a primeira obra de poesia, *silencioso corpo*, em 1996. Em 1999 foi co-fundador da Quasi Edições. Além da poesia, cultivou o romance, o conto, a literatura infantil, compondo também letras para canções. Foi premiado várias vezes e traduzido para diversas línguas. A última obra publicada foi *publicação da mortalidade*, em 2018, reunindo a sua obra poética.

Sobre o nosso reino | Publicado em 2004, é o primeiro romance de uma tetralogia que, através de personagens diferentes, percorre o tempo da vida humana. *o nosso reino* é a história de uma criança de oito anos e do seu amigo Manuel, que ingenuamente procura um caminho de santidade, por entre dúvidas, dogmas e preconceitos. Perante o mundo dos adultos e das suas contradições e dentro de uma família em desagregação, o menino age com curiosidade e delicadeza, tentando sobreviver à desilusão do que não entende e que o fere.

Excerto de o nosso reino

Lisboa: Editora Objectiva, 2011, 53-54



a minha tia chegou a casa muito tarde nessa noite. lembro-me de ficar no colo da minha mãe, tonto de sono a pedir-lhe que me deixasse estar ali um pouco mais. a minha tia era uma mulher secreta, de quem nada se sabia senão que ficara solteira. eu não lhe podia perguntar porquê, estava proibido desde os seis anos, quando me lembrei de o fazer pela primeira e única vez. a minha mãe confiou-me que ela quisera ser assim, que há pessoas que estão melhor sozinhas, e ela nem estava sozinha, tinha a todos nós, não era de ter pena dela, e ter pena era coisa feia. compaixão, tínhamos compaixão pelas suas opções, e ela lá sabia como fazer a vida, que deus não se queixaria pois era tão delicada mulher. mas era secreta, muito calada para si sobre tudo o que lhe dizia respeito, e muito **estouvada**,^① a dizer coisas duras às pessoas, pensando pouco, **precipitando-se**.^② era ela quem tinha as conversas difíceis, como aquelas de ir explicar às pessoas que nos deviam dinheiro ou que prometeram coisas que não cumpriram. fazia muita falta, trabalhava no serviço da autarquia, descia muito cedo para o centro, fazia coisas para se tirarem os bilhetes de identidade e cartas de condução dos automóveis e motorizadas. era muito inteligente, percebia dessas coisas, como de ir ao banco e fazer contas que ninguém fazia. o meu avô queria muito que ela fosse doutora, doutora diferente do doutor das doenças, era para ser como uma advogada e ir para os juízes defender pessoas e animais. mas ela não queria nada como ninguém, era verdade, e não queria nada que lhe dissessem como viver.

quando chegou fui imediatamente para a cama, e não suspeitei logo ali de que a minha tia cândida tivesse um amante, sabia lá eu o que era um amante. por isso fui inocente no dia seguinte para a escola, e encontrei o Manuel com o irmão no portão de casa, para irmos os três à classe que ia começar. o Carlos viria assistir, queria falar à professora da possibilidade de completar a quarta classe, agora é que estava arrependido, quando era puto não sabia para que tanto servia ler e escrever.

inocente eu perguntei, e de que mais tinha medo em angola. respondeu-me, da falta de mulheres, que depois de uma, não se pode ficar sem. porquê, insisti eu. olha, é da natureza, pergunta à tua tia porque não casou mas vai ao fim do dia à casa do senhor francisco.

VOCABULÁRIO

- ① Estouvado 草率的 ② Precipitar-se 信口開河

12. Valter Hugo Mãe, o nosso reino

Descoberta e exploração

1. Quais são as personagens referidas no texto?
2. Quem conta a história?
3. Por que razão o menino diz que a tia era uma “mulher secreta”?
4. Quando fora a última vez que o menino tinha perguntado sobre a vida da tia?
5. Que razões havia para ter pena da tia Cândida?
6. Qual é a diferença entre ter pena e ter compaixão?
7. Como é que o menino descreve a tia? Indique os adjectivos utilizados.
8. Procura no texto duas expressões sinónimas de “estouvada”.
9. O texto diz que ela “fazia muita falta”. Por que razão?
10. Qual era o trabalho da tia Cândida?
11. Porque é que a tia Cândida era muito inteligente?
12. Que profissão o avô tinha desejado para a filha?
13. Como caracteriza a tia Cândida? Resposta aberta.
14. Qual era o maior sinal da sua independência e vida secreta?
15. De manhã, o menino encontrou-se com o Manuel e o irmão e foram juntos para a escola. Qual dos irmãos seria o mais velho?
16. Por duas vezes o narrador utiliza em relação a si mesmo a palavra “inocente”. Em que sentido?
17. Quem era o amante da tia Cândida?
18. Será que o menino mudou a sua opinião sobre a tia depois de perceber que ela tinha um amante?

Produção

1. Na sua cultura até que ponto as mulheres são independentes? Justifique a sua resposta.
2. É de opinião que as mulheres conseguem conjugar a profissão e a família?
3. Até que idade as mulheres costumam casar?
4. Qual é a posição das mulheres no mundo do trabalho? É igual à dos homens?
5. Acredita que em algum lugar homens e mulheres tenham direitos, estatutos e papeis similares na sociedade?



- Veja as seguintes entrevistas de Valter Hugo Mãe: no programa *Mar de Letras*, entrevistado por Mário Carneiro, transmitido pela RTP em 2016; no programa *Sociedade Recreativa*, entrevistado por Sílvia Alberto, transmitido pela RTP em 2018.



13. José Luís Peixoto, Uma Casa na Escuridão

Escritor português (Galveias, Alentejo, 1974). Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, foi professor até 2001. Publicou as primeiras obras em 2000, *Morreste-me* e *Nenhum olhar*. A sua obra literária contempla ficção, poesia, teatro, literatura infantil e literatura de viagens. Foi amplamente premiado, tendo recebido aos 27 anos o Prémio Literário José Saramago, e está traduzido nas mais diversas línguas. A sua última obra publicada foi *O Caminho Imperfeito*, em 2017.

Sobre *Uma Casa na Escuridão* | Publicado em 2002, conta a história de um escritor que, vivendo com a mãe e uma escrava, encontra o verdadeiro amor na figura de uma mulher imaginada. O romance pode ser a representação da falência da civilização, da vitória da barbárie sobre a esperança. O quotidiano cruza-se com o insólito (escravos, príncipes, um povo bárbaro invasor), a mais funda manifestação de ternura com a crueldade, mostrando a intensidade lírica como forma de superação da dor.

Excerto de *Uma Casa na Escuridão*

Lisboa: Temas e Debates, 2002, 17-18



Sem conseguir escrever, sem conseguir pensar, sem ânimo, fui para a cama. Vesti o pijama e enfiei-me debaixo do peso dos cobertores e dos lençóis. Ainda que fosse demasiado cedo para ter sono, queria obrigar-me a dormir. A mão entre os lençóis tremia. O último livro que tinha escrito deixara-me exausto. Um romance que tinha um pai e um filho que morriam, que tinha dois irmãos **siameses**^① que morriam, que tinha um homem muito velho que morria. Um romance que tinha sido obsessivamente a minha vida durante um ano. Um romance onde as palavras eram tudo aquilo em que eu acreditava. Cheguei a pensar que tivesse sido essa a causa dos tremores da mão. Escrevia sempre com a **esferográfica**^② que o meu pai me dera. Escrevia sempre com a mão direita. A minha mão direita tem uma história. Quando era pequeno, a escrava madalena, mãe da escrava miriam, apercebeu-se de que eu fazia tudo com a mão esquerda. Disse à minha mãe, a minha mãe disse ao meu pai, e o meu pai mandou a escrava madalena atar-me a mão esquerda numa bolsa atrás das costas. Andei dois meses com a mão atada, a fazer tudo com a direita. Quando me desataram a mão, numa cerimónia que teve a presença de toda a família, até dos primos do estrangeiro, nunca mais consegui fazer nada com a esquerda. Passei a ser um menino normal. Creio que cheguei a lembrar-me disso quando estava deitado sem conseguir dormir. Dava voltas na cama. (...) Então fechei os olhos com força e fixei-me no que via. Esta era uma das coisas que fazia desde pequeno, que tinha descoberto por acaso e que imaginava ser eu a única pessoa a fazer no mundo. Fechava os olhos e via, via o que se vê com os olhos fechados. Via o negro dentro de mim e via os pontos de luz que o quebram, as vagas de luz, as figuras abstractas de luz, os vultos de luz, as sombras de luz dentro da luz do negro dentro de mim. (...) Mas, naquela noite, comecei a distinguir algo dentro desse negro. Lentamente, devagar, um a um, os pequenos pontos luminosos deslizaram no negro e, pela primeira vez, vi que tinham uma direcção. Lentamente aproximaram-se uns dos outros numa harmonia que existia ainda sem lógica. Depois, lentamente, tudo muito lentamente, os pontos de luz formaram cordões de luz que eram linhas de luz sobre o negro. Depois, começou a surgir cada contorno de um rosto e de um corpo. Muito lentamente, muito devagar, um a um, começaram a surgir os traços do rosto mais lindo que alguma vez tinha visto e do corpo mais lindo que alguma vez tinha visto. Era um corpo de luz sobre o negro. Era uma mulher. Olhei-a até ser completa. Olhei-a até ter a certeza de que nunca, nunca iria ver uma mulher mais bonita na vida.

VOCABULÁRIO

- ① Siamês 雙胞胎 ② Esferográfica 圓珠筆

13. José Luís Peixoto, Uma Casa na Escuridão

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Qual é a profissão de quem conta a história?
2. Quem é a personagem principal do texto?
3. Quantos episódios são contados no texto? Em quantas partes dividem o texto?
4. Porque é o escritor se foi deitar apesar de não ter ainda sono?
5. Porque é que o escritor estava exausto?
6. Qual é a palavra do texto que mostra o tipo de relação que o escritor tinha com o seu livro?
7. Porque é que a mão do narrador tremia?
8. Como é que os meninos costumam escrever?
9. Leia a ficha sobre o romance. Como caracteriza a presença da “escrava” Madalena e da filha Miriam no texto? Que palavra podia substituir “escrava”?
10. Que outro aspecto no texto lhe pareceu inesperado?
11. Conte por palavras suas a história da mão direita do escritor.
12. O que é o escritor imaginava que era o único a fazer no mundo?
13. Naquela noite o que foi que aconteceu com os pontos de luz que ele via no negro?
14. Sublinhe as palavras e as expressões que mostram a duração deste processo.
15. O que foi que os pontos de luz sobre o negro revelaram?
16. Qual foi a impressão que essa imagem deixou no escritor?
17. Indique dois aspectos que diferenciem o acto de escrever próprio desta personagem que é escritor.

Produção

1. Na sua cultura o dormir bem é importante? Quantas horas por dia são consideradas suficientes?
2. Tem algum objeto especial que use no dia a dia? Por que razão é especial?
3. Como é que a sua cultura vê as pessoas esquerdinas ou canhotas?
4. Tem algum ritual antes de dormir? Faz-lhe diferença quando não o faz?
5. Costuma sonhar? Tem algum sonho frequente?



- Conheça o poema de José Luís Peixoto, “A mulher mais bonita do mundo”, publicado em *A Casa, a Escuridão*, em 2002. Ouça a declamação no canal do Youtube, o *Dizedor*.
- Leia o soneto “Um mover de olhos, brando e piedoso”, que constitui um retrato da mulher renascentista imaginada e descrita por Luís de Camões.



14. José Luís Peixoto, Uma Casa na Escuridão

Escritor português (Galveias, Alentejo, 1974). Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, foi professor até 2001. Publicou as primeiras obras em 2000, *Morreste-me* e *Nenhum olhar*. A sua obra literária contempla ficção, poesia, teatro, literatura infantil e literatura de viagens. Foi amplamente premiado, tendo recebido aos 27 anos o Prémio Literário José Saramago, e está traduzido nas mais diversas línguas. A sua última obra publicada foi *O Caminho Imperfeito*, em 2017.

Sobre *Uma Casa na Escuridão* | Publicado em 2002, conta a história de um escritor que, vivendo com a mãe e uma escrava, encontra o verdadeiro amor na figura de uma mulher imaginada. O romance pode ser a representação da falência da civilização, da vitória da barbárie sobre a esperança. O quotidiano cruza-se com o insólito (escravos, príncipes, um povo bárbaro invasor), a mais funda manifestação de ternura com a crueldade, mostrando a intensidade lírica como forma de superação da dor.

Excerto de *Uma Casa na Escuridão*

Lisboa: Temas e Debates, 2002, 61-62



Quando eu era pequeno, a casa era antiga. Era a casa de muitas pessoas que lá tinham vivido antes de nós, mas era nossa, porque essas pessoas eram gente que tinha gostado de nós. Porque os pais do meu pai tinham gostado dele e ele gostava de mim. Os quartos de visitas tinham as camas feitas com lençóis limpos de linho, a cozinha estava arrumada, os homens pintados nas paredes do salão estavam sempre numa tarde de primavera, os livros da biblioteca não tinham pó, a sala de armas reflectia a luz do sol, a lareira da sala de baixo estava sempre a arder no inverno com braçadas de lenha que a escrava madalena carregava. Quando eu era pequeno, brincava com carrinhos à volta da mesa da cozinha. Fazia corridas e, embora fosse eu contra mim, os carrinhos que eu queria que ganhassem ganhavam sempre. Passava entre as pernas da escrava madalena e, quando algum gato assomava à porta, a escrava madalena **enxotava-o**,^① porque o meu pai não gostava de gatos. A escrava miriam era da minha idade e, enquanto eu brincava, ela passava com panos e com escovas e com baldes cheios de água. Às vezes, o meu pai dizia que não queria que a escrava miriam trabalhasse tanto, e ninguém o entendia, porque ela era uma escrava, e eu não o entendia, porque era pequeno. Às vezes, quando eu tinha fome, a escrava madalena punha-me o babete e, quando estava a soprar uma colher de sopa ou de papa, chegava a minha mãe e ficava vermelha e gritava, dizia eu é que trato do meu filho, gritava até chegar o meu pai. Então calava-se e levava-me para a sala e dava-me a sopa ou a papa, enquanto chorava, e eu não entendia, porque era pequeno. Depois, quando o meu pai morreu, quando a escrava madalena morreu, a casa parou como um corpo que deixa de viver, mas que continua a existir apenas para acumular lixo e pó, um corpo de paredes usadas a acumular cada vez mais **cicatrices**,^② um corpo de loiças rachadas na pele, de mobílias a ranger nas **articulações**^③ dos ossos, de tapetes gastos sobre o rosto. Os gatos começaram a avançar pela casa. Primeiro, na cozinha; depois, nos corredores; depois, nos quartos, na sala, na casa toda. A escrava miriam, sempre a fazer comida, sempre a tomar conta dos recados da minha mãe, nunca mais conseguiu tratar da casa. Quando o meu pai morreu, quando a escrava madalena morreu, morreu a vida na casa. A casa atravessou o tempo, como um homem suspenso, de olhos fechados, sob a tempestade.

VOCABULÁRIO

- ① Enxotar 驅逐 ② Cicatriz 疤痕 ③ Articulação 關節

14. José Luís Peixoto, Uma Casa na Escuridão

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Quem conta a história?
2. Indique qual é a expressão que indica o tempo em que decorrem os acontecimentos.
3. O que fazia com que a casa fosse “nossa”?
4. Era uma casa cuidada. Porquê?
5. Atente na frase “os homens pintados nas paredes do salão estavam sempre numa tarde de primavera”. O que significa?
6. Leia a ficha sobre o romance. Como caracteriza a presença da “escrava” Madalena e da filha Miriam no texto? Que palavra podia substituir esta?
7. Encontrou mais algum aspecto inesperado no texto?
8. Porque é que ninguém entendia quando o pai dizia que não queria que Miriam trabalhasse tanto?
9. Se o protagonista fosse crescido qual seria a sua opinião sobre o facto de a pequena Miriam trabalhar tanto?
10. Qual era a relação da mãe do menino com a escrava Madalena?
11. Atente na comparação “a casa parou como um corpo que deixa de viver”. Quando foi que isto aconteceu?
12. Faça uma lista dos aspectos que mostram como a casa era como um corpo morto.
13. Porque é que os gatos só então tinham entrado dentro de casa?
14. Porque é que Miriam não conseguia tratar da casa?
15. Leia a última frase do texto. Qual é o recurso estilístico utilizado?
16. Qual o significado desta nova comparação?
17. Quem é que, no tempo presente da narrativa, mora na casa?

Produção

1. Já viveu em casa de família como, por exemplo, dos seus avós? Como foi essa experiência?
2. Como era a casa dos seus avós? Lembra-se de alguns pormenores?
3. Gosta mais de viver em casa antigas ou em apartamentos novos? Justifique a sua resposta.
4. Quem tomava conta de si quando era pequeno? Que memórias tem desse tempo?
5. Na sua cultura, quem toma conta das crianças quando ainda são pequenas?



- Ouça a entrevista com José Luís Peixoto, em “A beleza das pequenas coisas”, conversas conduzidas por Bernardo Mendonça do jornal *Expresso*, podcast disponibilizado em 27-10-2017.
- Leia o poema “Palavras para a Minha Mãe”, incluído no livro de José Luís Peixoto, *A Casa, a Escuridão*, de 2002, cujos poemas foram construídos a partir do romance *Uma casa na escuridão*.



15. Pepetela, Parábola do Cágado Velho

Escritor angolano (Benguela, 1941). Licenciado em Sociologia, iniciou a actividade literária e política na Casa dos Estudantes do Império. Membro do MPLA, participou na governação de Angola e, depois de 1984, foi professor universitário. Recebeu o Prémio Camões em 1997. Em 1972 publicou o primeiro romance, *As aventuras de Ngunga*; escreveu mais de duas dezenas de romances, para além de teatro e crónica. O último romance foi publicado em 2016, *Se o passado não tivesse asas*.

Sobre Parábola do Cágado Velho | Publicado em 1997, está construído como alegoria: é a história de Ulume, das suas duas mulheres e filhos, no planalto do interior de Angola, em busca de um espaço que não tivesse sido atingido pela guerra civil. Num país arruinado pela guerra, que assolou aldeias e destruiu tradições, que opôs pais a filhos, irmãos a irmãos, o romance é o espelho da própria Angola. Na capacidade de reflectir sobre os acontecimentos, de mudar e de perdoar a dor e a destruição, estaria a chave para a paz.

Excerto de Parábola do Cágado Velho

Lisboa: Dom Quixote, 1996, 11-12



Ulume, o homem, olha o seu mundo.

Por vezes, a terra lhe parece estranha. Fica num planalto sem fim, embora se saiba que tudo acaba no mar. **Chanas**¹ e cursos de água por toda a parte. Junto dos rios tem florestas, nalguns pontos apenas **muxitos**,² aquelas matitas em baixas húmidas. As elevações são pequenas, excepto a Munda que corta a terra no sentido norte-sul. Nunca se vê o cume da Munda, sempre encoberto por espessos nevoeiros. O seu **kimbo**³ fica colado ao pé da **Munda**,⁴ outra forma de dizer montanha, na base de um morro encimado por grandes rochedos cinzentos, por vezes azuis. De cima do morro sai um regato que acaba por se **acoitar**,⁵ muito à frente, num rio largo, o Kuanza de todas as forças e maravilhas, quase fora do seu mundo. Desse regato tiram a água para as **nakas**,⁶ onde verdejam os legumes e o milho de **bandeiras**⁷ brancas. Nele também bebe o gado. Mesmo no tempo das piores secas a água do regato nunca falhou. No alto do morro ainda, existe a gruta de onde todos os dias sai um enorme cágado para ir beber a água da fonte. Palmeiras de folhas irrequietas rodeiam o kimbo, casando com mangueiras e bananeiras, pintando de verde escuro os amarelos e verdes esbatidos do **capim**⁸ e do milho.

Neste quadro familiar algo faz a terra se afigurar de repente estranha. É um momento especial a meio da tarde em que tudo parece parar. O vento não agita as palmas, as aves suspendem seus cantos, o sol brilha num azul profundo sem **fulgurações**.⁹ Até o **restolhar**¹⁰ dos insectos deixa de ser ouvido. Como se a vida ficasse em suspenso, só, na luminosidade dum céu **enxuto**.¹¹ Um instante apenas. E nem sempre acontece. O tempo precisa de estar limpo, de preferência depois de uma chuvada, a Lua tem de aparecer apesar do Sol, e no peito deve ter a angústia da espera.

Todos os dias sobe ao morro mais próximo, senta nas pedras a fumar o cachimbo que ele próprio talhou em madeira dura, e espera. A passagem do cágado velho, mais velho que ele pois já lá estava quando nasceu, e o momento da paragem do tempo. É um momento doloroso, pelo medo do estranho. Apesar das décadas passadas desde a primeira vez. Mas também é um instante de beleza, pois vê o mundo parado a seus pés. Como se um gesto fosse importante, essencial, mudando a ordem das coisas. Odeia e ama esse instante e dele não pode escapar.

Quando ainda muito jovem, falou disso aos outros. Ninguém notara, imaginação só dele.

VOCABULÁRIO

- ① Chana (grande planície sem arvoredo e alagada na época das chuvas) 乾涸地 ② Muxito (bosque) 叢林
③ Kimbo (povoado) 鎮 ④ Munda (montanha) 山 ⑤ Acoitar 引流 ⑥ Naka (terreno húmido para cultura) 渠
⑦ Bandeira 玉米穗 ⑧ Capim 草叢 ⑨ Fulguração 閃光 ⑩ Restolhar 沙沙聲 ⑪ Enxuto 乾燥的

15. Pepetela, Parábola do Cágado Velho

Descoberta e exploração

1. Quem é o protagonista da história?
2. Onde se passa a história de Ulume?
3. Sublinhe as palavras que são específicas da cultura angolana.
4. Ulume contemplava o seu mundo. Este parecia-lhe sempre igual?
5. Onde ficava a terra de Ulume? Parece-lhe que é possível localizar no mapa?
6. Faça uma lista com os elementos que fazem parte da terra que Ulume observa. Como pode caracterizar esta terra?
7. Porque é que a Munda era diferente das outras elevações de terreno?
8. Procure conhecer o rio Kuanza. Porque é que é chamado o rio “de todas as forças e maravilhas”?
9. Atente na descrição do kimbo de Ulume. Parece-lhe um bom lugar para viver?
10. Que percurso fazia o regato?
11. Quando é que acontecia o momento especial em que a terra ficava estranha?
12. Nesse momento especial tudo parecia parar. Faça uma lista com os factos que comprovam este facto.
13. Procure uma expressão sinónima de “tudo parece parar”.
14. Descreva o ritual diário de Ulume.
15. Por que razão Ulume pensa que o cágado é velho?
16. Ulume amava e odiava aquele instante especial. Explique por que razões ele sentia amor e sentia ódio.
17. Parece-lhe que Ulume era um homem especial?
18. Pensa que este ritual de Ulume, o homem, pode ter outro significado?

Produção

1. Qual o lugar onde mais gostou de estar a contemplar a paisagem? Porque é que era um lugar especial?
2. Para onde se retira quando precisa de pensar e tomar uma decisão importante?
3. Prefere reflectir sozinho ou prefere conversar sobre o assunto? Porquê?
4. Quem costuma procurar para conversar sobre a sua vida e pedir conselho?
5. Procura pensar sobre os seus problemas num lugar isolado ou num lugar com muita gente?



- Leia a entrevista com Pepetela, datada de Setembro de 2014, na rubrica “Folheando com... Pepetela”, no sítio do *Portal da Literatura*.
- Conheça também o romance de Pepetela, *Mayombe*, vendo o documentário feito pelo Programa para o Fomento do Livro e da Leitura - Ler Angola.



16. Pepetela, Parábola do Cágado Velho

Escritor angolano (Benguela, 1941). Licenciado em Sociologia, iniciou a actividade literária e política na Casa dos Estudantes do Império. Membro do MPLA, participou na governação de Angola e, depois de 1984, foi professor universitário. Recebeu o Prémio Camões em 1997. Em 1972 publicou o primeiro romance, *As aventuras de Ngunga*; escreveu mais de duas dezenas de romances, para além de teatro e crónica. O último romance foi publicado em 2016, *Se o passado não tivesse asas*.

Sobre Parábola do Cágado Velho | Publicado em 1997, está construído como alegoria: é a história de Ulume, das suas duas mulheres e filhos, no planalto do interior de Angola, em busca de um espaço que não tivesse sido atingido pela guerra civil. Num país arruinado pela guerra, que assolou aldeias e destruiu tradições, que opôs pais a filhos, irmãos a irmãos, o romance é o espelho da própria Angola. Na capacidade de reflectir sobre os acontecimentos, de mudar e de perdoar a dor e a destruição, estaria a chave para a paz.

Excerto de Parábola do Cágado Velho

Lisboa: Dom Quixote, 1996, 177-180



Foi de facto uma longa viagem. As pernas já não tinham a mesma força de anos anteriores e ia carregado com um fardo pesado. Não é fácil decidir sobre a vida duma pessoa. E ainda mais difícil se tratando de Munakazi. (...) Estava ainda um pouco ofegante, sentado no sítio de sempre, quando o cágado se aproximou a caminho da nascente. (...) Quando chegou muito perto do homem, este falou cágado velho, tu sabes muita coisa e venho te pedir conselho, desta vez tens de me responder pois é caso de vida ou de morte e Ulume foi contando o caso, desde que conheceu Munakazi e a cena da **granada**,¹ as hesitações dela e depois o casamento, os momentos bons e os momentos maus, o recuo para o Vale da Paz e a ameaça dela, finalmente a fuga sem uma explicação nem aviso prévio. (...)

- E o problema é agora eu saber se a devo aceitar (...). O importante é saber se tem a Muari razão, que quer que eu a deixe ficar connosco a nos aquecer o fim gelado das nossas vidas, ou se têm Luzolo e Kanda e os outros do vale, que me querem ver expulsá-la.

A Muari disse responde com o coração, mas ele está dividido entre a raiva ainda presente por me ter ferido e a dor que sinto da saudade dela. A culpa não foi só sua, se a teve. (...) Também tenho culpa, porque persegui um sonho irrereal. Quem o não fez? Quem pode pois culpar só o outro? (...) As crenças que eu tinha parecem hoje tão ridículas na loucura deste mundo... Ajuda-me, cágado velho, pois não sei o que fazer.

O cágado estava parado à frente de Ulume, uma pata no ar, a cabeça virada para ele. O homem percebeu.

- Estás a olhar para mim, cágado velho. Nos conhecemos desde que nasci. Mas é a primeira vez que olhas para mim. (...) Diz-me, então, devo fazer o que quero, aceitar Munakazi? Perdoar toda a tristeza que ela provocou com a sua traição? Aguentar o desprezo dos amigos e dos meus próprios filhos, que me considerarão um fraco? E com essa decisão indicar aos meus filhos que têm também de ganhar a coragem de se entenderem um com o outro?

O animal continuava parado, olhando para ele, enquanto lá fora, lá à volta deles, o Sol **dardejou**² amarelo-violetas de maneira especial para a Lua e o silêncio absoluto se instalou. (...) E tudo parou, os ruídos, o mundo, havendo só a luz do azul. E o cágado velho à sua frente, que baixou e levantou a cabeça três vezes, num sinal inconfundível de afirmação. (...)

Ulume deixou o animal beber e foi à entrada da gruta depositar **fuba**³ de milho. Depois foi ele próprio beber a água da sua infância. E uma alegria muito calma começou a preencher todos os seus vazios, com a pureza da água, com a mensagem do cágado, com o mundo voltado ao normal.

VOCABULÁRIO

- ① Granada 手榴彈 ② Dardejar 煥發(光) ③ Fuba de milho 玉米澱粉

16. Pepetela, Parábola do Cágado Velho

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Quem é a personagem principal?
2. Ulume sentia-se pesado depois da longa viagem. Por que motivos?
3. Leia o segundo parágrafo. Quem era Munakazi?
4. Porque é que Ulume pede conselho ao cágado velho?
5. Munakazi tinha fugido. Por que motivo Ulume pede agora conselho ao cágado velho?
6. Muari e Luzolo e Kanda têm opiniões contrárias em relação ao assunto. Explique porquê.
7. Quem são Muari, Luzolo e Kanda e que fica a saber sobre eles?
8. Muari diz que Ulume devia decidir com o coração. O que significa isto?
9. Ulume tem sentimentos opostos em relação a Munakazi. Quais são?
10. Parece-lhe que Ulume é um homem justo?
11. Como é que Ulume percebeu que o cágado estava a ouvi-lo?
12. Que razão impede Ulume de seguir o seu coração?
13. Ulume quer perdoar Munakazi. Qual é o significado deste perdão?
14. Como foi que a natureza respondeu à pergunta de Ulume sobre o perdão?
15. Porque é que Ulume deixou fuba de milho?
16. Ulume bebeu da água da nascente apenas para matar a sede? Justifique a sua resposta.
17. O que significa “o mundo voltado ao normal”?
18. Que representa o cágado velho?

Produção

1. Tem algum lugar preferido para reflectir e tomar decisões? O que o torna especial?
2. Em que situações escolhe pedir conselho?
3. A quem costuma pedir conselho? Porquê?
4. Segue os conselhos que lhe dão?
5. Costuma seguir o que lhe diz o seu coração?



- Tente conhecer os seguintes romances de Pepetela: *Muana Pó*, *O desejo de Kianda*, e *A montanha da água lilás*, publicados respectivamente em 1978, 1995 e 2000.
- Leia o livro *A Montanha Encantada*, livro infanto-juvenil da escritora brasileira Maria José Dupré, originalmente publicado em 1945.



17. José Eduardo Agualusa, Estação das Chuvas

Escritor angolano (Huambo, Angola, 1960). Estudou Agronomia e Silvicultura em Lisboa, mas dedicou-se ao jornalismo, na área de cultura e literatura, e à escrita literária a partir da década de 90. O seu primeiro livro, *A Conjura*, de 1988, recebeu o Prémio Revelação Sonangol. Além de romance, publicou contos, crónicas, teatro e literatura infantil; foi premiado por diversas vezes e traduzido em várias línguas. Publicou em 2017, *A sociedade dos sonhadores involuntários*.

Sobre Estação das Chuvas | Publicado em 1996, o romance conta a história da poetisa e historiadora Lúcia do Carmo Ferreira, desaparecida em Luanda, em 1992, após o recomeço da guerra civil, e mistura ficção e personagens reais, como são os escritores Viriato da Cruz e Mário Pinto de Andrade. O narrador, que é jornalista, procura descobrir o que aconteceu a Lúcia, reconstruindo o seu passado, desmistificando a história do movimento nacionalista angolano e identificando-se com o destino da poetisa.

Excerto de Estação das Chuvas

Lisboa: Dom Quixote, 1996, 39-41



O comboio estremeceu e começou a mover-se. Lúcia apertou com força a mão do avô. Em Canhoca saiu toda a gente. (...)

O amigo de Carmo Ferreira aguardava-os na **gare**¹: um velho magro e miúdo, manco de uma perna. Apesar do calor vestia fato escuro e chapéu de feltro. Tinha a barba e a **carapinha**² completamente brancas, uns olhos grandes e suaves. Lúcia achou-o parecido com o Pai Natal. Foram para casa dele e durante toda a tarde os dois amigos não trocaram palavra, sentados a jogar xadrez.

A menina aborreceu-se e foi para o quintal perseguir gafanhotos. Em Luanda, ela e Arturinho organizavam lutas de gafanhotos, entre si ou contra louva-a-deus, sendo que neste último caso os louva-a-deus ganhavam sempre. Eram como pequenos deuses traiçoeiros. Atacavam os gafanhotos pelas costas e devoravam-lhes os olhos. Lúcia via-os fazer isso muda de horror (de fascínio). A seguir Arturinho ia procurar uma pedra e matava os louva-a-deus.

Quando Lúcia regressou, ao fim da tarde, ainda os dois velhos estavam sentados um diante do outro, em absoluto silêncio. Pouco depois entrou uma senhora vestida de panos negros, colocou uma toalha bordada sobre a mesa, trouxe da cozinha uma **caçarola**³ com arroz e carne. (...)

Nessa noite deitaram-na sozinha num quarto enorme, numa cama onde se sentia perdida, e Lúcia teve dificuldade em adormecer. Ouvia, lá fora, a vida a palpar, numa densa teia feita de sussurros, de bruscões latidos, do **reco-reco**⁴ repetido das cigarras. Ruídos das noites do mato. Um remoto arrastar de corpos, um manso aproximar de passos. O luar, **coando-se**⁵ pelas frinchas da janela, agitava sombras nas paredes do quarto. E de novo um rumor de passos. Risos. Muito ao longe, afogado quase **lasso**,⁶ o ressoar ritmado dos **batuques**.⁷ (...)

Lúcia acordou estremunhada. O avô estava junto dela e sorria-lhe. O pai-natal foi acompanhá-los à estação e quando chegaram meteu-lhe na mão um pacotinho com caramelos. Ele e o avô abraçaram-se demoradamente. Por fim Carmo Ferreira separou-se, apertou a cabeça do velho entre as grossas mãos e disse-lhe: "Coragem, esta terra ainda será nossa".

VOCABULÁRIO

- ① Gare 月臺 ② Carapinha 短捲髮 ③ Caçarola 釉面砂鍋 ④ Reco-reco 竹刮板(巴西戰舞所用的一種樂器) ⑤ Coar-se 滲入 ⑥ Lasso 聲嘶力竭(隱喻) ⑦ Batuque 班圖舞

17. José Eduardo Agualusa, Estação das Chuvas

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Quem são as personagens?
2. Quem conta a história?
3. O comboio estremeceu e moveu-se. O que sentiu Lília?
4. Para onde viajava Lília com o avô?
5. Volte a ler o texto. De onde tinham partido?
6. Qual era o destino final do comboio? Localize-o no mapa de Angola.
7. Como era o amigo de Carmo Ferreira? Faça uma lista das características.
8. Porque é que Lília achava o amigo do Avô parecido com o Pai Natal?
9. Porque foi que Lília se aborreceu?
10. Leia o terceiro parágrafo do texto. As brincadeiras de Lília com Artur acontecem no mesmo tempo da viagem de Lília e do avô? Indique uma marca do texto para justificar a sua resposta.
11. Quanto tempo passou Lília a brincar sozinha? Com que se ocupou?
12. Procure as duas expressões que caracterizam a forma como os dois homens estiveram um com o outro.
13. Por que razão Lília se sentia perdida na cama onde passou a noite?
14. Que tipo de ruídos impediam que Lília adormecesse?
15. Além dos ruídos, o que é que também não deixava que Lília adormecesse?
16. Como imagina que seria o som do batuque “muito ao longe, afogado quase lasso”?
17. Qual lhe parece que fosse o grau de amizade do avô de Lília com o velho que parecia o pai-natal?
18. Que terra ainda seria deles? Quando foi que aconteceu esse facto?

Produção

1. Lembra-se de alguma viagem que tenha feito com os seus avós? Para onde viajaram?
2. Qual foi a sua primeira viagem de comboio? Qual o motivo da viagem?
3. Quais eram as suas brincadeiras favoritas quando era criança?
4. Com quem costumava brincar?
5. Recorda-se de algum medo ou susto que tenha tido em criança?



- Veja a entrevista de José Eduardo Agualusa e Mia Couto no episódio 10 do programa *Mar de Letras*, emitido na RTP2 e na RTP África, e produzido pela Panavideo, em 2012.
- Conheça a poesia de Viriato da Cruz, publicada em *Poemas*, em 1961 (Lisboa, Casa dos Estudantes do Império).



18. José Eduardo Agualusa, Estação das Chuvas

Escritor angolano (Huambo, Angola, 1960). Estudou Agronomia e Silvicultura em Lisboa, mas dedicou-se ao jornalismo, na área de cultura e literatura, e à escrita literária a partir da década de 90. O seu primeiro livro, *A Conjura*, de 1988, recebeu o Prémio Revelação Sonangol. Além de romance, publicou contos, crónicas, teatro e literatura infantil; foi premiado por diversas vezes e traduzido em várias línguas. Publicou em 2017, *A sociedade dos sonhadores involuntários*.

Sobre Estação das Chuvas | Publicado em 1996, o romance conta a história da poetisa e historiadora Lúcia do Carmo Ferreira, desaparecida em Luanda, em 1992, após o recomeço da guerra civil, e mistura ficção e personagens reais, como são os escritores Viriato da Cruz e Mário Pinto de Andrade. O narrador, que é jornalista, procura descobrir o que aconteceu a Lúcia, reconstruindo o seu passado, desmistificando a história do movimento nacionalista angolano e identificando-se com o destino da poetisa.

Excerto de Estação das Chuvas

Lisboa: Dom Quixote, 1996, 91-92



Quando Diogo Cão e os seus marinheiros desembarcaram na foz do Zaire e perguntaram aos habitantes como se chamava a região foi-lhes dito que era Soio. Mas Diogo Cão percebeu que os naturais lhe respondiam em bom português que era "Sonho, senhor", e ficou maravilhado, não tanto por encontrar, naquele fim do mundo, **gentio**¹ ilustrado no idioma lusitano mas, sobretudo, pela excelência e propriedade do nome.

O céu movia-se e gritava de compridos pássaros, os **pântanos**² pulsavam de estranhas formas de vida e o rio espalhava-se, escuro e pesado, por dentro do mar e era tão largo ali que a outra margem se confundia com o horizonte.

Em 1953 a paisagem era ainda quase idêntica, mas a localidade já não se chamava Sonho, e sim Santo António do Zaire. Naquele ano, o mesmo em que Lúcia se mudou para Berlim, nasceu ali um menino ao qual foi dado o nome de Tiago, mais propriamente Tiago de Santiago da Ressurreição André. Foi o primeiro menino, depois de sete irmãs. O pai era um ajudante de enfermeiro, natural da região, e a mãe uma senhora de M'Banza Congo, que se dedicava ao comércio de panos e se **vangloriava**³ de pertencer à **linhagem**⁴ real baçongo.

Santiago tinha uma memória prodigiosa. Contava episódios da sua infância precisando os mínimos pormenores, de tal maneira que me convenci de que os inventava à medida que ia falando. Mais tarde tive a certeza que não. Costumava fazer um jogo: lia-lhe uma página de um livro, sem pausas ou repetições, e uma semana depois ele vinha ter comigo e repetia letra por letra aquilo que eu lhe havia lido. Raramente falhava.

A mãe de Tiago queria que ele fosse padre. Pensava, logo que o menino tivesse idade, mandá-lo para o **Seminário**⁵. Mas as coisas não correram assim. Um dia, em Fevereiro de 1961, o pai de Tiago chegou a casa muito nervoso. "Parece", segredou, "que houve em Luanda qualquer coisa de muitíssima maldade, confusões de pretos contra brancos, brancos contra nós. Uma grande desgraça". No dia seguinte sabia-se que as prisões da capital haviam sido atacadas por grupos de homens armados de facas e **catanas**⁶ e que os portugueses, loucos de ódio e principalmente de pavor, tinham caído sobre os **musseques**⁷ e se estavam a matar pessoas.

VOCABULÁRIO

- ① Gentio 非教徒 ② Pântano 濕地 ③ Vangloriar 自誇 ④ Linhagem 血統
⑤ Seminário 神學院 ⑥ Catana 砍刀 ⑦ Musseque 貧民窟

18. José Eduardo Agualusa, Estação das Chuvas

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Qual é o nome completo da personagem principal?
2. Faça uma pesquisa sobre o rio Zaire. Qual é o outro nome deste rio?
3. Explique o que é a foz do Zaire.
4. Como se chama o lugar onde nascem os rios?
5. Procure no mapa a foz do rio Zaire. Onde fica?
6. Procure saber quando foi que Diogo Cão e os seus marinheiros desembarcaram na foz do rio Zaire.
7. Com o que foi que Diogo Cão se enganou?
8. Por que motivos Diogo Cão ficou admirado com o nome Sonho?
9. Porque é que o Soio era um sonho?
10. Explique por que é que o céu se movia e gritava?
11. O que foi que aconteceu em 1953?
12. Como era a família de Tiago?
13. Como é que o narrador comprovava a memória prodigiosa de Tiago?
14. Porque é que a mãe de Tiago queria mandá-lo para o seminário?
15. Procure saber o que aconteceu em Fevereiro de 1961.
16. Como foi que o pai de Tiago deu a notícia dos acontecimentos em Luanda?
17. Leia a fala do pai de Tiago. Qual parecia ser o seu estado de espírito?
18. Quais os dois grupos que se opunham no confronto?

Produção

1. Na sua cultura a memória é valorizada? Dê um exemplo.
2. Parece-lhe que memorizar factos e outras coisas é uma coisa do passado ou pensa que se mantém actual essa necessidade?
3. Costuma saber histórias, poemas e outros textos, de cor? Qual é o seu preferido?
4. Tem o hábito de saber coisas de memória? Quais?
5. Costuma usar uma agenda ou outro dispositivo para se lembrar do que tem de fazer?



- Leia o poema de Fernando Pessoa, "Padrão", que faz parte do livro *Mensagem*, sobre Diogo Cão e o padrão.
- Veja o filme *Cartas da Guerra*, realizado por Ivo M. Ferreira, que tem como base a obra *D'este viver aqui neste papel descripto: Cartas da guerra*, de António Lobo Antunes.
- Vejo o episódio 1 do documentário *A Guerra*, da autoria de Joaquim Furtado, da Rádio Televisão Portuguesa (RTP).



19. Ondjaki, Os Transparentes

Escritor angolano (Luanda, 1977). Formado em Sociologia em Lisboa, tem uma trajetória artística que passa pelo teatro, cinema e pintura. Em 2000 publicou a primeira obra de poesia, *Actu Sanguíneo*, e o primeiro romance, *Bom dia Camaradas*, em 2001. A sua produção literária multiplica-se pela narrativa, romance e conto, pela poesia e pela literatura infantil e juvenil. Está traduzido em diversas línguas e foi premiado em Portugal e no estrangeiro. Em 2018, publicou o livro de poesia *Há gente em casa*.

Sobre Os Transparentes | Romance publicado em 2012. Ganhou o Prémio José Saramago em 2013 e o Prix Littérature-Monde, em 2016, em França. Luanda é o cenário onde se desenvolve a história de um grupo surpreendente de personagens: de um lado, os habitantes de um prédio degradado, que procuram viver o quotidiano; do outro, a Luanda moderna e corrupta. Odonato e o seu processo de "transparência", símbolo da sobrevivência colectiva, feita de perda e cumplicidade, de que todos participam, são os protagonistas.

Excerto de Os Transparentes

Lisboa: Caminho, 2012, 18-21



o VendedorDeConchas apreciava pisar a areia da PraiaDallha e o chão brilhante dos seus pesadelos noturnos, tinha casa na vizinha província do Bengo mas apaixonara-se desde cedo por Luanda, por causa do seu mar salgado

chamava o mar de "mar salgado"

e olhava-o todos os dias com a mesma paixão, como se apenas ontem o tivesse conhecido com a pele e a língua

mergulhava devagar - tocasse uma mulher -, provava o sal e revivia o espanto de sempre mergulhava o tempo que os seus pulmões permitissem e o seu olhar aguentasse, conhecia as rochas e as canoas, os pescadores e as **quitandeiras**,^① tinha entranhado nas mãos o **odor**^② quente do peixe-seco que ajudava a arrumar e, sobretudo, conhecia as conchas

as conchas

- mais-velho, ainda me faça uma dessas varas de **ximbicar**^③

- você nem tem canoa, nem vai no mar

- ... eu quero uma vara para ximbicar na terra mesmo: vou ximbicar a vida!

na PraiaDallha era tido como jovem esforçado e honesto

ajudava a carregar peixe, sempre com um sorriso de simpatia e inocente sedução, vendia e fazia entregas, enviava sal e dinheiro para os familiares no Bengo

os pés do VendedorDeConchas, ao longo dos anos, cristalizaram-se como o fundo externo das canoas da Ilha, cacos e pregos apenas geravam uma ligeira comichão, mas apesar disso usava os chinelos de couro oferecidos pelo primo

o fio de **missangas**^④ ao pescoço

o saco de conchas às costas, os olhos semicerrados que não mostravam segredos (...)

foi num semáforo vermelho que o VendedorDeConchas conheceu o Cego, fez deslizar o saco das conchas para o chão e o Cego gostou do barulho das conchas

- você ouve bem?

- não percebo

- você ouve mesmo bem?

- escuto só normalmente. está a falar do barulho do saco? são conchas

- sei que são conchas. sou Cego mas conheço o barulho das coisas. não é isso...

- então é o quê?

- é que eu posso ouvir o barulho do sal dentro das conchas

o VendedorDeConchas não soube o que dizer, o Cego não disse nada

o sinal ficou verde mas nenhum deles se moveu

VOCABULÁRIO

① Quitandeira 菜販 ② Odor 氣味 ③ Ximbicar (remar à vara) 划槳 ④ Missangas 串珠

19. Ondjaki, Os Transparentes

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Assinale os aspectos que lhe parecem fora do normal.
2. Quem são as personagens?
3. Onde se passa a história?
4. Procure imagens da Praia da Ilha, em Luanda.
5. Que sentimento tinha o VendedorDeConchas por Luanda? Por que motivo?
6. Como é que o VendedorDeConchas manifestava essa paixão?
7. Como é que o VendedorDeConchas mergulhava? Explique.
8. Faça uma lista com os elementos que fazem parte da praia do VendedorDeConchas.
9. Observe a frase "vou ximbicar a vida". Que significa?
10. Caracterize o temperamento do VendedorDeConchas.
11. Descreva a figura do VendedorDeConchas.
12. Como é que o VendedorDeConchas sobrevivia?
13. Porque é que o VendedorDeConchas deixou escorregar o saco das conchas para o chão?
14. Porque é que o Cego ficou a conversar com o VendedorDeConchas?
15. Qual das personagens ouvia melhor? Justifique a sua resposta.
16. O Cego ouvia melhor porque era cego?
17. Atente na frase: "o VendedorDeConchas não soube o que dizer, o Cego não disse nada". Porque é que ficaram em silêncio?

Produção

1. Prefere viver no campo ou junto do mar? Quais as razões da sua opção?
2. Que vantagens tem o facto de viver junto do mar?
3. Na sua cultura, as pessoas gostam de apanhar sol e tomar banho de mar?
4. Como ocupa o seu tempo quando está na praia?
5. Qual é a comida que prefere quando está junto do mar?



- Veja a entrevista disponibilizada pela plataforma *Wook*, a propósito do livro de Ondjaki, *Há gente em casa*, de 2018, em que se fala sobre o que é ser escritor.
- Leia o texto lido por Ondjaki na Fundação José Saramago, a 5 de Novembro de 2013, quando ganhou o Prémio José Saramago 2013 com o romance *Os Transparentes*. O discurso está disponível na página oficial de Ondjaki: <http://www.kazukuta.com>.



20. Ondjaki, Os Transparentes

Escritor angolano (Luanda, 1977). Formado em Sociologia em Lisboa, tem uma trajetória artística que passa pelo teatro, cinema e pintura. Em 2000 publicou a primeira obra de poesia, *Actu Sanguíneo*, e o primeiro romance, *Bom dia Camaradas*, em 2001. A sua produção literária multiplica-se pela narrativa, romance e conto, pela poesia e pela literatura infantil e juvenil. Está traduzido em diversas línguas e foi premiado em Portugal e no estrangeiro. Em 2018, publicou o livro de poesia *Há gente em casa*.

Sobre Os Transparentes | Romance publicado em 2012. Ganhou o Prémio José Saramago em 2013 e o Prix Littérature-Monde, em 2016, em França. Luanda é o cenário onde se desenvolve a história de um grupo surpreendente de personagens: de um lado, os habitantes de um prédio degradado, que procuram viver o quotidiano; do outro, a Luanda moderna e corrupta. Odonato e o seu processo de “transparência”, símbolo da sobrevivência colectiva, feita de perda e cumplicidade, de que todos participam, são os protagonistas.

Excerto de Os Transparentes

Lisboa: Caminho, 2012, 199-200



Odonato sentiu que teria de falar

levantou-se devagar mirando as suas próprias mãos e deslocando-se com a lenta velocidade de um condenado tímido, havia entendido e incorporado as regras do jogo, e na curta caminhada procurou tirar da mente a ideia da profunda **apreensão**^① que sentia em relação ao filho

ajeitou-se na cadeira e continuou a mirar as mãos, levando a assistência a fazer o mesmo

ergueu-as, ambas, virando-as para a plateia como quem exhibe parte da sua intimidade, uma leve brisa fez dançar as antenas mais antigas e despertou o galo **zarolho**^② no outro prédio

- shiu... dorme lá, pá, ainda não é de madrugada, ó vizinho, queira lá desculpar as **intromitências**^③ do Galo-Camões, nossa **mascote**^④ cinematográfica - e João Devagar calou-se

- primeiro foram as mãos, as pontas dos dedos... não é que fosse assim de ficar transparente no corpo como eu agora estou mesmo a ficar, e vê-se... no início, as mãos é que ficaram mais leves... e as dores de estômago desapareceram...

Odonato virou as mãos para si mesmo e falava olhando só para elas

- um homem, para falar dele mesmo, fala das coisas do início... como as infâncias e as brincadeiras, as escolas e as meninas, a presença dos **tugas**^⑤ e as independências... e depois, coisa de ainda há pouco tempo, veio a falta de emprego, e de tanto procurar e sempre a não encontrar trabalho... um homem para de procurar para ficar em casa a pensar na vida e na família. no alimento da família. para evitar as despesas, come menos... um homem come menos para dar de comer aos filhos, como se fosse um passarinho... e aí me vieram as dores de estômago... e as dores de dentro, de uma pessoa ver que na crueldade dos dias, se não tem dinheiro, não tem como comer ou levar um filho ao hospital... e os dedos começaram a ficar transparentes... e as veias, e as mãos, os pés, os joelhos... mas a fome foi passando: foi assim que comecei a aceitar as minhas **transparências**^⑥... deixei de ter fome e me sinto cada vez mais leve... estes são os meus dias...

e voltou a olhar cada um nos olhos, incluindo o cego

- este é o corpo que eu agora tenho - levantou-se para voltar ao seu lugar
fez-se sentir o silêncio

VOCABULÁRIO

- ① Apreensão 忧虑 ② Zarolho 獨眼 ③ Intromitência 介入 ④ Mascote 吉祥物 ⑤ Tuga 葡萄牙人 ⑥ Transparência (變)透明

20. Ondjaki, Os Transparentes

Descoberta e exploração

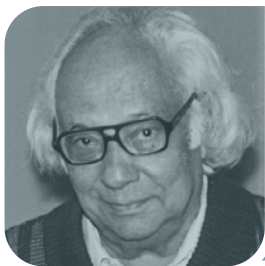
1. Leia o texto. Assinale os aspectos que lhe parecem fora do normal.
2. Quem é o protagonista?
3. Odonato "levantou-se devagar". Procura na mesma frase uma expressão com o mesmo sentido.
4. Explique a imagem: "deslocando-se com a lenta velocidade de um condenado tímido".
5. O que é que preocupava Odonato?
6. Qual foi o gesto repetido por Odonato?
7. Como se chamava o galo? Procure um adjectivo que justifique este nome.
8. Procure retratos de Camões. Descreva o retrato.
9. O que significa a palavra "intromitência"? Como se compõe?
10. Leia a primeira fala de Odonato. Qual era o seu estado presente?
11. Quais foram os primeiros sintomas da transparência de Odonato?
12. Atente na expressão: "a presença dos tugas e as independências". A que se refere Odonato?
13. Qual foi o principal motivo da mudança do estado de Odonato?
14. O que significa a comparação "como se fosse um passarinho"?
15. Odonato distingue entre dois tipos de dor. Quais são elas?
16. Como se caracteriza o estado "transparente" de Odonato?
17. Por que razão o romance se chama "Os transparentes"?

Produção

1. Observe o mapa de Angola, as suas fronteiras e divisões do território.
2. Procure fotografias de Luanda que mostrem as duas vertentes sociais de que fala o texto: os desfavorecidos e a classe com maior poder económico.
3. Procure saber o que é um "musseque".
4. Qual é o país africano de Língua Portuguesa que conhece melhor? Justifique.
5. Que país africano de Língua Portuguesa gostaria mais de visitar? Porquê?



- Conheça a página oficial de Ondjaki: <http://www.kazukuta.com>.
- Leia o livro de Ondjaki, *Os da minha rua*, publicado em 2007, tendo recebido o Grande Prémio APE (Associação Portuguesa de Escritores) no mesmo ano.
- Veja o documentário sobre a cidade de Luanda *Oxalá cresçam pitangas - histórias de Luanda*, lançado em 2006.



21. Baltasar Lopes, Chiquinho

Escritor cabo-verdiano (São Nicolau, 1907 - Lisboa, 1989). Formado em Direito e Filologia Românica, foi reitor do Liceu Gil Eanes em São Vicente. Em 1936, foi co-fundador da revista *Claridade*, núcleo do movimento literário com o mesmo nome. Além dos estudos linguísticos (*O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, 1945), publicou o romance *Chiquinho*, os contos *Os trabalhos e os dias*, em 1987, e o livro de poesia *Cântico da Manhã Futura*, em 1986, com o pseudónimo Osvaldo Alcântara.

Sobre Chiquinho | Publicado em 1947, incide sobre o panorama social de Cabo Verde na primeira metade do século XX, sobre a tragédia provocada pela seca e sobre a emigração como forma de sobrevivência. O protagonista é Chiquinho: conta a sua infância feliz em São Nicolau; a segunda parte decorre em São Vicente, contando o envolvimento literário e cultural e o primeiro amor; a última parte decorre na ilha de origem, para onde voltou como professor, contando como acabou por emigrar para a América.

Excerto de Chiquinho

Lisboa: África - literatura, arte e cultura, 1988, 61-63



Tói Mulato apanhou uma grande sova da sua dona. Levou sem uma lágrima. Só dizia:

- Não furtei, dona!
- Que fizeste então do milho?
- Não furtei, dona!
- Não queres dizer? Então levas até descobrires, menino de não-se-que-diga...

Como sempre que apanhava, Tói Mulato foi para nossa casa. Mas chegado ali, desabafou em choro.

- Por que levaste, Tói?

A avó deu-lhe dinheiro para comprar três litros de milho. Na volta foi **salvar**^① **nha**^② Lalaga, que estava doente. Encontrou-a muito fraca, com os meninos em volta da cama, chorando fome. Deixou um litro de milho. E a avó açoitou-o.

- Devias ter dito o que fizeste com o milho; a tua dona não te açoitaria...
- Ela não acreditava...
- Se a tua mãe estivesse viva, não apanhavas assim...

Mamãe-Velha, tão rigorosa connosco, era muito compassiva com os outros meninos. Tói Mulato, então, era os olhos da sua cara. (...)

Ela queria que Tói mulato ficasse connosco por algum tempo:

- Ao menos, assim, estás livre daquela **víbora**^③ velha...

Tói recusava insistentemente:

- Ela não pode dormir sozinha...

Apesar de criança, Tói Mulato era o homem da casa. Trabalhava de enxada como qualquer, nas hortas da dona. Quando ela estava doente, ele mesmo cozinhava os caldos. Ia buscar água e, havendo necessidade de cinco tostões, atravessava na horta e ia vender um feixinho de palha na Vila. Mas ninguém lhe chama menino fêmea. Todos o respeitavam:

- É o menino mais direito do Caleijão.

E tinha tempo para tudo. Na escola nunca falhava uma lição. Estudava pelos meus livros. Algumas vezes só podia preparar as lições à noite, à luz da vela de **purgueira**^④, quando a dona dormia. Apesar de tudo, era o **decurião**^⑤ da classe e o mais puro e habilidoso de todos nós.

A sua avó quase nunca saía. Quando a doença não a pregava na cama, ela passava o tempo no fogão, de pernas abraçando o **moidor**^⑥, e enxotando moscas com um pano. Diziam que ela estava afrouxando do juízo.

- Quanto anos tem a tua dona, Tói Mulato?
- Não sei. Ela é velha como areia, rapaz...

Mas os seus braços conservavam-se rijos para castigar de **lato**^⑦. Tói Mulato que o dissesse. Nunca entrávamos em sua casa. Tínhamos medo da sua cara de bruxa, um nariz curvo debaixo de dois olhos como brasa.

VOCABULÁRIO

- ① Salvar 問候 ② Nha 我的 ③ Víbora 惡毒的人(隱喻) ④ Purgueira (*Jatropha curcas*, das *Euphorbiaceae*) 麻瘋樹
- ⑤ Decurião (*chefe de turma*) 班長 ⑥ Moidor (*moedor*) 研磨機
- ⑦ Lato 皮帶

21. Baltasar Lopes, Chiquinho

Descoberta e exploração

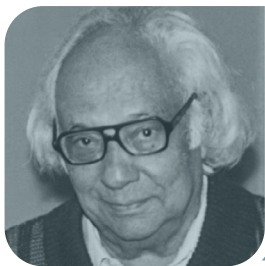
1. Qual é a personagem principal?
2. Leia a informação sobre o romance: quem conta a história?
3. Caracterize o narrador e diga que relação tinha com Tói Mulato.
4. A história de Tói Mulato que o narrador está a contar é recente? Justifique a sua resposta.
5. Quem é a "dona" de Tói Mulato?
6. De que foi que a avó acusou Tói Mulato?
7. Qual foi o castigo de Tói Mulato?
8. Tói Mulato não tinha furtado o milho. Então porque é que não levou os três litros que a avó lhe mandou comprar?
9. Procure saber que forma é "nha".
10. A avó deu-lhe dinheiro para comprar três litros de milho. Parece-lhe que é esta a medida correcta para medir milho?
11. Como é que o narrador chama a sua avó?
12. Parece-lhe que Mamãe Velha gostava de Tói Mulato? Porquê?
13. O narrador diz que "Tói Mulato era o homem da casa". Por que razão?
14. O que seria um "menino fêmea"?
15. Procure saber onde fica a localidade referida: Caleijão.
16. Por que é que todos respeitavam Tói Mulato?
17. Qual a expressão que Tói Mulato utilizava para dizer que a avó já tinha muita idade? Que significado tem?
18. Caracterize a avó de Tói Mulato.

Produção

1. Procure no mapa o Arquipélago de Cabo Verde e faça uma lista com o nome das ilhas que o compõem.
2. Procure fotografias da Ilha de São Nicolau, da Ribeira Brava e do Caleijão.
3. Um dos problemas do Arquipélago de Cabo Verde é a seca prolongada. No seu país também há regiões mais secas?
4. A emigração foi uma das formas de compensar as dificuldades da vida em Cabo Verde. No seu país as pessoas também emigram? Porquê?
5. Qual é o destino de emigração mais procurado pelas pessoas do seu país?



- Veja o documentário "Cabo Verde", exibido no Brasil pela Rede Globo de Televisão, em 2014.
- Conheça a *Claridade*, revista literária e cultural fundada em 1936 em Cabo Verde, por Manuel Lopes, Baltasar Lopes (com o pseudónimo poético Osvaldo Alcântara) e Jorge Barbosa.
- Ouça a morna cantada por Cesária Évora, "Vida Tem Um So Vida", do álbum *Miss Perfumado*, lançado em 1992.



22. Baltasar Lopes, Chiquinho

Escritor cabo-verdiano (São Nicolau, 1907 - Lisboa, 1989). Formado em Direito e Filologia Românica, foi reitor do Liceu Gil Eanes em São Vicente. Em 1936, foi co-fundador da revista *Claridade*, núcleo do movimento literário com o mesmo nome. Além dos estudos linguísticos (*O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, 1945), publicou o romance *Chiquinho*, os contos *Os trabalhos e os dias*, em 1987, e o livro de poesia *Cântico da Manhã Futura*, em 1986, com o pseudónimo Osvaldo Alcântara.

Sobre Chiquinho | Publicado em 1947, incide sobre o panorama social de Cabo Verde na primeira metade do século XX, sobre a tragédia provocada pela seca e sobre a emigração como forma de sobrevivência. O protagonista é Chiquinho: conta a sua infância feliz em São Nicolau; a segunda parte decorre em São Vicente, contando o envolvimento literário e cultural e o primeiro amor; a última parte decorre na ilha de origem, para onde voltou como professor, contando como acabou por emigrar para a América.

Excerto de Chiquinho

Lisboa: África - literatura, arte e cultura, 1988, 289-291



O mar também era o meu caminho. Papai, com as notícias que lhe iam chegando, perguntou-me se eu queria ir para a América. Tio Joca apoiou imediatamente. Mamãe lamentou o destino que me obrigava a largar a minha terra. Mas também, ela não queria que eu ficasse pasmando pelo Caleijão, como gente sem eira nem beira.

Tio Joca convenceu-me:

- Não hás-de querer acabar a tua vida entre estas rochas, vendendo açúcar e petróleo numa tasquinha...

Escrevi para S. Vicente uma carta a Andrezinho propondo que o grupo emigrasse em massa. O Erudito foi sóbrio na resposta. "Vai tu, se queres. Eu fico. Tenho cá muito que fazer". E acabou pedindo-me que da América lhe mandasse documentação sobre a maneira de viver dos nossos emigrantes. Estudasse principalmente a actividade associativa dos caboverdeanos. O grupo ficava à espera de um romance sobre o caboverdeano emigrado. Os meus contos românticos da Fonte de Cónego faziam de mim o novelista oficial do Grémio.

Nonó mandou-me da Boa Vista a letra da **morna**^① que fez à minha partida. No **disfarce**^② **poético**^③, era Nuninha que se adivinhava na "sereia de olhos cor da noite" que me acompanharia na minha peregrinação por esse mundo mais distante que grito em noite de temporal. S. Vicente, em que ela vivia, era a terra pequenina, filha do Céu e do Oceano.

Titio Joca e José Lima foram os grandes animadores que nessa ocasião me ampararam. A América foi ficando para mim uma **Terra de Promissão**^④ em que eu poderia realizar todas as minhas **virtualidades**^⑤. E uma grande esperança me invadiu. Retomei contacto com os meus livros.

O sr. Euclides Varanda abraçou-me, cheio de inveja nos olhos claros:

- Meu jovem, amigo, meu feliz amigo!

E o velho confiou-me o testamento espiritual que preparava para o seu filho **malogrado**^⑥ em Gaída.

- Espírito, Chiquinho! Cultiva e eleva o teu espírito nesse grande país que os fados não me permitiram conhecer... Não te deixes avassalar pela Matéria... Acredita na palavra de um velho: acima de nós todos têm uma vida que só raros podem enxergar, com os olhos enevoados... Tu és dos bons. E, depois, sabes, não somos nada quando só nos vemos a nós mesmos; mas que beleza, se a gente tem a coragem de alongar os olhos mais para diante!

VOCABULÁRIO

- ① Morna 溫情 ② Disfarce 表象 ③ Poético 詩意的 ④ Terra de Promissão 樂土
⑤ Virtualidade 實質 ⑥ Malogrado 挫敗的

22. Baltasar Lopes, Chiquinho

Descoberta e exploração

1. Leia todo o texto e a informação sobre o romance. Quem conta a história?
2. Onde se passa a história?
3. Leia a primeira frase do texto. Quem também já tinha seguido o caminho do mar?
4. Qual foi a reacção da família?
5. "Ela não queria que eu ficasse pasmando pelo Caleijão, como gente sem eira nem beira". Procure no texto uma frase com sentido semelhante.
6. Chiquinho escreveu para S. Vicente. Leia a ficha sobre o livro. O que é que Chiquinho tinha estado a fazer em S. Vicente?
7. Encontre no texto uma palavra sinónima de "grupo".
8. Qual era o tema de estudo que mais interessava Chiquinho e os seus amigos intelectuais? Justifique a sua resposta.
9. Procure saber o que é a morna.
10. Porque é que a "sereia de olhos cor da noite" era um disfarce poético?
11. Por que razão Chiquinho via a América como uma Terra de Promissão?
12. Qual foi o sinal de esperança sentido por Chiquinho?
13. Parece-lhe que a inveja sentida pelo sr. Euclides era um mau sentimento?
14. Encontre duas palavras de sentido oposto na fala do sr. Euclides.
15. O que quer o sr. Euclides dizer quando pede a Chiquinho que não se deixe "avassalar pela matéria"?
16. Que conselho é que o sr. Euclides dá a Chiquinho?
17. Faça uma pesquisa sobre a emigração de Cabo Verde.

Produção

1. Na sua cultura é usual as pessoas migrarem, seja dentro do país, seja para outro país?
2. Quais são os motivos que levam as pessoas a emigrar?
3. Quem costuma emigrar? Toda a família emigra?
4. Quando as crianças não acompanham os pais, quem fica com elas?
5. Pensa que um dia possa emigrar?



- Ouça a morna cantada por Cesária Évora, "Sodade", que pertence ao álbum *Miss Perfumado*, lançado em 1992.
- Conheça a poesia de Osvaldo Alcântara, pseudónimo poético de Baltasar Lopes, publicada em *Cântico da Manhã Futura*, em 1986.
- Veja o filme *O Ilhéu de Contenda*, realizado em 1995 por Leão Lopes, com banda sonora de Cesária Évora.



23. Germano Almeida, O meu Poeta

Escritor cabo-verdiano (Ilha da Boa Vista, 1945). Licenciado em Direito, vive em S. Vicente onde exerce advocacia. Foi deputado e Procurador-Geral da República. É um dos romancistas mais conhecidos de Cabo Verde, cultivando o conto e o romance, caracterizados sobretudo pelo humor e pela sátira. Publicou a primeira obra em 1982, *O dia das calças roladas*. Foi traduzido em diversas línguas e ganhou o Prémio Camões em 2018. *O Fiel Defunto* foi a sua última obra publicada, em 2018.

Sobre O meu Poeta | Publicado em 1989, é um dos melhores exemplos do humor e do sarcasmo acutilantes que caracterizam a escrita de G. Almeida. Pela voz irónica do narrador, conta-se o percurso ascendente do Poeta, figura dúbia e versátil, tanto nos seus supostos dotes literários como políticos. Desvendam-se os meandros pouco transparentes de determinadas situações e o comportamento estudado e manipulador das personagens com vista a alcançar e manter o seu estatuto, abordando o tema da fragilidade e da vaidade humanas.

Excerto de O meu Poeta

Lisboa: Caminho, 1992, 35-36



Compreendo que te preocupes em saber como pude eu, homem humilde, conhecer e ser íntimo de alguém tão ilustre e tão profundamente marcante da nossa época e da nossa história e que é praticamente o símbolo vivo da nossa literatura. Ora posso resumir dizendo-te que conheci o Meu Poeta mais ou menos como te conheci a ti, embora seja verdade que te encontrei a **pregar**^① a Revolução enquanto ele, conforme me disse depois, nessa época já estava fazendo a revolução. Suponho que terá sido esta a razão por que vocês não se conheceram naquele período. Se não estou em erro não pregaste aqui mais que oito dias porque dizias que a mensagem precisava ser levada a todas as ilhas e as férias eram **escassas**^②. Lembro-me que por um momento decidi correr atrás dos teus olhos embora já me tivesses dito que não havia tempo para amor, mais importante que tudo era despertar as pessoas para a grande aventura da libertação porque todos nós de mãos dadas deveríamos criar uma grande e próspera pátria africana na unidade com os nossos irmãos da Guiné-Bissau. É certo que eu adorava ouvir-te, mas as longas horas que passei ao pé de ti foram mais para prolongar a contemplação do teu sorriso. Não que não achasse bonitas as coisas que dizias. Por exemplo, quando falavas da dignidade do nosso povo durante quinhentos anos ultrajada e da necessidade da sua **redenção**^③ pelo direito ao trabalho, à educação e à saúde eu sentia um **frémito**^④ em todo o meu corpo. Mas sinceramente, nunca o soube identificar se proveniente das tuas palavras se apenas da tua voz porque nessas alturas o que eu sobretudo queria era sentar-te nos meus joelhos e dizer-te que te amava. Imaginava-te junto a mim frágil e cariciosa, embora fosses forte e independente e falasses em igualdade do homem e da mulher e eu não sabia aproximar-me de ti senão com os meus olhos. Mas passados os oito dias achaste que já tinhas lançado a semente nesta terra sedenta de liberdade e partiste outra vez. Pelo menos em mim tinha ficado a semente da tua voz mas foi em vão que te procurei nessa noite por toda a cidade. Acabei felizmente por encontrar o Meu Poeta quando já te afogava em **grogue**^⑤ e ele foi amável em acompanhar-me num copo embora tivesse imposto a condição de ser ele a pagar. Acabei por aceitar porque de facto não estava propriamente abonado de dinheiro e foi enquanto bebíamos que me falou da revolução que estava em marcha e também da poesia que escrevia.

VOCABULÁRIO

- ① Pregar 傳道 ② Escassa 稀缺 ③ Redenção 換回 ④ Frémito 震顫 ⑤ Grogue 喝醉

23. Germano Almeida, O meu Poeta

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Quem conta a história?
2. A quem é que o narrador conta a história?
3. Onde se passa a história? Procure informação no texto para confirmar a sua resposta.
4. Procure o arquipélago de Cabo Verde no mapa de África e veja a que distância se encontra da Guiné-Bissau.
5. A que pergunta o narrador pretende responder com este texto?
6. Qual era o estatuto do Poeta?
7. O narrador conheceu a moça quando ela esteve na ilha a "pregar a revolução". O que significa "pregar a revolução"?
8. Parece-lhe que a moça fazia a revolução a tempo inteiro? Porquê?
9. Qual era a revolução que pregava a moça? Faça uma lista das suas ideias.
10. Leia a frase: "eu sentia um frémito em todo o meu corpo". Este frémito do narrador era porque participava do entusiasmo político da moça? Justifique a sua resposta.
11. Qual a diferença entre a realidade e a imaginação do narrador em relação à moça?
12. Parece-lhe que o narrador tinha esperança de ser correspondido?
13. Quanto tempo depois de chegar é que a moça voltou a partir?
14. Porque é que "foi em vão" que o narrador procurou a moça naquela noite?
15. O narrador "afogava a moça em grogue". Que significa esta imagem?
16. O Poeta e a moça estavam em momentos diferentes da revolução. Porquê?
17. Por que motivo o narrador chama o poeta de "Meu Poeta"?
18. Procure saber quando foi a independência de Cabo Verde.

Produção

1. Na sua cultura a poesia está relacionada com a vida do dia-a-dia e mesmo com a política? Dê exemplos.
2. Conhece poetas importantes que tenham também sido políticos? Ou políticos que tenham escrito poesia?
3. Pensa que a poesia tem assuntos e temas mais adequados do que outros como, por exemplo, o amor e a amizade?
4. Gosta de escrever poesia?
5. Gostava de um dia ser conhecido como poeta?



- Veja a entrevista dada por Germano Almeida à plataforma Wook sobre a publicação de *O Fiel Defunto*, em 2018.
- Conheça o samba "Meu Poeta" do álbum *Batuques e Romances*, do compositor e cantor brasileiro Arlindo Cruz, lançado em 2011.



24. Germano Almeida, O meu Poeta

Escritor cabo-verdiano (Ilha da Boa Vista, 1945). Licenciado em Direito, vive em S. Vicente onde exerce advocacia. Foi deputado e Procurador-Geral da República. É um dos romancistas mais conhecidos de Cabo Verde, cultivando o conto e o romance, caracterizados sobretudo pelo humor e pela sátira. Publicou a primeira obra em 1982, *O dia das calças roladas*. Foi traduzido em diversas línguas e ganhou o Prémio Camões em 2018. *O Fiel Defunto* foi a sua última obra publicada, em 2018.

Sobre O meu Poeta | Publicado em 1989, é um dos melhores exemplos do humor e do sarcasmo acutilantes que caracterizam a escrita de G. Almeida. Pela voz irónica do narrador, conta-se o percurso ascendente do Poeta, figura dúbia e versátil, tanto nos seus supostos dotes literários como políticos. Desvendam-se os meandros pouco transparentes de determinadas situações e o comportamento estudado e manipulador das personagens com vista a alcançar e manter o seu estatuto, abordando o tema da fragilidade e da vaidade humanas.

Excerto de O meu Poeta

Lisboa: Caminho, 1992, 37-38



Naquele tempo ainda o Meu Poeta não fumava cachimbo e, como vim a ver, ainda estava a treinar-se na arte de **versejar**.^① Como passei a frequentar a sua casa, tive oportunidade de muitas vezes o encontrar em laboriosa arrumação de palavras em forma de versos, uma poesia que, confesso-te humildemente, levei muitos anos a conseguir alcançar. Verifiquei porém que nem só em poesia ele escrevia, pelo contrário metia a sua colherada em todos os demais géneros literários, razão aliás por que pretende que um dos capítulos das memórias que vamos escrever tenha como título Nenhum Género Literário Inventado Me Foi Estranho, como suprema homenagem a estas artes humanas que lhe deram fama, glória e prestígio.

Depois de mais familiarizado com o Meu Poeta comecei a permitir-me fazer pouco caso da sua arte e mesmo uma vez, com certa **displicência**,^② classifiquei-lhe um poema de obeso. A palavra tinha-me ocorrido na altura enquanto lia o que me pareceu apenas um amontoado de palavras e como ele tivesse rido ironicamente, acrescentei com **azedume**^③ que aliás toda a sua poesia era obesa, demasiado obesa. Precisa de um toque de genialidade para se estilizar e ser, já não digo comestível, mas pelo menos bebível. Assim não passa pela garganta.

Nunca, porém e felizmente, consegui que o Meu Poeta desanimasse de escrever ou de me ler os seus poemas, que eu tragava sempre acompanhados de pequenos golinhos de whisky da sua garrafeira, pois que estava sem trabalho e como já comia à custa da minha família passei a beber à custa do Meu Poeta.

Só muitos meses depois de conhecer o Meu Poeta é que intuí a sua profissão porque ele nunca a caracterizou perfeitamente e apenas me dizia trabalhar directamente com a Praia. Mas o certo é que era um trabalho que não lhe dava muito que fazer nem lhe exigia horas fixas e assim tivemos muito tempo para passear e conversar. O Meu Poeta foi toda a vida um curioso insaciável e por isso estava constantemente preocupado com a opinião que as pessoas tinham sobre todas as coisas e muitas vezes reparei que ele anotava num pequeno caderninho de que andava sempre munido qualquer comentário que alguém fizesse sobre qualquer assunto de interesse nacional, fosse a favor fosse contra.

VOCABULÁRIO

- ① Versejar 押韻 ② Displicência 不經意 ③ Azedume 譏諷

24. Germano Almeida, O meu Poeta

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Quem conta a história?
2. Quem é o protagonista?
3. Onde se passa a história? Procure informação no texto para confirmar a sua resposta.
4. Que tipo de texto é que o narrador diz que vai escrever?
5. Localize a cidade da Praia no mapa.
6. Naquele tempo, que coisas o Meu Poeta ainda não fazia?
7. Como é que o narrador define "poesia"?
8. Qual será o assunto do capítulo do livro de memórias com o título "Nenhum Género Literário Inventado Me Foi Estranho"?
9. Que estatuto tinha o Poeta?
10. O narrador classificou um poema do Poeta como "obeso". Que expressão, no texto, corresponde a "obeso"?
11. Que palavras usa o narrador para dizer que os poemas do Poeta não se conseguem ler?
12. Segundo o narrador, o que é que faltava ao Poeta?
13. Qual era a situação económica do narrador?
14. Parece-lhe que o Poeta valorizava a má opinião que o narrador tinha da sua poesia?
15. Porque é que o narrador acompanhava sempre as leituras dos poemas com whisky?
16. Leia o último parágrafo. Por que razão o narrador diz que o Poeta era um "curioso insaciável"?
17. O narrador diz que só mais tarde intuiu qual era a profissão do poeta. Qual seria? Justifique a sua resposta.
18. Por que motivo o narrador chama o Poeta de "Meu Poeta"?

Produção

1. Qual é o seu género literário preferido? Porquê?
2. Dentro da literatura do seu país, qual é o seu poeta favorito?
3. Prefere romances que falem de tempos passados ou que falem dos dias de hoje? Dê alguns exemplos dos seus preferidos.
4. Quais são as personagens com quem mais se identifica, o herói ou o vilão?
5. Gosta de ir ao cinema ver filmes adaptados de grandes romances? De qual gostou mais? Porquê?



- Veja a entrevista dada por Germano Almeida à TV Senado, no programa "Leituras", apresentado por Maurício Melo Júnior, em Junho de 2012.
- Veja o filme *Os dois irmãos*, realizado por Francisco Manso, produzido pela Take2000 e pelo Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde, lançado em 2018, baseado no romance de Germano Almeida.



25. P.Chiziane, Niketche. Uma História de Poligamia

Paulina Chiziane: Escritora moçambicana (Manjacaze, província de Gaza, 1955). Cresceu nos subúrbios de Maputo e militou na Frelimo. Deixou a militância política para se dedicar à escrita literária, começando por publicar contos na imprensa moçambicana em 1984. O seu primeiro romance, *Balada do amor ao vento*, foi publicado em 1990 e *Niketche* é a sua quarta obra de ficção (2002). O último livro, de 2017, chama-se *O Canto dos escravos*.

Sobre Niketche. Uma História de Poligamia | Publicado em 2002, o romance ganhou o primeiro Prémio José Craveirinha de Literatura instituído pelo AEMO (Associação Escritores Moçambicanos) em 2003, juntamente com Mia Couto. Conta a história de Rami que, casada com Tony há vinte anos, descobre que o marido tem outras mulheres. Pondo à prova o seu amor e a sua força, Rami reúne as mulheres, forçando Tony a regularizar a situação de cada uma delas através do lobolo. No final, cada uma segue o seu destino e Rami encontrou a sua forma de ser feliz.

Excerto de Niketche. Uma História de Poligamia

Lisboa: Caminho, 2008, 11-13



Um estrondo ouve-se do lado de lá. Uma bomba. Mina antipessoal. Deve ser a guerra a regressar outra vez. Penso em esconder-me. Em fugir. O estrondo espanta os pássaros que voam para a segurança das alturas. Não. Não deve ser o projectil de uma bala. Talvez sejam dois carros em **colisão**^① pela estrada fora. Lanço os olhos curiosos para a estrada. Não vejo nada. Apenas silêncio. Sinto um tremor ligeiro dentro do peito e fico imóvel por uns instantes. Um bando de vizinhas caminham na minha direcção.

- Rami!
- O que foi?
- O carro.

Os seus braços movem-se como ondas mansas, prontas para abrandar o tumulto. Há emoção em cada gesto. Há um tom de piedade, leve e **dissimulado**,^② em cada olhar, que faz crescer em mim o **sobressalto**.^③

- Carro?
- Sim. O vidro.
- Vidro?
- Sim. Vidro do carro.
- Ah! Quem foi?
- O Betinho.
- Ah?

Do alto do céu desliza um punhal invisível contra o meu peito. Ganho a mudez das pedras, estou aterrada. Consigo apenas suspirar: ah, Betinho, meu **caçulinha**!^④ Aquele carro é de homem rico. O que será de mim? (...)

O Betinho vem correndo como uma bala, esconde-se no quarto e aguarda o castigo. Persigo-o. Já tenho o fim-de-semana estragado, o meu domingo foi invadido pela desgraça. Preciso de gritar para vomitar este **fel**.^⑤ Preciso de ralar para afastar esta dor. Preciso de castigar alguém para sentir que vivo.

- Betinho!
Não consigo gritar. No rosto de Betinho, as lágrimas brilham como luar. A tristeza do Betinho é a inocência a **transbordar**.^⑥ O choro do Betinho é tão doce como um passarinho a piar. O seu tremor abana o corpo todo como um arbusto baloiçando as flores na leveza do vento. (...)

- Foi a manga, mãe.
- Manga?
- Sim, aquela madura, lá no alto.

Levanto os olhos para a mangueira. A manga baloiça serena na brisa. É uma manga apetecível, sim senhor. Redonda. Jovem. E o Betinho queria interromper-lhe o voo na flor da vida, muito verde, ainda.

- Ah, Betinho, o que fizeste de mim?
- Castiga-me, mãe.

A voz do Betinho baloiça nos meus ouvidos como o **sibilar**^⑦ doce dos pinheiros e **dilui**^⑧ a minha raiva em piedade. Lindo filho, este meu. No lugar do perdão pede um castigo, homem justo tenho eu aqui. Fico enternecida. Encantada. A zanga se desfaz. Sinto orgulho de mãe.

VOCABULÁRIO

- ① Colisão 碰撞 ② Dissimulado 掩飾的 ③ Sobressalto 衝擊 ④ Caçula 寶貝 (年幼的)
⑤ Fel 怒氣 ⑥ Transbordar 汎濫 (隱喻) ⑦ Sibilar 嘶嘶聲 ⑧ Diluir 淡化

25. P.Chiziane, Niketche. Uma História de Poligamia

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Quais são as personagens?
2. Quem conta a história?
3. Leia os dois primeiros parágrafos do texto. Por que razão Rami pensou em esconder-se e fugir? Justifique a sua resposta com uma expressão do texto.
4. O que é que Rami pensou que tinha provocado o estrondo?
5. Que notícia traziam as vizinhas?
6. O que significa “os seus braços movem-se como ondas mansas”?
7. Como reagiu Rami? Encontre três expressões que mostram o seu sentimento.
8. Por que razão Rami ficou aterrada?
9. Rami diz que Betinho é o seu “caçulinha”. Que ordem ocupa no número dos filhos de Rami?
10. Que significa “Betinho vem correndo como uma bala”?
11. Como se chama o recurso estilístico utilizado? Qual a sua função?
12. Encontre três verbos que mostrem como Rami estava zangada com o filho.
13. Rami acha que o filho é culpado ou inocente? Justifique com uma expressão do texto.
14. Rami compara o filho a um passarinho e a um arbusto. Porquê?
15. Tente imaginar como é que Betinho partiu o vidro do carro.
16. Porque é que aquela manga era apetecível?
17. Porque é que Rami sente orgulho do seu filho?
18. Atente na expressão: “a voz do Betinho baloiça nos meus ouvidos como o sibilar doce dos pinheiros”. Qual foi o efeito da voz do filho em Rami? Porquê?

Produção

1. Lembra-se de algum desastre que lhe tenha acontecido na infância como aconteceu a Betinho?
2. Os seus pais costumavam castigá-lo? De que forma?
3. Na sua cultura é costume os pais castigarem os seus filhos?
4. Como pensa que as crianças podem ou devem ser ensinadas?
5. Como é a relação entre alunos e professores na sua cultura?



- Conheça e leia o romance *Menino de Engenho*, do escritor brasileiro José Lins do Rego, publicado em 1932.
- Veja o filme *Aniki Bóbo*, de 1942, primeiro filme do conhecido realizador português Manoel de Oliveira.



26. P.Chiziane, Niketche. Uma História de Poligamia

Paulina Chiziane: Escritora moçambicana (Manjacaze, província de Gaza, 1955). Cresceu nos subúrbios de Maputo e militou na Frelimo. Deixou a militância política para se dedicar à escrita literária, começando por publicar contos na imprensa moçambicana em 1984. O seu primeiro romance, *Balada do amor ao vento*, foi publicado em 1990 e *Niketche* é a sua quarta obra de ficção (2002). O último livro, de 2017, chama-se *O Canto dos escravos*.

Sobre Niketche. Uma História de Poligamia | Publicado em 2002, o romance ganhou o primeiro Prémio José Craveirinha de Literatura instituído pelo AEMO (Associação Escritores Moçambicanos) em 2003, juntamente com Mia Couto. Conta a história de Rami que, casada com Tony há vinte anos, descobre que o marido tem outras mulheres. Pondo à prova o seu amor e a sua força, Rami reúne as mulheres, forçando Tony a regularizar a situação de cada uma delas através do lobolo. No final, cada uma segue o seu destino e Rami encontrou a sua forma de ser feliz.

Excerto de Niketche. Uma História de Poligamia

Lisboa: Caminho, 2008, 254-255



As palavras de Lu são amargas mas curam. As mulheres deviam ser mais amigas, mais solidárias. Somos a maioria, a força está do nosso lado. Se juntarmos as mãos podemos transformar o mundo. As guerras para a conquista de um amor acabado consomem o nosso tempo e a nossa melhor energia. Ingenuamente, tentamos conquistar um mundo já conquistado pela terrível força da destruição.

- Rami, neste mundo, quem é bom ganha o inferno. Eu sou má, Rami, e vivo no céu.

- Não és má. Lu!

- Sou, sim. Penso em mim e primeiro lugar. Defendo-me. Sem armas, mas defendo-me.

Penso em mim. Os meus filhos **varões**^① comem primeiro à mesa. Como o pai. Do frango comem os melhores pedaços e para as irmãs deixam as asas e as patas.

- Entendo, Lu. Mas não me disseste ainda nada sobre o Vito.

- Não sei, Rami.

- Lu, combate esse medo e parte em busca do amor que te aguarda. Diz sim ao amor e deixa que ele te **cicatrize**^② as feridas mais profundas, ó Lu!

- Eu não temo o amor, temo o sofrimento.

- Preferes **vogar**^③ na noite para não seres ofuscada pela luz do amanhecer. Preferes ser o pirilampo das savanas para não seres açoitada pelo **marulhar**^④ eterno das ondas. Receias o amor por causa da dor.

Penso um pouco. Aos rapazes ensino o amor-próprio, nunca disse nada sobre o amor ao próximo. Às minhas filhas ensino o amor ao próximo e pouco digo sobre o amor-próprio. Transmito às mulheres a cultura da resignação e do silêncio, tal como aprendi da minha mãe. E a minha mãe aprendeu da sua mãe. Foi sempre assim desde tempos sem memória. Como podia eu imaginar que estava a paralisar as asas das meninas à boca de nascença, a vendar os seus olhos antes de conhecerem as cores da vida?

- Pensa na vida e esquece o passado. Casa-te. E conjuga o verbo amar com letra maiúscula. Na sociedade terás mais prestígio e estatuto.

- Fui **lolobada**^⑤, sou reconhecida. O que falta?

- A lei é mais forte que a tradição.

- Estou bem assim.

- Não estás bem coisa nenhuma. Vendo bem, o que são vocês as quatro? Para quê suportar as ridículas reuniões de esposas quando podes ter o teu espaço? Depois da semana conjugal, a solidão, depois da partida.

VOCABULÁRIO

① Varão 年輕男子 ② Cicatrizar 愈合 (隱喻) ③ Vogar 發誓 ④ Marulhar (海浪) 衝刷

⑤ Lolobar 訂婚

26. P.Chiziane, Niketche. Uma História de Poligamia

Descoberta e exploração

1. Leia o texto atentamente. Identifique as duas personagens do texto.
2. Quem é o narrador da história? Indique uma marca deste narrador.
3. Releia o primeiro parágrafo. O que divide as mulheres? Como é que deviam ser? Porquê?
4. Por que razão Lu afirma que “vive no céu”?
5. Por que motivo os filhos de Rami têm um tratamento diferenciado entre eles?
6. Quem será o Vito? Justifique a sua resposta.
7. Rami e Lu falam sobre o medo. Contudo, trata-se do medo da mesma coisa?
8. Concorde com o que afirma Rami sobre o poder curativo do amor?
9. Como é que Rami mostra o que é o medo?
10. Explique por que razão as duas imagens referidas por Rami demonstram um sentimento de medo.
11. Como chamaria as pessoas que cultivam respectivamente o “amor-próprio” e o “amor ao próximo”?
12. Como caracteriza a educação que Rami deu às filhas?
13. Procure as duas imagens que revelam o resultado dessa educação. O seu sentido é positivo ou negativo?
14. O que é que Rami recomenda a Lu? Porquê?
15. Procure saber o que é o “lobolo”.
16. Tenha em conta o título do romance e leia o resumo da história. Qual será a relação entre as duas mulheres, Rami e Lu?
17. Será apenas um grupo de duas mulheres? Quantas são?
18. Segundo o texto, qual será a vantagem e a desvantagem da poligamia?

Produção

1. Na sua cultura as meninas e os meninos recebem o mesmo tipo de educação? Dê exemplos.
2. Como é um casamento tradicional na sua terra?
3. Parece-lhe que o amor é o motivo principal nos casamentos que conhece ou de que ouviu falar?
4. Pensa que a mulher e o homem têm papéis diferentes no seu casamento?
5. Que lugar ocupam os avós na sua família?



- Tente conhecer o movimento da Marcha pela Paz, promovido por mulheres de diferentes religiões e etnias no Médio Oriente.
- Conheça o documentário *Na dobra da Capulana*, dos cineastas moçambicanos Camilo de Sousa e Isabel Noronha, de 2014.



27. Mia Couto, Terra Sonâmbula

Escritor moçambicano (Beira, 1955). Foi jornalista e formou-se em Biologia. Em 1983 publicou o primeiro livro, de poesia: *Raiz de Orvalho*. No campo da narrativa, publicou o primeiro livro em 1986, *Vozes Anoitecidas*, construindo uma escrita literária que resulta da intersecção da língua portuguesa com a riqueza linguística de Moçambique. Traduzido em várias línguas, recebeu em 2013 o Prémio Camões. A última obra publicada foi *O Bebedor de Horizontes* (da trilogia "As Areias do Imperador"), em 2017.

Sobre Terra Sonâmbula | Publicado em 1992, o romance *Terra Sonâmbula* recebeu o Prémio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos (1995). Num machimbombo incendiado, fugindo da guerra civil, o velho Tuhair e Muidinga encontram os “cadernos de Kindzu”, dando início a duas histórias contadas paralelamente: a viagem de Tuhair e Muidinga e a jornada de Kindzu em busca dos naparamas, guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que são, aos olhos do menino, a única esperança contra os senhores da guerra.

Excerto de Terra Sonâmbula

Lisboa: Caminho, 1992, 13-14



- Veja, Tuhair. São cartas.

- Quero é saber das comidas.

O miúdo remexe no cesto. As mãos curiosas viajam pelos cantos da mala. O velho chama a atenção: ele que deixasse tudo como estava, fechasse a tampa.

- Tira só essa papelada. Serve para acendermos a fogueira.

O jovem retira os caderninhos. Guarda-os por baixo do seu banco. Não parece pretender sacrificar aqueles papéis para iniciar o fogo. Fica sentado, **alheio**.^① No enquanto, lá fora, tudo vai ficando noite. Reina um negro silvestre, cego. Muidinga olha o escuro e estremece. É um desses negros que nem os corvos comem. Parece todas as sombras desceram à terra. O medo passeia seus chifres no peito do menino que se deita, enroscado como um **congolote**.^② O **machimbombo**^③ se rende à **quietude**,^④ tudo é silêncio **taciturno**.^⑤

Mais tarde, se começa a escutar um pranto, num fio quase inaudível. É Muidinga que chora. O velho se levanta e zanga.

- Pára de chorar!

- É que me dói uma tristeza...

- Chorando assim você vai chamar os espíritos. Ou se cala ou lhe rebento a tristeza à **porrada**.^⑥

- Nós nunca mais vamos sair daqui.

- Vamos, com a certeza. Qualquer coisa vai acontecer qualquer dia. E essa guerra vai acabar. A estrada já vai-se encher de gente, de camiões. Como no tempo de antigamente.

Mais sereno, o velho passa um braço sobre os ombros trementes do rapaz e lhe pergunta:

- Tens medo da noite?

Muidinga acena afirmativamente.

- Então vai acender uma fogueira lá fora.

O miúdo se levanta e escolhe entre os papéis, receando rasgar uma folha escrita. Acaba por arrancar a capa de um dos cadernos. Para fazer fogo usa esse papel. Depois se senta ao lado da fogueira, ajeita os cadernos e começa a ler. **Balbucia**.^⑦ letra a letra, percorrendo o lento desenho de cada uma. Sorri com a satisfação de uma conquista. Vai-se habituando, ganhando despacho.

- Que estás a fazer, rapaz?

- Estou a ler.

- É verdade, já esquecia. Você era capaz de ler. Então leia em voz alta que é para me adormecer.

O miúdo lê em voz alta. Seus olhos se abrem mais que a voz, que lenta e cuidadosa, vai decifrando as letras. Ler era coisa que ele apenas agora se recordava saber. O velho Tuhair, ignorante das letras, não lhe despertara a **faculdade**.^⑧ da leitura.

A lua parece ter sido chamada pela voz de Muidinga. A noite toda se vai **enluarando**.^⑨ **Pratinhada**,^⑩ a estrada escuta a história que desponta nos cadernos: “Quero pôr os tempos...”

VOCABULÁRIO

① Alheio 異樣的 ② Congolote (*bicho de mil patas*) 千足蟲 ③ Machimbombo 客車

④ Quietude 寂靜 ⑤ Taciturno 沉默的 ⑥ Porrada 一擊 ⑦ Balbuciar 咿呀學語

⑧ Faculdade 能力 ⑨ Enluarar 月亮照射 ⑩ Pratinhada 鍍銀的

27. Mia Couto, Terra Sonâmbula

Descoberta e exploração

1. Leia o texto atentamente. Quem são as duas personagens da história?
2. Procure as palavras que se referem a Muidinga e mostram a sua pouca idade.
3. Qual era a principal preocupação de Tuhair?
4. O que foi que Muidinga encontrou dentro da cesta?
5. No texto diz que, depois de guardar os caderninhos, Muidinga ficou sentado, “alheio”. O que significa?
6. Como é que o narrador descreve a noite? Faça uma lista dos aspectos referidos.
7. Porque é que Muidinga chora?
8. Porque é que o velho Tuhair se zangou com o choro de Muidinga?
9. Parece-lhe que Tuhair cumpriria a sua ameaça?
10. Como seria o tempo de “antigamente”?
11. Como é que o menino acendeu a fogueira?
12. Muidinga costumava ler com frequência? Justifique a sua resposta.
13. Porque é que Muidinga lia com tanta dificuldade?
14. De que cor era a lua?
15. Verifique se o adjectivo “pratinhada” existe no dicionário. Há mais alguma palavra no texto que não esteja no dicionário?
16. Porque é que o narrador cria palavras novas?
17. De que forma começa a história que Muidinga leu nos caderninhos? Substitua por outra ou por outras expressões.

Produção

1. O que faria se encontrasse um conjunto de cartas de um desconhecido? Leria, destruiria, entregaria às autoridades?
2. Que coisas lhe provocam medo? Porquê?
3. Como procura ultrapassar os seus medos?
4. Quando foi que leu o seu primeiro livro completo? Qual o título?
5. Quanto tempo da sua semana dedica à leitura de literatura? Que géneros gosta de ler?



- Veja o filme "Terra Sonâmbula", da realizadora Teresa Prata, baseado no romance de Mia Couto, estreado em 2007 no Festival Internacional de Cinema de Montreal.
- Conheça e leia o livro de contos de Mia Couto, *Vozes Anoitecidas*, com a primeira edição pela Associação dos Escritores Moçambicanos, em 1986.



28. Mia Couto, Terra Sonâmbula

Escritor moçambicano (Beira, 1955). Foi jornalista e formou-se em Biologia. Em 1983 publicou o primeiro livro, de poesia: *Raiz de Orvalho*. No campo da narrativa, publicou o primeiro livro em 1986, *Vozes Anoitecidas*, construindo uma escrita literária que resulta da intersecção da língua portuguesa com a riqueza linguística de Moçambique. Traduzido em várias línguas, recebeu em 2013 o Prémio Camões. A última obra publicada foi *O Bebedor de Horizontes* (da trilogia “As Areias do Imperador”), em 2017.

Sobre Terra Sonâmbula | Publicado em 1992, o romance *Terra Sonâmbula* recebeu o Prémio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos (1995). Num machimbombo incendiado, fugindo da guerra civil, o velho Tuhair e Muidinga encontram os “cadernos de Kindzu”, dando início a duas histórias contadas paralelamente: a viagem de Tuahir e Muidinga e a jornada de Kindzu em busca dos naparamas, guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que são, aos olhos do menino, a única esperança contra os senhores da guerra.

Excerto de Terra Sonâmbula

Lisboa: Caminho, 1992, 15-17



Sou chamado de Kindzu. É o nome que se dá às palmeiritas **mindinhas**,¹ essas que se curvam junto às praias. (...) Meu pai me escolheu para esse nome, homenagem à sua única preferência: beber sura, o vinho das palmeiras. Primeiro, ele ainda esperava que o tempo trabalhasse a bebida, dedicado nos proibidos serviços de fermentar e **alambicar**.² Depois, nem isso: simplesmente cortava os rebentos das palmeiras e ficava deitado, boquinhabeto, deixando as gotas pingar na concha dos lábios. (...)

Nesse entretempo, ele nos chamava para escutarmos seus imprevistos **improvisos**.³ As **estórias**⁴ dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo. Nenhuma narração tinha fim, o sono lhe apagava a boca antes do desfecho.

Éramos nós que recolhíamos seu corpo dorminhoso. Não lhe deitávamos dentro da casa: ele sempre recusara cama feita. Seu **conceito**⁵ era que a morte nos apanha deitados sobre a **moleza**⁶ de uma esteira. (...) Nós simplesmente lhe encostávamos na parede da casa. Ali ficava até de manhã. Lhe encontrávamos coberto de formigas. Parece que os insectos gostavam do suor docicado do velho Taímo. Ele nem sentia o **corrupio do formigueiro**⁷ em sua pele. (...)

E nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas. Taímo recebia notícia do futuro por via dos antepassados. Dizia tantas previsões que nem havia tempo de provar nenhuma. Eu me perguntava sobre a verdade daquelas visões do velho, estorinhador como ele era.

- Nem duvidem, avisava a mamã, suspeitando-nos.

E assim seguia nossa **criancice**,⁸ tempo afora. Nesses anos ainda tudo tinha sentido: a razão deste mundo estava num outro mundo inexplicável. Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos. Recordo meu pai nos chamar um dia. Parecia mais uma dessas reuniões em que ele lembrava as cores e os tamanhos de seus sonhos. Mas não. Dessa vez, o velho se gravatara, fato e sapato com sola. A sua voz não variava em **delírios**.⁹ Anunciava um facto: a Independência do país. Nessa altura, nós nem sabíamos o verdadeiro significado daquele anúncio. Mas havia na voz do velho uma emoção tão funda, parecia estar ali a **consumação**¹⁰ de todos seus sonhos. Chamou minha mãe e, tocando sua barriga redonda como lua cheia, disse:

- Esta criança há-de ser chamada de Vinticinco de Junho.

VOCABULÁRIO

- ① Mindinho 矮小的 ② Alambicar 蒸餾 ③ Improviso 即興的 ④ Estória 故事
 ⑤ Conceito 理念 ⑥ Moleza 軟弱的 ⑦ Corrupio do formigueiro 雞皮疙瘩/寒毛聳立(隱喻)
 ⑧ Criancice 童心 ⑨ Delírio 譫妄 ⑩ Consumação 圓滿

28. Mia Couto, Terra Sonâmbula

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Que personagens são referidas?
2. Porque é que o narrador do texto se chama Kindzu?
3. Seguindo o texto, diga quais são os passos para fazer o vinho de palmeira.
4. Atente na palavra “boquinhaberto”. Tente explicar como foi construída e que sentido tem.
5. Identifique as outras palavras que podem ser chamadas de neologismos.
6. Atente na expressão “imprevistos improvisos”. Que efeito produz o uso destas duas palavras juntas?
7. O narrador utiliza a palavra “estória”. Procure saber qual a diferença entre “estória” e “história”.
8. Que efeito tinham as estórias do velho Taímo nos seus filhos?
9. Por que razão Taímo não dormia dentro de casa?
10. Encontre uma expressão com o mesmo sentido de “coberto de formigas”.
11. O que é que acontecia durante o sono de Taímo?
12. O narrador acreditava nas revelações do pai?
13. O narrador estabelece uma oposição entre dois tempos. Quais são?
14. Como é que o narrador vê as revelações do pai?
15. Porque é que o menino pressentiu que daquela vez a revelação era diferente?
16. Naquele dia, o velho Taímo anunciou o maior de todos os seus sonhos. Qual foi?
17. O que foi que aconteceu no dia vinte e cinco de Junho?

Produção

1. Na sua infância costumava ouvir histórias? Quem lhas contava?
2. Que tipo de histórias lhe costumavam contar? De que falavam?
3. Lembra-se de alguma história que, por algum motivo, tenha ficado na sua memória? Consegue contá-la?
4. Na sua cultura é costume contarem histórias às crianças? Que tipo de histórias?
5. Conhece alguns escritores que tenham escrito para crianças? Tem algum livro infantil ou infanto-juvenil preferido?



- Conheça as obras de Lourenço do Rosário sobre o conto moçambicano: *Contos Africanos* (Texto Editores, 2001) e *Antologia do Conto Africano de Transmissão Oral* (Gailivro, 2009).
- Conheça a série da editora Kapulana, “Contos de Moçambique”, que reúne alguns volumes com recolhas e adaptações do conto oral moçambicano.
- Ouça a entrevista da jornalista Fernanda Mena com Mia Couto, gravada em Junho de 2017 em Campinas, no âmbito do Café Filosófico Especial/Fronteiras do Pensamento.



29. Albertino Bragança, Ao Cair da Noite

Escritor santomense (S. Tomé, 1944). Licenciado em engenharia electrotécnica, desempenhou cargos ligados à cultura e educação e foi Ministro da Defesa e dos Negócios Estrangeiros. Foi membro fundador e secretário-geral da União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe. A sua produção literária divide-se entre conto e romance: *Rosa do Riboque e Outros Contos*, em 1985, seguido de *Um Clarão sobre a Baía*, em 2005, *Aurélia de Vento*, em 2011, e *Preconceito e Outros Contos*, em 2014.

Sobre Ao Cair da Noite | Romance publicado em 2017, conta as histórias cruzadas de personagens quase reais, passadas no espaço urbano e rural de São Tomé e Príncipe. Por um lado, aborda temas da intimidade, do amor e do ciúme, da importância das relações na sociedade santomense; por outro lado, aborda os meandros da vida política, denunciando a corrupção, dignificando as relações baseadas na competência, honra e amizade, e dando conta da transformação da sociedade santomense e da necessidade de salvaguardar tradições.

Excerto de Ao Cair da Noite

Lisboa: Edições Colibri, 2017, 22-24



Anastácio Mota tudo fazia para nunca esquecer das suas origens: a infância e a adolescência em Ototó, cujas paisagens ainda hoje lhe povoam e encantam o espírito; as aparatosas corridas dos modestos **tróti**¹ e dos carrinhos de madeira descendo, em desafio (...).

Não sabe definir com precisão, mas o certo é que a placidez do lugar, bem como o espírito **bairrista**² e o **arreigado**³ sentido de irreverência, próprios da zona, como que ajudaram a moldar-lhe a personalidade, influenciando sobremaneira a sua maneira de ser.

Daí a razão por que, sempre que a ocasião lhe proporcionasse, retomava o trilho à saída de Obô Izaquente, que conduzia a Ototó, e se reencontrava, ao longo do caminho, com o verde espesso do arvoredor, o velho chafariz postado à entrada e, finalmente, com o pintalgado conjunto de casas baixas anunciando Ototó e arredores.

O som de um motor nas proximidades da entrada fez com que se levantasse e da janela espreitasse para a rua. Olhou, esperançado que fosse Nilsa, mas era apenas uma viatura da mesma marca que passava. Desiludido, dirigiu-se ao escritório, seu espaço predilecto na larga residência, e retirou distraidamente de uma das recheadas estantes um livro de capa acastanhada, de folhas seguramente amarelecidas pelo tempo. Sentou-se e começou a folhear as primeiras páginas, só então reparando que se tratava de *O Mundo se Despedaça*, de Chinua Achebe, o grande **arauto**⁴ nigeriano da cultura africana, que, noutras circunstâncias, tanto lhe agradaria reler. Perturbado, como estava, voltou a colocar o livro donde o tinha retirado, levantou-se e regressou à sala de estar.

Uma decisão havia, no entanto tomado: iria a Ototó, mas manteria em absoluto segredo tudo o que se passava, mormente a partida de Nilsa e o programado encontro com a madrinha. Isso porque, de um momento para o outro, os acontecimentos poderiam rolar em cascata e, o que parecia agora **insolúvel**,⁵ poderia vir a encontrar o mais sereno desfecho.

Ainda assim, ao olhar à sua volta, constatando o vazio que sentiu ao fazê-lo, pressentiu, desde logo, a solidão que passaria a preencher a sua vida se não conseguisse resolver a bem difícil e complexa situação que o ciúme o levava a criar.

VOCABULÁRIO

- ① Tróti 特洛伊 ② Bairrista 歸屬感 ③ Arreigado 根深蒂固的 ④ Arauto 先鋒
⑤ Insolúvel 無法解決的

29. Albertino Bragança, Ao Cair da Noite

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Quem é a personagem principal?
2. Quem conta a história?
3. Qual a relação de Anastácio Mota com o seu passado?
4. Localize a povoação de Ototó no mapa de S. Tomé e Príncipe.
5. Observe a constituição do arquipélago de S. Tomé e Príncipe.
6. Parece-lhe que Ototó seria um lugar feio?
7. Como eram os brinquedos que Anastácio usava na sua infância?
8. No segundo parágrafo do texto há duas formas de dizer a mesma ideia. Quais são?
9. Por que razão Anastácio voltava sempre a Ototó?
10. Se tivesse de desenhar ou pintar um quadro ou um postal de Ototó, que elementos fariam parte dele?
11. Que sentiu Anastácio quando ouviu um barulho de carro?
12. Como seria a casa de Anastácio?
13. Parece-lhe que o livro que Anastácio tirou da estante era novo? Justifique a sua resposta.
14. Procure informações sobre o conteúdo do livro de Chinua Achebe.
15. Leia o final do texto. O que perturbava Anastácio?
16. Qual teria sido o motivo da partida de Nilsa de casa?
17. Que significa a frase "os acontecimentos poderiam rolar em cascata"?
18. Por que razão Anastácio queria manter a situação em segredo?

Produção

1. Procure no mapa o arquipélago de S. Tomé e Príncipe e procure fotografias deste território.
2. Que outros territórios de Língua Oficial Portuguesa também são ilhas? Localize no mapa.
3. Lembra-se de algum acontecimento que tenha marcado a sua infância? Porque é que foi importante?
4. Se tivesse de pintar um quadro do lugar onde cresceu, que elementos fariam parte dele?
5. Na sua infância, com que brincadeiras ocupava o seu tempo? Brincava acompanhado?



- Veja o episódio da série *Mar de Letras*, com Mário Carneiro à conversa com Albertino Bragança, apresentado em 2017 na Rádio Televisão Portuguesa (RTP).
- Leia os contos de Albertino Bragança do livro publicado em 1985, *Rosa do Riboque e Outros Contos*.



30. Albertino Bragança, Ao Cair da Noite

Escritor santomense (S. Tomé, 1944). Licenciado em engenharia electrotécnica, desempenhou cargos ligados à cultura e educação e foi Ministro da Defesa e dos Negócios Estrangeiros. Foi membro fundador e secretário-geral da União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe. A sua produção literária divide-se entre conto e romance: *Rosa do Riboque e Outros Contos*, em 1985, seguido de *Um Clarão sobre a Baía*, em 2005, *Aurélia de Vento*, em 2011, e *Preconceito e Outros Contos*, em 2014.

Sobre Ao Cair da Noite | Romance publicado em 2017, conta as histórias cruzadas de personagens quase reais, passadas no espaço urbano e rural de São Tomé e Príncipe. Por um lado, aborda temas da intimidade, do amor e do ciúme, da importância das relações na sociedade santomense; por outro lado, aborda os meandros da vida política, denunciando a corrupção, dignificando as relações baseadas na competência, honra e amizade, e dando conta da transformação da sociedade santomense e da necessidade de salvaguardar tradições.

Excerto de Ao Cair da Noite

Lisboa: Edições Colibri, 2017, 51-52



A festa de o aniversário de Sô Júdice Mendes já não é o que era dantes. De simples confraternização dos familiares mais íntimos, que se divertiam, nos longínquos anos sessenta, ao som dos trechos da música **acústica**^① santomense e de ingénuas modinhas brasileiras, a festa foi paulatinamente adaptando nova configuração, **consentânea**^② com a inevitável evolução dos tempos (...).

Foi em clima de alvoroço da garotada e de alguns populares que Anastácio chegou ao lugar da festa (...).

Saudou com cordial aceno os presentes, mas dedicou desde logo a sua atenção à figura emblemática do avô Júdice, sentado num sofá ao fundo da sala, tendo ao seu lado os inseparáveis Teresa, a irmã mais velha, e Ventura, para além de um grupo de convidados **afecto**^③ às nostálgicas narrativas do velho professor, que antecederiam habitualmente o farto almoço e o aguardado momento dedicado ao baile.

A sala era de mediana dimensão, modesta mas suficientemente cómoda para acolher à vontade os convivas. A assistência era, como nunca, heterogénea, envolvendo, desta feita, mais pessoas estranhas à família.

Dentre estas, um par de jornalistas franceses, **predisposto**^④ a trazer a público uma grande reportagem sobre a magia de Ototó e das zonas **limítrofes**.^⑤ Tinham mesmo obtido o consentimento da família para entrevistar Sô Júdice, não tanto porque ele fosse o único a abordar temática tão solicitada, mas pela autenticidade e paixão que inculcava à narrativa, só possível a quem, como ele, ainda participou no seu desenvolvimento.

Acontecia algumas vezes que o aniversariante não manifestava grande disposição para trazer a lume o passado, tantas as ocasiões em que era instado a fazê-lo. Hoje era um desses dias, com uma arreliadora gripe trazendo consigo a tosse e irritando-lhe visivelmente a fala. Mas Sô Júdice não se poupava de trazer repetidamente à baila aquelas estórias, por considerar que o tempo arriscava apagar a sua existência, numa época de grandes inovações e mudanças. Ora, se os jovens que a ele ocorriam se interessavam tanto pelos acontecimentos de outrora, é porque reconheciam como necessário enxergar as fronteiras entre o passado e o presente, pois, na ausência destas, perde todo o sentido a projecção do futuro.

VOCABULÁRIO

- ① Acústico 原聲的 ② Consentâneo 根據 ③ Afecto 懷舊 (情懷) ④ Predisposto 傾向於
⑤ Limítrofe 鄰近的

30. Albertino Bragança, Ao Cair da Noite

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Quem conta a história?
2. Quem era o Sô Júdice Mendes?
3. Onde se celebrava o aniversário do avô Júdice?
4. Localize Ototó no mapa de S. Tomé e Príncipe.
5. Que música se ouvia na festa de aniversário do avô Júdice nos anos sessenta?
6. A festa já não era como antigamente. Porque é que mudou? O que mudou?
7. Porque é que o avô Júdice era uma figura emblemática?
8. Quem eram os irmãos de Anastácio?
9. Em que altura da festa o avô Júdice contava as suas histórias?
10. Os convidados da festa eram cada vez mais heterogéneos. Porquê?
11. O que faziam os jornalistas franceses na festa?
12. Por que razão procuravam entrevistar o avô Júdice?
13. Como estava o avô Júdice de saúde naquele dia?
14. Que perigo oferecem as épocas de inovação e mudança?
15. Porque é que a palavra utilizada pelo narrador é "estórias"?
16. Por que motivo os mais jovens queriam ouvir aquelas estórias?
17. Segundo o narrador, de que depende o futuro?
18. Concorde com o avô Júdice quando ele diz que o tempo pode apagar a memória?

Produção

1. Na sua cultura, as pessoas mais velhas contam histórias aos mais novos? Que tipo de histórias?
2. Os seus avós ou os seus pais costumavam contar histórias?
3. Em que momentos se contam histórias?
4. Há alguma história de que se lembre melhor? Como se chama essa história?
5. Conte uma história antiga aos seus colegas.



- Veja a série *Equador*, produzida e transmitida pela TVI em Portugal entre Dezembro de 2008 e Março de 2009, baseada no romance homónimo de Miguel Sousa Tavares.
- Conheça a poesia dos poetas santomenses Alda do Espírito Santo e Francisco José Tenreiro.



31. Abdulai Sila, Eterna Paixão

Escritor guineense (Catió, Guiné-Bissau, 1958). Licenciado em Engenharia, manteve o seu interesse pelas tecnologias de informação e comunicação a par com o gosto pela literatura. O romance *Eterna Paixão*, publicado em 1994, é considerado o primeiro romance guineense. Foi co-fundador e presidente da Associação de Escritores da Guiné-Bissau. Publicou os romances *A última tragédia*, em 1995, e *Mistida*, em 1997, e conto e drama, com *Dois Tiros* e *Uma Gargalhada*, em 2013.

Sobre Eterna Paixão | Publicado em 1994, o romance conta a história do afro-americano Daniel Baldwin, da sua procura de identidade no continente africano, num país não nomeado mas igualmente envolvido num processo de construção feito de ambivalências e dúvidas. Do seu amor sofrido por Ruth, da admiração por Mbubi e da amizade por Didi, símbolos de persistência e de esperança, Daniel, chamado Dan, encontra numa aldeia retirada e nos seus habitantes a realização completa da sua inteligência e da sua capacidade de amar.

Excerto de *Eterna Paixão*

Bissau: Ku Si Mon Editora, 1994, 125-126



Esse barulho que vinha da estrada confundia-se com o assobio agudo e contínuo que o vento provocava nos ramos do **mangueiro**¹ que alguém deixara crescer no quintal da casa. Era um vento apressado, que vinha do lado do mar e seguia na direcção da floresta, arrastando consigo tudo quanto achava desprevenido, abraçando carinhosamente as árvores que encontrava pelo caminho. (...)

Era o anúncio de uma nova estação, do mudar das coisas, do evoluir do tempo. Brevemente muita coisa iria transformar-se. O céu ganharia um outro visual; as ruas teriam outro aspecto; os jardins apresentariam novas flores, novas cores, novos aromas. Era uma nova vida que se anunciava. Uma vida diferente...

Imaginou a chuva caindo forte, as gotas espessas **explodindo**² no chão, as pessoas correndo pelas ruas à procura de abrigo, as correntes de água arrastando a lixeira das ruas. Imaginou depois a erva nova crescendo no campo, as sementes germinando, os frutos amadurecendo e a festa da colheita que se seguiria. Festa em que, durante vários dias, as pessoas cantavam e dançavam, comiam e **confraternizavam**,³ trocavam sorrisos e se abraçavam.

Que significado tinha tudo aquilo? Seria isso o sentido da vida?

Recordou-se de Mbubi. "A vida não pode existir sem o amor" tinha ela declarado. Mas, e o amor, o que era isso?

Não será amor aquilo que se sente por uma pessoa e que faz com que ela se torne como uma parte de nós mesmos? Não será amor o sentimento que nos leva a sofrer quando vemos alguém que queremos bem a sofrer? Não será amor aquilo que faz o coração bater depressa cada vez que se vê aquele que **monopoliza**⁴ o nosso pensamento? Não é o amor que faz com que se goste de certas pessoas ao ponto de pretender para elas tudo o que é melhor neste mundo?

Se aquilo é que era o amor, então ele tinha amor. E tinha consequentemente direito à vida. Uma vida como a Mbubi, que faz trabalhar todos os dias com prazer e falar a toda a hora com alegria. Uma vida com muita **carência**,⁵ muito árdua, mas, apesar de tudo, uma vida com sentido e com humor.

VOCABULÁRIO

- ① Mangueiro 芒果樹 ② Explodir 敲擊 (隱喻) ③ Confraternizar 與某人閑逛
④ Monopolizar 獨占 ⑤ Carência 貧瘠 (隱喻)

31. Abdulai Sila, Eterna Paixão

Descoberta e exploração

1. Leia o texto completo. Quem conta a história?
2. Quem é o protagonista da história?
3. Qual era o ruído que chegava até Daniel?
4. O vento soprava com força? Justifique a sua resposta com expressões do texto.
5. Observe a acção do vento. Qual é a contradição? Justifique.
6. Porque é que o tempo evolui?
7. Leia o segundo parágrafo. Faça uma lista das palavras que mostram a acção do tempo.
8. Quais são os efeitos da chuva forte?
9. Leia o terceiro parágrafo. Qual é a sequência temporal entre os factos referidos?
10. Porque é que se festeja quando se faz a colheita?
11. Leia as duas perguntas sobre o sentido da vida. Por quem são feitas?
12. Responda às duas perguntas com palavras suas.
13. Porque é que o sentido da vida apresentado por Mbubi é diferente?
14. Leia o penúltimo parágrafo. Como é que Daniel define o amor?
15. Porque é que Daniel diz que "tem direito à vida"?
16. Quais os efeitos desse sentimento de amor?
17. Como era a vida de Mbubi?
18. O narrador refere também que a vida devia ter humor. Concorda? justifique a sua resposta.

Produção

1. Como são as estações do ano na terra onde vive? Qual prefere?
2. Quais as principais festas relacionadas com os ciclos da natureza na sua cultura? O que festeja cada uma delas?
3. Em alguma parte do seu país ainda se celebram as colheitas? De que formas?
4. Qual lhe parece ser o sentimento mais importante numa relação amorosa? Por que razão?
5. Porque é que as relações falham? Indique o motivo que pensa ser mais importante e justifique.



- Veja a reportagem "O que é feito da Guiné Bissau?", da rubrica *Reporter*, transmitida em 2017 em dois episódios, pelo jornalista Victor Bandarra, para a TVI, disponível na plataforma TVIPlayer.
- Conheça a poesia de Tony Tcheca, poeta guineense e jornalista.



32. Abdulai Sila, Eterna Paixão

Escritor guineense (Catió, Guiné-Bissau, 1958). Licenciado em Engenharia, manteve o seu interesse pelas tecnologias de informação e comunicação a par com o gosto pela literatura. O romance *Eterna Paixão*, publicado em 1994, é considerado o primeiro romance guineense. Foi co-fundador e presidente da Associação de Escritores da Guiné-Bissau. Publicou os romances *A última tragédia*, em 1995, e *Mistida*, em 1997, e conto e drama, com *Dois Tiros* e *Uma Gargalhada*, em 2013.

Sobre *Eterna Paixão* | Publicado em 1994, o romance conta a história do afro-americano Daniel Baldwin, da sua procura de identidade no continente africano, num país não nomeado mas igualmente envolvido num processo de construção feito de ambivalências e dúvidas. Do seu amor sofrido por Ruth, da admiração por Mbubi e da amizade por Didi, símbolos de persistência e de esperança, Daniel, chamado Dan, encontra numa aldeia retirada e nos seus habitantes a realização completa da sua inteligência e da sua capacidade de amar.

Excerto de *Eterna Paixão*

Bissau: Ku Si Mon Editora, 1994, 129-130



A verdade é que muitas estações de chuva se passaram e com elas muita coisa tinha mudado. Entre a mudança havia a vida de um professor que um dia chegara a uma **tabanca**¹ chamada Woyowayan, situada longe da capital, na companhia de uma senhora que depois se fora e o deixara ficar na sua **morança**.²

Era um jovem alto, com vestes europeias, que não falava a língua que todos falavam. Tinha muitas ideias e não tinha medo do trabalho. O seu olhar era esquisito, mas ao mesmo tempo muito humilde. O povo acabou por aceitá-lo no seu **seio**³ e integrá-lo na comunidade.

Aprendeu com espantosa facilidade a língua e os costumes. Escrupulosamente, respeitava as tradições e os anciãos. Cedo conquistou o respeito dos adultos e o coração das crianças.

A escola foi o primeiro empreendimento. Encheu-a de crianças e adolescentes. O clube da juventude foi o passo seguinte. Foi um grande êxito. Depois foi a cooperativa dos agricultores e falou-se de um tractor. E a máquina chegou antes que pudessem acreditar na ideia.

Seguiram-se outras realizações. A vida em Woyowayan mudou. Mudou profundamente. Depois foi a vida das tabancas vizinhas. Era como o fogo numa **lala**⁴ na estação seca. (...)

E o professor?

A primeira coisa que ele abandonou foram os seus trajes europeus. Na escola viam-no sempre vestido com roupas tradicionais locais. Depois de algum tempo, notaram com surpresa que os seus cabelos **esbranqueciam**⁵ a olhos vistos. Mas os que com ele conviveram os primeiros tempos detectaram mudanças mais profundas, que não eram facilmente visíveis.

A humildade e respeito pelos mais velhos mantinham-se. O seu dinamismo e amor pelas crianças também continuavam os mesmos. O que aumentava era a curiosidade de toda a gente em relação ao seu passado, que no entanto ninguém ousava manifestar. Curiosidade que crescia quando o professor se deixava trair por certos gestos ou cantava canções que ninguém conhecia. Curiosidade que se tornava ainda maior quando, sem estar na companhia das crianças, o professor soltava gargalhadas estrondosas mas logo a seguir se **reprimia**⁶ a si mesmo, como que não querendo ser notado.

VOCABULÁRIO

- ① Tabanca 村莊 ② Morança 老宅 ③ Seio 胸懷(隱喻) ④ Lala 窪地 ⑤ Esbranquecer 變白
⑥ Reprimir 壓抑

32. Abdulai Sila, Eterna Paixão

Descoberta e exploração

1. Leia todo o texto. Quem conta a história?
2. Quem é o protagonista da história?
3. Como é medido o tempo? Dê dois exemplos.
4. O que é Woyowayan?
5. Como é descrito o professor na altura em que chegou à tabanca? Faça duas listas, uma com características físicas e outra lista com as características psicológicas.
6. Por que razão o professor acabou por ser respeitado e querido pelos habitantes da aldeia?
7. A acção do professor atingiu todos os habitantes da aldeia? Justifique a sua resposta.
8. Atente na frase: "E a máquina chegou antes que pudessem acreditar na ideia". Que máquina era? Quanto tempo demorou a chegar?
9. Porque é que a vida em Woyowayan mudou profundamente? Resposta aberta.
10. O que significa a frase "era como o fogo numa lala na estação seca"?
11. Qual foi o sinal exterior da mudança operada no professor?
12. O que indica o facto de os cabelos "esbranquecerem"?
13. Atente na expressão "mudanças mais profundas". Qual é a expressão sinónima?
14. Resuma as qualidades do professor do professor em quatro palavras.
15. O que sentiam os habitantes pelo professor?
16. Que aspectos reforçavam essa curiosidade?
17. Porque é que o professor reprimia as suas gargalhadas?
18. Parece-lhe que o professor era feliz em Woyowayan?

Produção

1. Como é que na sua cultura é vista a figura do professor?
2. Qual foi o professor que mais o marcou até hoje? Por que motivo?
3. Mantém contacto com algum dos seus antigos professores?
4. Algum dia pensou ser professor? De que matérias?
5. Quais são as profissões mais valorizadas na sua cultura? Aponte os motivos dessa valorização.



- Veja o episódio "Abdulai Sila, engenheiro das palavras", na rubrica *Grandes Africanos*, da autoria de Milena Matos Silva, produzido pela Companhia das Ideias para a RTP, em 2014, disponível na plataforma EnsinaRTP.
- Conheça o último romance de Abdulai Sila, *Memórias somânticas*, publicado em 2016 pela editora Ku Si Mon, de Bissau.



33. Senna Fernandes, Amor e Dedinhos de Pé

Henrique de Senna Fernandes. Escritor macaense (Macau, 1923 - 2010). Formou-se em Direito, foi advogado, colaborou com a Imprensa e foi um homem politicamente interventivo. A sua obra ficcional iniciou-se com *A-Chan, a Tancareira*, de 1974. Publicou o primeiro romance em 1986, *Amor e Dedinhos de Pé*, com dois romances publicados postumamente. A sua obra ficcional foi adaptada ao cinema. Várias vezes condecorado, é considerado um dos mais representativos escritores de Macau.

Sobre Amor e Dedinhos de Pé | Publicado em 1986, o romance conta a história de Chico Frontaria, representante de uma família tradicional de origem portuguesa, criado e mimado pelos tios, mas caído em desgraça, vítima da sua vida sem regras e da doença, e do seu encontro com Victorina Vidal, mulher sofrida e sozinha. Apesar das críticas da sociedade, o encontro dos dois e a generosidade de Victorina foram os motivos da redenção de Chico e da sua felicidade conjunta. O romance é também um registo dos costumes de Macau.

Excerto de Amor e Dedinhos de Pé

Macau: Instituto Cultural de Macau, 2012, 341-342



Alguns dias depois já não merecia dúvida que o tratamento vingava. As chagas, lutando ferozmente no terreno conquistado, iam cedendo perante a eficácia do **unguento**¹ e da **tisana**.² Aqui e ali revelavam, cada vez mais, tendência para secarem e cicatrizarem. O estado geral do doente também animava, a gripe fora-se de vez, mais a tosse, e comia com maior apetite.

A educação e a afabilidade, **insufladas**³ desde o berço pela Títi Bitá, prevaleceram intactas, apesar de todas as cabeçadas. Mostrava-se, a cada instante, gentil e agradecido, num fluir natural, sempre receoso de incomodar aquela gente, que, ao fim e ao cabo, tinham-no livrado duma morte abominável e sem remédio. Incluía na palavra "gente" não só a dona da casa como também a Celeste e o A-Kuong, que, a despeito das rudezas e suspeitas que não escondiam, tinham-no ajudado a minorar os sofrimentos. Falava pouco e pensava muito, contra o seu feitio exuberante, prudente no que afirmava, com medo duma **patacoada**⁴ **volúvel**⁵ que fosse estragar tudo e impregnar neles uma péssima impressão. À medida que os dias decorriam, Chico debatia-se para apagar toda a indignidade do seu passado.

A casa habituou-se ao novo ritmo com aquela presença inesperada, abruptamente surgida numa noite tenebrosa. Sem ninguém ainda ter consciência do facto, Chico tornara-se o centro das atenções.

Quebrando a monotonia do quotidiano, sempre igual e mesmíssimo, como a água estagnada dum charco, havia algo mais que fazer e dedicar-se. A necessidade de medicar, de tratar das feridas, de preparar a dieta, de lavar e vestir o doente, arejar o quarto e trocar a roupa da cama enchia a vida de Victorina, Celeste e A-Kuong. Uma série de pequenos pormenores, jamais antevistos, ditavam-lhes os minutos e as horas.

No atelier, Victorina conduzia-se sem denunciar que houvera uma grande alteração no seu teor de vida. Mantinha-se na discrição e julgava poder guardar o segredo até Chico estar restabelecido e suficientemente forte para andar. Cria que, cerrando a boca, nunca a vizinhança e o resto da cidade saberiam que albergava um homem - e que homem!- dentro de casa.

VOCABULÁRIO

- ① Unguento 软膏 ② Tisana 汤药 ③ Insuflar 建議(隱喻) ④ Patacoada 蠢話
⑤ Volúvel 輕浮的

33. Senna Fernandes, Amor e Dedinhos de Pé

Descoberta e exploração

1. Leia o texto. Quem são as personagens principais?
2. Quem conta a história?
3. Atente na primeira frase do texto: "alguns dias depois". Procure saber o que foi que aconteceu anteriormente.
4. Continue a ler a primeira frase do texto. Mostre como é que corria o tratamento de Chico.
5. O narrador diz que "Chico debatia-se para apagar toda a indignidade do seu passado". Mostre de que forma.
6. Como era o feitio de Chico?
7. Quem tinha educado Chico na sua infância?
8. Por que razão Chico se mostrava gentil com "aquela gente"?
9. Parece-lhe que Celeste e A-Kuong receberam e trataram Chico de boa vontade? Porquê?
10. Quem terá sido, então, a pessoa responsável por recolher e tratar Chico?
11. Leia o terceiro parágrafo. Quais são as palavras que significam mudança?
12. Qual foi a mudança inesperada?
13. Como é que o narrador define "rotina"?
14. Faça uma lista com as tarefas implicadas pelo tratamento de Francisco.
15. Como se comportava Victorina em relação à presença de Chico na sua casa?
16. Porque é que Victorina queria ser discreta?
17. Procure no texto a justificação da expressividade da frase "e que homem!".
18. Parece-lhe que a principal preocupação de Victorina era que pudessem falar mal dela?

Produção

1. No caso de já ter visitado Macau, conte como foi a sua experiência.
2. Existem Guias de viagem sobre Macau no país em que vive? Tem algum? Já folheou algum?
3. Como preparou a sua viagem a Macau ou como pretende prepará-la no caso de pensar visitar a cidade?
4. Conhece a literatura produzida em Macau? Em que língua foi escrita a literatura que conhece?
5. Tem algum escritor que conheça melhor ou que seja o seu favorito?



- Veja o filme *A trança feiticeira*, realizado por Yuanyuan Cai, em 1996, baseado no romance homónimo de Henrique de Senna Fernandes. As personagens protagonistas de Adosindo e A-Leng foram representados por Ricardo Carriço e Ning Jing.
- Conheça o livro de fotografia *Macau 5.0*, do fotógrafo documental português Gonçalo Lobo Pinheiro, publicado em Macau, em 2015, com prefácio do escritor José Luís Peixoto.



34. Senna Fernandes, Amor e Dedinhos de Pé

Henrique de Senna Fernandes: Escritor macaense (Macau, 1923 - 2010). Formou-se em Direito, foi advogado, colaborou com a Imprensa e foi um homem politicamente interventivo. A sua obra ficcional iniciou-se com *A-Chan, a Tancareira*, de 1974. Publicou o primeiro romance em 1986, *Amor e Dedinhos de Pé*, com dois romances publicados postumamente. A sua obra ficcional foi adaptada ao cinema. Várias vezes condecorado, é considerado um dos mais representativos escritores de Macau.

Sobre Amor e Dedinhos de Pé | Publicado em 1986, o romance conta a história de Chico Frontaria, representante de uma família tradicional de origem portuguesa, criado e mimado pelos tios, mas caído em desgraça, vítima da sua vida sem regras e da doença, e do seu encontro com Victorina Vidal, mulher sofrida e sozinha. Apesar das críticas da sociedade, o encontro dos dois e a generosidade de Victorina foram os motivos da redenção de Chico e da sua felicidade conjunta. O romance é também um registo dos costumes de Macau.

Excerto de Amor e Dedinhos de Pé

Macau: Instituto Cultural de Macau, 2012, 258-259



Anos rolaram sobre Victorina, sem história nem agitação, como a água estagnada dum pântano (...). Acompanhava a mãe à missa, ia às compras e fazia recados quando as tias ordenavam. Percorria as ruas, alta e direita como um **fuso**,^① com um **dengue**^② natural no andar, mas os vestidos de pano barato não a favoreciam, de tão sem graça. Nem os cabelos, muito negros, sedosos e abundantes, impecavelmente penteados, a salvavam no conjunto. **Afivelava**^③ um rosto rígido e distante, para se defender, como se indiferente a tudo o resto, sobretudo quando, a certa altura, descobriu que tinha a alcunha de **Varapau-de-Osso**.^④

E isto nascera dum “assalto” carnavalesco a que assistira, numa casa-grande da Praia Grande, onde as tias dirigiam a ceia. Fora, não só por ser da vontade destas, como também porque desejava quebrar com a solidão. Mas logo se arrependera. Como do primeiro baile e doutros raros que presenciara, limitara-se a ser um “jarrão” esquecido num canto da sala. Mas havia pior. Estava-se no momento dos **motejos**^⑤ do Entrudo, das **chacotas**^⑥ imprevisíveis e das brincadeiras **azougadas**.^⑦ Lembrara-se subitamente do seu olho **estrábico**^⑧ e agonizara-se, todo o tempo, ao pensar que o seu defeito poderia ser **pasto**^⑨ de suprema zombaria.

Quando a festa atingiu o auge, descobriu que era centro de atenções dum grupo de rapazes brejeiros. Sentiu-se extremamente mortificada, porque deles não podia partir coisa boa. De repente, um desses **foliões**,^⑩ um tal Frontaria, de fama terrível de **estroina**^⑪ e femeeiro, no conceito **verrinoso**^⑫ das tias, destacou-se e convidou-a para dançar, com o coro hilariante dos rapazes atrás. Tudo aquilo era cenário para o gozo da sala. Sentiu uma repulsa tão grande que respondeu com um sonoro “não”. O brincalhão, desconcertado, ainda disse:

- Mas a menina não dançou a noite inteira.

- Prefiro ficar sentada... Vá divertir-se com outra menina... Há tantas por aqui. Demais, não o conheço.

Corrido desonrosamente, o rapaz barafustou ao longe, no grupo, que rebentava às gargalhadas. (...) Durante a noite ouviu falar em varapaus-de-osso, mas não ligou. Só dias depois, na rua, uns garotitos malcriados gritaram-lhe, na esquina, o epíteto infamante e não duvidou mais. A alcunha colara-se à sua pele como um **ferrete**.^⑬

VOCABULÁRIO

- ① Fuso 紡錘 ② Dengue 慵懶的 ③ Afivelar 扣上 ④ Varapau 拐杖 ⑤ Motejo 嘲諷
⑥ Chacota 嘲諷 ⑦ Azougado 生氣 ⑧ Estrábico 斜視 ⑨ Pasto 由於 ⑩ Folião 狂歡者
⑪ Estroina 放蕩的 ⑫ Verrinoso 惡毒的 ⑬ Ferrete 烙印 (隱喻)

34. Senna Fernandes, Amor e Dedinhos de Pé

Descoberta e exploração

1. Leia o texto atentamente. Quem são as personagens?
2. Quem conta a história?
3. Onde se passa a história? Leia a informação sobre o romance e o autor e procure no texto um elemento que justifique a sua resposta.
4. Procure a expressão sinónima de "como a água estagnada dum pântano". Justifique a sua resposta.
5. Que fazia Victorina durante os seus dias?
6. Faça uma lista com as características de Victorina.
7. Leia o segundo parágrafo do texto. Porque é que Victorina se mostrava rígida e distante, como se fosse indiferente?
8. Qual é a palavra do texto que designa a época em que aconteciam os "assaltos carnavalescos"?
9. Por que razão Victorina foi àquele "assalto carnavalesco" na Praia Grande?
10. Que significa "ser um jarrão esquecido num canto da sala"?
11. Que brincadeiras se faziam no Entrudo?
12. Porque é que foi que Victorina se agonizou com a lembrança do seu estrabismo?
13. Como é caracterizado Frontaria?
14. Parece-lhe que Frontaria convidou Victorina para dançar para alegrar e fazer bem à moça?
15. Frontaria estava à espera que Victorina recusasse o convite?
16. Por que motivos Victorina recusou o convite? Qual foi o verdadeiro motivo?
17. Porque é que a alcunha Varapau-de-Osso era tão grave?
18. Parece-lhe que Victorina é uma mulher frágil? Justifique a sua resposta.

Produção

1. Como é que Macau é visto na sua cultura?
2. Que mais lhe interessa visitar em Macau?
3. O que é que sabe sobre a história de Macau?
4. Pensa que a cultura portuguesa tem um lugar importante em Macau? Pensa que deve ser preservada?
5. Consegue reconhecer a Língua Portuguesa quando a ouve na rua?



- Veja o filme *Amor e dedinhos de pé*, realizado por Luís Filipe Rocha e por Izaías Almada, lançado em 1991. Os protagonistas, representando Victorina Vidal e Chico Frontaria, são respectivamente Ana Torrent e Joaquim de Almeida.
- Conheça o livro de fotografia documental de Chan Hin Io, *Macau Reflectido*, publicado pelo Instituto Cultural da R.A.E de Macau, em 2017.



35. L. Cardoso, Para onde vão os gatos quando morrem?

Luís Cardoso. Escritor timorense (Kailako, 1958). Formou-se em Silvicultura pelo Instituto Superior de Agronomia de Lisboa e desempenhou as funções de representante do Conselho Nacional da Resistência Maubere. Foi ainda contador de histórias timorenses, cronista da revista *Fórum Estudante* e professor de Tétum e Língua Portuguesa. Publicou o primeiro romance em 1997, *Crónica de uma travessia*, e *Para onde vão os gatos quando morrem?* é o último dos seus seis romances.

Sobre Para onde vão os gatos quando morrem? | Publicado em 2017, o título do romance recupera uma das perguntas que o pequeno Ernesto coloca ao longo da história. O protagonista conta o seu regresso à ilha da sua infância: o espaço, as gentes da ilha, a figura do pai e de Beatriz, são elementos que se cruzam com os dilemas da infância, com a diáspora, as desilusões e as perdas, mas também com as pequenas felicidades, com o regresso à ilha de Ataúro, e com a história de Timor Leste.

Excerto de Para onde vão os gatos quando morrem?

Lisboa: Sextante Editora, 2017, 82-84



Não era dia de lições. (...) Fui ao seu quarto e tratei de arrumar as **kamparas**^① num **bornal**^② de pano que servia para guardar o pão

- Que levas aí dentro?

- Rosas!

calhou-me dizer rosas por causa do conto que aprendi com o professor.

Ela sorriu. Também conhecia o célebre conto português. Contei-lhe a versão que me foi ensinada. (...)

- Pão em rosas!

disse Beatriz com ar enfasiado.

Acrescentou que aquela versão do conto popular não era do seu agrado. Primeiro, por mostrar que o rei era muito avarento e por desconfiar da palavra da esposa. Segundo, porque a rainha devia saber como influenciar o rei a cuidar dos seus pobres. Não devia mentir ao marido dizendo que eram rosas quando sabia perfeitamente que era pão para dar aos pobres. (...)

Sugeriu que o enredo fosse alterado. (...)

Contou,

o rei andava pelos campos em busca de inspiração para os seus poemas. A rainha fazia-o em busca de flores e de aromas que muito a encantavam, dado que os palácios eram locais **soturnos**^③ e cheiravam a **mofo**.^④

Um acaso fez com que Dinis tivesse encontrado a sua esposa vagueando pelos campos e, vendo-a com um **regaço**^⑤ no vestido, perguntou se a rainha pretendia colher flores. Isabel disse que sim. E, ampliando o doce sorriso, confidenciou ao seu amado esposo

- Rosas, Dinis! Rosas! (...)

De regaço cheio e cheirando a rosas, Isabel foi para o **lugarejo**^⑥ dos pobres. (...) Um garoto saudou-a com uma voz sumida, porque não parava de tossir, e foi dizendo entre soluços

- Que trazes, senhora?

- Rosas, menino! Rosas!

Enquanto caminhavam, Isabel notou que o rosto do menino foi ficando cada vez mais triste à medida que se juntavam mais pobres, cada um deles com mais fome que o anterior. Aquelas pessoas não pareciam precisar de flores. Reclamavam pão para a boca. Tinham andado a plantar árvores nas dunas, conforme mandara o rei, e não tinham tido tempo para semear. Viviam daquilo que colhiam pelas florestas.

Isabel estava dececionada com a receção. Esperava ser recebida como dantes, quando trazia pão, entre sorrisos e lágrimas de contentamento. Teve um momento de hesitação. (...) Foi interrompida pelo garoto

- Senhora, dá-mas! (...)

Quando abriu o regaço, qual foi o seu espanto ao ver que em vez de flores havia pão para toda a gente. Cheiravam a rosas. Rosas em pão. Aconteceu o verdadeiro milagre da rainha

- Vitória, vitória, acabou a história!

sorriu com a mudança introduzida no enredo do conto.

Eu também sorri. Ambos sorrimos.

VOCABULÁRIO

① Kampara 木底鞋 ② Bornal 行囊 ③ Soturno 黯淡的 ④ Mofo 發霉 ⑤ Regaço 下擺

⑥ Lugarejo 村莊

35. L.Cardoso, Para onde vão os gatos quando morrem?

Descoberta e exploração

1. Leia todo o texto e a ficha informativa. Quem são as personagens da história?
2. Quem conta a história?
3. Qual seria este “célebre conto português” referido pelo narrador?
4. Faça uma pesquisa sobre esta lenda. Em que altura da história de Portugal se passa a história e quem são as personagens?
5. Tendo em conta a sua pesquisa, escreva a versão que terá sido ensinada ao pequeno Ernesto pelo professor.
6. Beatriz ouviu a história com “ar enfasiado”. Faça uma lista com os motivos pelos quais Beatriz não gostava daquela versão da história.
7. Observe a construção do texto. É o mesmo narrador que conta a nova história do “milagre das rosas”?
8. Por que razão andavam o rei e a rainha pelos campos?
9. Como era a relação entre a rainha e o rei? Justifique a sua resposta.
10. O rei e a rainha viviam num palácio. Onde viviam os pobres?
11. Parece-lhe que o “garoto” que saudou a rainha fosse saudável? Justifique a sua resposta.
12. Por que motivo o rosto do menino foi ficando cada vez mais triste?
13. Parece-lhe que o rei cuidava dos pobres do seu reino?
14. Onde é que as árvores estavam a ser plantadas?
15. Procure saber mais sobre esta plantação de árvores que aconteceu no reinado de D. Dinis.
16. Porque é que a rainha hesitou?
17. Qual foi o milagre que aconteceu?
18. Faça uma pesquisa sobre o Rei D. Dinis. Por que é que também foi chamado Rei Poeta?

Produção

1. Em algum momento da história do seu país houve reis e rainhas? Qual foi o seu preferido?
2. Na História do seu país houve algum rei que tenha sido poeta? Que obras escreveu?
3. Quais são os contos populares mais antigos da sua cultura?
4. Há algum conto popular de que não goste? Por que motivos?
5. Como seria a sua versão desse conto popular?



- Leia o poema “D. Dinis” do livro *Mensagem*, de Fernando Pessoa.
- Veja o documentário “Visita Guiada - Museu Machado de Castro, Convento de Santa Clara-a-Nova”, sobre o tesouro da Rainha Santa Isabel, da autoria de Paula Moura Pinheiro, produzido pela Rádio e Televisão Portuguesa (RTP), em 2014.
- Conheça o livro *Lendas e Fábulas de Timor-Leste*, de Helena Marques Dias (Lidel, 2009).



36. L. Cardoso, Para onde vão os gatos quando morrem?

Luís Cardoso. Escritor timorense (Kailako, 1958). Formou-se em Silvicultura pelo Instituto Superior de Agronomia de Lisboa e desempenhou as funções de representante do Conselho Nacional da Resistência Maubere. Foi ainda contador de histórias timorenses, cronista da revista *Fórum Estudante* e professor de Tétum e Língua Portuguesa. Publicou o primeiro romance em 1997, *Crónica de uma travessia*, e *Para onde vão os gatos quando morrem?* é o último dos seus seis romances.

Sobre Para onde vão os gatos quando morrem? | Publicado em 2017, o título do romance recupera uma das perguntas que o pequeno Ernesto coloca ao longo da história. O protagonista conta o seu regresso à ilha da sua infância: o espaço, as gentes da ilha, a figura do pai e de Beatriz, são elementos que se cruzam com os dilemas da infância, com a diáspora, as desilusões e as perdas, mas também com as pequenas felicidades, com o regresso à ilha de Ataúro, e com a história de Timor Leste.

Excerto de Para onde vão os gatos quando morrem?

Lisboa: Sextante Editora, 2017, 41-42



O missionário, quando me viu pela primeira vez, assustou-se. Que nunca tinha visto uma tristeza tão grande no rosto de uma criança. Predispôs-se a falar com Tomás de Aquino. Apesar de saber do mau génio do chefe do posto quando alguém tentava imiscuir-se nos seus assuntos particulares (...). O padre Duarte tencionava saber a origem do mal, o meu **pecado original**¹

- Isso não se faz a uma criança!

com pena de mim por ter olhos tristes.

Não achava justo que uma criança, ainda tão nova, pudesse ter herdado uma doença de alma que só acontecia aos adultos ou aos viúvos, quando ficavam sós depois da separação ou morte de quem os acompanhou em vida. Para confirmar o que disse, **sentenciou**² em alta voz

- Esta criança só tem olhos!

que eu era apenas olhos pretos e tristes.

Passei horas em frente ao espelho a olhar para os meus olhos e a tentar encontrar nas suas profundezas a tal tristeza de que o padre falava. Algo como o pecado original que toda a gente via menos eu

- Olha-te ao espelho!

diziam as **zeladoras**,³ secundando as palavras do sacerdote.

Passei horas à frente do espelho à espera de ver a minha alma.

Não sabia como ela era. Se era branca, azul, amarela, cor de anil ou preta, sombra ou luz. Nada vi e ninguém me apareceu

- Não tenho alma!

enchi-me com dúvidas e lamentações.

Apenas **ramelas**,⁴ que cresciam todas as manhãs e tinha de as limpar. Muitas vezes aparecia com os olhos avermelhados por causa do sal depois de ter dado uns mergulhos no mar para ver os corais. (...)

Claro que sentia a falta da minha mãe, mas também queria viver a minha vida. Queria usufruir da companhia dos amigos e mergulhar no mar. Que me fizessem carícias, me dessem abraços e brincassem comigo ao kuda-tali-rebo-rebo, o jogo em que rapazes e raparigas andavam numa **roda-viva**⁵ como nas tebe, em que os adultos davam as mãos, soltavam as pernas e se penduravam uns nos outros, pela noite dentro.

Dei-me conta de que a minha condição era contagiosa. Vi a minha tristeza espalhada e refletida nos olhos de outras crianças. Começaram a ter pena de mim. E esta evidência, ou sombra, fez com que eu me tivesse **retraído**⁶ do convívio deles. Como se tivesse uma grave doença. Incurável. Já não era só da alma, mas do corpo todo. Evitavam-me. Com medo de que a doença pudesse transformar-se numa **maldição**,⁷ fiz-me à vida e fui procurar o consolo da natureza, andava pelos montes (...).

VOCABULÁRIO

- ① Pecado original 原罪 ② Sentenciar 發話 ③ Zelador 看護人 ④ Ramela 眼屎
⑤ Roda-viva 圍圈(手拉手) ⑥ Retrair 撤回 ⑦ Maldição 詛咒

36. L.Cardoso, Para onde vão os gatos quando morrem?

Descoberta e exploração

1. Leia o texto com atenção. Quem são as personagens referidas na história e o que fazem?
2. Quem é o narrador da história? Indique uma marca deste narrador.
3. Quais foram os dois sentimentos do Padre Duarte quando viu a criança pela primeira vez?
4. Quando é que o chefe do posto tinha mau génio?
5. Se a criança é um assunto pessoal, qual é a relação de parentesco entre Tomás de Aquino e o menino?
6. O Padre Duarte pensa que a culpa dos olhos tristes é da própria criança? Justifique a sua resposta.
7. Procure saber o que é o “pecado original”.
8. Que nome tem a “doença de alma” de que fala o texto?
9. Observe a frase: “Passei horas à frente do espelho à espera de ver a minha alma”. Conhece algum ditado popular que se relacione com ela?
10. O que sabia o menino sobre a sua alma?
11. Que outras coisas observou o menino nos seus olhos?
12. Como seriam as águas onde o menino mergulhava?
13. Faça uma pesquisa para conhecer a paisagem marítima de Timor Leste e, sobretudo, da Ilha de Ataúro.
14. Por que outro motivo podiam ser os olhos vermelhos do menino?
15. O que procurava o menino quando brincava com os amigos?
16. A tristeza que ele vê nos olhos dos outros meninos é a mesma que ele sente?
17. Como foi que o menino ultrapassou os seus medos e tristezas?
18. Qual era a “doença” do menino?

Produção

1. Os olhos são o espelho da alma. Na sua cultura existe algum ditado popular semelhante a este?
2. Conhece outros ditados que tenham o mesmo sentido? Quais são?
3. Na sua cultura a solidão é um problema? Porquê?
4. Parece-lhe que a solidão é sentida de forma mais intensa na cidade ou no campo?
5. Lembra-se de alguma circunstância em que tenha sentido solidão?



- Conheça o documentário da Rádio e Televisão Portuguesa, RTP, “À roda do mundo”, de 1995, apresentado por Paulo Dentinho, num conjunto de cinco episódios sobre Timor Leste em 1975.
- Conheça o projecto “Boneca de Ataúro”, desenvolvido desde 2007 por um grupo de mulheres de Ataúro.



37. Lima Barreto, Triste Fim de Policarpo Quaresma

(Rio de Janeiro, 1881 - Rio de Janeiro, 1922). Considerado hoje um dos mais importantes escritores brasileiros do início do século XX no Brasil, não teve, em vida, reconhecimento como contista e romancista. É frequente na sua obra a crítica à sociedade de sua época através da sátira e ironia. Entre as suas obras, destacam-se *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911), e a coletânea *O Homem que Sabia Javanês e outros contos* (1965).

Sobre Triste Fim de Policarpo Quaresma | Publicado originalmente em capítulos entre agosto e novembro de 1911, a obra conta a história de Policarpo Quaresma, um brasileiro extremamente patriota e cheio de ideais nobres. Policarpo procura a todo custo provar que o Brasil é o melhor país do mundo e que tudo no país pode funcionar se feito da maneira certa. No entanto, tudo o que tenta na vida (aprender violão, tornar o tupi a língua oficial do Brasil, incentivar a agricultura, ingressar no exército) sempre acabam por dar errado.

Excerto de Triste Fim de Policarpo Quaresma

Brasília: Editora da Câmara, 2017, 104-106



Quaresma chegou a seu quarto, despiu-se, enfiou a camisa de dormir e, deitado, pôs-se a ler um velho elogio das riquezas e **opulências**^① do Brasil.

A casa estava em silêncio; do lado de fora, não havia a mínima **bulha**.^② Os sapos tinham suspenso um instante a sua orquestra noturna. Quaresma lia; e lembrava-se que Darwin escutava com prazer esse concerto dos **charcos**.^③ “Tudo na nossa terra é extraordinário!” pensou. Da despensa, que ficava junto a seu aposento, vinha um ruído estranho. **Apurou**^④ o ouvido e prestou atenção. Os sapos recomeçaram o seu hino. Havia vozes baixas, outras mais altas e **estridentes**;^⑤ uma se seguia à outra, num dado instante todas se juntaram num **unísono**.^⑥ **Sustentado**.^⑦ Suspenderam um instante a música. O major apurou o ouvido; o ruído continuava. Que era? Eram uns estalos tênues; parecia que quebravam gravetos, que deixavam outros cair ao chão... Os sapos recomeçaram; o regente deu uma martelada e logo vieram os baixos e os tenores. Demoraram muito; Quaresma pôde ler umas cinco páginas. Os **batráquios**.^⑧ pararam; a bulha continuava. O major levantou-se, agarrou o **castiçal**.^⑨ e foi à dependência da casa donde partia o ruído, assim mesmo como estava, em camisa de dormir.

Abriu a porta; nada viu. Ia procurar nos cantos, quando sentiu uma ferroadinha no peito do pé. Quase gritou. Abaixou a vela para ver melhor e deu com uma enorme **saúva**.^⑩ agarrada com toda a fúria à sua pele magra. Descobriu a origem da bulha. Eram formigas que, por um buraco no assoalho, lhe tinham invadido a despensa e carregavam as suas reservas de milho e feijão, cujos recipientes tinham sido deixados abertos por **inadvertência**.^⑪ O chão estava negro, e carregadas com os grãos, elas, em pelotões cerrados, mergulhavam no solo em busca da sua cidade subterrânea.

Quis afugentá-las. Matou uma, duas, dez, vinte, cem; mas eram milhares e cada vez mais o exército aumentava. Veio uma, mordeu-o, depois outra, e o foram mordendo pelas pernas, pelos pés, subindo pelo seu corpo. Não pôde aguentar, gritou, sapateou e deixou a vela cair.

Estava no escuro. Debatia-se para encontrar a porta; achou e correu daquele **ínfimo**.^⑫ inimigo que, talvez, nem mesmo à luz radiante do sol, o visse **distintamente**.^⑬ ...

VOCABULÁRIO

- ① Opulência 富裕 ② Bulha 雜音 ③ Charco 池塘 ④ Apurar 把關 (檢查) ⑤ Estridente 刺耳的
⑥ Unísono 同頻的 ⑦ Sustentado 拖音 ⑧ Batráquio (classe de animais a que pertencem os sapos e as rãs) 蛙族
⑨ Castiçal 燭臺 ⑩ Saúva (espécie de formiga) 蟻族 ⑪ Inadvertência 無意的 ⑫ Ínfimo 微小的
⑬ Distintamente 與眾不同的

37. Lima Barreto, Triste Fim de Policarpo Quaresma

Descoberta e exploração

1. Antes de ler o texto, procure saber a origem da frase “em se plantando tudo dá”. Que tipo de sentimento ela representa em relação ao Brasil?
2. Procure também saber qual o significado da palavra “ufanismo”
3. Leia o primeiro parágrafo. Quais parecem ser os hábitos do personagem antes de dormir?
4. Leia o segundo parágrafo. É possível dizer que o personagem descrito é ufanista?
5. Quem foi Darwin e por que ele é citado no texto?
6. Qual som noturno normalmente se ouve na casa em que mora Policarpo Quaresma?
7. A que o narrador compara o som emitido pelos animais à noite?
8. O que levou Policarpo Quaresma a suspeitar que havia algo de errado?
9. Qual foi sua ação para verificar o que ocorria?
10. Leia o texto até o fim. O que Policarpo encontrou na despensa?
11. O que causou a dor que levou o personagem quase a gritar?
12. O que os pequenos seres que encontrou na despensa estavam roubando e por quê?
13. Como Policarpo Quaresma tentou solucionar o problema?
14. Qual foi a reação de seus inimigos?
15. Quem venceu a batalha?
16. Quais eram as vantagens do inimigo em relação a Policarpo Quaresma?
17. A que são comparados os pequenos inimigos de Policarpo ao longo do texto?
18. Poderíamos dizer que esta história é uma alegoria? O que ela representa?

Produção

1. Você conhece bem a história do seu país? Acha importante que as crianças conheçam os hinos e símbolos nacionais?
2. Você se considera um patriota ou um cidadão do mundo? É possível ser os dois ao mesmo tempo?
3. Que sons costuma ouvir à noite no lugar onde vive? O que gostaria de ouvir?
4. Você tem medo de insetos ou outros bichos? Quais? Quais as suas reações?
5. Acredita que é possível que o homem controle a natureza? Acredita que é desejável?



- Assista ao filme “Policarpo Quaresma, Herói do Brasil” dirigido por Paulo Thiago em 1998 e baseado na obra de Lima Barreto.
- Procure ler uma das quatro adaptações em quadrinhos de “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, publicadas nos últimos anos. Elas foram produzidas por Lailson de Holanda Cavalcanti (Companhia Editora Nacional, 2008), Ronaldo Antonelli e Francisco Vilachã (Escala Educacional, 2008), Edgar Vasques e Flávio Braga (Desiderata, 2010) e, finalmente, Cesar Lobo e Luiz Antonio Aguiar (Ática, 2010).



38. Lima Barreto, Triste Fim de Policarpo Quaresma

(Rio de Janeiro, 1881 - Rio de Janeiro, 1922). Considerado hoje um dos mais importantes escritores brasileiros do início do século XX no Brasil, não teve, em vida, reconhecimento como contista e romancista. É frequente na sua obra a crítica à sociedade de sua época através da sátira e ironia. Entre as suas obras, destacam-se *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911), e a coletânea *O Homem que Sabia Javanês e outros contos* (1965).

Sobre Triste Fim de Policarpo Quaresma | Publicado originalmente em capítulos entre agosto e novembro de 1911, a obra conta a história de Policarpo Quaresma, um brasileiro extremamente patriota e cheio de ideais nobres. Policarpo procura a todo custo provar que o Brasil é o melhor país do mundo e que tudo no país pode funcionar se feito da maneira certa. No entanto, tudo o que tenta na vida (aprender violão, tornar o tupi a língua oficial do Brasil, incentivar a agricultura, ingressar no exército) sempre acabam por dar errado.

Excerto de Triste Fim de Policarpo Quaresma

Brasília: Editora da Câmara, 2017, 16-18



De acordo com a sua paixão dominante, Quaresma estivera muito tempo a meditar qual seria a expressão poético-musical característica da alma nacional. Consultou historiadores, cronistas e filósofos e adquiriu certeza que era a **modinha**^① acompanhada pelo violão. Seguro dessa verdade, não teve dúvidas: tratou de aprender o instrumento genuinamente brasileiro e entrar nos segredos da modinha. Estava nisso tudo **a quo**,^② mas procurou saber quem era o primeiro **executor**^③ e cantor da cidade e tomou lições com ele. O seu fim era disciplinar a modinha e tirar dela um forte motivo original de arte.

Ricardo vinha justamente dar-lhe lição, mas antes disso, por convite especial do discípulo, ia compartilhar o seu jantar; e fora por isso que o famoso **trovador**^④ chegou mais cedo à casa do subsecretário.

– Já sabe dar o “ré” sustenido, major? perguntou Ricardo logo ao sentar-se.

– Já.

– Vamos ver.

Dizendo isto, foi **desencapotar**^⑤ o seu sagrado violão; mas não houve tempo. Dona Adelaide, a irmã de Quaresma, entrou e convidou-os a irem jantar. A sopa já esfriava na mesa, que fossem!

– O Senhor Ricardo há de nos desculpar – disse a velha senhora – a pobreza do nosso jantar. Eu lhe quis fazer um frango com **petit-pois**,^⑥ mas Policarpo não deixou. Disse-me que esse tal *petit-pois* é estrangeiro e que eu o substituísse por **quando**.^⑦ Onde é que se viu frango com quando?

Coração dos Outros aventou que talvez fosse bom, seria uma novidade e não fazia mal experimentar.

– É uma mania de seu amigo, Senhor Ricardo, esta de só querer cousas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!

– Qual, Adelaide, você tem certas **ojerizas**!^⑧ A nossa terra, que tem todos os climas do mundo, é capaz de produzir tudo que é necessário para o estômago mais exigente. Você é que deu para implicar.

– Exemplo: a manteiga que fica logo rançosa.

– É porque é de leite, se fosse como essas estrangeiras aí, fabricadas com gorduras de **esgotos**,^⑨ talvez não se estragasse... É isto, Ricardo! Não querem nada da nossa terra...

– Em geral é assim – disse Ricardo.

– Mas é um erro... Não protegem as indústrias nacionais... Comigo não há disso: de tudo que há nacional, eu não uso estrangeiro. Visto-me com **pano**^⑩ nacional, calço botas nacionais e assim por diante.

VOCABULÁRIO

- ① Modinha 魔丁漢 (巴西音樂) ② A quo (expressão latina que significa “sem entender”, “sem saber”). 不知道 ③ Executor 音樂家 ④ Trovador 流行詩人 ⑤ Desencapotar 從琴盒取琴 ⑥ Petit-pois (ervilha em francês). 豌豆 (法語) ⑦ Quando (tipo de feijões vindos da planta de mesmo nome). 木豆 (一種巴西特色豆) ⑧ Ojeriza 厭惡 ⑨ Esgoto 污水管道 ⑩ Pano 布料

38. Lima Barreto, Triste Fim de Policarpo Quaresma

Descoberta e exploração

1. Antes de ler o texto, procure ouvir a modinha do século XIX que se chama “Quem Sabe?” de autoria de Carlos Gomes e F. L. Bittencourt Sampaio. Esta canção é até hoje conhecida no Brasil e serve como exemplo do estilo musical conhecido como “modinha”.
2. Leia o primeiro parágrafo. Qual é, segundo Policarpo Quaresma, o estilo musical que melhor representa o Brasil?
3. Como Policarpo definiu este estilo como o mais característico do país?
4. Ainda segundo o personagem, qual seria o instrumento musical mais brasileiro de todos?
5. Que aulas Policarpo Quaresma começou a frequentar? Para quê?
6. Leia o segundo parágrafo. Por que Policarpo Quaresma escolheu Ricardo para ser seu professor?
7. Leia o texto até o fim. A aula chegou a acontecer?
8. Qual foi o menu do jantar?
9. O que justifica o menu escolhido?
10. O convidado aprecia a escolha do menu?
11. Dona Adelaide parece apreciar geralmente as escolhas alimentares de Policarpo?
12. Segundo Policarpo, há algo que o Brasil não possa produzir?
13. Quais as críticas de Adelaide quanto à manteiga produzida no Brasil?
14. Qual a explicação de Policarpo Quaresma para a qualidade da manteiga de outros países?
15. Segundo Policarpo, por que razão as pessoas não apreciam os produtos produzidos no país?
16. Quais as ações de Policarpo para proteger a produção nacional?
17. Acredita que Policarpo Quaresma exagera em seu nacionalismo?
18. Acredita que este texto é uma crítica a algum tipo de comportamento?

Produção

1. Qual é o instrumento musical que melhor representa o seu país? Que tipo de música nacional você considera o mais tradicional?
2. Você toca algum instrumento? Qual? Gostaria de tocar algum? Qual?
3. Qual a canção mais famosa do seu país? As pessoas de outros lugares também conhecem? Ela tem algum significado especial para você?
4. Há produtos importados que prefere aos produzidos em seu país? Por quê? E o contrário também acontece?
5. Qual seria o prato mais típico de sua terra? Os ingredientes são produzidos localmente? É possível encontrar este prato em outros países?



- Assista ao filme “Policarpo Quaresma, Herói do Brasil” dirigido por Paulo Thiago em 1998 e baseado na obra de Lima Barreto.
- Procure ler uma das quatro adaptações em quadrinhos de “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, publicadas nos últimos anos. Elas foram produzidas por Lailson de Holanda Cavalcanti (Companhia Editora Nacional, 2008), Ronaldo Antonelli e Francisco Vilachã (Escala Educacional, 2008), Edgar Vasques e Flávio Braga (Desiderata, 2010) e, finalmente, Cesar Lobo e Luiz Antonio Aguiar (Ática, 2010).



39. José Lins do Rego, Menino de Engenho

(Pilar, 1901 - Rio de Janeiro, 1957). Um dos precursores do uso da oralidade na literatura brasileira. Nascido na Paraíba, em uma família que possuía engenhos de açúcar, presenciou em primeira mão a decadência da atividade no Nordeste, tema de seus primeiros romances *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), e *Usina* (1936). *Fogo Morto* (1943) é considerada sua obra-prima. Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1955.

Sobre Menino de Engenho | A obra conta as memórias de um garoto que, após a morte dos pais, é enviado para viver numa plantação de cana-de-açúcar onde se efetua também a transformação do produto (um engenho). Através de sua visão infantil, vemos um retrato das transformações que o Brasil rural está sofrendo na época, com a crise da indústria do açúcar, a modernização do país e os aspectos culturais como as crenças e brincadeiras locais, a literatura de cordel e a herança da escravidão.

Excerto de Menino de Engenho

Rio de Janeiro: José Olympio. 74ª edição, 1999, 31-32



A estrada de ferro passava no outro lado do rio. Do engenho nós ouvíamos o trem apitar, e fazia-se de sua passagem uma espécie de relógio de todas as atividades: antes do trem das dez, depois do trem das duas. Costumávamos ir para a beira da linha ver de perto os trens de passageiros. E ficávamos de cima dos cortes olhando como se fossem uma coisa nunca vista os **horários**¹ que vinham de Recife e voltavam da Paraíba. Mas nos proibiam esse espetáculo com medo das nossas **traquinagens**² pelo **leito**³ da estrada. E tinha razão de ser tanta **cautela**⁴: um dos lances mais **agoniados**⁵ da minha infância eu passei numa dessas esperas de trem. O meu primo Silvino combinara em fazer virar a máquina na rampa do Caboclo. Já outra vez, com um pano vermelho que um moleque pregara num pau, um **maquinista**⁶ parara o horário da dez. Agora o que meu primo queria era um desastre. E botou uma pedra bem na curva da rampa. Nós ficamos de espreita, esperando a hora. Quando vi o trem se aproximar como um bicho comprido que viesse para uma armadilha, deu-me uma agonia dentro de mim que eu não soube explicar. Parecia que eu ia ver ali perto de mim pedaços de gente morta, cabeças rolando pelo chão, sangue correndo no meio de ferros **desmantelados**⁷. E **num ímpeto**⁸, com o trem que vinha roncando pertinho, corri para a pedra e com toda a minha força empurrei-a pra fora. Um instante mais ouvi o ruído da máquina que passava. Fiquei sozinho, ali no **ermo**⁹ da estrada de ferro. Os meus primos e os **moleques**¹⁰ tinham corrido. Meu coração batia apressado. Parecia que eu era o único culpado daquela desgraça que não acontecera. Comecei a chorar com medo do silêncio. Muito de longe o trem apitava. E banhado pelas lágrimas andei para casa. Nunca mais em minha vida o heroísmo me tentaria por essa forma.

VOCABULÁRIO

- ① Horário (*trem - regionalismo do Nordeste brasileiro*). 火車 (巴西東北地區用詞) ② Traquinagem 玩鬧
③ Leito 路肩 ④ Cautela 小心 ⑤ Agoniado 痛苦 ⑥ Maquinista 火車司機 ⑦ Desmantelado 斷裂的
⑧ Num ímpeto 突然 ⑨ Ermo 曠野 ⑩ Moleque 頑童

39. José Lins do Rego, Menino de Engenho

Descoberta e exploração

1. Antes de ler o texto, procure conhecer o poema Trem de Ferro escrito pelo poeta brasileiro Manuel Bandeira.
2. Procure também escutar canções como *Trenzinho do Caipira*, de Edu Lobo, *Trem das Sete* de Raul Seixas, *Trem Azul* de Lô Borges, *Trem das Onze* dos Demônios da Garoa e *Encontros e Despedidas* de Maria Rita.
3. Procure também conhecer as pinturas brasileiras *Trem*, de Agostinho Batista de Freitas, *A Gare*, de Tarsila do Amaral, *Trem* de Armínio Pascual e *Despejados* de Cândido Portinari.
4. Em vista dos elementos que descobriu, qual importância acredita que têm os trens na cultura brasileira?
5. Leia o primeiro parágrafo. Além de ser meio do transporte, para que servia o trem na vida local?
6. Leia o texto até o final. Quantos meninos estavam presentes na cena descrita.
7. Qual era o plano dos meninos?
8. De quem foi a ideia do plano?
9. Os meninos tinham permissão de se aproximar dos trens?
10. Que outras traquinagens eles já tinham aprontado anteriormente?
11. Houve um acidente? Explique.
12. Quantos meninos estavam presentes pouco antes de o trem passar?
13. Quais foram as duas tragédias que poderiam ter ocorrido?
14. Por que o narrador descreve a cena de um desastre?
15. Como se sentiu o menino depois do ocorrido?
16. A cena descrita teve impacto no resto da vida do menino?
17. As crianças poderiam ser consideradas criminosas?
18. Considera que o narrador seja um herói?

Produção

1. Lembra de alguma travessura que tenha aprontado na infância e que o tenha levado a se arrepender?
2. Com que idade pensa que as crianças deveriam começar a ser responsabilizadas pelos seus atos?
3. Acha que as pessoas já nascem boas ou más ou é algo que se adquire ao longo da vida?
4. Havia algum objeto ou lugar que o fascinava quando criança? Conte mais.
5. Costuma viajar de trem? Que meios de transporte prefere utilizar? Tem para isso alguma razão?



- Assista ao filme “Menino de engenho” dirigido por Walter Lima Júnior em 1965. O filme leva para as telas a obra de José Lins do Rego.
- Procure ver o quadro “Engenho de Itamaracá” pintado pelo artista holandês Franz Post em 1647. Na imagem, temos uma representação da organização de um engenho de açúcar na época do Brasil colonial.



40. José Lins do Rego, Menino de Engenho

(Pilar, 1901 - Rio de Janeiro, 1957). Um dos precursores do uso da oralidade na literatura brasileira. Nascido na Paraíba, em uma família que possuía engenhos de açúcar, presenciou em primeira mão a decadência da atividade no Nordeste, tema de seus primeiros romances *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), e *Usina* (1936). *Fogo Morto* (1943) é considerada sua obra-prima. Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1955.

Sobre Menino de Engenho | A obra conta as memórias de um garoto que, após a morte dos pais, é enviado para viver numa plantação de cana-de-açúcar onde se efetua também a transformação do produto (um engenho). Através de sua visão infantil, vemos um retrato das transformações que o Brasil rural está sofrendo na época, com a crise da indústria do açúcar, a modernização do país e os aspectos culturais como as crenças e brincadeiras locais, a literatura de cordel e a herança da escravidão.

Excerto de Menino de Engenho

Rio de Janeiro: José Olympio. 74ª edição, 1999, 5-6



Todos os retratos que tenho de minha mãe não me dão nunca a verdadeira **fisionomia**¹ que eu guardo dela — a doce fisionomia daquele rosto, daquela melancólica beleza do seu olhar. Ela passava o dia inteiro comigo. Era pequena e tinha os cabelos pretos. Junto dela eu não sentia necessidade dos meus brinquedos. D. Clarisse, como lhe chamavam os criados, parecia mesmo uma figura de estampa. Falava para todos com um tom de voz de quem pedisse um favor, mansa e terna como uma menina de **internato**.² Criara-se num colégio de freiras, sem mãe, pois o pai ficara viúvo quando ela ainda não falava. Filha de senhor de engenho, parecia mais, pelo que me contavam dos seus modos, uma dama nascida para a **reclusão**.³

À noite ela fazia-me dormir. Adormecer nos seus braços, ouvindo a **surdina**⁴ daquela voz, era o meu requinte de **sibarita**⁵ pequeno.

Ela me enchia de carícias. E quando o meu pai chegava, nas suas crises, exasperado como um **pé-de-vento**,⁶ eu a via chorar e pronta a esquecer todas as **intemperanças**⁷ verbais do seu marido. Os criados amavam-na. Ela também os tratava com uma bondade que não conhecia mau humor.

Horas inteiras eu fico a pintar o retrato dessa mãe **angélica**,⁸ com as cores que tiro da imaginação, e vejo-a assim, ainda tomando conta de mim, dando-me banhos e me vestindo. A minha memória ainda guarda detalhes bem vivos que o tempo não conseguiu destruir.

O seu destino fora cruel: morrer como morreu, vítima de um excesso de **cólera**⁹ do homem que tanto amara; e depois, ela, cheia de pudor e de recato, a encher as folhas de sensação, com o seu retrato, com histórias mentirosas de sua vida íntima.

A morte de minha mãe encheu-me a vida inteira de uma melancolia desesperada. Por que teria sido com ela tão injusto o destino, injusto com uma criatura em que tudo era tão puro? Esta força **arbitrária**¹⁰ do destino ia fazer de mim um menino meio cético, meio atormentado de visões ruins.

(...)

TRÊS DIAS depois da tragédia levaram-me para o engenho do meu avô materno. Eu ia ficar ali a morar com ele. Um mundo novo se abriu para mim. Lembro-me da viagem de trem e de uns homens que iam conosco no mesmo carro. O tio Juca, que me fora buscar, contava a história, afirmando que o meu pai estava doido. Todos olhavam para mim com um grande **pesar**.¹¹

VOCABULÁRIO

- ① Fisionomia 面相 ② Internato 住校 ③ Reclusão 隱居 ④ Surdina 小聲 ⑤ Sibarita 驕奢淫逸的人
⑥ Pé-de-vento 暴風 ⑦ Intemperança 廢話 ⑧ Angélica 天使般的 ⑨ Cólera 忿怒 ⑩ Arbitrário 任性的
⑪ Pesar 痛苦

40. José Lins do Rego, Menino de Engenho

Descoberta e exploração

1. Antes de ler o texto, pesquise sobre os seguintes tipos de estabelecimentos de ensino brasileiros: “internato” e “colégio de freiras”.
2. Leia o primeiro parágrafo. A mãe do narrador ainda está viva? Que elementos podem justificar sua resposta?
3. O menino parece ter nascido em uma família rica?
4. Ao descrever a mãe no primeiro parágrafo, o menino faz muitas referências a sua polidez e aspectos da religião. Sublinhe estas referências. Que imagem elas transmitem da mãe?
5. Leia os próximos três parágrafos. Qual era a satisfação do menino quando pequeno?
6. O pai do menino parece ser um homem violento?
7. Que reações as atitudes do pai provocam na mãe?
8. O menino se lembra da mãe através de fotos?
9. Os criados apreciavam a figura de D. Clarisse? Encontre no texto trechos que justifiquem sua resposta.
10. Leia o texto até o fim. Como morreu a mãe do menino?
11. O narrador do texto é um pintor?
12. D. Clarisse amava o marido?
13. O menino acredita que houve justiça?
14. Que efeitos provocaram no menino a forma como morreu a mãe?
15. Explique o trecho “Um mundo novo se abriu para mim”.
16. Que lembranças tem o menino de quando se mudou de casa?
17. A que doença os familiares atribuíram o crime do pai?
18. Acredita que essa história mostra algo da realidade do Brasil na época?

Produção

1. Em sua cultura, quem é responsável por cuidar dos filhos? O pai, a mãe, ou outros familiares?
2. Acredita que mulheres e homens têm, hoje, direitos iguais?
3. É normal que exista ciúme nos casais? Em sua opinião, é algo que deveria ser evitado?
4. Pensa que as fotos são capazes de retratar as pessoas na sua totalidade?
5. Quando criança, qual o lugar que mais gostava de visitar?



- Assista ao filme “Menino de engenho” dirigido por Walter Lima Júnior em 1965. O filme leva para as telas a obra de José Lins do Rego.
- Procure ver o quadro “Engenho de Itamaracá” pintado pelo artista holandês Franz Post em 1647. Na imagem, temos uma representação da organização de um engenho de açúcar na época do Brasil colonial.



41. Maria José Dupré, Éramos Seis

Escritora brasileira (Botucatu, 1905 – São Paulo, 1984) de maior sucesso no Brasil nas décadas de 1940 e 1950. Seu segundo romance, *Éramos Seis*, acolhido de forma calorosa, nunca deixou de ser reeditado e chegou a ter uma sequência – *Dona Lola* (1949). Durante décadas, assinou seus textos como S^{ra} Leandro Dupré. Obteve também grande êxito com os livros dedicados ao público infanto-juvenil, como as Aventuras do Cachorrinho Samba.

Sobre *Éramos Seis* | A obra conta a história dos seis membros da família de Dona Lola entre os anos 1920 e os anos 1940. As dificuldades que a mãe enfrenta para educar os quatro filhos quando pequenos enquanto o marido trabalha para pagar a casa são mostradas durante a primeira parte do livro, enquanto os destinos bastante diversos (e geralmente trágicos) de cada um dos personagens são o objeto da segunda parte. Dona Lola acaba o livro sozinha, numa casa de repouso, de onde conta sua história.

Excerto de *Éramos Seis*

São Paulo: Ática. 30^a edição, 1987, 7-8



Quanta saudade eu tenho desse tempo da Avenida Angélica, quando meus filhos eram crianças e vivíamos todos juntinhos com Júlio, meu marido, como passarinhos em **gaiola**.^① Os dois mais velhos tinham sete e nove anos quando nos mudamos para lá e não me davam muito trabalho. Eram fortes e sadios. Alfredo e Carlos já se vestiam sozinhos e estavam estudando na escola particular de D. Benedita, próxima à nossa casa. Carlos era o mais velho e estava no terceiro ano da escola; Alfredo no segundo.

Depois que punha na cama os dois menores, eu ficava sentada na **poltrona**^② da sala de jantar esperando Júlio; ele vinha jantar sempre entre seis e meia e sete horas mas quando passava das sete e ele não aparecia, eu ficava **aflita**^③ porque o imaginava numa confeitaria, bebendo com os amigos. Com certeza voltaria embriagado para casa. Nunca me enganei, infelizmente.

Quando na porta, ele dizia: Boa noite! e punha o chapéu na chapeleira, eu já sabia se ele estava bom ou não. Era horrível quando vinha um pouco "**tocado**",^④ passava pisando duro pela sala e ia para o quarto tirar o paletó e pôr um de pijama. Depois lavava as mãos e sentava na mesa para jantar; os dois meninos mais velhos comiam na mesa conosco e tinham medo do pai nesses dias. Começávamos a tomar a sopa em silêncio; de repente o pai olhava para Carlos, sentado na frente dele e falava:

— Onde se viu tomar sopa desse jeito? Não aprende? Parece cachorrinho.

"Pronto, começou". Eu pensava. O menino baixava a cabeça sobre o prato, evitando olhar o pai. Ninguém falava e eu ficava um pouco assustada com o silêncio. Durvalina começava a tirar os pratos de sopa e para disfarçar, eu perguntava:

— Teve um dia muito **atribulado**,^⑤ Júlio?

Ah! Meu Deus! Por que eu falava?

Júlio ficava vermelho e respondia:

— Naturalmente. Tenho algum dia que não seja atribulado? Eu? Diga!

Batia a mão no peito, olhando para mim e repetindo:

— Eu? Eu sou um burro de carga para trabalhar. Burro de carga! Trabalho doze horas por dia e depois me perguntam se tive um dia muito atribulado. Essa é boa!

VOCABULÁRIO

- ① Gaiola 鳥籠 ② Poltrona 扶手椅 ③ Aflito 擔心的、焦慮的 ④ Tocado 醉(隱喻, 俚語)
⑤ Atribulado 忙亂

41. Maria José Dupré, Éramos Seis

Descoberta e exploração

1. Antes de ler o texto, procure saber em que cidade brasileira fica a Avenida Angélica.
2. Leia os dois primeiros parágrafos. Quem é o narrador da história? Justifique sua resposta.
3. Faça um quadro com os membros da família que moram na casa da Avenida Angélica. (nota: a mãe se chama Dona Lola).
4. Trata-se de uma família pobre?
5. Explique a frase “vivíamos todos juntinhos com Júlio, meu marido, como passarinhos em gaiola.”
6. Quantas pessoas costumavam estar à mesa na hora do jantar?
7. Que motivos faziam Júlio chegar atrasado para o jantar?
8. Júlio tinha o hábito de beber?
9. Leia o texto até o fim. Em que momento do dia acontece o diálogo final?
10. Em que situações as crianças tinham medo do pai?
11. Que atitude Júlio critica no filho Carlos?
12. Quem é a personagem Durvalina que aparece na cena do jantar?
13. Por que Dona Lola faz uma pergunta ao marido?
14. Ela se arrepende de ter feito a pergunta?
15. Por que Júlio se sente incomodado com a pergunta de Dona Lola?
16. Sublinhe no texto alguns gestos que sugerem violência da parte de Júlio.
17. Júlio considera que trabalha demais?
18. Acredita que a cena descrita seja comum na vida de muitas famílias?

Produção

1. É costume na sua cultura que as famílias se reúnam à hora das refeições?
2. Você morou em mais de um lugar durante a sua vida? Que lugar lhe traz mais memórias.
3. Quantas horas tem uma jornada de trabalho diária no seu país? Acha que as pessoas passam tempo demais trabalhando?
4. É normal, na sua cultura, que as crianças sejam punidas pelos pais? Que tipos de punições são mais frequentes?
5. A violência doméstica é um tema muito debatido no seu país? Existem campanhas contra esse tipo de ato? É ainda um assunto tabu?



- Assista ao filme “Linha de Passe” dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas e lançado em 2008. Nele, temos o retrato de uma modesta família paulistana no início do século XXI.
- Ouça a canção “Família” da banda brasileira Titãs que está presente no disco Cabeça Dinossauro de 1987. A letra conta alguns acontecimentos típicos no cotidiano de uma família de classe média brasileira.



42. Maria José Dupré, Éramos Seis

Escritora brasileira (Botucatu, 1905 – São Paulo, 1984) de maior sucesso no Brasil nas décadas de 1940 e 1950. Seu segundo romance, *Éramos Seis*, acolhido de forma calorosa, nunca deixou de ser reeditado e chegou a ter uma sequência – *Dona Lola* (1949). Durante décadas, assinou seus textos como S^{ra} Leandro Dupré. Obteve também grande êxito com os livros dedicados ao público infanto-juvenil, como as *Aventuras do Cachorrinho Samba*.

Sobre *Éramos Seis* | A obra conta a história dos seis membros da família de Dona Lola entre os anos 1920 e os anos 1940. As dificuldades que a mãe enfrenta para educar os quatro filhos quando pequenos enquanto o marido trabalha para pagar a casa são mostradas durante a primeira parte do livro, enquanto os destinos bastante diversos (e geralmente trágicos) de cada um dos personagens são o objeto da segunda parte. Dona Lola acaba o livro sozinha, numa casa de repouso, de onde conta sua história.

Excerto de *Éramos Seis*

São Paulo: Ática. 30^a edição, 1987, 189-190



Tenho também uma carta de Alfredo desde a semana passada, a primeira carta longa que me escreveu desde muitos anos.

Está na guerra; diz assim:

Mamãe:

Estou no Pacífico Sul desde 5 deste mês. Se algum dia eu disse que a vida era dura para mim, menti, porque foi um mar de rosas.^① Rosas como as do nosso jardimzinho, aquelas que chamávamos de Bela Helena, lembra-se? Pois minha vida era suave como uma Bela Helena em comparação com a de agora. Estou combatendo. Sabe o que quer dizer isso? Não. Nunca poderá saber. Estamos nas Ilhas Salomão e há três dias atacamos um comboio^② japonês que navegava ao largo da Austrália. Os caças^③ japoneses foram repelidos e derrubamos seis deles ali na batata.^④ Tomamos o aeródromo^⑤ de Cucun na ilha de Guadalcanal e vamos avançar agora na base nipônica^⑥ de Tulagi. Estou no elemento, lutando. Eu não dizia sempre que preferia água corrente à água parada? Pois estou agora na correnteza, nem é mais água corrente. É uma correnteza^⑦ que vai a muitos quilômetros a hora e não há tempo nem de respirar. Tomamos Gavatu e Mocambo em dois dias; foi uma chuva de balas, bombas e gritos durante horas seguidas. Se a senhora me visse, diria: Eu, mãe desse demônio? Impossível. E não me reconheceria. Tudo no meio da fumaça e do horror. Os japs^⑧ recuam cada vez mais para o interior das Ilhas; a Austrália pode ficar sossegada porque o perigo amarelo^⑨ já não paira sobre ela. Dias atrás os inimigos receberam reforços no setor de Cocada e temos combatido numa passagem estreita na cordilheira^⑩ de Stanley, é importante a conquista por causa do Porto Moresbi. Vencemos sempre e nosso lema^⑪ é este: combater para vencer!

Não sei quando escreverei de novo; este agosto tem sido o mês mais longo da minha vida. Nem sei se receberá esta carta, vai por acaso. Lembre-se que luto pelo ideal^⑫ que sempre desejei e depois desta guerra o mundo vai mudar, sempre para melhor. Muita coisa cairá, mas nossa idéia ficará de pé. Felicidades a todos.

ALFREDO.

Reli essa carta muitas e muitas vezes; tinha certas palavras que eu não compreendia muito bem, mas era uma carta de Alfredo, do meu rebelde.^⑬ Dormi com ela sob o travesseiro; acordei altas horas,^⑭ acendi a luz, tornei a ler e tornei a chorar. Meu coração me avisou no momento da despedida que Alfredo não voltaria mais.

Deus o abençoe!

Vejo-o nos meus sonhos se debatendo entre as ondas pesadas e negras e sinto que seu último pensamento é para mim. Ouço sua voz chamando: “Mamãe!”

VOCABULÁRIO

- ① Mar de Rosas 美好 (隱喻) ② Comboio 護航隊 ③ Caça 戰鬥機 ④ Na batata 即刻 (隱喻)
 ⑤ Aeródromo 機場 ⑥ Nipônico 日本的 ⑦ Correnteza 強水流 ⑧ Jap 二戰期間對日本人的蔑稱
 ⑨ Perigo amarelo 二戰期間對日本人的蔑稱 ⑩ Cordilheira 山脈 ⑪ Lema 口號 ⑫ Ideal 典範
 ⑬ Rebelde 叛徒 ⑭ Altas horas 凌晨 (隱喻)

42. Maria José Dupré, Éramos Seis

Descoberta e exploração

1. Antes de ler o texto, procure saber qual foi a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.
2. Leia o texto. Sublinhe na carta todos os nomes de países, lugares ou regiões.
3. Desde que data Alfredo se encontra no Pacífico Sul?
4. Qual a relação entre Alfredo e a narradora?
5. Por que Alfredo não se encontra no Brasil?
6. Como Alfredo compara sua vida atual com o seu próprio passado?
7. Até o momento, quem parece ter vencido as batalhas?
8. Por que Alfredo diz estar na correnteza?
9. Alfredo sente que é a mesma pessoa de antes?
10. Quem parecem ser os principais inimigos do pelotão de Alfredo?
11. Circule no texto as palavras relacionadas a guerras e batalhas.
12. Alfredo costuma escrever com frequência? Pretende escrever mais?
13. Por que Alfredo luta?
14. Dona Lola diz não ter compreendido algumas palavras. Que palavras acredita que ela não tenha compreendido. Por quê?
15. Dona Lola gostou de ter recebido uma carta de Alfredo?
16. O que Dona Lola sente que acontecerá a Alfredo?
17. Acredita que Alfredo continua sendo um rebelde?
18. Na sua opinião, Alfredo estava certo? O mundo mudou depois da guerra?

Produção

1. Já ficou emocionado ao receber notícias de alguém que não via há muito tempo? Conte mais.
2. Acha que algumas pessoas gostam de situações de perigo? Você é uma destas pessoas? Comente.
3. Tem algum lugar que visitava na infância e para o qual gostaria de voltar? Qual?
4. Há um provérbio que diz “Longe dos olhos, longe do coração”. Acredita que as pessoas se preocupam menos com quem está longe?
5. Você acha que seria capaz de lutar numa guerra? O que faria numa situação destas?



- Assista ao filme “Linha de Passe” dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas e lançado em 2008. Nele, temos o retrato de uma modesta família paulistana no início do século XXI.
- Ouça a canção “Família” da banda brasileira Titãs que está presente no disco Cabeça Dinossauro de 1987. A letra conta alguns acontecimentos típicos no cotidiano de uma família de classe média brasileira.



43. Rachel de Queiroz, O Quinze

Escritora brasileira (Fortaleza, 1910 – Rio de Janeiro, 2003), foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras e a primeira a receber o prêmio Camões. Estreou na literatura ainda muito jovem e dedicou-se também ao jornalismo, à tradução e ao ativismo político, tendo sido uma das raras intelectuais a apoiar o golpe militar de 1964. Entre as suas obras, destacam-se *O Quinze* (1930), *Dôra Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992).

Sobre O Quinze | Publicado quando a autora tinha apenas 20 anos, o título do romance se refere à grande seca que ocorreu no nordeste brasileiro no ano de 1915. O romance se concentra em duas histórias paralelas: a viagem do vaqueiro Chico Bento e sua família em direção à Amazônia com a promessa de um futuro melhor e o romance entre o proprietário rural Vicente e sua prima Conceição, uma professora que amava os livros e que costumava passar as férias na fazenda da família.

Excerto de O Quinze

São Paulo: Siciliano. 64^a edição, 1993, 147-148



Conceição ficou olhando pensativamente a moça afastar-se, graciosa, feliz, ao braço do marido, levados ambos pela mesma **passada**¹ uniforme, como que movida por uma só vontade.

A seu lado, o moço dentista disse qualquer coisa. Despertando de sua **cisma**,² Conceição voltou-se:

– O senhor falou?

– Perguntei qual era o motivo de sua **abstração**...³

– Estava pensando que Lourdinha é muito feliz...

O rapaz insinuou um **galanteio**:⁴

– Mas, Dona Conceição, a senhora não tem felicidade igual porque não quer...

Conceição riu:

– Quem lhe disse?

O moço torceu o bigode com a mão papuda, e seus olhinhos miúdos **luziram**⁵ com **malícia**:⁶

– Oh! tiro as minhas conclusões... por mim e pelos outros...

Conceição riu novamente:

– Mas se eu nunca encontrei ninguém que valesse a pena!

Vicente, que até aí estivera calado, afastou-se uns passos, conversando com um amigo que se aproximara.

Conceição fitava-o. O dentista insistiu:

– Mas, Dona Conceição, o que a senhora disse é grave... então, nunca o amor...

A moça o interrompeu:

– Ora o amor!... Essa história de amor, absoluto e **incoerente**,⁷ é muito difícil de achar... eu, pelo menos nunca o vi... o que vejo, por aí, é um instinto de aproximação muito obscuro e tímido, a que a gente obedece conforme as conveniências... Aliás, não falo por mim... que eu, nem esse instinto... Tenho a certeza de que nasci para viver só...

O dedo gordo do moço se espetou no ar, e o **anel de grau**⁸ relampejou amarelo, à claridade da lâmpada.

– Nasceu para viver só? Olhe, Dona Conceição, já não ouviu dizer: “**Vae solis!**”⁹ Não crê na sabedoria dos antigos?

A moça deu um passo e encolheu os ombros:

– Sei lá, doutor! Os antigos diziam tolices, como todo o mundo... Mas, até logo; Mãe Nácia está-me chamando lá da casa da Lourdinha...

O dentista se descobriu e dobrou-se numa reverência. Vicente, longe, com o amigo, não viu a prima sair. E Conceição se afastou rapidamente.

Em caminho pensava na citação do rapaz:

“Vae solis!” **Pedante!**¹⁰ Mas Lourdinha parecia tão feliz com a filhinha...

Afinal, o verdadeiro destino de toda mulher é **acalantar**¹¹ uma criança no peito...

E sentia no seu coração o vácuo da maternidade impreenchida... “Vae solis!” Bolas!

Seria sempre **estéril**,¹² inútil, só... Seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não se prolongaria noutra pequenina alma... Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da imortalidade...

Ai dos sós...

VOCABULÁRIO

① Passada 步伐 ② Cisma 擔憂 ③ Abstração 出神 ④ Galanteio 奉承 ⑤ Luzir 發光 ⑥ Malícia 狡猾

⑦ Incoerente 反復無常 ⑧ Anel de grau 畢業戒指 ⑨ Vae solis (expressão em latim retirada do livro bíblico de Eclesiastes. Significa “Pobre do solitário”) 可憐的獨居人! (拉丁語, 源自聖經) ⑩ Pedante 賣弄

⑪ Acalantar 撫育 ⑫ Estéril 不育

43. Rachel de Queiroz, O Quinze

Descoberta e exploração

1. Antes de ler o texto, faça uma lista das palavras associadas à solidão. São geralmente positivas ou negativas?
2. Leia o texto. Quem são as duas personagens que conversam?
3. Conceição ouviu a primeira pergunta do dentista?
4. Qual fato provocou a distração de Conceição?
5. Qual é o tema principal da conversa?
6. O dentista encontra uma forma de elogiar a aparência física de Conceição. Sublinhe a passagem em que ocorre o elogio.
7. Segundo Conceição, porque ela continua solteira?
8. O comentário de Conceição provocou alguma reação em Vicente?
9. Como Conceição define o amor?
10. Podemos afirmar que, para Conceição, o amor é uma mentira?
11. Conceição pensa que vai se casar um dia?
12. O que pensa o dentista sobre a solidão?
13. Conceição concorda com as citações bíblicas do dentista?
14. Por que Conceição vai embora?
15. Qual foi a reação de Vicente quando Conceição saiu?
16. Qual o sentimento de Conceição ao deixar a companhia do dentista?
17. Faça uma descrição do dentista usando elementos que encontra no texto.
18. Acredita que Conceição seja uma mulher feliz?

Produção

1. Você gosta de passar tempo sozinho? O que faz quando não tem companhia?
2. O que é necessário para ter uma vida feliz?
3. Você acredita que existem casais perfeitos, pessoas feitas umas para as outras?
4. Existem muitas exigências feitas às mulheres em sua cultura? Quais são? Acha que elas têm a vida mais difícil do que os homens?
5. Há tipos diferentes de amor? Considera que a amizade é também uma forma de amor?



- Assista ao filme “O Quinze” dirigido por Jurandir de Oliveira em 2004 e baseado na obra de Rachel de Queiroz.
- Ouça a canção “Eduardo e Mônica” do grupo brasileiro Legião Urbana. Ela conta a história de um casal moderno, um pouco diferente do casal romântico habitual.



44. Rachel de Queiroz, O Quinze

Escritora brasileira (Fortaleza, 1910 – Rio de Janeiro, 2003), foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras e a primeira a receber o prêmio Camões. Estreou na literatura ainda muito jovem e dedicou-se também ao jornalismo, à tradução e ao ativismo político, tendo sido uma das raras intelectuais a apoiar o golpe militar de 1964. Entre as suas obras, destacam-se *O Quinze* (1930), *Dôra Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992).

Sobre O Quinze | Publicado quando a autora tinha apenas 20 anos, o título do romance se refere à grande seca que ocorreu no nordeste brasileiro no ano de 1915. O romance se concentra em duas histórias paralelas: a viagem do vaqueiro Chico Bento e sua família em direção à Amazônia com a promessa de um futuro melhor e o romance entre o proprietário rural Vicente e sua prima Conceição, uma professora que amava os livros e que costumava passar as férias na fazenda da família.

Excerto de O Quinze

São Paulo: Siciliano. 64^a edição, 1993, 62-64



Dia a dia, com forças que iam **minguando**,^① a miséria **escalavrava**^② mais a cara **sórdida**,^③ e mais fortemente os feria com a sua garra **desapiedada**.^④

Só talvez por um milagre iam agüentando tanta fome, tanta sede, tanto sol.

O comer era quando Deus fosse servido.

Às vezes paravam num povoado, numa vila. Chico Bento, a custo, sujeitando-se às ocupações mais penosas, arranjava um **cruzado**,^⑤ uma **rapadura**,^⑥ algum litro de farinha. Mas isso de longe em longe. E se não fosse uma raiz de **mucunã**^⑦ arrancada aqui e além, ou alguma batata-brava que a seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho, nessas estradas de barro ruivo, semeado de pedras, por onde eles **trotavam**^⑧ **trôpegos**,^⑨ se arrastando e gemendo.

Pedro, o mais velho dos pequenos, também tentava um ganho; mas em tempo assim, com tanto homem sem trabalho, quem vai dar o que fazer a menino?

E Cordulina, botando a vergonha de lado, com o Duquinha no quadril – que as privações tinham desensinado de andar, e agora mal engatinhava –, dirigia-se às casas, pedindo um leitinho para dar ao filho, um restinho de farinha ou de goma pra fazer uma papa...

A pobre da burra, que vinham sustentando Deus sabe como, com casca seca de pau e sabugos de **monturo**,^⑩ foi emagrecendo, descarnando, até ficar uma dura armação de ossos, envolvida num couro sujo, esburacado de vermelho.

Chico Bento julgou melhor trocá-la por qualquer cinco mil-réis, que ser forçado a abandoná-la por aí, meio morta, em algum pedaço de caminho. Um **bodegueiro**,^⑪ em Baturité, lhe ofereceu 6\$000.

E deixaram a companheira de tantas léguas amarrada a uma estaca de cerca, a cabeça pendendo do **cabresto**,^⑫ a cauda roída e suja batendo as moscas das pisaduras.

Eles tinham saído de véspera, de manhã, da canoa. Eram duas horas da tarde. Cordulina, que vinha quase cambaleando, sentou-se numa pedra e falou, numa voz quebrada e penosa:

– Chico, eu não posso mais... Acho até que vou morrer. Dá-me aquela **zoeira**,^⑬ na cabeça!

Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. O cabelo em **falripas**,^⑭ sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, **envesgando**^⑮ os olhos, roçando a boca. A pele, empretecida como uma casca, pregueava nos braços e nos peitos, que o casaco e a camisa rasgada descobriam.

(...)

No colo da mulher, o Duquinha, também era só osso e pele, levava, com um gemido abafado, a mãozinha imunda, os dedos ressequidos, aos pobres olhos doentes.

E com outra tateava o peito da mãe, mas num movimento tão fraco e tão triste que era mais uma tentativa do que um gesto.

Lentamente o vaqueiro voltou as costas; **cabisbaixo**,^⑯ o Pedro o seguiu.

E foram andando à toa, devagarinho, costeando a margem da caatinga.

VOCABULÁRIO

- ① Minguar 削弱 ② Escalavrar 打擊 ③ Sórdida 骯髒的 ④ Desapiedado 無情 ⑤ Cruzado (*Antiga moeda do Brasil*) 克魯扎多(巴西古老貨幣) ⑥ Rapadura (*Doce brasileiro feito de cana de açúcar*) 紅糖糕點
⑦ Mucunã (*planta trepadeira típica do Brasil*) 豆莢樹 ⑧ Trotar 小跑(馬) ⑨ Trôpego 踉蹌 ⑩ Monturo 垃圾
⑪ Bodegueiro 酒吧老闆 ⑫ Cabresto 繮繩 ⑬ Zoeira 頭暈 ⑭ Falripas (*cabelos ralos e compridos*) 蓬鬆的
⑮ Envesgar 斜視 ⑯ Cabisbaixo 垂頭(隱喻悲傷的情緒)

44. Rachel de Queiroz, O Quinze

Descoberta e exploração

1. Antes de ler o texto, faça uma pesquisa sobre migração. Qual é seu impacto atual no mundo? Quais motivos levam as pessoas a deixarem os lugares onde nasceram.
2. Ainda antes de ler o texto, procure imagens de regiões no nordeste brasileiro atingidas pelo problema da seca. Que impacto imagina que este fenómeno tinha na vida dos agricultores?
3. Leia o texto. Quais são os membros da família de Chico Bento que aparecem no trecho?
4. Quais são os principais problemas da família, apresentados logo no início do texto?
5. Como o narrador explica o fato de a família ainda sobreviver?
6. Explique a frase “O comer era quando Deus fosse servido”.
7. Chico Bento tinha um trabalho fixo?
8. Como se alimentava a família quando não tinha dinheiro?
9. O filho Pedro também ajudava no orçamento da família?
10. Por que Cordulina tinha que “botar a vergonha de lado”?
11. A criança Duquinha parece estar tendo um desenvolvimento normal?
12. Por que Chico Bento resolveu vender seu animal? Em que estado estava a burra?
13. O que acontece por volta das duas horas da tarde?
14. Sublinhe a passagem em que a aparência de Cordulina é descrita. O que sugere esta descrição?
15. Sublinhe a passagem em que a aparência do menino Duquinha é descrita. O que sugere esta descrição?
16. O que há de comum nas descrições físicas feitas ao longo do texto, tanto dos animais quanto das pessoas?
17. Como se sente Pedro ao ver o pai triste?
18. Que efeito provoca no leitor a frase final do texto.

Produção

1. Acredita que a maioria das pessoas prefira viver em sua terra natal ou ir para outro lugar? Justifique.
2. Que razões levariam você a deixar o lugar onde vive atualmente e se mudar para outro lugar?
3. O que se deveria fazer para combater fenômenos naturais como a seca, os tufões, as enchentes ou as temperaturas muito altas ou baixas?
4. Já precisou se separar de um animal de estimação? Conhece alguém que tenha vivido a situação? Qual foi o motivo? Conte a experiência.
5. Acredita que seja importante mostrar os momentos mais tristes da história de um país ou deveríamos apenas nos concentrar nas histórias alegres?



- Assista ao filme “O Quinze” dirigido por Jurandir de Oliveira em 2004 e baseado na obra de Rachel de Queiroz.
- Veja os quadros Os Retirantes e Criança Morta de Cândido Portinari. Ambos retratam de forma artística a situação vivida pelas famílias nordestinas no século XX brasileiro.



45. Jorge Amado, Capitães da Areia

Escritor brasileiro (Itabuna, 1912 – Salvador, 2001) foi, na segunda metade do século XX, o autor lusófono mais conhecido, traduzido e vendido do mundo. Por conta de suas ideias socialistas foi preso mais de uma vez e teve de viver no exílio em países como Argentina e França, retornando ao Brasil apenas em 1952. Entre as suas obras, destacam-se *Jubiabá* (1935), *Capitães da Areia* (1937), *Gabriela Cravo e Canela* (1958) e *Dona Flor e seus dois maridos* (1966).

Sobre Capitães da Areia | Publicado em 1937, a obra conta a história de um bando de crianças abandonadas que se intitula “Capitães da Areia” e que, vivendo nas ruas de Salvador, pratica pequenos roubos e furtos para sobreviver. O romance retrata a sociedade baiana da época e a luta de classes existente entre ricos e pobres provocada pela extrema desigualdade de condições em que vivem, além de denunciar a violência com que são tratadas as crianças abandonadas pelas forças policiais.

Excerto de Capitães da Areia

Rio de Janeiro: Record, 1998, 4-6



Assalto

Não tinham passado ainda cinco minutos quando o jardineiro Ramiro ouviu gritos assustados vindos do interior da residência. Eram gritos de pessoas terrivelmente assustadas. Armandando-se de uma **foice**^① o jardineiro penetrou na casa e mal teve tempo de ver vários moleques que, como um bando de demônios (na expressão curiosa de Ramiro), fugiam saltando as janelas, carregados com objetos de valor da sala de jantar. A empregada que havia gritado estava cuidando da senhora do **comendador**,^② que tivera um ligeiro desmaio em virtude do susto que passara. O Jardineiro dirigiu-se às pressas para o jardim, onde teve lugar a

Luta

Aconteceu que no jardim a linda criança que é Raul Ferreira, de 11 anos, neto do comendador, que se achava de visita aos avós, conversava com o chefe dos “Capitães da Areia”, que é reconhecível devido a um **talho**^③ que tem no rosto. Na sua inocência, Raul ria para o malvado, que sem dúvida pensava em furtá-lo. O jardineiro se atirou então em cima do ladrão. Não esperava, porém, pela reação do moleque, que se revelou um mestre nestas brigas. E o resultado é que, quando pensava ter seguro o chefe da **malta**,^④ o jardineiro recebeu uma **punhalada**^⑤ no ombro e logo em seguida outra no braço, sendo obrigado a largar o criminoso, que fugiu.

A polícia tomou conhecimento do fato, mas até o momento que escrevemos a presente nota nenhum rastro dos “Capitães da Areia” foi encontrado. O Comendador José Ferreira, ouvido pela nossa reportagem, avalia o seu prejuízo em mais de um conto de réis, pois só o pe-

queno relógio de sua esposa estava avaliado em 900\$ e foi furtado.

Urge uma providência

Os moradores do **aristocrático**^⑥ bairro estão alarmados e receosos de que os assaltos se sucedam, pois este não é o primeiro levado a efeito pelos “Capitães da Areia”. Urge uma providência que traga para semelhantes **malandros**^⑦ um justo castigo e o sossego para as nossas mais distintas famílias. Esperamos que o ilustre Chefe de Polícia e o não menos ilustre dr. Juiz de Menores saberão tomar as devidas providências contra esses criminosos tão Jovens e já tão ousados.

A opinião da inocência

A nossa reportagem ouviu também o pequeno Raul, que, como dissemos, tem onze anos e já é dos **ginasianos**^⑧ mais aplicados do Colégio Antônio Vieira. Raul mostrava uma grande coragem, e nos disse acerca da sua conversa com o terrível chefe dos “Capitães da Areia”.

– Ele disse que eu era um tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua e o cais. Fiquei gostando dele, parece um desses meninos de cinema que fogem de casa para passar aventuras. Ficamos então a pensar neste outro delicado problema para a infância que é o cinema, que tanta idéia errada infunde às crianças acerca da vida. Outro problema que está merecendo a atenção do dr. Juiz de Menores. A ele volveremos.

(REPORTAGEM PUBLICADA NO JORNAL DA TARDE, NA PÁGINA DE FATOS POLICIAIS, COM UM CLICHÉ DA CASA DO COMENDADOR E UM DESTA NO MOMENTO EM QUE ERA CONDECORADO.)

VOCABULÁRIO

- ① Foice 镰刀 ② Comendador 指揮者 ③ Talho 刀疤 ④ Malta 團夥 ⑤ Punhalada 刀傷或刺傷
⑥ Aristocrático 權貴的 ⑦ Malandro 強盜 ⑧ Ginasiano (estudante, normalmente entre as idades de 10 e 14 anos no antigo sistema escolar brasileiro) 體校生

45. Jorge Amado, Capitães da Areia

Descoberta e exploração

1. Observe o formato do texto e sua estrutura. Leia a nota que vem entre parênteses no final. De que gênero de texto se trata?
2. Leia os títulos em negrito ao longo do texto. O que sugerem? Onde seria normalmente publicado este texto?
3. Leia a primeira parte intitulada “Assalto”. Qual foi o crime cometido?
4. Em que casa trabalham o jardineiro Ramiro e a empregada?
5. Leia a segunda parte intitulada “Luta”. A que luta se refere o título?
6. Quais foram os itens roubados da casa?
7. Ainda nesta segunda parte, faça um quadro com duas colunas. De um lado coloque as informações dadas sobre Raul e do outro as dadas sobre o chefe do bando.
8. O que percebe ao comparar a forma como os dois meninos são descritos?
9. Leia o texto até o fim. Que classe social parece ser mais afetada pelas ações dos Capitães da Areia?
10. Quais seriam as “distintas famílias” de que fala o texto?
11. Acredita que as autoridades locais leiam o jornal?
12. No diálogo que tiveram, Raul e o chefe do bando parecem ter definições diferentes do significado do verbo “brincar”? Explique o verbo na visão de cada um deles.
13. Nesta mesma conversa, Raul e o chefe dos Capitães da Areia comparam o que possuíam. Quem, na sua opinião, tem mais coisas?
14. Quais foram as fontes ouvidas pelo jornalista para relatar o acontecimento?
15. Raul tem medo do chefe dos Capitães da Areia?
16. No final do texto, o jornalista faz referência ao cinema. Qual seriam as más influências desta forma de arte nas crianças?
17. No final do texto, diz-se que o texto foi acompanhado por duas fotos (clichês). Consegue explicar a relação das fotos com a reportagem?
18. Este é um texto literário ou uma simples notícia de jornal?

Produção

1. Você costuma ler as notícias no jornal? Com que frequência? Como se informa sobre o que acontece no mundo? Consulta várias fontes ou lê sempre a mesma?
2. A sociedade do lugar em que você vive costuma se interessar por notícias de crimes? Por que acha que isso acontece?
3. Acredita que as crianças de hoje se divirtam menos do que as de antigamente?
4. Era comum haver grupos rivais nas escolas em que você estudou? Que motivos levam as crianças a ter mais afinidades com uns do que com outros?
5. Acredita que o cinema pode ser uma má influência para as crianças?



- Assista ao filme “Capitães da Areia”, dirigido por Cecília Amado em 2011 e baseado na obra de seu avô, Jorge Amado.
- Assista ao filme “O Contador de Histórias”, dirigido por Luiz Villaça em 2009. Nele, é retratada a história de Roberto Carlos Gomes que teve uma infância de menino de rua na cidade de Belo Horizonte, antes de ser adotado por uma mãe francesa.



46. Jorge Amado, Capitães da Areia

Escritor brasileiro (Itabuna, 1912 – Salvador, 2001) foi, na segunda metade do século XX, o autor lusófono mais conhecido, traduzido e vendido do mundo. Por conta de suas ideias socialistas foi preso mais de uma vez e teve de viver no exílio em países como Argentina e França, retornando ao Brasil apenas em 1952. Entre as suas obras, destacam-se *Jubiabá* (1935), *Capitães da Areia* (1937), *Gabriela Cravo e Canela* (1958) e *Dona Flor e seus dois maridos* (1966).

Sobre Capitães da Areia | Publicado em 1937, a obra conta a história de um bando de crianças abandonadas que se intitula “Capitães da Areia” e que, vivendo nas ruas de Salvador, pratica pequenos roubos e furtos para sobreviver. O romance retrata a sociedade baiana da época e a luta de classes existente entre ricos e pobres provocada pela extrema desigualdade de condições em que vivem, além de denunciar a violência com que são tratadas as crianças abandonadas pelas forças policiais.

Excerto de Capitães da Areia

Rio de Janeiro: Record, 1998, 213-214



Contam no cais da Bahia que quando morre um homem valente vira estrela no céu. Assim foi com Zumbi, com Lucas da Feira, com Besouro, todos os negros valentes. Mas nunca se viu um caso de uma mulher, por mais valente que fosse, virar estrela depois de morta. Algumas, como Rosa Palmeirão, como Maria Cabaçu, viraram santas nos candomblés de caboclo. Nunca nenhuma virou estrela.

Pedro Bala se joga n'água. Não pode ficar no **trapiche**,^① entre os soluços e as lamentações. Quer acompanhar Dora, quer ir com ela, se reunir a ela nas Terras do Sem Fim de Yemanjá. Nada para diante sempre. Segue a rota do saveiro do Querido-de-Deus. Nada, nada sempre. Vê Dora em sua frente, Dora, sua esposa, os braços estendidos para ele. Nada até já não ter forças. Bóia então, os olhos voltados para as estrelas e a grande lua amarela do céu. Que importa morrer quando se vai em busca da amada, quando o amor nos espera?

Que importa tampouco que os astrônomos afirmem que foi um cometa que passou sobre a Bahia naquela noite? O que Pedro Bala viu foi Dora **feita**^② estrela, indo para o céu. Fora mais valente que todas as mulheres, mais valente que Rosa Palmeirão, que Maria Cabaçu. Tão valente que antes de morrer, mesmo sendo uma menina, se dera ao seu amor. Por isso virou uma estrela no céu. Uma estrela de longa cabeleira loira, uma estrela como nunca tivera nenhuma na noite de paz da Bahia.

A felicidade ilumina o rosto de Pedro Bala. Para ele veio também a paz da noite. Porque agora sabe que ela brilhará para ele entre mil estrelas no céu sem igual da cidade negra.

O **saveiro**^③ do Querido-de-Deus o recolhe.

VOCABULÁRIO

① Trapiche (Armazém, depósito de mercadorias) 倉庫

② Feita 變成

③ Saveiro (barco a vela com um ou dois mastros usado para transportar pessoas ou carga e pescar) 帆船

46. Jorge Amado, Capitães da Areia

Descoberta e exploração

1. Antes de ler o texto, faça uma pesquisa sobre o candomblé brasileiro.
2. Pesquise também sobre a deusa Yemanjá.
3. Leia o primeiro parágrafo. Qual a diferença no destino dos homens e das mulheres valentes?
4. Por que, na sua opinião, essa diferença existe?
5. Procure saber quem são as figuras históricas masculinas mencionadas no texto.
6. Procure saber quem são as figuras históricas femininas mencionadas no texto.
7. Leia o segundo parágrafo. Quem era Dora e o que aconteceu com ela?
8. Emocionalmente, como se sente Pedro Bala?
9. Qual é o desejo de Pedro quando se joga na água?
10. O que são as “Terras do Sem Fim de Yemanjá”?
11. Pedro Bala é realmente capaz de ver Dora enquanto nada?
12. Pedro Bala parece preocupado com a sua própria vida enquanto nada?
13. Leia o texto até o fim. Que evento foi relatado pelos astrônomos na noite em questão?
14. Na visão de Pedro Bala, os astrônomos estão corretos?
15. Explique o uso do verbo ter no trecho “uma estrela como nunca tivera nenhuma na noite de paz da Bahia”.
16. Por que acha que o narrador usa o adjetivo negra para qualificar a cidade de Salvador?
17. O estado emocional de Pedro continua o mesmo até o final do texto?
18. Onde se encontra Pedro no final do texto?

Produção

1. Conhece alguma lenda sobre o destino de grandes heróis após suas mortes? Relate uma.
2. Como costuma agir quando tem muita saudade de algo ou alguém?
3. Gosta de olhar estrelas à noite? É um costume das pessoas no seu país? Acha que o mundo moderno perdeu o contato com a natureza?
4. Acredita em Astrologia? Costuma consultar seu horóscopo?
5. Existem na sua cultura lendas de grandes histórias de amor? Relate uma.



- Assista ao filme “Capitães da Areia”, dirigido por Cecília Amado em 2011 e baseado na obra de seu avô, Jorge Amado.
- Assista ao filme “O Contador de Histórias”, dirigido por Luiz Villaça em 2009. Nele, é retratada a história de Roberto Carlos Gomes que teve uma infância de menino de rua na cidade de Belo Horizonte, antes de ser adotado por uma mãe francesa.



47. J. M. de Vasconcelos, O Meu Pé de Laranja Lima

(Rio de Janeiro, 1920 - São Paulo, 1984) teve, durante a sua vida, muitas profissões: foi garçom, instrutor de boxe, professor de escola, carregador de bananas, professor, modelo e ator. No entanto, é provavelmente como escritor que é mais lembrado. Publicou romances como *Barro Blanco* (1955) e *As Confissões do Frei Abóbora* (1966) e atingiu um estrondoso sucesso editorial quando publicou *O Meu Pé de Laranja Lima*, um livro baseado na sua própria vida e que ele escreveu em apenas 12 dias.

Sobre O Meu Pé de Laranja Lima | Publicado em 1968, o romance *O Meu Pé de Laranja Lima* é um dos livros mais lidos de todos os tempos no Brasil e foi traduzido para mais de 50 idiomas no mundo. Conta a história do menino Zezé que cresce em uma família muito pobre e com muitos irmãos. Os seus pais têm muita dificuldade para manter a família, mas o menino ocupa o seu tempo com as suas descobertas do mundo e a sua imaginação que é muito fértil. Ele acredita, por exemplo, que um passarinho que vive dentro de si vive lhe dizendo coisas...

Excerto de O Meu Pé de Laranja Lima

São Paulo: Melhoramentos. 12a edição, 1969, 33-34



Uma voz falou vindo de não sei onde, perto do meu coração.

- Eu acho que sua irmã tem toda razão.
- Sempre todo mundo tem toda a razão. Eu é que não tenho nunca.
- Não é verdade. Se você me olhasse bem, você acabava descobrindo.

Eu levantei assustado e olhei a arvorezinha. Era estranho porque sempre eu conversava com tudo, mas pensava que era o meu passarinho de dentro que se **encarregava**¹ de arranjar fala.

- Mas você fala mesmo?
- Não está me ouvindo?

E deu uma risada baixinha. Quase saí aos berros pelo quintal. Mas a curiosidade me prendia ali.

- Por onde você fala?

- Árvore fala por todo canto. Pelas folhas, pelos galhos, pelas raízes. Quer ver? Encoste seu ouvido aqui no meu tronco que você escuta meu coração bater.

Fiquei meio indeciso, mas vendo o seu tamanho, perdi o medo. Encostei o ouvido e uma coisa longe fazia tique... tique...

- Viu?

- Me diga uma coisa. Todo mundo sabe que você fala?
- Não, Só você.
- Verdade?

- Posso jurar. Uma **fada**² me disse que quando um menininho igualzinho a você ficasse meu amigo, que eu ia falar e ser muito feliz.

- E você vai esperar?

- O quê?

- Até eu mudar. Vai demorar mais de uma semana. Será que você não vai esquecer de falar nesse tempo?

- Nunca mais. Isto é, para você só. Você quer ver como eu sou macio?

- Como é que...

- Monte no meu galho.

Obedeci.

- Agora, **dê um balancinho**³ e feche os olhos.

Fiz o que mandou.

- Que tal? Você alguma vez na vida teve cavalinho melhor?

- Nunca. É uma delícia. Até vou dar o meu cavalinho Raio de Luar para meu irmão menor. Você vai gostar muito dele, sabe?

Desci adorando o meu **pé**⁴ de Laranja Lima.

- Olhe, eu vou fazer uma coisa. Sempre quando puder, antes de mudar, eu venho dar uma palavrinha com você...

Agora preciso ir, já estão de saída lá na frente.

- Mas, amigo não se despede assim.

- Psiu! Lá vem ela.

Glória chegou mesmo na hora em que eu o abraçava.

- Adeus amigo. Você é a coisa mais linda do mundo!

VOCABULÁRIO

- ① Encarregar-se 負責 ② Fada 仙女 ③ Dar um balancinho 晃一晃 ④ Pé 一顆 (做量詞)

47. J. M. de Vasconcelos, O Meu Pé de Laranja Lima

Descoberta e exploração

1. Antes de ler o texto, procure imagens da fruta chamada laranja-lima e da árvore em que ela nasce.
2. Leia o texto. Quem são os dois personagens que falam?
3. O menino parece estar contrariado? Por quê?
4. Por que o menino fica surpreso no início da conversa?
5. Por que é que o menino não fugiu?
6. De onde sai o som da voz da árvore?
7. Como é que a árvore convenceu o menino que estava viva?
8. As outras pessoas também ouvem a árvore falar?
9. Como a árvore explica o seu dom de falar?
10. Que promessa a árvore faz ao menino?
11. Existe algum cavalo na história?
12. Como se sente o menino em relação à árvore depois de brincar com ela?
13. Que promessa o menino faz à árvore?
14. Por que o menino precisa ir embora?
15. Como o menino se despede da árvore?
16. Quem é Glória?
17. Na sua opinião, a árvore fala realmente?
18. Que idade deve ter o menino?

Produção

1. Já teve um amigo imaginário? Quando? Quantos? Ainda tem?
2. Qual era o seu brinquedo preferido quando criança? Descreva-o
3. Tinha muitos amigos quando criança? Qual era a sua atividade favorita?
4. Com que idade as pessoas geralmente se tornam adultas?
5. O que faria se, de repente, um objeto começasse a falar?



- Assista ao filme *O Meu Pé de Laranja Lima*, do brasileiro Marcos Bernstein produzido em 2012. Trata-se da segunda adaptação do livro em filme. A primeira foi feita em 1970.
- Sabia que *O Meu Pé de Laranja Lima* já foi adaptado três vezes em forma de telenovela no Brasil e até mesmo em história em quadrinhos publicada na Coreia do Sul em 2003?



48. J. M. de Vasconcelos, O Meu Pé de Laranja Lima

(Rio de Janeiro, 1920 - São Paulo, 1984) teve, durante a sua vida, muitas profissões: foi garçom, instrutor de boxe, professor de escola, carregador de bananas, professor, modelo e ator. No entanto, é provavelmente como escritor que é mais lembrado. Publicou romances como *Barro Branco* (1955) e *As Confissões do Frei Abóbora* (1966) e atingiu um estrondoso sucesso editorial quando publicou *O Meu Pé de Laranja Lima*, um livro baseado na sua própria vida e que ele escreveu em apenas 12 dias.

Sobre O Meu Pé de Laranja Lima | Publicado em 1968, o romance *O Meu Pé de Laranja Lima* é um dos livros mais lidos de todos os tempos no Brasil e foi traduzido para mais de 50 idiomas no mundo. Conta a história do menino Zezé que cresce em uma família muito pobre e com muitos irmãos. Os seus pais têm muita dificuldade para manter a família, mas o menino ocupa o seu tempo com as suas descobertas do mundo e a sua imaginação que é muito fértil. Ele acredita, por exemplo, que um passarinho que vive dentro de si vive lhe dizendo coisas...

Excerto de O Meu Pé de Laranja Lima

São Paulo: Melhoramentos. 12a edição, 1969, 76-77



Tudo ia muito bem quando Godofredo entrou na minha aula. Pediu licença e foi falar com D. Cecília Paim. Só sei que ele apontou a flor no copo. Depois saiu. Ela olhou para mim com tristeza.

Quando terminou a aula, me chamou.

– Quero falar uma coisa com você, Zezé. Espere um pouco.

Ficou arrumando a bolsa que não acabava mais. Se via que não estava com vontade nenhuma de me falar e procurava a coragem entre as coisas. Afinal se decidiu.

– Godofredo me contou uma coisa muito feia de você, Zezé. É verdade?

Balancei a cabeça afirmativamente.

– Da flor? É, sim, senhora.

– Como é que você faz?

– Levanto mais cedo e passo no jardim da casa do Sérgio. Quando o portão está só encostado, eu entro depressa e roubo uma flor. Mas lá tem tanta que nem faz falta.

– Sim. Mas isso não é direito. Você não deve fazer mais isso. Isso não é um roubo, mas já é um “furtinho”.^①

– Não é não, D. Cecília. O mundo não é de Deus? Tudo que tem no mundo não é de Deus? Então as flores são de Deus também...

Ela ficou espantada com a minha lógica.

– Só assim que eu podia, professora. Lá em casa não tem jardim. Flor custa dinheiro... E eu não queria que a mesa da senhora ficasse sempre de copo vazio.

Ela engoliu em seco.

– De vez em quando a senhora não me dá dinheiro para comprar um **sonho**^② recheado, não dá?

– Poderia lhe dar todos os dias. Mas você **some**...^③

– Eu não podia aceitar todos os dias...

– Por quê?

– Porque tem outros meninos pobres que também não trazem **merenda**.^④

Ela tirou o lenço da bolsa e passou disfarçadamente nos olhos.

– A senhora não vê a Corujinha?

– Quem é a Corujinha?

– Aquela pretinha do meu tamanho que a mãe enrola o cabelo dela em coquinhos e amarra com cordão.

– Sei. A Dorotília.

– É, sim, senhora. A Dorotília é mais pobre do que eu. E as outras meninas não gostam de brincar com ela porque é pretinha e pobre demais. Então ela fica no canto sempre. Eu divido o sonho que a senhora me dá, com ela.

Dessa vez ela ficou com o lenço parado no nariz muito tempo.

– A senhora de vez em quando, em vez de dar para mim, podia dar para ela. A mãe dela lava roupa e tem onze filhos. Todos pequenos ainda. Dindinha, minha avó, todo sábado dá um pouco de feijão e de arroz para ajudar eles. E eu divido o meu sonho porque Mamãe ensinou que a gente deve dividir a pobreza da gente com quem é ainda mais pobre. As lágrimas estavam descendo.

– Eu não queria fazer a senhora chorar. Eu prometo que não roubo mais flores e vou ser cada vez mais um aluno **aplicado**.

VOCABULÁRIO

① Furto 順手牽羊 ② Sonho 炸果子(葡式甜點) ③ Sumir 消失 ④ Merenda 午餐 ⑤ Aplicado 恪守本分的

48. J. M. de Vasconcelos, O Meu Pé de Laranja Lima

Descoberta e exploração

1. Antes de ler o texto, discuta com os colegas. É comum em sua cultura que os alunos ofereçam presentes ao professor? Por que o fazem?
2. Leia o texto. Qual é o problema que leva a professora a conversar com Zezé?
3. O que Godofredo foi fazer na sala de aula de Zezé? O que acha que ele disse à professora?
4. A professora tomou providências imediatamente?
5. O menino admitiu ou negou as acusações? Como o fez?
6. A quem pertencem as flores que Zezé entrega à professora?
7. Como Zezé obtém as flores?
8. A professora fica contente com as ações de Zezé?
9. Como Zezé justifica seu ato?
10. Por que razão Zezé leva flores à professora?
11. Como Zezé arranja dinheiro para comprar doces?
12. Por que ele não compra doces todos os dias?
13. Quem é Dorotília? Descreva fisicamente a personagem
14. Como é a família de Dorotília?
15. Por que é que as outras crianças a rejeitam?
16. Qual foi o ensinamento da mãe de Zezé?
17. Por que a professora chora?
18. Para Zezé, por que a professora chora?

Produção

1. Sabe o que é bullying? Faça uma pequena pesquisa se não souber. É um problema nas escolas de seu país?
2. As pessoas no lugar de onde você vem costumam se ajudar entre si? De que forma? Essa ajuda é mais comum em alguma classe social específica? É comum entre amigos, família e desconhecidos?
3. Costuma dar presentes às pessoas de que gosta? Que tipos de coisas costuma dar?
4. No seu país, quais punições os professores costumam aplicar a seus alunos. São iguais às que se dava antigamente?
5. Você se lembra de algum castigo que recebeu quando criança? Acredita que foi justo?



- Assista ao filme *O Meu Pé de Laranja Lima*, do brasileiro Marcos Bernstein produzido em 2012. Trata-se da segunda adaptação do livro em filme. A primeira foi feita em 1970.
- Sabia que *O Meu Pé de Laranja Lima* já foi adaptado três vezes em forma de telenovela no Brasil e até mesmo em banda desenhada publicada na Coreia do Sul em 2003?



49. Clarice Lispector, A Hora da Estrela

Escritora brasileira (Chechelnyk, 1920 - Rio de Janeiro, 1977) filha de imigrantes ucranianos vindos após a Primeira Guerra Mundial. Conhecida internacionalmente por romances e contos com técnicas inovadoras. Foi também jornalista, tendo escrito durante algum tempo crônicas para revistas e jornais. Principais romances: *Perto do Coração Selvagem*, 1943, *Laços de Família*, 1960, *A Hora da Estrela*, 1977 e *Um Sopro de Vida*, 1978, são até hoje reeditados no mundo inteiro.

Sobre A Hora da Estrela | O romance narra a história de Macabéa, uma moça que vem da região nordeste do Brasil para o Rio de Janeiro. No Rio, ela começa a namorar um rapaz chamado Olímpico, mas ele a abandona para ficar com Glória, que trabalha junto com Macabéa. Macabéa começa a ficar muito doente, mas não conta a ninguém. Apercebendo-se do estado de Macabéa, Glória aconselha-a a ir a uma cartomante. Ao sair de lá é atropelada e morre tragicamente.

Excerto de A Hora da Estrela

Rio de Janeiro: Record/Altaya, 1995, 65-66



– Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror!

Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim.

Madama¹ acertou tudo sobre o seu passado, até lhe disse que ela mal conhecera pai e mãe e que fora criada por uma parente muito **madrasta má**.² Macabéa espantou-se com a revelação: até agora sempre julgara que o que a tia lhe fizera era educá-la para que ela se tornasse uma moça mais fina. Madama acrescentou:

– Quanto ao presente, queridinha, está horrível também. Você vai perder o emprego e já perdeu o namorado, coitada de vozezinha. Se não puder, não me pague a consulta, sou madama de recursos.

Macabéa, pouco habituada a receber de graça, recusou a **dádiva**.³ mas com o coração todo grato.

E eis que (explosão) de repente aconteceu: o rosto da madama se acendeu todo iluminado:

– Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é de maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra. Fique sabendo, minha florzinha, que até o seu namorado vai voltar e propor casamento, ele está arrependido! E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir.

Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança.

Mas agora ouvia a madama como se ouvisse uma trombeta vinda dos céus - enquanto suportava uma forte **taquicardia**.⁴ Madama tinha razão: Jesus enfim prestava atenção nela. Seus olhos estavam arregalados por uma súbita **voracidade**.⁵ pelo futuro (explosão). E eu também estou com esperança enfim.

– E tem mais! Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem estrangeiro. Você conhece algum estrangeiro?

– Não senhora - disse Macabéa já desanimando.

– Pois vai conhecer. Ele é **alourado**.⁶ e tem olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos. E se não fosse porque você gosta de seu ex-namorado, esse **gringo**.⁷ ia namorar você. Não! Não! Não! Agora estou vendo outra coisa (explosão) e apesar de não ver muito claro estou também ouvindo a voz de meu **guia**.⁸ esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. Se não me engano, e nunca me engano, ele vai lhe dar muito amor e você, minha **enjeitadinha**,⁹ vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar!

Macabéa começou (explosão) a **tremelicar**.¹⁰ toda por causa do lado **penoso**.¹¹ que há na excessiva felicidade. Só lhe ocorreu dizer:

– Mas casaco de pele não se precisa no calor do Rio...

VOCABULÁRIO

- ① Madama 夫人(算命婆) ② Madrasta Má (referência às vilãs das histórias dos contos de fadas infantis como Cinderela e Branca de Neve) 坏继母 ③ Dádiva 恩赐 ④ Taquicardia 心跳加速 ⑤ Voracidade 贪婪 ⑥ Alourado 鍍金 ⑦ Gringo 老外(俚語) ⑧ Guia (em algumas religiões e crenças, um ser invisível que serve como mestre presente) 標杆(宗教) ⑨ Enjeitado 棄兒 ⑩ Tremelicar 顫抖 ⑪ Penoso 疼痛

49. Clarice Lispector, A Hora da Estrela

Descoberta e exploração

1. Procure imagens de cartomantes? O que geralmente é associado a estas pessoas?
2. Leia o texto. Onde se passa a cena?
3. Qual a primeira reação da Cartomante sobre a vida de Macabéa?
4. Macabéa considera a sua própria vida atual má?
5. O Que a Cartomante pensa sobre a vida atual de Macabéa?
6. Como foi o passado de Macabéa.
7. O que Macabéa pensa sobre a mulher que a educou?
8. Quanto a cartomante vai cobrar de Macabéa pelos seus serviços?
9. Segundo a cartomante, como será o futuro de Macabéa?
10. Macabéa está desempregada?
11. Como reage Macabéa ao saber de seu futuro? Ela costuma se sentir assim?
12. Há riqueza no futuro de Macabéa? Como vai chegar?
13. Quem, segundo a Cartomante, iria inicialmente se casar com Macabéa?
14. Descreva o homem que, segundo a cartomante, vai se casar com Macabéa?
15. Por que o estrangeiro é rico?
16. Acredita que a cartomante sabe o que fala ou é uma charlatã?
17. Macabéa tem vontade de comprar todas as coisas caras de que fala a cartomante?
18. Encontra no texto algum elemento estranho ou que pareça estar fora de lugar?

Produção

1. Acredita que seja possível prever o futuro? Já sonhou com algo que mais tarde se realizou?
2. Acredita que as formas de previsão do futuro como a astrologia e a cartomancia sejam eficazes? Costuma consultar este tipo de serviços?
3. Na sua opinião, qual é a melhor forma de se preparar para o futuro?
4. Pensa que o estudo da história pode ajudar a prever o futuro?
5. Na sua cultura, as pessoas têm superstições? Fale sobre algumas delas.



- Assista ao filme A Hora da Estrela, de Suzana Amaral produzido em 1985. É uma adaptação do livro em filme e recebeu muitos elogios e prêmios da crítica brasileira e internacional.
- Procure assistir a entrevista em vídeo que Clarice Lispector concedeu ao jornalista Júlio Lerner da TV Cultura em 1977. Foi uma das últimas aparições públicas da escritora e ela menciona o livro que escrevia no momento: A Hora da Estrela.



50. Clarice Lispector, A Hora da Estrela

Escritora brasileira (Chechelnyk, 1920 - Rio de Janeiro, 1977) filha de imigrantes ucranianos vindos após a Primeira Guerra Mundial. Conhecida internacionalmente por romances e contos com técnicas inovadoras. Foi também jornalista, tendo escrito durante algum tempo crônicas para revistas e jornais. Principais romances: *Perto do Coração Selvagem*, 1943, *Laços de Família*, 1960, *A Hora da Estrela*, 1977 e *Um Sopro de Vida*, 1978, são até hoje reeditados no mundo inteiro.

Sobre A Hora da Estrela | O romance narra a história de Macabéa, uma moça que vem da região nordeste do Brasil para o Rio de Janeiro. No Rio, ela começa a namorar um rapaz chamado Olímpico, mas ele a abandona para ficar com Glória, que trabalha junto com Macabéa. Macabéa começa a ficar muito doente, mas não conta a ninguém. Apercebendo-se do estado de Macabéa, Glória aconselha-a a ir a uma cartomante. Ao sair de lá é atropelada e morre tragicamente.

Excerto de A Hora da Estrela

Rio de Janeiro: Record/Altaya, 1995, 100-102



Ele se aproximou e com a voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

- E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?
- Sim, respondeu **atabalhoadamente**^① com pressa antes que ele mudasse de ideia.
- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?
- Macabéa.
- Maca — o quê?
- Bea, foi ela obrigada a completar.
- Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.
- Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo — parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor
- pois como o senhor vê eu **vinguei**...^② pois é...
- Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra.
- Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma **loja de ferragem**^③ onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma **ruptura**,^④ disse ao recém-namorado:
- Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?
- Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.
- Da terceira vez em que se encontraram — pois não é que estava chovendo? — o rapaz, irritado e perdendo o leve verniz de finura que o padrao a custo lhe ensinara, disse-lhe:
- Você também só sabe é mesmo chover!
- Desculpe.
- Mas ela já o amava tanto que não sabia mais como se livrar dele, estava em desespero de amor.
- Numa das vezes em que se encontraram ela afinal perguntou-lhe o nome.
- Olímpico de Jesus Moreira Chaves — mentiu ele porque tinha como sobrenome apenas o de Jesus, sobrenome dos que não têm pai. Fora criado por um padrao que lhe ensinara o modo fino de tratar pessoas para se aproveitar delas e lhe ensinara como **pegar**^⑤ mulher.

VOCABULÁRIO

- ① Atabalhoadamente 粗魯的
- ② Vingar 存活
- ③ Loja de ferragem 五金店
- ④ Ruptura 破裂
- ⑤ Pegar 誘惑

50. Clarice Lispector, A Hora da Estrela

Descoberta e exploração

1. Antes de ler o texto, tente descobrir quais os nomes masculinos e femininos mais tradicionais do Brasil.
2. Procure uma lista de nomes pouco usuais usados no Brasil. Por que você acha que um pai escolheria um nome “estranho” para o filho?
3. Leia o texto. Quem são as duas personagens que conversam?
4. Por que a voz do rapaz emocionou a moça?
5. Que expressão o rapaz utiliza para descobrir o nome da moça?
6. Acredita que Macabéa seja um nome comum?
7. Como Macabéa se chamava quando nasceu?
8. Por que ela recebeu o nome Macabéa?
9. Ela gosta do próprio nome?
10. De que lugar do Brasil vem o rapaz?
11. Para onde foram quando se encontraram pela primeira vez?
12. O que houve de comum nos três encontros que tiveram?
13. O que há de estranho na frase que o rapaz disse a Macabéa no terceiro encontro?
14. Quando e como Macabéa descobriu o nome do rapaz?
15. Por que ele mentiu a respeito do próprio nome?
16. Considera estranho o fato de ela não saber o nome dele por tanto tempo?
17. Com que objetivo o padrasto de Olímpico o educou?
18. Considera este um casal normal? Explique.

Produção

1. Você costuma lembrar do nome das pessoas? Que estratégias usa para se lembrar do nome de alguém?
2. Você gosta do seu nome? Sabe quem o escolheu? Tem algum significado? Quais os seus nomes preferidos na sua língua ou em outras?
3. Como é que os casais costumam se conhecer no seu país?
4. Onde é que as pessoas costumam ir para passear no lugar onde você mora? Você tem algum local preferido?
5. Quais são as melhores coisas para se fazer num dia de chuva? Explique.



- Assista ao filme A Hora da Estrela, de Suzana Amaral produzido em 1985. É uma adaptação do livro em filme e recebeu muitos elogios e prêmios da crítica brasileira e internacional.
- Procure assistir a entrevista em vídeo que Clarice Lispector concedeu ao jornalista Júlio Lerner da TV Cultura em 1977. Foi uma das últimas aparições públicas da escritora e ela menciona o livro que escrevia no momento: A Hora da Estrela.

GUIA DO PROFESSOR

USANDO TEXTOS LITERÁRIOS PARA ENSINAR PLE

Não há uma resposta única para a questão “Por que usar textos literários nas aulas de PLE?” Primeiramente, é preciso pensar na delicada equação que nasce da interação entre alunos e professor. Afirmar que basta a paixão e o entusiasmo do professor pelas formas literárias para motivar todo um grupo e transformá-lo em um conjunto de grandes apreciadores da arte literária seria completamente irrealista, ao mesmo tempo que significaria menosprezar o papel de protagonismo dos alunos em um espaço de aprendizagem.

Por mais que alguns insistam nas benesses que o texto literário potencialmente traria aos aprendentes de uma língua estrangeira, não há nenhum dado concreto, no já longo histórico de pesquisas acadêmicas que se tem feito desde meados do último século, que comprovem que a utilização de textos literários traga benefícios adicionais aos trazidos pelo uso dos diversos outros gêneros escritos criados pela humanidade. Em verdade, todos os dados disponíveis parecem apontar para o benefício de se utilizar uma diversidade de gêneros textuais ao invés de se limitar a apenas um. E é exatamente nesta perspectiva que o texto literário pode ser utilizado como mais uma dentre as muitas opções de textos a serem trabalhados nas aulas. Todavia, a presença da literatura nos manuais de PLE tem se tornado rara e escassa. É exatamente esta a razão que nos leva a oferecer este conjunto de textos para serem fotocopiados e utilizados pelos professores que desejarem incluir textos literários em seus cursos.

Incluir a literatura no programa de língua estrangeira não se deve então a nenhuma razão utilitária. Aqueles que o fazemos têm para isso razões ideológicas e de princípios. Não precisamos ter medo dessas palavras. Elas não são proibidas e nem tenciono causar controvérsias ao usá-las. Uma escola sem ideologia, nós já sabemos desde que o Paulo Freire nos contou, é algo totalmente impossível e implausível. Aliás, aqueles que se dizem neutros em suas escolhas são justamente os que mais estão carregados de ideologia. Paulo Freire, um dos lusófonos mais respeitados em todo o mundo, escreveu livros, apesar de não ser normalmente considerado um escritor de literatura. E, no entanto, algo que os livros que ele escreveu têm em comum com a literatura é que eles oferecem a possibilidade de mudar e transformar para sempre a vida do leitor. Trata-se, no entanto, sempre de uma possibilidade, nunca de uma garantia, contrariamente a um produto pelo qual alguém poderia inclusive receber um reembolso se ele não se demonstrasse adequado.

Quando começamos a ler um texto não temos a mínima ideia do que vamos dele retirar. Na verdade, nem sabemos se dali vamos retirar algo. Desta forma, se considerarmos a literatura um produto, ela é muitíssimo difícil de se vender, já que não se pode prometer

ao consumidor absolutamente nada, nem existe qualquer possibilidade de um serviço pós-venda. Porém, se nós escolhemos trabalhar com literatura, há sim algumas boas razões. Uma delas, por exemplo, é que o texto literário é capaz de exprimir aquilo que nós já tínhamos pensado, aquilo que julgávamos ser só nosso e descobrimos que alguém já tinha escrito. E, por ser arte, e por não ser um produto útil, como um chapéu, uma cadeira, uma espingarda ou uma lâmpada, ela não pode ter dono.

O escritor de literatura é então aquela pessoa capaz de dizer as palavras que na verdade eram as minhas e talvez as suas também, mas que até aquele momento ainda não tinham tomado forma. Existiam apenas como ideia nas cabeças das pessoas que, apesar de qualquer derrota que possam ter sofrido na vida, ainda ousam sonhar.

Assim, a melhor resposta que consigo neste momento dar à pergunta formulada no início é a seguinte: trabalhamos com literatura no ensino de línguas simplesmente porque acreditamos que a existência de uma vaga possibilidade de que se possa acender uma centelha de mudança na cabeça dos nossos alunos é justificativa suficiente.

Este material é feito para que os professores possam usar com os seus alunos. E queremos que eles o usem de verdade, na verdadeira acepção do verbo, ou seja, SERVIR-SE DE. Não é necessário respeitar a ordem das perguntas que propomos e pode-se inclusive ignorar algumas ou até todas. Quanto aos exercícios, muitos deles não têm resposta fixa, são mais ou menos como a vida, ou seja, têm muito mais de uma escolha que pode ser considerada correta.

Entretanto, como muitos professores costumam pedir sugestões sobre formas de se utilizar os textos literários na aula, passemos agora a uma série de exercícios que podem ser utilizados com os textos deste livro ou também com outros textos que o professor venha a selecionar. Estas atividades podem e devem ser adaptadas pelos professores para se adequarem da melhor forma possível aos alunos e condições de trabalho em questão. Ficaremos muito gratos por receber um retorno dos professores que porventura utilizarem estas atividades em suas aulas.



caio.christiano@ipm.edu.mo

Caio César Christiano

Professor Adjunto do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa,
Instituto Politécnico de Macau

SUGESTÕES DE ACTIVIDADES

1. Tomando partido

O professor deve pensar no tema da história e preparar quatro frases com opiniões antagônicas sobre o que se passa na narrativa. Antes de começar a atividade de leitura dos textos, o professor prepara tiras de papel com cada uma das frases e as coloca num ponto da sala. Cada aluno deve então se posicionar e ir para perto do canto da sala que melhor representa a sua opinião. Após os alunos tomarem posição, é possível promover um debate sobre as opiniões, o que aumentará, consideravelmente o interesse dos alunos pelo texto que será lido.

2. 1 minutinho

Com base no assunto do texto que vai ser lido, pode-se dar aos alunos o tempo exato de 60 segundos para fazerem um pequeno discurso sobre o tema. Pode-se também promover um concurso entre os alunos do melhor discurso improvisado sobre o tópico abordado. Ao pensar sobre o tema sobre o qual vão falar, os alunos estarão automaticamente se preparando mentalmente para a leitura do texto em questão.

3. Quase certo.

Uma alternativa para apresentar os textos selecionados aos alunos da classe é que eles lhes sejam inicialmente contados por alguém. Pode-se dividir a sala em vários grupos (entre 4 e 6 membros). A um dos membros do grupo, dá-se o texto com antecedência (na aula anterior, por exemplo) para que eles preparem a história que vão contar como dever de casa. A tarefa dos alunos é recontar a história de forma concisa e interessante para o seu próprio grupo. Além disso, eles devem acrescentar um elemento (pode ser um acontecimento ou uma personagem, por exemplo) que não aparece na história original. Os outros estudantes vão ouvir a história antes de lerem os textos e tentar identificar o elemento que não aparecia na história original. Depois, quando lerem os textos, vão poder confirmar se os palpites estavam corretos.

4. Três frases

O professor escolhe três frases ou passagens que estão no texto que vai apresentar. O ideal é que as frases estejam em pontos diferentes do texto. A tarefa dos estudantes é pensar sobre a forma como as frases vão se relacionar e entrar em contato na mesma história.

5. O Título

O Professor dá aos alunos o título do texto que vão ler. Apenas com este elemento, eles devem fazer um brainstorming para tentar chegar à conclusão do tema que é tratado no texto (ou no livro do qual se extraem os textos).

6. Fluxo de consciência

Nesta forma de apresentação do texto, o professor deve dar aos estudantes juntamente com o texto uma folha em branco ou então pedir que utilizem os seus cadernos. O professor distribui o texto aos alunos e pede que comecem a lê-lo. Depois de mais ou menos meio minuto, pede a todos que parem de ler e escrevam na folha, tudo o que lhes vier à cabeça. Trata-se de uma atividade de fluxo LIVRE de consciência, não há absolutamente nenhuma regra. O estudante pode escrever tudo o que quiser, mesmo que aparentemente não faça sentido. Depois de dar algum tempo para que os alunos escrevam as suas sensações, o professor pede aos alunos que voltem ao texto. Depois de mais ou menos um minuto e meio, o professor repete o mesmo procedimento, pedindo que os alunos escrevam na folha as suas sensações. O professor repete o processo quantas vezes desejar, com os intervalos que considerar mais adequados. Os resultados são geralmente bastante interessantes.

Para este tipo de atividade, é importante que não se obrigue os alunos a compartilharem os seus textos com o resto da turma se não quiserem. Eles podem, se preferirem, dar apenas uma ideia geral do que foi escrito em seus “fluxos de consciência”.

7. O grande mistério

Para histórias que têm um fim inusitado ou um mistério a ser resolvido (como a ficha 1 de Vergílio Ferreira), pode-se pedir que os alunos leiam somente uma primeira parte do texto e tentem, em duplas ou grupos, adivinhar o que vai acontecer em seguida. O objetivo não é necessariamente de estar mais próximo do texto original, mas sim o de apresentar soluções criativas para o desenrolar da história.

8. Tomando as dores

Esta atividade funciona particularmente bem com textos contendo muitos diálogos. Os alunos devem, literalmente, se colocar no lugar de um dos personagens da história. Ou seja, vão substituir os nomes dos personagens pelos seus e vão descrever como reagiriam na pele de um dos personagens da narrativa. É importante que somente as passagens referentes ao personagem que foi alterado sejam modificadas. O resto do texto deve permanecer intacto e continuar a fazer sentido.

9. Associações

Após a leitura de um texto, pode-se dividi-lo em três ou quatro partes e pedir que os alunos, em grupos, associem fotos, imagens ou desenhos a cada uma destas partes. Os grupos precisam explicar porque associaram cada uma das imagens a cada uma das partes do texto.

As imagens podem ser pré-selecionadas pelo professor ou pode-se pedir que os alunos as encontrem na internet.

Uma outra alternativa, é pedir que os alunos encontrem uma trilha sonora para este texto. Pode ser uma canção com ou sem letra. O importante é que os estudantes sejam capazes de explicar porque associam a música ao texto.

10. Ponto de vista

Após ler um texto, pode-se pedir que os alunos reescrevam a história do ponto de vista de um outro personagem que nela aparece. Pode-se escolher um personagem humano ou também algum objeto ou animal que teve alguma importância ao longo da narrativa.

11. Encontros ocasionais

Quando o professor já tiver trabalhado com algumas fichas, pode pedir aos estudantes que promovam encontros entre personagens de diferentes histórias estudadas. Os encontros podem ser feitos por escrito, mas uma boa ideia é criar uma dramatização de diálogos resultantes destes encontros com a turma. É preciso que as personagens mantenham as mesmas características apresentadas nos textos originais para dar mais credibilidade aos diálogos.

12. Notícias urgentes

Após ler um texto, os estudantes podem criar um boletim de informação para dar a notícia do que aconteceu no trecho que leram. Pode-se, dependendo do tempo disponível, fazer uma redação, uma atividade de dramatização com os alunos ou ainda gravar um vídeo. É importante escolher a seção do jornal em que a notícia apareceria. Pode-se por exemplo, anunciar a notícia como se pertencesse à coluna social, à seção policial ou até mesmo à seção de esportes ou da previsão do tempo. Tudo depende da criatividade dos alunos.

13. Rede social literária

Após ler um texto que envolva mais de três personagens ou então após a leitura de alguns textos, os estudantes podem tentar criar uma página de rede social da personagem que escolheram. Devem criar um perfil para essa pessoa e podem tentar se colocar na pele da personagem pensando que tipo de posts esta pessoa escreveria e que tipo de informações compartilharia. Os perfis criados para as personagens podem então circular pela classe e os colegas vão dando “likes” ou deixando comentários para cada um deles.

14. Produtores de cinema

Após lerem um texto, os alunos podem se colocar na pele de produtores de cinema que vão transformar o trecho lido em um filme. Eles devem então decidir quais seriam as melhores locações (ou seja, os locais onde se passa o filme) e quem seriam os melhores atores para interpretar cada um dos personagens. Não é necessário seguir à risca os textos. Por exemplo, os alunos podem escolher filmar em Xangai um texto que se passa originalmente em Lisboa ou transformar uma personagem originalmente masculina em feminina. Tudo vale, desde que os estudantes consigam explicar as escolhas feitas.

15. As vozes das personagens

Em textos com muitos diálogos, os estudantes podem formar grupos para fazer anotações sobre como cada uma das falas deve ser lida, (com que tom de voz, falando lenta ou rapidamente, etc.) como se fossem orientar um ator numa peça de teatro. Depois podem também tentar escolher uma voz e um sotaque para cada uma das personagens. No fim, cada grupo dramatiza o diálogo e explica ao resto da sala e ao professor as suas escolhas.

16. Seria melhor se...

Após lerem um texto, os estudantes podem tentar adaptá-lo a outros contextos. Podem por exemplo mudar alguns eventos, acrescentar personagens, mudar o local onde se passa a ação. Após cada aluno ou grupo de aluno propor as suas mudanças, toda a sala de aula pode eleger quais são as que devem ser incorporadas na história que vai ser retida como final pela classe.

17. Carta à personagem

A tarefa dos estudantes é a de se colocar na pele de um dos personagens do texto que leram e escrever uma carta a outro dos personagens da narrativa. Cada texto vai pedir um tipo diferente de carta: uma carta de desculpas, um convite, uma carta de reconciliação, uma carta de despedida. Escrever uma carta é uma boa forma de verificar o quanto os estudantes compreenderam um texto, pois devem recuperar elementos da narrativa e ao mesmo tempo lhes permite que usem de sua criatividade.

18. O melhor para o final

Nesta atividade, os alunos devem imaginar o que aconteceu no universo dos personagens depois do texto que foi lido. O professor pode definir alguns períodos, por exemplo, o que aconteceu imediatamente depois do texto, o que aconteceu no ano seguinte ou, ainda, o que aconteceu 5 anos depois.

19. Declamando passagens

Antes da aula, o professor escolhe uma pequena passagem do texto e a grava (com o uso do telefone, do computador ou de outra tecnologia que esteja disponível). Ele então mostra para os alunos esta passagem e diz que ela foi a que mais o marcou no texto, explicando os motivos. Encoraja-se então os alunos a também escolherem uma passagem para gravar, da melhor forma que puderem.

Esta atividade possibilita o trabalho com a pronúncia, com a prosódia, ao mesmo tempo que promove a discussão. Há inúmeras apps para telefones celulares que possibilitam que os alunos enviem áudio entre si. Esta poderia ser uma boa maneira de compartilhar o que produziram.

20. Meme Literário

Tornou-se comum nas redes sociais a comunicação através dos chamados “memes”. Uma imagem, geralmente engraçada ou satírica, acompanhada de um texto e que é enviada para inúmeras pessoas. Uma boa atividade para se fazer no final de um ano letivo é recuperar os textos que foram estudados ao longo do ano e pedir aos alunos que produzam memes a partir destes textos. Pode-se dar total liberdade na escolha da imagem, mas é necessário que o trecho utilizado seja exatamente como aparece no texto estudado. Pode-se também promover uma competição ou concurso dos melhores memes literários.

21. Retradução

Esta é uma atividade para grupos que têm apenas uma L1 e que utilizam a tradução na sala de aula de língua.

Em alguns casos, os trechos apresentados neste livro fazem parte de livros que já foram traduzidos na língua dos alunos. Pode-se, antes de apresentar os textos, mostrar apenas o trecho traduzido na língua do aluno e pedir que os alunos o vertam para o português (não é necessário fazer os textos inteiros, algumas partes bastarão). Depois das traduções feitas, apresenta-se aos alunos o trecho original. Cria-se então um bom momento para se discutir questões relativas à tradução. Por que algumas escolhas foram feitas pelo tradutor? É possível realmente traduzir literatura? Há partes intraduzíveis? Poderia haver uma tradução mais adequada?

FICHA 1

Nível Sugerido **B1**

Vergílio Ferreira, *Aparição*

1. Quem conta a história é uma personagem, como se pode ver pelos exemplos na primeira linha: “disse eu” e “contei”. Pode acrescentar-se que é a personagem principal e por isso trata-se de um narrador autodiegético.
2. O texto conta duas histórias. Na primeira história, apesar de no texto ser apenas um parágrafo, o narrador introduz a narrativa de uma segunda história, contando acontecimentos passados anteriormente.
3. Trata-se da expressão “Uma vez”.
4. Deve ter acontecido há bastante tempo, quando o narrador ainda era miúdo.
5. Passou-se à noite, quando a lua ia nascer.
6. Estava fresco. O adjectivo com significado oposto está na mesma frase: “o dia fora abrasador”.
7. Porque o pai repetia essas histórias que ele guardava na memória.
8. Foi buscar a manta e a almofada, a mando da mãe, para se deitar e ver melhor as estrelas.
9. Subitamente, o menino deu um berro, largou tudo, caiu no corredor, sempre aos gritos.
10. Porque lhe pareceu que estava mais alguém no quarto e ele pensou que fosse um ladrão.
11. Foi a velha tia Dulce que contava historietas que fortaleciam a imaginação do menino, ou seja, a sua capacidade de “inventar coisas que não existiam realmente”.
12. Sim, ele gostava de ouvir o pai e a tia Dulce contar histórias e era o mais atento.
13. O pai colocou o menino na posição em que ele se tinha assustado e viram que no espelho estava a sua própria figura reflectida.
14. É a palavra “fantasia”.
15. O pai pareceu protegê-lo, a mãe voltou a culpar a imaginação dele e o irmão Evaristo fez pouco, brincou, imitando o susto do menino.
16. Refere-se a lua já alta, o cantar dos ralos e dos grilos, o calor que ainda se sentia.
17. Os aspectos referidos relacionam-se com a visão, com a audição e com o tacto. Faltam o paladar e o olfacto. Esta conjugação dos sentidos chama-se sinestesia. Permite fazer uma descrição mais completa de uma realidade.
18. Resposta aberta. O pai pensava que um homem não devia ter medo.

se pode ver pelos exemplos na primeira linha: “disse eu” e “contei”. Pode acrescentar-se que é a personagem principal e por isso trata-se de um narrador autodiegético.

2. A história começa pelas nove horas da manhã, quando a personagem chega à estação de Évora.
3. Resposta aberta. Évora fica na Região do Alto Alentejo, em Portugal, uma região com pouco relevo e com altas temperaturas durante os meses de Verão.
4. O narrador diz que tinha os “membros espessos” e o “crânio embrutecido”, mostrando assim cansaço físico e mental.
5. A sua função é fazer pequenos recados como procurar e carregar com a bagagem e ajudar a procurar uma hospedaria.
6. Não, era professor de Liceu.
7. Significa que o moço de fretes costumava beber. A expressão “olhos vermelhos, ensopados em sangue” tem o mesmo significado.
8. Da lista deve constar: andava com passos curtos, dobrado sobre si mesmo, cara e olhos vermelhos, de passo incerto, humilde e respeitoso, alcoólico também. Podem ser separadas entre características físicas e características psicológicas.
9. A natureza é descrita de forma leve: a manhã bonita, com sol, vento leve e o orvalho.
10. A descrição do professor opõe-se à leveza da manhã, porque utiliza expressões pesadas: “pesadelo de ideias”, “cansaço profundo”, “angústia”, “olhos vazios”, “minha dor”.
11. O professor estava de luto pela morte recente do pai.
12. O texto refere “a branca aparição desta cidade-ermida” e o “casario branco”.
13. Provoca-lhe uma sensação de estranheza, de alucinação, por causa de toda a luz que contrasta com a dor do Professor.
14. Resposta aberta. É possível que o aluno encontre fotografias das planícies, mas também da cidade, de casas brancas, tendo no meio as torres das várias igrejas de pedra da cidade e sobretudo da Sé.
15. Por dois motivos: por causa das múltiplas igrejas que se avistam, mas também pela cor branca, tal como as ermidas costumam ser.
16. O doutor Moura fora colega de estudo do pai do professor. Tinha sido visita de casa e devia ser amigo próximo, pois o pai escrevera-lhe dias antes de morrer.
17. O romance chama-se *Aparição*. No texto refere-se à visão que o professor tem da cidade de casas brancas, cheia de luz, como se fosse uma coisa irreal que lhe aparecesse.

FICHA 2

Nível Sugerido **C1**

Vergílio Ferreira, *Aparição*

1. Quem conta a história é uma personagem, como

FICHA 3

Nível
Sugerido C1**José Saramago,
O Ano da Morte de Ricardo Reis**

1. Decorre no quarto de um hotel.
2. É um narrador de terceira pessoa, que não é nenhuma das personagens, ou seja, é um narrador heterodiegético.
3. Numa cidade com porto de mar, onde chegam navios, donde se vê o mar, onde habitam seiscentas mil pessoas, ou seja, Lisboa.
4. Do Brasil, para onde ainda não sabe se vai regressar.
5. Não tem ideias definitivas. Não sabe quanto tempo ficará, se vai trabalhar, ou se regressará ao Brasil mais tarde.
6. Ricardo Reis é médico, porque fala em instalar um consultório e, mais à frente, refere-se que arrumou a sua mala de médico no fundo do armário.
7. Porque não representa nenhum compromisso, pois Ricardo Reis pode ir embora dele quando quiser; é também um lugar de passagem, enquanto ele não retoma à sua vida.
8. O horizonte é todo o espaço que a vista alcança, separando o céu da terra. Assim, num hotel ele não existe. Existe o espaço do quarto, confinado pelas paredes e pelos móveis. Por isso o narrador diz que o “horizonte está aonde o seu braço alcança”, uma imagem para expressar o espaço reduzido de um quarto.
9. Podem ser duas palavras: “murmúrio” e “suspirando”.
10. O narrador compara esse ar fresco ao cheiro da roupa de lavar arrumada numa gaveta.
11. Porque acumulam em si o cheiro de todas as pessoas que passam por ele, guardam “os sinais da nossa humanidade”; não vivemos lá apenas nós. Resposta livre.
12. Foi o ar fresco e húmido que entrou pela janela.
13. No texto são referidos os seguintes: cadeira, gavetões da cómoda, a gaveta-sapateira, o guarda-roupa, armário, prateleiras.
14. Devia, pelo menos, existir uma cama e mesinhas de cabeceira.
15. Eram os livros clássicos em latim.
16. Seriam os livros ingleses, porque se refere que estavam manuseados, ou seja, que foram mexidos com as mãos, folheados.
17. “Grossas” significa rudes e “gravosas” tem o sentido de serem acusações graves.
18. Trata-se de um narrador de terceira pessoa, que conhece todos os pensamentos da personagem. Utiliza o discurso indirecto livre (que dispensa o

verbo introdutório “disse que” ou “pensou que”), revelando os pensamentos da personagem.

Notas:

- No âmbito do Modernismo português, a mais significativa criação estética de Pessoa terá sido a utilização dos heterónimos. Diferentemente do pseudónimo, os heterónimos são personalidades poéticas completas, incluindo biografias e uma identidade que se afirma através da sua manifestação artística própria e diversa do autor original, entretanto chamado “ortónimo”. Os três heterónimos mais conhecidos e com obra poética mais volumosa são Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. Um quarto heterónimo de grande importância na obra de Pessoa é Bernardo Soares, autor do *Livro do Desassossego*. O número dos heterónimos de Pessoa, incluindo as formas menos completas de semi-heterónimos e outras personagens fictícias, pode aproximar-se da centena segundo critérios mais largos.

- Os heterónimos permitiram a Fernando Pessoa produzir uma obra vasta e reflectir de forma mais profunda sobre a complexidade das relações entre verdade, existência e identidade, e sobre a capacidade ficcional da literatura.

- Ricardo Reis nasceu a 19 de Setembro de 1887, no Porto. Estudou num colégio de jesuítas, formou-se em medicina e, por ser monárquico, exilou-se no Brasil desde 1919. Na sua biografia não consta a sua morte. Alberto Caeiro nasceu em Lisboa, a 16 de Abril de 1889 ou em Agosto de 1887, e morreu em Junho de 1915. Álvaro de Campos nasceu em Lisboa, a 13 ou 15 de Outubro de 1890, onde também morreu em 1935. Depois dos estudos no liceu, foi estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval, em Glasgow, realizou uma viagem ao Oriente, registada no seu poema *Opiário*, e trabalhou em Londres. Desempregado, teria voltado para Lisboa em 1926.

FICHA 4

Nível
Sugerido C2**José Saramago,
O Ano da Morte de Ricardo Reis**

1. São Fernando Pessoa e Ricardo Reis.
2. É um narrador de terceira pessoa, que não é nenhuma das personagens, ou seja, é um narrador heterodiegético.
3. Um pseudónimo é um nome fictício, escolhido pelo escritor como alternativa ao seu nome real, para não ser identificado ou para se distanciar da sua pessoa real. Um heterónimo é a criação de uma pessoa distinta do escritor, atribuindo-lhe uma personalidade, uma biografia e uma produção literária, de forma consistente, que o distingue da produção do próprio escritor.
4. Ortónimo, ou seja, o escritor ele mesmo, criador dos heterónimos.
5. Ricardo Reis reparou que havia debaixo da porta uma réstia de luz e ele não esperava por isso.
6. Não, Ricardo Reis não achou irregular que Fer-

nando Pessoa estivesse ali à espera dele.

7. Que a figura de Fernando Pessoa estivesse à sua espera e lhe respondesse ao cumprimento apesar de ter morrido.
8. Estenderam a mão e abraçaram-se, para além de se olharem com simpatia.
9. No cemitério, pois teria morrido.
10. Assim como cada um passa nove meses na barriga da mãe, também tem nove meses depois da morte em que existe sem ser visto.
11. Por causa do telegrama que Álvaro de Campos lhe tinha enviado comunicando a morte de Fernando Pessoa.
12. É outro dos heterónimos de Fernando Pessoa.
13. É o facto de ter deixado de saber ler e de não conseguir ver o seu reflexo no espelho.
14. Ricardo Reis refere que, tendo Fernando Pessoa morrido, era necessário que alguém ocupasse o espaço agora livre.
15. Foi Fernando Pessoa.
16. Ricardo Reis diz que “nenhum de nós é verdadeiramente vivo nem verdadeiramente morto”.
17. Conferir as Notas.
18. É Alberto Caeiro.

Notas:

- No âmbito do Modernismo português, a mais significativa criação estética de Pessoa terá sido a utilização dos heterónimos. Diferentemente do pseudónimo, os heterónimos são personalidades poéticas completas, incluindo biografias e uma identidade que se afirma através da sua manifestação artística própria e diversa do autor original, entretanto chamado “ortónimo”. Os três heterónimos mais conhecidos e com obra poética mais volumosa são Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. Um quarto heterónimo de grande importância na obra de Pessoa é Bernardo Soares, autor do *Livro do Desassossego*. O número dos heterónimos de Pessoa, incluindo as formas menos completas de semi-heterónimos e outras personagens fictícias, pode aproximar-se da centena segundo critérios mais largos.

- Os heterónimos permitiram a Fernando Pessoa produzir uma obra vasta e reflectir de forma mais profunda sobre a complexidade das relações entre verdade, existência e identidade, e sobre a capacidade ficcional da literatura.

- Ricardo Reis nasceu a 19 de Setembro de 1887, no Porto. Estudou num colégio de jesuítas, formou-se em medicina e, por ser monárquico, exilou-se no Brasil desde 1919. Na sua biografia não consta a sua morte. Alberto Caeiro nasceu em Lisboa, a 16 de Abril de 1889 ou em Agosto de 1887, e morreu em Junho de 1915. Álvaro de Campos nasceu em Lisboa, a 13 ou 15 de Outubro de 1890, onde também morreu em 1935. Depois dos estudos no liceu, foi estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval, em Glasgow, realizou uma viagem ao Oriente, registada no

seu poema *Opiário*, e trabalhou em Londres. Desempregado, teria voltado para Lisboa em 1926.

FICHA 5

Nível Sugerido C2

Agustina Bessa-Luís, A Sibila

1. Trata-se de um narrador de terceira pessoa, que não é personagem da história, nem principal nem secundária.
2. Era uma vida pobre como se vê em “miséria encardida”, “privações” e “canseiras de muitos anos”.
3. A expressão é “de muitos anos”. Significa que Narcisa era pobre há muito tempo.
4. Porque resolveu compensar a mãe de tantos anos de pobreza. A expressão é “decidiu desforrá-la das privações e canseiras de muitos anos (...)”.
5. O aluno deve localizar os lugares no mapa.
6. Narcisa perdeu-se até ser noite.
7. Trata-se do Mosteiro da Batalha.
8. Foram as Capelas Imperfeitas e o túmulo dos infantes.
9. Terá ficado cheio de restos de massa folhada e de migalhas.
10. É a sua freguesia. A freguesia é a divisão mais pequena do território português, às vezes apenas com duas aldeias ou lugares.
11. Na semelhança. Significa que é inútil viajar para conhecer outros lugares porque eles são todos iguais uns aos outros ou muito semelhantes.
12. Visitou ainda Lisboa.
13. Significa ir ao cinema.
14. Adormeceu, indiferente ao barulho e à confusão.
15. Quando era obrigada a comentar aquilo de que nada entendia e nada lhe importava. Ou seja, aquilo que lhe era indiferente.
16. Porque não gostava de ficar sem fazer nada.
17. É a palavra “aporrinhada”.
18. Não parece ter gostado, pois queixou-se muito à vizinha Maria.

FICHA 6

Nível Sugerido C1

Agustina Bessa-Luís, A Sibila

1. Na Casa da Vessada.
2. São três personagens: Germa, uma menina, e as duas mulheres da Casa da Vessada, uma delas chamada Quina.
3. Devem ser da mesma família, porque no texto diz que “se parecia muito às mulheres da casa da

Vessada, simplesmente porque era bonita.

4. Era uma casa antiga, que tinha uma “velha porta da cozinha”.
5. Devia ser recebida com cortesia, sendo que com mais cortesia do que afecto.
6. Significa que ainda não tinha cortado nenhuma vez o cabelo, ou seja, era uma cabeça de criança ainda pequena.
7. Como um mundo extraordinário, misterioso e deslumbrante. Os adultos faziam coisas que Germa pensava que não era possível fazer.
8. A sua autoridade, força e categoria, de que ela tenta defender-se.
9. Sendo obediente e suave, a “ponto de a classificarem como insignificante”, deixando-a sossegada.
10. Significa que ela não representava nenhuma ameaça, nem parecia discutir o mundo dos adultos, nem ter opinião contrária, nem agir contra eles.
11. Foi quando a mãe um dia lhe bateu sem razão nenhuma.
12. Germa sentiu-se “injurada no mais íntimo da sua alma”, ou seja, sentiu-se muito ferida nos seus sentimentos.
13. São duas palavras contraditórias, isto é, que significam o contrário uma da outra. Demonstra, como já se disse no início do texto, que as mulheres foram mais educadas e corteses do que afectuosas.
14. Ela chegou calçada com sapatinhos e verniz e meias brancas até ao joelho.
15. Trata-se da ironia, que acontece quando o enunciado da personagem não corresponde, por ser contrário, ao que ela pensa. A ironia está na utilização de “grande mulher”, porque Germa é ainda uma menina pequena, e ainda não sabia limpar nem cozinhar.
16. Germa pode ser sobrinha ou neta. Na verdade, Quina é sua tia. E a outra mulher da casa da Vessada é mãe de Quina e avó de Germa.
17. Resposta aberta. É uma menina observadora e curiosa, silenciosa, pacífica e tolerante, doce e suave, mas com um sentido de justiça muito forte.
18. Resposta aberta. Talvez não tivessem crianças em casa há muito tempo, ou talvez se sentissem intimidadas com o aspecto citadino de Germa, ou com o seu silêncio e o seu olhar observador.

é um narrador de primeira pessoa, neste caso o protagonista, ou seja, trata-se de um narrador autodiegético.

2. Servem para fazer a descrição da mulher com quem o protagonista tem uma relação amorosa. A descrição é o processo como na ficção narrativa se apresentam personagens (física e psicologicamente) e espaços.
3. Só a primeira, “beleza”, é uma característica física. Mas mesmo esta pode incluir elementos psicológicos. Na definição desta mulher, além da extrema beleza, parecem ser ainda mais importantes.
4. Era a inteligência, profunda e viva. Como era uma mulher discreta, ou seja, reservada, talvez não se percebesse a sua inteligência apenas com um contacto inicial ou superficial.
5. Resposta aberta.
6. O narrador refere o volume, o timbre e a altura da voz. Tem a ver com a intensidade e a altura, mas também a qualidade da voz.
7. A cor sépia é aquela cor amarelada que a passagem do tempo deixa no papel e nas fotografias. Esta metáfora permite perceber que esta voz era uma voz antiga, elegante e requintada, sem ferir os sentidos, mas embaladora.
8. Era o pendor para o sussurro, o murmúrio, o segredo e a confidência, ou seja, o tom baixo com ela falava.
9. A descrição da mulher (os três primeiros parágrafos), a reflexão sobre a relação amorosa (quarto parágrafo) e a consideração de como tudo o que existia fora daquele espaço íntimo tinha deixado de contar (último parágrafo).
10. Devem ser referidos elementos como: a disponibilidade para se encontrarem, o seu requinte, elegância, a relação filial, a forma como evocava a infância e a adolescência, a alma bem formada, sem nunca dizer mal de ninguém, e a gentileza.
11. A maior parte das características referidas no texto, além da beleza, são características psicológicas (ou morais), ou seja qualidades da forma de ser, de estar, de pensar, de se comportar, da mulher.
12. Resposta aberta.
13. Porque era uma relação clandestina, que devia existir sem ninguém saber dela. Por isso era frágil e fechado ao exterior, como os cofres são blindados, intensa mas escondida, como são as grutas subterrâneas.
14. Resposta aberta. É possível, como efectivamente acontece neste caso, que as personagens fossem casadas.
15. Podia ser um artesão, um artista. Conferindo a ficha do livro, confere-se que o narrador era escultor.

FICHA 7

Nível Sugerido C1

David Mourão-Ferreira, Um Amor Feliz

1. Quem conta a história é a própria personagem;

16. Porque os seus espaços eram abertos, com luz entrando pelas janelas, para o céu e para o rio, representando a parte “aérea” da relação; mas também era um espaço fechado ao resto do mundo, privado, como um subterrâneo, um espaço nas entranhas da terra.
17. O interior do atelier, onde a relação entre as personagens acontecia e fora do atelier, cinzenta, sem cor, sem recordações.
18. Significa que tudo o que foi importante naquele Inverno e naquela Primavera aconteceu dentro do atelier, em que a mulher amada era cor e movimento, cada gesto recordado. Contrariamente a isso, o narrador não tem memória do que aconteceu no mundo naquele tempo, não sabe se foi bom ou mau, tudo sem cor, aquela espécie de cinza, sem nada que ficasse na memória. Só a relação com aquela mulher, descrita como extraordinária, foi importante naquele tempo.

FICHA 8

Nível Sugerido C1

David Mourão-Ferreira, Um Amor Feliz

1. Quem conta a história é a própria personagem; é um narrador de primeira pessoa, neste caso o protagonista, ou seja, trata-se de um narrador autodiegético. Era escultor.
2. Trata-se do romance *La Chartreuse de Parme* (*A Cartuxa de Parma*), um dos romances mais conhecidos do escritor francês Stendhal, publicado em Paris em 1839. É também um dos romances mais importantes da sua época, afastando-se dos princípios do Romantismo e antecipando o Realismo.
3. As expressões são: “estado de graça”, “estado de adoração”. Apesar de não ser o romance favorito do narrador, tinha nela um efeito intenso, quase inexplicável.
4. Em primeiro lugar, foi através dele que o narrador conheceu e “amou” a Itália; em segundo lugar, o romance mostra ao narrador como deve ser maravilhoso escrever um livro.
5. É ambivalente, por dois motivos: logo no início do segundo parágrafo, o narrador diz que “Há muitos outros romances de que gosto bastante mais”; e no início do segundo parágrafo afirma que “nunca este seria porventura o romance que eu gostaria de ter escrito”. Contudo, é o livro que mais o seduz.
6. O narrador diz que são a invenção e a memória, e a forma como se relacionam entre si.
7. É a imaginação.
8. É a palavra núpcias, que significa casamento.
9. Porque é uma relação não com uma palavra só, mas com a “feminina multidão das palavras”.

10. São palavras como “cavalgada”, “fuga”, “prodígio”, “secretas e arrebatadas”. É uma relação intensa, arrebatada.
11. Trata-se da fuga enquanto género musical (em que as partes se repetem sucessivamente e parecem fugir umas das outras, finalizando sempre em consonâncias). Bach é o compositor das “fugas” mais célebres.
12. Podem ser apontados quatro grupos: primeiro, as que se entregam; segundo, as que se esquivam; terceiro, as que é preciso perseguir, seduzir e enganar; quarto, as que por fim se deixam capturar, palpar, despir, penetrar e sorver.
13. Tendo em conta que um campo lexical é um conjunto de palavras associadas, pelo seu significado, a um determinado domínio conceptual, neste caso o campo lexical é o da intimidade humana.
14. São palavras opostas, pois a carne é um corpo e uma matéria incorpórea não tem corpo. A esta coexistência de ideias opostas chama-se oxímoro, ou seja, uma combinação engenhosa de palavras cujo sentido literal é contraditório ou incongruente.
15. Porque dessas relações nascem coisas novas, que não existiam antes. O homem planta a terra e nasce a árvore; o homem trabalha a língua e nasce um livro; um filho é o resultado do “acto de amor” com a Mulher.
16. O narrador considera que é o escrever livros.
17. Não, o narrador refere-se aos livros capazes de serem lidos, esquecidos e recuperados, ou seja, livros que atravessam os séculos.
18. Resposta aberta. A resposta pode ser não, pois as obras de arte também atravessam séculos. Mas a resposta pode ser sim, quando consideramos que um livro pode ser lido em diferentes partes do mundo, por diferentes leitores ao mesmo tempo, o que não acontece com uma obra de arte que esteja num museu.

FICHA 9

Nível Sugerido C1

Lídia Jorge, A Costa dos Murmúrios

1. As personagens são Evita e o noivo, chamado Luís Alex, o capitão Forza e Helena.
2. O narrador é Evita, a personagem principal do romance.
3. Não, Eva Lopo narra o acontecimento numa altura posterior.
4. A história passa-se em Moçambique antes do 25 de Abril em 1974, durante a guerra colonial que começou em 1964, com a revolta em Cabo Delgado.
5. O texto diz que as palavras a partir do meio da mesa “pareciam ter pé e murchavam”, ou seja, eram como as plantas sem luz e sem alimento:

a conversa parava, suspensa, sem assunto nem motivação para continuar.

6. O capitão falou sobre as noites do mato, a luta contra as formigas, o ataque das abelhas assassinas que tinham mesmo provocado a morte de um homem, casos menos tristes, respostas interessantes recebidas pela rádio, desencontros.
7. Eram militares, representando os interesses portugueses em Moçambique que então era uma colónia de Portugal.
8. Em todas as histórias, mesmo quando falava de casos relacionados com mortes, o capitão conseguia dar-lhes um final feliz.
9. Foi a pergunta de Evita. Porque ela insistiu em perguntar pela morte de pessoas nos confrontos e por massacres, ou seja, assuntos de que não se devia falar.
10. Resposta aberta. Naquela altura talvez Evita fosse demasiado frágil, inocente e curiosa. Como diz o texto, perguntou pelas mortes e massacres como podia ter perguntado pelos leões e pelas árvores da savana. Mas também pode estar a ser irónica, sobretudo contando a história muito tempo depois.
11. O capitão ficou surpreendido, interpelou o noivo em vez de responder a Evita e acusou-a de dar ouvidos a outros.
12. Resposta aberta. O *Stella Maris* era o hotel onde Evita e Luís Alex estavam hospedados.
13. Porque no hotel circulavam muitas opiniões contrárias, e confusas e perigosas, como se fosse um vespeiro, ou seja um ninho de vespas, um insecto com picada particularmente dolorosa.
14. Porque a África do Sul era uma colónia inglesa e os ingleses, no norte da Europa, costumam ter pele, olhos e cabelos claros.
15. Os sul-africanos é que tinham um “verdadeiro conceito de combate” quando comparados com os portugueses.
16. Seria sempre a matar. Porque os sul-africanos seriam, nas palavras do noivo, de outra raça, mais prática e metódica, ou seja, mais eficaz em combate.
17. Evita diz que sim, como todos os outros, comentando ironicamente que, mesmo que não estivessem, eram obrigados a estar. O seu discurso é irónico. Mas pode ser uma ironia da Eva narradora, mais velha, capaz de perceber o absurdo dos comentários proferidos pelos dois homens.
18. Não. Eva cresceu, adquiriu experiência. O seu relato é também um comentário, muitas vezes irónico sobre os últimos anos do colonialismo em Moçambique.

FICHA 10

Lídia Jorge, A Costa dos Murmúrios

1. O narrador é a única personagem referida, Eva Lopo. É portanto um narrador de primeira pessoa, que também é a protagonista, ou seja, é um narrador autodiegético.
2. Passa-se em Moçambique, que foi uma antiga colónia de Portugal. Depois de um longo período de guerra, Moçambique tornou-se independente em 25 de Junho de 1975, mantendo o Português como língua oficial.
3. São os verbos “lembrar” e “esquecer”, que ocorrem três vezes (com as formas “lembrando-me”, “não esqueci” e, no final do texto, “lembro-me”).
4. Por causa do cometa que passava pelo céu todas as noites, no sentido de ocidente para oriente, e por causa do nome do hotel *Stella Maris*.
5. O hotel chamava-se *Stella Maris*, nome que, em latim, significa Estrela-do-mar.
6. Porque apesar do nome e do espaço, tinha sido transformado em messe, que era uma instalação militar onde os militares de hierarquia superior tomavam as refeições e podiam alojar-se.
7. Era o hall do hotel, ou seja, a entrada do hotel, que caracteriza como “belíssima”. Era um espaço largo com cortinas brancas nas janelas.
8. Os barcos costumavam atracar num espaço amplo e os barcos têm velas brancas, como os panos das janelas, e os clientes chegam cheios de malas para embarcarem nos paquetes.
9. Foi a década de 50.
10. Não. Eva conheceu o hotel quando ele já estava transformado em messe, ou seja, depois da década de 50, quando começou a “guerra colonial”.
11. É o facto de as banheiras assentarem em pés com forma de garra.
12. Era uma relação de colonialismo, baseada na discriminação racial: os negros não andavam no mesmo passeio da rua que os brancos, e nunca viravam as costas quando saíam de um compartimento, nem sequer entravam dentro de casa dos colonos.
13. Foi a rebelião a Norte referida pelo texto (tratou-se do ataque ao posto administrativo de Chai, na província de Cabo Delgado em setembro de 1964, facto que marcou o início da Guerra Colonial).
14. Foi com a substituição das banheiras em forma de berço e assente em garras de leão por banheiras quadradas e polibãs com forma de escaradeira.
15. Não, porque esse “espírito”, como Eva lhe chamava, era uma coisa que não podia ser atingida nem destruída.

16. A luz, as janelas por onde passava a luz, o mar Índico e o vento quente pela tarde.
17. Não. No texto diz que naquela altura os vidros das janelas “ainda” estavam inteiros e ficariam assim por alguns anos. Assim, mais tarde, os vidros teriam sido quebrados, e o hotel teria sido possivelmente atingido pela guerra.
18. Resposta aberta. Parecem memórias filtradas pelo tempo, paradas no tempo, quando o hotel ainda mantinha o seu encanto, mas talvez seja apenas a visão subjectiva da narradora.

FICHA 11

Nível Sugerido **B2**

Valter Hugo Mãe, o nosso reino

1. As personagens referidas são: a avó, a tia Cândida, os irmãos, o avô, o pai e a mãe do menino (embora, a partir do texto, quase nada se saiba do protagonista).
2. É uma das personagens que conta a história. É um narrador de primeira pessoa sendo também protagonista, ou seja, é um narrador autodiegético.
3. São aspectos como: depois de ponto final, as palavras começam com minúscula; os nomes de pessoas também.
4. Eram o cozido à portuguesa e o bacalhau com batatas e hortaliça.
5. É a frase “era bojuda, toda metida a trabalhar, mas não suave”.
6. Era o facto de a avó não suar e de não se sujar.
7. O menino diz que ela era habitualmente exagerada e agressiva nos seus preconceitos.
8. Morreu de forma repentina, apesar de estar doente há muito tempo, enquanto comia, caindo sobre o prato.
9. Porque a avó tinha-se levantado da cama e tinha ido jantar vestida a arranjada de festa.
10. As palavras sublinhadas podem ser: “dor de amor” do avô; a mãe “precipitada sobre o cadáver”; a tia Cândida gritava “histérica pelo cristo”.
11. Significa que ficaram sem saber o que fazer e o que dizer.
12. Não. O texto diz que não podiam voltar e atravessar a fronteira. Talvez por motivos políticos, ou de outro tipo, não pudessem ou estivessem proibidos.
13. Não, apenas “parecia”, porque a dor que sentiu era tão grande que também morreu em poucos dias.
14. As duas expressões são “quieta da morte”, “especada de solidão” e ou seja, a avó morta estava quieta e sozinha; tinha passado para uma dimensão onde ninguém podia acompanhá-la.
15. Os meninos não dormiram, tristes e com medo.
16. Resposta aberta. Sim, uma ausência e um silêncio podem ser tão expressivas como o contrário.

FICHA 12

Nível Sugerido **B2**

Valter Hugo Mãe, o nosso reino

1. A mãe do menino, a tia Cândida, o avô, o Manuel e o seu irmão Carlos.
2. É uma das personagens que conta a história. É um narrador de primeira pessoa sendo também protagonista, ou seja, é um narrador autodiegético.
3. Porque nada se sabia dela a não ser que ficara solteira.
4. Tinha sido aos seis anos.
5. Por estar sozinha (embora ela nem estivesse sozinha, uma vez que tinha a família).
6. “Ter pena” implica um distanciamento em relação à pessoa, enquanto compaixão implica um envolvimento emotivo e uma vivência conjunta.
7. O menino diz que a tia era uma mulher delicada, secreta, muito calada, estouvada e inteligente.
8. São “pensando pouco” e “precipitando-se”.
9. Porque era ela que procurava as pessoas para pagarem e cumprirem o que deviam.
10. Ela trabalhava nos serviços da autarquia, onde se faziam os bilhetes de identidade e as cartas de condução.
11. Porque percebia das coisas que os outros tinham mais dificuldade em perceber, como fazer documentos, ir ao banco e fazer contas.
12. Queria que ela tivesse sido advogada para poder defender pessoas e animais nos tribunais.
13. Algumas respostas podem ser: forte, independente e senhora da sua vida.
14. Era o facto de ter um amante, ou seja, ter uma relação amorosa sem que ninguém soubesse.
15. O mais velho era Carlos, irmão de Manuel, e ia à escola para voltar a estudar e completar a quarta-classe.
16. No sentido em que era muito criança e desconhecia a forma como os adultos, homens e mulheres, se relacionavam.
17. Pelo que diz Carlos, era o senhor Francisco.
18. Resposta aberta. É possível que sim, mas também é possível que tenha reforçado a opinião de ser uma mulher independente e secreta.

FICHA 13

Nível Sugerido **B2**

José Luís Peixoto, Uma casa na Escuridão

1. Era escritor. Trata-se de um narrador que é também o protagonista, ou seja, é um narrador autodiegético.
2. É o narrador, que é escritor de profissão, que conta a história. O narrador e a personagem principal são a mesma pessoa.
3. São dois: o episódio da mão esquerda quando era criança e o episódio da mulher imaginada. Assim dividem o texto em duas partes.
4. Porque estava cansado, a sua mão tremia, e não conseguia escrever, nem pensar, e não tinha ânimo.
5. Porque o livro que tinha acabado de escrever era muito intenso. Todas as personagens que entravam no livro morriam.
6. É a palavra (advérbio) “obsessivamente”. Significa que o escritor pensava constantemente no livro.
7. Podia ser do esforço, pois ele escrevia sempre à mão com a esferográfica que o pai lhe tinha dado.
8. O escritor (narrador-personagem) diz que é com a mão direita.
9. Como um elemento insólito e inverosímil, ou seja, inesperado e que não parece real, porque a palavra escrava implica um estado sem liberdade em que a pessoa é vista como um bem negociável. A palavra substituta podia ser “criada”, uma empregada doméstica, ou seja, alguém que trabalha para uma família, por exemplo.
10. Entre os aspectos que possam ser referidos, um deles é a escrita dos nomes das personagens com letra inicial minúscula. A escrita literária pode conter aspectos desviantes que constituem o estilo próprio de um escritor.
11. Resposta aberta. Quando a escrava Madalena reparou que o menino usava a mão esquerda para fazer as coisas avisou os pais dele. Prenderam-lhe a mão durante dois meses e ele deixou de fazer as coisas com ela, entre elas escrever, passando a usar a mão direita.
12. Fechar os olhos e fixar-se no que via com os olhos fechados, ou seja, o negro e os pontos de formas abstractas de luz dentro dele.
13. Os pontos luminosos deslizaram no negro com uma direção e aproximaram-se uns dos outros com harmonia, formando cordões de luz e começou a surgir o contorno de um rosto e de um corpo.
14. As palavras e as expressões são: “lentamente”, “devagar”, “uma a um”, “tudo muito lentamente”, “muito lentamente”, “muito devagar”.
15. Revelaram os contornos e os traços de um rosto e de um corpo de mulher.

16. Deixou-lhe a certeza de que ela era a mulher mais bonita que ele tinha visto e iria ver na sua vida.

17. Resposta aberta. Podem ser indicados aspectos como a memória e a imaginação que correspondem a cada um dos episódios referidos.

FICHA 14

Nível Sugerido **B1**

José Luís Peixoto, Uma casa na Escuridão

18. Quem conta a história é a personagem principal de que não sabemos o nome.
19. A expressão é “quando eu era pequeno”. Os acontecimentos narrados situam-se no passado em relação ao tempo presente do narrador.
20. Eram as relações de afecto familiar entre as pessoas que lá tinham vivido e viviam.
21. Porque estava arrumada e limpa: as camas feitas de limpo, a cozinha arrumada, a biblioteca e a sala de armas sem pó, a lareira sempre acesa.
22. Significa que a pintura tinha sempre brilho de tão limpa que estava, sem pó.
23. Como um elemento insólito e inverosímil, ou seja, inesperado e que não parece real, porque a palavra escrava implica um estado sem liberdade em que a pessoa é vista como um bem negociável. A palavra substituta podia ser “criada”, uma empregada doméstica, ou seja, alguém que trabalha para uma família, por exemplo.
24. Por exemplo: a escrita dos nomes das personagens com letra inicial minúscula. A escrita literária pode conter aspectos desviantes que constituem o estilo próprio de um escritor.
25. Porque ela era uma escrava e trabalhar era a sua função, sem poder escolher.
26. Resposta aberta. Mas podia ser esta: que não era justo duas crianças da mesma idade terem tratamentos tão diferentes.
27. Não era boa pois a mãe não queria que Madalena desse comida ao filho; ficava vermelha e gritava, e depois, quando chegava o marido, calava-se e chorava.
28. Foi quando o pai e a escrava Madalena morreram.
29. Da lista deve constar: acumulava lixo e pó e cada vez mais cicatrizes, loiças rachadas na pele, de mobílias velhas, a ranger, de tapetes gastos.
30. Porque o pai não gostava de gatos e a escrava Madalena enxotava-os para fora de casa. Só quando eles morreram é que os gatos começaram a entrar dentro de casa.
31. Porque passava o tempo a fazer comida e recados à mãe do menino.
32. É a comparação: “a casa atravessou o tempo, como um homem suspenso, de olhos fechados,

sob a tempestade”.

33. Significa que a casa ficou suspensa no tempo, sem mudanças, escapando à destruição, mas envelhecendo pouco a pouco.
34. É o narrador, Miriam e a mãe.

FICHA 15

Nível Sugerido C2

Pepetela, Parábola do Cágado Velho

1. A personagem principal é Ulume.
2. Passa-se em Angola, em África.
3. As palavras que devem ser sublinhadas são: chana, muxito, kimbo, naka, capim.
4. Não. Por vezes a terra parecia-lhe estranha, mas não sempre.
5. Ficava num planalto. Deste apenas se diz que era “sem fim”, sem acrescentar mais coordenadas que permitam situar num mapa.
6. Devem sublinhar-se: “chanas e cursos de água”, “florestas”, “muxitos”, elevações (sendo a Munda a mais alta). Podemos caracterizá-la como fértil e abundante.
7. Porque era mais vasta (cortava a terra no sentido norte-sul) e era mais alta, de tal forma que nunca se via o seu cume, sempre encoberto pelo nevoeiro.
8. O rio Kuanza é o maior rio angolano, tendo todo o seu percurso no território de Angola. Nasce em Mumbué, município do Chitembo, Bié, no Planalto Central de Angola. O seu curso de 960 km desenha uma grande curva para Norte e para Oeste, antes de desaguar no Oceano Atlântico, na Barra do Kuanza, a sul de Luanda. É chamado assim por causa do seu longo percurso, atravessando uma parte substancial de Angola.
9. Resposta aberta. A resposta positiva deve referir o facto de estar protegido pelo morro e ser fértil. O regato nunca secava, sempre pronto para regar as hortas. Tinha gado e tinha palmeiras, mangueiras e bananeiras, capim e milho.
10. O regato nascia no cimo do morro e desaguava no rio Kuanza.
11. Era a meio da tarde, com o tempo limpo, apenas um instante, depois da chuva, com a lua e o sol ao mesmo tempo no céu.
12. O vento não soprava nas palmeiras, as aves paravam de cantar, o sol brilhava quieto, não se ouviam os insectos.
13. A expressão é “como se a vida ficasse em suspenso”.
14. Todos os dias, no fim da tarde, subia ao morro, sentava-se nas pedras a fumar o cachimbo e esperava que o cágado viesse beber água e que o tempo parasse.

15. Porque o conhecia desde sempre, já estava no morro quando Ulume nasceu.
16. Ulume amava aquele momento porque era um instante de grande beleza, um gesto importante e essencial que arrumava a ordem das coisas. Mas também odiava porque era um momento doloroso, tão estranho que provocava medo.
17. Sim, porque era o único que subia ao morro todos os dias, contemplava a beleza do mundo e via o cágado velho. Só ele era capaz de perceber que o mundo parava.
18. Sim, pode representar a capacidade de imaginação, de reflexão, de meditação, de contemplação da beleza do mundo que cada homem vê à sua frente, ou seja, o encontro consigo mesmo.

FICHA 16

Nível Sugerido C1

Pepetela, Parábola do Cágado Velho

1. É Ulume.
2. Porque a viagem tinha sido longa e ele já tinha mais idade. Mas também ia preocupado com um assunto difícil relacionado com Munakazi.
3. Ulume tinha conhecido Munakazi e casou com ela, apesar das hesitações, tendo vivido juntos bons e maus momentos. Tinham recuado para o Vale da Paz e, depois de ameaças, ela tinha fugido.
4. Porque Ulume conhecia o Cágado velho desde sempre e confiava nele.
5. Porque Munakazi voltou e Ulume não sabe se deve aceitá-la de volta.
6. Muari achava que Ulume devia deixar que Munakazi ficasse com eles e lhe aquecesse a velhice. Já Luzolo e Kanda queriam que Ulume a expulsasse.
7. Luzolo e Kanda são os filhos de Ulume, que achavam que Ulume devia expulsar Munakazi; andavam desentendidos um com o outro. Muari é a primeira mulher de Ulume.
8. Significa que ele devia seguir o que tinha na vontade, sem ligar ao que os outros diziam, de forma a sentir-se bem com ele mesmo.
9. Ulume está dividido entre a raiva por ter sido ferido e a saudade que sente de Munakazi.
10. Sim, porque ele consegue ver os dois lados de um problema e não hesita em dizer que a culpa também é sua e até chamar ridículas as suas certezas anteriores.
11. Porque o cágado velho, parado, com uma pata no ar, o olhou directamente, como nunca tinha feito até então.
12. É sentir o desprezo dos amigos e dos filhos, que o vão chamar de fraco.

13. Com esse perdão, Ulume vai dar o exemplo aos filhos e mostrar-lhes que também devem perdoar e entender-se um com o outro.
14. A natureza parece ter concordado com o desejo de perdoar e ficou silenciosa, o céu azul, onde brilhavam o sol e a lua.
15. Foi uma oferta ao cágado velho; é alimento mas também é um acto de respeito e veneração.
16. Não. Bebendo a água que costumava beber na sua infância, ele também recuperava a visão pura de quando era menino.
17. Significa voltar a sentir aquela alegria calma, aquela pureza e a harmonia do mundo. A vontade de Ulume coincidia com a vontade da natureza e da sabedoria mais antiga, representada pelo cágado.
18. Representa a sabedoria mais antiga, em comunhão com a natureza e o bem, mas também a capacidade de reflexão de Ulume e de ser capaz de encontrar dentro de si a resposta mais adequada e mais sábia.

FICHA 17

Nível Sugerido **B2**

José Eduardo Agualusa, Estação das Chuvas

1. A neta Lúdia, o seu avô Carmo Ferreira e o amigo do avô. Refere-se ainda Arturinho, amigo de Lúdia.
2. Trata-se de um narrador que conta a história sem participar dela como personagem. É um narrador de terceira pessoa.
3. Lúdia apertou com força a mão do avô; podia ter sido por susto, por medo ou por ansiedade em relação à viagem.
4. O texto não diz claramente, mas diz que em “Canhoca saiu toda a gente” e que na estação eram esperados pelo amigo do avô. Por este motivo, Lúdia e o avô viajavam para Canhoca.
5. No terceiro parágrafo o narrador diz que Lúdia e Arturinho costumavam brincar juntos em Luanda. É possível que Lúdia e o avô tivessem partido de Luanda para Canhoca.
6. O comboio dirigia-se a Malange, cidade que está ligada por linha de comboio a Luanda, distando 375 km da capital de Angola. É a capital da província do Malange.
7. Da lista deve fazer parte: velho magro e miúdo, manco de uma perna, vestindo fato escuro e chapéu de feltro, barba e carapinha brancas, olhos grandes e suaves.
8. Por causa da barba e da carapinha brancas e dos olhos suaves.
9. Porque os dois velhos ficaram a jogar xadrez, em

silêncio, a tarde toda, sem lhe prestar atenção e ela ficou sozinha.

10. Não, acontecem num tempo anterior (como se fosse uma analepse, que é o procedimento narrativo que permite recuperar acontecimentos anteriores à narrativa). A principal marca é a utilização do pretérito imperfeito do indicativo, tempo adequado para contar acontecimentos anteriores ao tempo passado da narrativa.
11. O comboio chegou a Canhoca na hora do almoço. Lúdia esteve até ao fim da tarde a perseguir gafanhotos no quintal, toda a tarde a brincar sozinha.
12. Os dois homens estiveram toda a tarde calados, um em frente do outro, a jogar xadrez, como refere o texto: “não trocaram palavra”, “em absoluto silêncio”.
13. Porque, tal como o quarto, a cama devia ser muito grande e Lúdia era menina.
14. Os ruídos típicos da noite: sussurros, latidos de cão, o cantar (reco-reco) das cigarras, o arrastar de corpos e passos, risos, o ritmo dos batuques.
15. A luz da lua (o luar), que fazia sombras nas paredes do quarto, passando pelas frinchas da janela (possivelmente a brisa ondulava as cortinas). A luz não é um ruído.
16. Era como um eco que ressoava, quase não se ouvindo, mais adormecendo que acordando Lúdia.
17. Resposta livre. Devia ser um grau elevado de amizade. Não precisavam de falar muito, conseguiam ficar em silêncio e assim comunicar, e no fim abraçaram-se demoradamente e partilhavam uma vontade semelhante,
18. Era Angola. Angola tornou-se independente em 11 de Novembro de 1975.

FICHA 18

Nível Sugerido **B2**

José Eduardo Agualusa, Estação das Chuvas

1. É Tiago de Santiago da Ressurreição André.
2. O rio Zaire também é conhecido como rio Congo.
3. É o lugar onde o rio Zaire desagua no oceano Atlântico.
4. É a nascente.
5. Fica no extremo norte de Angola, em Santo António do Zaire, na fronteira de Angola com a República Democrática do Congo.
6. Foi em 1482, por mandado de D. João II, Rei de Portugal.
7. Foi com o nome da região. Era Soio, mas Diogo Cão percebeu que era sonho.

SUGESTÕES DE RESPOSTA

8. Por duas razões: porque era um nome em português e ele admirou-se que ali se falasse português, e porque é uma palavra bonita: o sonho, algo imaginado durante o sono, quase sempre feliz.
9. Resposta aberta. Pode ser pela descrição da natureza e do rio, mas também pelo facto de os navegadores terem conseguido chegar tão longe e poder encontrar um lugar para descansar.
10. Não era o céu, era a mancha de aves que voava e que se mexia e gritava. Trata-se de uma personificação (atribuição de sentimentos ou ações próprias dos seres humanos a objetos inanimados ou seres irracionais).
11. Foi o ano que Lúcia se mudou para Berlim e em que nasceu um menino com o nome Tiago.
12. O Tiago tinha sete irmãs mais velhas, o pai era ajudante de enfermeiro e a mãe dedicava-se ao comércio de panos.
13. Fazia um jogo: lia-lhe uma página de um livro, sem pausas nem repetições, e uma semana depois Tiago era capaz de repetir letra por letra sem se enganar.
14. Porque queria que ele fosse padre e essa aprendizagem é feita no seminário.
15. A data de 4 de Fevereiro de 1961 costuma ser indicada como o início da luta armada em Angola.
16. Estava nervoso e segredou, ou seja, deu a notícia falando muito baixo.
17. O pai de Tiago estava preocupado e não parecia gostar muito do que aconteceu, porque diz que tinha sido uma coisa de muita maldade, uma confusão de brancos e pretos uns contra os outros, ou seja, uma grande desgraça.
18. De um lado grupos de homens armados, do outro os portugueses.

FICHA 19

Nível Sugerido **B1**

Ondjaki, Os Transparentes

1. Podem ser referidos os seguintes elementos: o uso de letras minúsculas no início de frase, a ausência de pontuação final, o nome das personagens, tanto pela forma como se escreve como pelo facto de as personagens serem nomeadas pelo que fazem.
2. São o VendedorDeConchas e o Cego.
3. Na PraiaDallha: a praia da Ilha de Luanda, em Angola.
4. Resposta aberta.
5. O VendedorDeConchas apaixonara-se por Luanda por causa do mar, que olhava todos os dias com a mesma paixão. Chama-lhe “mar salgado”, facto que estabelece intertextualidade com

o poema da *Mensagem*, de Fernando Pessoa, “Mar Português”.

6. Mergulhando nas águas e sentindo o sal da água.
7. O VendedorDeConchas mergulhava na água como se tocasse uma mulher, com a “pele e a língua”, ou seja, sentindo prazer no contacto da água com a pele, saboreando o sal e a água.
8. Da lista devem fazer parte os seguintes elementos: a areia, o mar, a água salgada, as rochas, as canoas, os pescadores, as quitandeiras, o peixe-seco e as conchas.
9. Significa que o VendedorDeConchas, apesar de não ter canoa, queria remar, ou seja, fazer avançar a vida.
10. Era jovem, esforçado e honesto, com um sorriso simpático e inocente que atraía; era dedicado à família para quem enviava sal e dinheiro.
11. Era jovem, tinha os pés duros apesar de andar de chinelos de couro, com um fio de missangas no pescoço, o saco das conchas às costas e os olhos semicerrados.
12. Como era esforçado, ajudava a arrumar o peixe-seco, a carregar peixe, vendia e fazia entregas, apanhava e vendia conchas.
13. Porque estava na rua e teve de parar por causa do sinal vermelho. Deve ter deixado cair o saco para descansar.
14. Foi pelo facto de ter ouvido e gostado do barulho das conchas.
15. Era o Cego. O VendedorDeConchas ouvia apenas normalmente. O Cego não só ouvia as conchas, como conseguia ouvir o barulho do sal dentro das conchas.
16. É possível que, pelo facto de não poder ver, o seu sentido da audição se tenha apurado.
17. Resposta aberta. Conseguir ouvir o barulho do sal dentro das conchas era para o Cego uma evidência que não valia a pena comentar. Quando ao VendedorDeConchas pode ser ficado calado de espanto pelo inesperado da resposta e pela intensidade dos sentimentos. O sal parece ser o elemento que une as duas personagens.

FICHA 20

Nível Sugerido **C1**

Ondjaki, Os Transparentes

1. Podem ser referidos os seguintes elementos: o uso de letras minúsculas no início de frase, a ausência de pontuação final, o nome das personagens, tanto pela forma como se escreve como pelo facto de as personagens serem nomeadas pelo que fazem.
2. O protagonista é a personagem principal, neste caso, Odonato.

3. A expressão é "lenta velocidade".
4. Odonato caminhou muito devagar, como se imagina que possa caminhar alguém em direcção à morte. O adjectivo "tímido" acrescenta a lentidão.
5. Era o filho que lhe causava grande preocupação.
6. Foi "mirar as mãos"; olhou para as suas mãos quando se levantou do seu lugar e quando se ajeitou na cadeira aonde se dirigiu.
7. O galo chamava-se GaloCamões e o adjectivo é "zarolho", que significa que via só de um olho, remetendo para os retratos usuais de Camões.
8. Camões aparece vestido com roupas antigas, do século XVI, com uma pala sobre o olho e uma coroa de louro na cabeça, símbolo da sua posição como príncipe dos poetas.
9. A palavra é composta de uma mistura de "intro" e de "intermitência", que significa "interrupção momentânea". As duas palavras juntas significam uma interrupção que entra pela cena dentro momentaneamente, ou seja, durante breves instantes.
10. Odonato estava a ficar com o corpo transparente.
11. A transparência começou pelas pontas dos dedos das mãos. Ele sentiu que as mãos ficaram mais leves e que desapareceram as dores de estômago.
12. Odonato refere-se ao facto de Angola ter sido uma colónia portuguesa e de se ter tornado independente. Os "tugas" é um diminutivo de portugueses.
13. Odonato ficou sem trabalho e sem poder tomar conta da família. Esse foi o principal motivo do que aconteceu depois.
14. Para não ser um encargo e poder dar comida aos filhos, Odonato começou a comer cada vez menos, ou seja, "como um "passarinho".
15. Odonato refere as dores físicas, ou seja, a dor de estômago, provocada pela falta de comida; mas fala ainda das dores "de dentro", ou seja, a preocupação provocada pelo facto de não ter acesso às coisas básicas para cuidar dos filhos.
16. Além da transparência do corpo, Odonato deixou de ter fome e sente-se cada vez mais leve.
17. Porque conta a história de vários sobreviventes, da "crueldade dos dias" de quem passa fome e não tem acesso aos bens considerados essenciais como a saúde e a educação. Odonato acaba por ser uma imagem desta sociedade que passa necessidade, contrastando com a classe mais favorecida, caracterizada pela abundância, pelo desperdício e pela corrupção.

FICHA 21

Baltasar Lopes, Chiquinho

1. É Tói Mulato. Depois de perder a mãe, ficou a viver com a avó.
2. Deve recomendar-se a leitura da ficha sobre o livro: Chiquinho é o narrador e o protagonista.
3. O narrador era, na altura, um menino que pertencia à casa onde Tói Mulato se refugiava quando a avó o castigava e era pelos seus livros que o menino estudava. Eram companheiros de escola e de brincadeiras, mas o narrador tinha por ele muito respeito e admiração.
4. Não, o narrador fala da sua infância e um dos meninos com quem conviveu foi Tói Mulato.
5. A dona é a sua avó.
6. Acusou-o de ter roubado o milho.
7. A avó deu-lhe uma sova, foi açoitado.
8. Porque, no regresso a casa, foi cumprimentar nha Lalaga, que estava doente, muito fraca e com os meninos em volta da cama cheios de fome, e deixou-lhe milho.
9. É o diminutivo de senhora, de sinhá.
10. Esperava-se que ela mandasse comprar três quilos de milho; contudo, o litro de milho é uma medida muito antiga, usada desde antigamente nas zonas agrícolas em Portugal.
11. Chama-lhe "Mamãe Velha".
12. Porque defendia o menino e queria que ele ficasse em casa dela algum tempo.
13. Porque já trabalhava com a enxada na horta da avó; cozinhava quando ela estava doente; ia buscar água e até vendia um feixe de palava quando era preciso dinheiro.
14. Seria um menino que fazia as coisas que, naquela cultura, normalmente eram atribuídas às mulheres.
15. É uma localidade que fica no interior da Ilha de São Nicolau, no arquipélago de Cabo Verde.
16. Porque ele respeitava e ajudava a avó, tinha tempo para tudo, nunca faltava às aulas e era o melhor aluno, além de ser o mais puro e o mais habilidoso.
17. Tói Mulato usa a expressão "ela é velha como a areia", ou seja, a avó já perdeu a conta aos anos, são muitos, tal como os grãos da areia são difíceis de contar.
18. Era uma senhora de muita idade, que nunca saía de casa. Ou estava doente na cama ou na cozinha. Diziam que ela estava a perder o juízo e os meninos tinham medo dela como tinham das bruxas.

FICHA 22

Nível
Sugerido **B1**

Baltasar Lopes, Chiquinho

1. O narrador é uma das personagens da história, neste caso, o protagonista, Chiquinho. É um narrador de primeira pessoa.
2. Passa-se no Caleijão, localidade no interior da ilha de S. Nicolau, em Cabo Verde.
3. Tinha sido o pai de Chiquinho, emigrado na América.
4. Tanto o tio Joca como a mãe de Chiquinho concordaram quando o pai perguntou a Chiquinho se queria ir para a América.
5. É a fala do tio Joca, que diz "não hás-de querer acabar a tua vida entre estas rochas, vendendo açúcar e petróleo numa tasquinha...". Ou seja, Chiquinho devia ambicionar outra vida e outra ocupação.
6. Chiquinho foi estudar para S. Vicente, onde se envolveu cultural e literariamente e onde foi considerado o escritor do grupo.
7. É a palavra grémio, que é uma associação de pessoas com as mesmas preocupações e interesses ou com a mesma profissão.
8. Era a situação do emigrante cabo-verdiano, porque Andrezinho pede-lhe que mande documentação sobre o assunto, que estudasse a actividade associativa dos cabo-verdianos e que escrevesse um romance sobre o cabo-verdiano emigrado.
9. A morna é um género musical típico de Cabo Verde.
10. Porque era uma metáfora para indicar Nuninha, sem que ninguém desse conta; Nuninha, como se lê na ficha do romance, tinha sido o primeiro amor de Chiquinho.
11. Porque era o lugar onde todas as promessas e possibilidades se podiam realizar.
12. Foi o facto de ter voltado a interessar-se pelos seus livros.
13. Não, era um sentimento bom, porque ele abraçou Chiquinho e chamou-lhe "jovem e feliz amigo".
14. São as palavras "espírito" e "matéria".
15. Queria dizer que, apesar de ter de fazer pela vida, não deixasse de cultivar e alimentar a parte intelectual, a curiosidade, aquilo que faz parte do espírito de uma pessoa.
16. Recomenda-lhe que olhe mais alto e mais longe, que saia da visão de si mesmo, que alargue os seus horizontes.
17. Devido à escassez de recursos naturais e à pobreza económica da terra cabo-verdiana (solos pobres, seca...), desde cedo a emigração se converteu na única saída para o povo destas ilhas, de tal forma que a população cabo-verdiana emigra da de primeira geração ronda os 500.000, número equivalente à população residente.

FICHA 23

Nível
Sugerido **C1**

Germano Almeida, O meu Poeta

1. O narrador é uma das personagens da história; é um narrador de primeira pessoa, apesar de não ser o protagonista.
2. À moça, aquela por quem se apaixonou na altura em que conheceu o Poeta.
3. A história passa-se em Cabo Verde. No texto refere os "nossos irmãos da Guiné-Bissau".
4. São países que estão muito próximos fisicamente e o movimento de independência começou por ser feito conjuntamente. Em 1956, Amílcar Cabral, Aristides Pereira, Luís Cabral, entre outros jovens patriotas das hoje Guiné-Bissau e Cabo Verde, fundaram o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde.
5. A pergunta pode ter sido: como é que o narrador tinha conhecido o Poeta e como é que tinha vivido na sua intimidade.
6. Era alguém ilustre e marcante naquela época, na história e na literatura de Cabo Verde.
7. Significa que ela esteve na ilha a falar sobre a necessidade de fazer a revolução. Pregar é um verbo que é utilizado no âmbito religioso.
8. Não, era só no período de férias. Só ficava oito dias porque tinha de ir às outras ilhas.
9. A revolução era a grande aventura da libertação e criação de um país independente e próspero. Da lista devem fazer parte as seguintes propostas: garantir uma vida digna, com direito ao trabalho, à educação e à saúde, e à igualdade entre homem e mulher.
10. Não, era porque estava apaixonado pela moça e aproveitava o entusiasmo político dela para poder estar próximo.
11. Embora ela fosse forte e independente, o narrador imaginava-a sentada nos seus joelhos, frágil e meiga.
12. Talvez não, porque a moça tinha dito "que não havia tempo para amor, mais importante que tudo era despertar as pessoas para a grande aventura da libertação".
13. Foi oito dias depois de ter chegado à ilha.
14. Como ela já tinha partido, o narrador procurou-a sem conseguir encontrá-la.
15. Significa que bebia grogue, que é uma bebida alcoólica forte, para se esquecer dela, para afogar, apagar, a imagem dela.
16. Porque a moça ainda estava a anunciá-la, enquanto o poeta dizia que a revolução já estava em marcha, ou seja, já estava a acontecer.
17. Porque conheceu muito bem o Poeta e viveu na sua intimidade.
18. Cabo Verde tornou-se um país independente em 5 de Julho de 1975.

FICHA 24

Nível Sugerido C1

Germano Almeida, O meu Poeta

1. O narrador é uma das personagens da história; é um narrador de primeira pessoa, apesar de não ser o protagonista.
2. A personagem principal é o Meu Poeta.
3. A história passa-se em Cabo Verde. No texto refere-se a cidade da Praia que é a cidade capital deste país africano de Língua Portuguesa.
4. O narrador diz que são "memórias".
5. A cidade da Praia fica no arquipélago de Cabo Verde, na Ilha de Santiago, uma das Ilhas de Sotavento, ou seja, situadas a Sul, sendo uma das maiores ilhas do arquipélago.
6. Não fumava cachimbo e ainda se treinava como poeta.
7. Como uma "arrumação de palavras em forma de versos".
8. Será sobre o facto de o Meu Poeta cultivar outros géneros literários para além da poesia.
9. Era um escritor com fama, glória e prestígio.
10. É a expressão "amontoado de palavras", que foi o que o narrador pensou que era o poema do Poeta.
11. É quando diz que não era uma poesia "comestível", nem "bebível", nem passava "pela garganta".
12. Faltava-lhe genialidade para se estilizar, ou seja, para conseguir simplificar, dizer tudo com menos palavras.
13. Estava sem trabalho, comendo em casa da família. Por isso, para beber tinha de ouvir a poesia declamada pelo seu Poeta.
14. Parece que não, pois, apesar das opiniões rudes do narrador, continuava a escrever e a ler-lhe os seus poemas.
15. Resposta aberta. Talvez para a poesia do seu Poeta se tornar mais "bebível" e não lhe ser difícil ouvi-la.
16. Porque estava sempre preocupado com a opinião que as pessoas tinham sobre tudo e apontava num caderno qualquer comentário sobre o país, fosse bom ou mau.
17. Pela relação directa que o Poeta tinha com a capital, pelo tempo livre que tinha, pela sua curiosidade, chegando a apontar informações num caderninho, parece que o Poeta seria uma espécie de informador do governo.
18. Pelo facto de ter começado a frequentar a casa do Poeta e de se ter tornado íntimo dele e da sua casa.

FICHA 25

Nível Sugerido B1

Paulina Chiziane, Niketche. Uma história de poligamia

1. São duas personagens principais e chamam-se Rami e Betinho. Rami é a mãe de Betinho. Também são referidas as vizinhas.
2. A história é contada por Rami: ela é personagem e narradora ao mesmo tempo.
3. Porque ouviu um estrondo do outro lado e ficou assustada. No texto diz: "Sinto um tremor ligeiro dentro do peito e fico imóvel por uns instantes".
4. Pensou que tivesse sido uma bomba, uma bala ou dois carros que tivessem batido um no outro.
5. Que o estrondo tinha sido provocado pela quebra do vidro de um carro e que tinha sido culpa de Betinho.
6. Esta comparação entre o mover dos braços e as ondas mansas mostra que elas tentavam dar a má notícia com cuidado.
7. Rami sentiu dor, ficou aterrada, sem conseguir falar, apenas conseguindo suspirar: "do alto do céu desliza um punhal invisível contra o meu peito", "ganho a mudez das pedras, estou aterrada", "consigo apenas suspirar".
8. Porque o carro era de um homem rico, seria um carro caro, e ela teria de pagar um novo vidro e talvez não tivesse meios para isso.
9. É o mais novo.
10. Significa que Betinho correu para se esconder no quarto.
11. Trata-se de uma comparação e permite reforçar a expressividade do texto.
12. Rami precisava de "gritar", de "ralhar" e de "castigar".
13. Rami acha que o filho, apesar de tudo, está inocente: "a tristeza do Betinho é a inocência a transbordar".
14. Porque chorava baixinho, doce, como o piar de um passarinho, e o seu corpo tremia como um arbusto com flores quando o vento passa.
15. Como queria a manga madura, lá bem no alto da árvore, deve ter tentado deitá-la abaixo com uma pedra, que acabou por cair no vidro do carro e parti-lo.
16. Porque estava madura, redonda e jovem ainda.
17. Pelo seu sentido de justiça. Sabia que tinha procedido mal e que devia ser castigado por isso.
18. A voz do filho desfez a zanga de Rami, porque era doce como o barulho suave dos pinheiros, que sossegava e acalmava.

FICHA 26

Nível Sugerido C1

Paulina Chiziane, Niketche. Uma história de poligamia

1. As duas personagens são Rami e Lu.
2. O narrador é Rami, é ela que conta a história. Veja-se o início do sexto parágrafo: “Penso em mim”. É um narrador de primeira pessoa, sendo também, neste caso, a protagonista.
3. É a guerra pelo amor que divide as mulheres. Elas deviam ser mais amigas e mais solidárias, pois essa força da união podia transformar o mundo.
4. Lu diz que vive no céu porque se acha má e porque “quem é bom ganha o inferno”, como pode ser o caso de Rami. Diz que é má porque se defende, pensando primeiro nela própria.
5. No texto, o tratamento diferenciado tem a ver com o género, sendo que os homens têm um estatuto privilegiado, visível nas coisas mais quotidianas, como a ordem, o lugar e a comida que tomam, ficando as irmãs em segundo plano.
6. O Vito é o homem por quem Lu tem amor. Rami aconselha a amiga a que não fuja desse amor.
7. São dois medos diferentes. Rami pensa que Lu tem medo de amar. Lu esclarece que tem medo do sofrimento que o amor traz.
8. Resposta aberta. Rami diz deixa que o amor pode cicatrizar as feridas mais profundas.
9. Rami recorre a duas imagens de duas situações que podem significar o medo que Lu tem do amor: “preferes vogar na noite para não seres ofuscada pela luz do amanhecer”, “preferes ser o pirilampo das savanas para não seres açoitada pelo marulhar eterno das ondas”.
10. Porque estão construídas com base numa oposição entre um estado de maior tranquilidade, sem risco, como “vogar na noite” e “ser o pirilampo das savanas”, e as atitudes arriscadas que podem pôr em causa a própria vida: “ser ofuscada pela luz do amanhecer” e “ser açoitada pelo marulhar eterno das ondas”. Apesar do sentido negativo de “ofuscar” e de “acoitar”, são tempos e lugares de luz e de eternidade.
11. Quem cultiva o “amor-próprio” de forma excessiva pode ser chamado egoísta; quem cultiva o “amor ao próximo” será generoso e compassivo.
12. Trata-se de uma educação tradicional, em que as mulheres eram educadas para terem uma posição subalterna em relação ao homem, resignadas e silenciosas, uma educação herdada e aprendida ao longo de gerações.
13. As duas imagens são as seguintes: “paralisar as asas” e “vendar os olhos”. O seu sentido é negativo, pois significa que esta educação prendeu as mulheres a uma situação que as limitava na sua liberdade e no seu conhecimento da vida.

14. Rami recomenda-lhe que pense na vida dela, que esqueça o passado, que acredite no amor e se case, porque com o casamento estaria numa posição com mais prestígio, diferente da que tinha então.
15. O lobolo é uma tradição do Sul de Moçambique, que consiste no facto de a família da noiva receber dinheiro por passar a pertencer à casa do marido. Para muitas mulheres moçambicanas a cerimónia do lobolo é mais importante do que o casamento.
16. No título diz que se trata de uma “história de poligamia” que conta a forma como Rami, a mulher de Tony, reagiu quando soube que o marido tinha mais mulheres e filhos, que mantinha como família. Assim, Lu é uma das outras mulheres de Tony, que se torna amiga de Rami e das outras mulheres. Conseguem, desta forma, manter alguma tranquilidade entre a família.
17. Não, pois no final do texto, Rami diz: “Vendo bem, o que são vocês as quatro? Para quê suportar as ridículas reuniões de esposas quando podes ter o teu espaço?”. Assim, são quatro mulheres, além de Rami.
18. No início do texto mostra-se como um grupo de mulheres se torna mais forte, com um poder que lhe permite transformar o mundo. Contudo, no final, Rami fala da solidão que fica em cada uma, quando o marido muda para a casa de outra, semana a semana.

FICHA 27

Nível Sugerido C1

Mia Couto, Terra Sonâmbula

1. São o pequeno Muidinga e o velho Tuhair.
2. As palavras são “miúdo”, “jovem”, “rapaz”.
3. Era encontrar comida para se alimentarem e acender uma fogueira.
4. Primeiro, pensou que tinha encontrado cartas, mas depois viu que eram “caderninhos”.
5. Significa que ficou sentado, quieto e indiferente ao que se passava à sua volta.
6. O narrador conta que a noite era muito escura, não se vendo nada. Usa vários recursos estilísticos: a adjectivação (era de um “negro silvestre” e “cego”), a comparação (mais negra que os corvos), hipérbole (a soma de todas as sombras), sinestesia (era escura e silenciosa: “quietude” e o silêncio).
7. Muidinga chora porque tem medo da noite (estremece e enrosca-se no próprio corpo), mas também porque está triste e essa tristeza é como uma dor. Está triste porque pensa que nunca mais vão sair daquele lugar.
8. Porque o choro chamaria os espíritos que talvez

fosse melhor não incomodar.

9. Resposta aberta. Talvez ele não batesse no menino, pois prefere falar com ele e sossegá-lo.
10. Era o tempo em que não havia guerra e as pessoas e os camiões podiam andar pelas estradas, sem nada de mal acontecer.
11. Escolheu entre os papéis e utilizou a capa de um dos cadernos.
12. Não. O narrador usa o verbo balbuciar, que se refere à forma como os bebés começam a falar; refere-se o “lento desenho” de cada letra, ou seja, o tempo que Muidinga precisava para juntar as letras e ler.
13. Porque o velho Tuhair não se preocupava com o ensino de Muidinga e porque já não lia há muito tempo.
14. A lua deixava uma cor de prata, como se vê em “pratinhada”.
15. Não existe. A outra palavra é “enluarar”. São neologismos (palavra composta de *neo* + *logos*), termo que significa palavra nova.
16. Para dar nome a coisas que ainda não tinham, para ser mais expressivo, para conseguir um efeito literário (estético).
17. É a expressão “Quero pôr os tempos...”. A forma mais tradicional na literatura portuguesa é “era uma vez”.

Notas:

- Depois de dez anos de “guerra colonial” (1965-1975), Moçambique, país de língua oficial portuguesa do sudeste africano, sofreu ainda um longo e sangrento conflito interno que se estendeu de 1976 a 1992.

- Mia Couto, dentro do seu estilo narrativo muito próprio, explora neste romance os efeitos devastadores da guerra civil, mostrando como certos comportamentos tipicamente coloniais ainda persistiam naquela altura e valorizando o ponto de vista dos que foram marginalizados.

FICHA 28

Mia Couto, Terra Sonâmbula

Nível Sugerido **B2**

1. A personagem principal que conta a história, Kinzdu; o seu pai, o velho Taímo; a mãe e os irmãos.
2. A escolha do nome, de uma palmeira de pequeno porte, foi uma homenagem à preferência que o velho Taímo tinha pela sura, que era o vinho da palmeira.
3. São precisos rebentos de palmeira, de que se devem deixar correr o sumo, e esse líquido tem de ser fermentado e destilado num alambique, ou seja, tem de ser alambicado.
4. É constituído por duas palavras diferentes. A palavra boquinha mostra o feito da boca a recolher as gotas dos rebentos, mantendo-se aberta. Tra-

ta-se de um neologismo.

5. São: “engasganetes”, “dorminhoso”, “estorinhador”, “gravatara”.
6. Trata-se de palavras com o mesmo número de sílabas e com sons muito parecidos. A aliteração é a figura de estilo que tem a ver com a repetição de letras, sílabas ou sons, na mesma frase, para produzir determinado efeito. Neste caso pretende realçar a ideia da imprevisibilidade e do carácter inventivo das suas “estórias”.
7. A palavra “estória” tem a ver com a ficção no campo do maravilhoso e do fantástico, implicando também uma influência do registo oral.
8. O texto diz que “faziam o lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo”. Tem a ver como o facto de a imaginação expandir o mundo do dia-a-dia, criando mesmo novos mundos, novas realidades. Por outro lado, não tinham um fim, pois Taímo adormecia antes de acabar as estórias.
9. Porque achava que podia morrer mais depressa numa cama mole; preferia dormir onde caía a chuva, no chão, encostado à parede.
10. Será “corrupio do formigueiro em sua pele”.
11. Durante o sono, o velho recebia muitas revelações dos antepassados.
12. Ele desconfiava da verdade das previsões por causa do velho ser “estorinhador”, ou seja, desenhava, contava estórias cheias de imaginação.
13. A oposição é entre o tempo de criança, quando tudo ainda tinha sentido, e havia essa relação entre o mundo físico e o mundo dos antepassados, e o agora, que já não faz sentido. Será o tempo em que já é adulto.
14. Vê-as como inexplicáveis, como sonhos cheios de cores e tamanhos, como delírios.
15. Porque o pai vestiu um fato, com gravata, e calçou sapatos.
16. Anunciou, com muita emoção, a data da Independência de Moçambique.
17. No dia 25 de Junho foi a proclamação da Independência de Moçambique. O velho Taímo quis que o filho tivesse esse nome como homenagem.

Notas:

- Depois de dez anos de “guerra colonial” (1965-1975), Moçambique, país de língua oficial portuguesa do sudeste africano, sofreu ainda um longo e sangrento conflito interno que se estendeu de 1976 a 1992.

- Mia Couto, dentro do seu estilo narrativo muito próprio, explora neste romance os efeitos devastadores da guerra civil, mostrando como certos comportamentos tipicamente coloniais ainda persistiam naquela altura e valorizando o ponto de vista dos que foram marginalizados.

FICHA 29

Nível Sugerido **B2**

Albertino Bragança, Ao Cair da Noite

1. O protagonista é Anastácio Mota.
2. É o narrador, neste caso um narrador de terceira pessoa, que não é personagem do romance, nem personagem principal nem secundária.
3. Era uma boa relação, pois tudo fazia para não esquecer as suas origens.
4. Ototó é uma localidade de S. Tomé e Príncipe, situada na parte central da Ilha de S. Tomé.
5. Resposta aberta. O aluno deve procurar o arquipélago no mapa, observar como é constituído por duas ilhas, sendo que é em S. Tomé que fica a capital e a parte administrativa do arquipélago.
6. Não, porque as suas paisagens mantinham-se na memória e ainda encantavam Anastácio.
7. Eram brinquedos artesanais, de madeira e de pouco valor.
8. São "moldar a personalidade e "influenciar a maneira de ser".
9. Porque reencontrava a sua infância e juventude e as características com que se identificava, ou seja, a placidez do lugar, o espírito bairrista e a irreverência.
10. Segundo o narrador, o postal teria um arvoredado espesso e verde, um velho chafariz à entrada e casas baixas de cores variadas (pintalgadas).
11. Sentiu esperança, pensando que pudesse ser Nilsa que voltava.
12. Pelas referências do narrador, era uma casa grande e confortável, que tinha um escritório para trabalhar com estantes repletas de livros.
13. Não, porque tinha uma capa acastanhada e, sobretudo, tinha as folhas amareladas do tempo.
14. Publicado em 1958, é um dos romances fundadores na literatura nigeriana e conta a história de Okonkwo, guerreiro de um clã que se desintegra depois da chegada do homem branco e das suas instituições, entre elas, a religião e os missionários.
15. Era tudo o que se passava: a partida de Nilsa, que era a mulher dele, e o encontro com a madrinha.
16. O narrador refere a "complexa situação" provocada por ciúmes.
17. Significa que os acontecimentos podiam precipitar-se e acontecer rapidamente e com intensidade, tal como a água que rola pelas rochas e cai em cascata.
18. Porque podia haver mudanças e tudo, afinal, ter um desfecho sereno, ou seja, pacífico.

FICHA 30

Nível Sugerido **C1**

Albertino Bragança, Ao Cair da Noite

1. É um narrador de terceira pessoa, que não é personagem principal nem personagem secundária.
2. Era um velho professor, que gostava de contar histórias sobre S. Tomé, e é avô de Anastácio, personagem principal do romance.
3. Na sua casa que ficava na localidade de Ototó.
4. Trata-se de uma localidade no interior da Ilha de S. Tomé, uma das duas ilhas do Arquipélago de S. Tomé e Príncipe.
5. Ouvia-se música típica de S. Tomé e modinhas brasileiras.
6. A festa mudou porque teve de se adaptar aos novos tempos. Pode ter mudado em dois aspectos que são referidos: o tipo de convidados e o tipo de música.
7. Pela sua idade avançada, pelo facto de ter sido professor e de contar as suas histórias sobre os tempos mais recuados.
8. Eram Teresa, a sua irmã mais velha, e Ventura.
9. Era habitualmente antes do almoço e o do baile.
10. Porque os convivas eram cada vez mais diferentes, envolvendo pessoas estranhas à família.
11. Estavam a fazer uma reportagem sobre Ototó e as zonas próximas, incluindo uma entrevista ao Sô Júdice.
12. Porque, como tinha participado nas histórias, conseguia contá-las com autenticidade e paixão.
13. Tinha gripe, provocando tosse, com a voz irritada, sem grande disposição para contar histórias.
14. O avô Júdice achava que estas épocas podiam apagar as "estórias" mais antigas.
15. O termo "estória" é utilizado para indicar uma narrativa de ficção, oral ou escrita, muitas vezes com um carácter popular, passada de geração em geração.
16. Porque conhecer os acontecimentos de outrora lhe permite ver e perceber as fronteiras entre passado e presente.
17. A projecção do futuro depende do conhecimento e da reflexão sobre o passado e o presente.
18. Resposta aberta. Sim, se não houver forma de manter a memória. Contar histórias e mantê-las de geração para geração é uma forma.

FICHA 31

Nível Sugerido **B2**

Abdulai Sila, Eterna Paixão

1. É um narrador de terceira pessoa, que não é personagem, nem principal nem secundária (é um narrador heterodiegético).

2. No texto não é referido. Sabe-se apenas que é um "ele". Depois de ler a ficha sobre o romance, fica-se a saber que a personagem é Daniel, chamado familiarmente Dan ao longo do romance.
3. Era um ruído que resultava do barulho dos carros com o assobio do vento.
4. Sim, soprava com força. O texto diz que o vento provocava nos ramos da árvore um "assobio agudo e contínuo"; era um "vento apressado", e "arrastando consigo tudo".
5. Era um vento apressado que arrastava tudo, mas abraçava carinhosamente as árvores. Em princípio, o ser carinhoso não corresponde ao vento apressado e violento.
6. Porque não é estático: as estações sucedem-se e implicam uma mudança das coisas.
7. Desta lista devem fazer parte: nova estação, mudar das coisas, evoluir do tempo, transformar-se, ganhar outro visual, outro aspecto, novas flores, novas cores e novos aromas, nova vida, vida diferente.
8. É uma chuva intensa (gostas espessas), de que as pessoas fogem para se abrigarem e que fazem correntes que arrastam o lixo das ruas.
9. Trata-se de uma sequência natural, que segue a linha do tempo: a chuva que molha o solo, a erva que cresce, as sementes que nascem, os frutos amadurecem e a colheita é feita. Corresponde também, eventualmente, a diferentes estações do ano.
10. Para agradecer a abundância e marcar o final de um ciclo.
11. A dúvida fica entre se as perguntas são feitas pela personagem ou pelo narrador. As perguntas são feitas pelo narrador, que, neste caso, conhece bem os pensamentos da personagem, ou seja, é onisciente. O seu discurso assimila a fala e o pensamento das personagens.
12. Resposta aberta. O ciclo natural das coisas é o sentido mais verdadeiro, sem causas, nem efeitos, apenas acontecem como é natural acontecerem.
13. Porque faz depender a vida do amor e o amor é uma realização humana.
14. Seguindo as quatro perguntas, Daniel parece definir o amor como um sentimento de identificação com o outro, que permite sentir preocupação, ansiedade, cumplicidade e carinho.
15. Porque se, como disse Mbubi a vida não podia existir sem amor, então ele, que era capaz de sentir amor, tinha direito a uma vida mais completa.
16. Era um amor que enchia a vida, tornando os dias mais prazerosos e as horas mais alegres.
17. Era difícil. Faltava-lhe muitas coisas, trabalhava muito, mas os seus dias tinham sentido.

18. Resposta aberta. O humor é importante porque nos faz ver as coisas de outra forma, relativizando e tornando-nos mais abertos e tolerantes.

FICHA 32

Nível Sugerido C1

Abdulai Sila, Eterna Paixão

1. Trata-se de um narrador de terceira pessoa, que não é personagem principal, nem secundária. É um narrador heterodiegético.
2. É o Professor. Depois de ler a ficha sobre o romance, sabe-se que é Daniel, chamado Dan ao longo do romance.
3. É medido a partir da mudança de estações, ou seja, a partir da natureza e das suas mudanças, e não por anos ou meses, ou dias, como é costume. Também o facto de o cabelo do professor ter ficado branco é uma forma de indicar a passagem do tempo.
4. É o nome de uma pequena aldeia (tabanca), situada longe da capital.
5. Na primeira lista, com as características físicas, devem ficar: jovem e alto, vestido à europeia; no grupo das características psicológicas: não falava a língua dos habitantes da aldeia, tinha muitas ideias, não tinha medo do trabalho, olhar esquisito, mas humilde, rapidamente aceite e integrado pela comunidade.
6. Porque fez um esforço para se integrar: aprendeu a língua e os costumes, respeitava as tradições e os mais velhos.
7. Quase toda a população, pois fez a escola para as crianças e adolescentes, o clube da juventude, e ainda a cooperativa dos agricultores.
8. A máquina era um tractor para ajudar os agricultores. Chegou rapidamente, muito mais do que se podia esperar.
9. Resposta aberta. O professor foi o motor da mudança, da motivação, da organização e da esperança numa vida melhor.
10. Significa que a aldeia de Woyowayan se tornou um exemplo que foi seguido pelas outras populações à volta. Essa esperança e essa mudança espalharam-se rapidamente como o fogo entre os arbustos secos.
11. Foi o facto de ele ter começado a vestir-se sempre com as roupas tradicionais do local.
12. Significa que o tempo passou e o professor ficou com mais idade.
13. É a expressão "que não eram facilmente visíveis".
14. As palavras são: humildade, respeito, dinamismo, amor.
15. Era sobretudo uma curiosidade crescente sobre o seu passado.

16. Eram os gestos inesperados, canções estranhas aos habitantes da aldeia, a forma como soltava gargalhadas com vontade.
17. O texto diz que seria por não querer ser notado, talvez pela humildade e respeito com os mais velhos.
18. Resposta aberta. Parece que sim, porque dava tudo de si em cada tarefa, em cada empreendimento que levava a cabo, mantendo a alegria.

FICHA 33

Nível Sugerido C1

Henrique de Senna Fernandes, Amor e dedinhos de pé

1. Os protagonistas são Chico e Victorina (Chico Frontaria e Victorina Vidal), além de Celeste e A-Kuong, criados de Victorina.
2. É um narrador de terceira pessoa, que não participa na história como personagem.
3. No terceiro parágrafo refere-se a "noite tenebrosa", mas não é dito o que aconteceu; apenas sabemos que Victorina e os seus criados trataram de Chico e o livraram da morte.
4. O tratamento estava a resultar, porque as feridas (chagas) iam secando e cicatrizando, com os remédios e os chás; a gripe e a tosse desapareciam e Chico tinha mais apetite.
5. Chico mostrava-se gentil e agradecido, sempre receoso de incomodar, falava pouco, pensando em cada palavra que dizia com receio de estragar tudo e causar má impressão.
6. Chico tinha um feitio exuberante e volúvel, e falava de forma pouco reflectida.
7. Tinha sido a Titi Bitá, sua tia, que o tinha ensinado a ser educado e afável.
8. Porque o tinham livrado duma morte abominável e sem remédio.
9. Não. Trataram-no com rudeza e suspeição.
10. Terá sido a dona da casa, Victorina.
11. São "novo ritmo", "presença inesperada", "abruptamente".
12. Foi o facto de Chico se ter tornado o centro das atenções.
13. O narrador usa as seguintes expressões: "monotonia do quotidiano", "sempre igual e mesmíssimo", "como a água estagnada dum charco".
14. As tarefas eram as seguintes: medicar, tratar das feridas, preparar a dieta, lavar e vestir o doente, arejar o quarto e trocar a roupa da cama.
15. Não falava sobre isso, "cerrava a boca": era discreta e achava que podia manter aquele segredo até Chico estar curado e poder sair de sua casa.
16. Porque os vizinhos e o resto da cidade iriam di-

zer mal da situação: uma moça que vivia sozinha com os criados a viver com um homem na sua casa, sem que tivessem algum vínculo ou fossem casados.

17. No segundo parágrafo fala "de todas as cabeçadas" que Chico teria dado, e também se refere o seu feitio exuberante e volúvel, e a indignidade do seu passado.
18. Resposta aberta. Não, a sua preocupação maior seria salvar e curar Chico, "apesar de todas as cabeçadas".

FICHA 34

Nível Sugerido C1

Henrique de Senna Fernandes, Amor e dedinhos de pé

1. São os dois protagonistas do romance, Victorina e Frontaria (Chico Frontaria).
2. É um narrador de terceira pessoa, que não participa na história como personagem.
3. Passa-se em Macau. O narrador refere a Praia Grande, que hoje corresponde à Avenida da Praia Grande, uma das principais ruas de Macau.
4. É a expressão "sem história nem agitação". Significa que os anos passaram sem que se tivesse acontecido alguma coisa importante ou que tivesse mudado a vida de Victorina, para bem ou para mal.
5. Acompanhava a mãe à missa e às compras e fazia recados quando as tias lhe pediam.
6. Da lista deve constar: era alta e caminhava direita; era elegante no andar, apesar de a roupa não a favorecer; tinha os cabelos negros, sedosos e abundantes e bem penteados; olhava de forma rígida e distante.
7. Além de ser malta e magra, era estrábica, ou seja, tinha um defeito no olho. Apesar do medo de zombarem dela, ela fingia-se indiferente.
8. É o Entrudo, ou seja, o Carnaval.
9. Foi por dois motivos: porque eram as tias que dirigiam a ceia e quiseram que ela fosse, e também porque quis romper um pouco com o seu estado habitual de solidão.
10. Significa que Victorina ficou sozinha, sem ser convidada para dançar, como costumava acontecer.
11. Eram brincadeiras como os motejos, as chacotas imprevisíveis e as brincadeiras azougadas, ou seja, ditos para fazer rir, a maior parte das vezes à custa dos outros.
12. Porque se lembrou que o defeito do seu olho podia servir de motivo de chacota, ou seja, de gozo e brincadeira maldosa.
13. Era um rapaz brejeiro, brincalhão, um folião de fama terrível de estroina e femeeiro.

14. Não. O narrador diz que ela já estava ser observada pelo grupo dos rapazes; que os rapazes se riam quando Frontaria pediu a Victorina para dançar; e que toda a sala gozava com a situação.
15. Não. O narrador diz que ele ficou desconcertado.
16. Victorina respondeu que preferia ficar sentada e que não o conhecia sequer. Mas a verdadeira razão foi porque se sentiu ofendida com o convite (o narrador diz que ela sentiu repulsa, nojo).
17. O narrador chamou-lhe "epíteto infamante" e "ferrete", ou seja, uma marca que não desaparece mais.
18. Resposta aberta. Victorina parece uma mulher frágil mas reage com determinação quando é provocada. Sofre sem demonstrar o seu sofrimento. É uma mulher corajosa e determinada, mas com pouca experiência e auto-estima.

FICHA 35

Nível Sugerido **B2**

Luís Cardoso, Para onde vão os gatos quando morrem?

1. São duas personagens: a personagem que conta a história (o narrador, que se chama Ernesto) e Beatriz.
2. É Ernesto. Trata-se de um narrador de primeira pessoa, neste caso o protagonista (narrador autodiegético).
3. Trata-se do "milagre das rosas".
4. Passa-se num tempo muito antigo da História de Portugal, na Idade Média e no reinado do Rei D. Dinis (séculos XVIII-XIV). As personagens são o Rei D. Dinis e a Rainha D. Isabel.
5. A lenda conta que o rei D. Dinis foi informado sobre o facto de a rainha D. Isabel distribuir esmolas e pão pelos mais pobres, gastando do tesouro real. Um dia decidiu surpreendê-la no caminho, quando ela levava o regaço cheio. Quando o rei lhe perguntou o que levava, ela respondeu "São rosas, meu senhor!". Desconfiado, o rei acusou-a de mentir, porque era Janeiro e não havia rosas, e obrigou-a a abrir o manto. Para espanto de todos, estava cheio de rosas. O pão que levava escondido tinha-se transformado em rosas. O rei pediu-lhe perdão. A notícia do milagre correu a cidade de Coimbra e o povo proclamou a rainha como santa.
6. Beatriz tinha um ar enfasiado porque aquele conto "não era do seu agrado". São quatro motivos: o rei era avaro; desconfiava da esposa; a rainha devia ensinar ao rei como cuidar dos pobres; não devia mentir ao marido.
7. Não. Dentro da história principal contada pelo narrador de terceira pessoa, Beatriz dá início a uma nova história, em que é ela o narrador.
8. Andavam por razões diferentes: o rei em busca de inspiração e a rainha à procura de flores, ar limpo e luz.

9. Parece ser uma relação de cumplicidade, de carinho: o sorriso de Isabel é "doce" e o esposo é "amado".
10. Viviam num lugarejo, ou seja, num lugar pequeno, sem importância, distante.
11. Não, porque tossia e soluçava, e tinha a voz sumida.
12. Porque a rainha trazia rosas, e ele e os outros pobres que se juntavam tinham fome e precisavam de comida, não de flores.
13. Não, porque em vez de semear para comer tinham andado a plantar árvores a mando do rei.
14. Perto do mar, pois as dunas são feitas de areia levada pelo vento e pelas águas.
15. Trata-se do conhecido pinhal de Leiria (pinheiro bravo), mandado plantar pelo rei com o objectivo de impedir que as areias invadissem os terrenos agrícolas. Diz a lenda que os barcos que começaram a expansão marítima foram feitos com a madeira deste pinhal. Confira o poema de Fernando Pessoa indicado na caixa "Saber mais".
16. Isabel não foi recebida como costumava. Percebeu que os pobres tinham fome de pão e não de flores e, por isso, hesitou em dar-lhes as rosas.
17. O milagre, ou seja, um acontecimento sem explicação, foi o facto de as rosas que a rainha levava no regaço se terem transformado em pão.
18. O rei D. Dinis era poeta e compôs cantigas (nos seus três géneros: de amigo, de amor, de escárnio e de maldizer).

FICHA 36

Nível Sugerido **B2**

Luís Cardoso, Para onde vão os gatos quando morrem?

1. São o Padre Duarte, que era missionário; as zeladoras; Tomás de Aquino, chefe do posto; a criança, que se chama Ernesto (conferir a ficha sobre o romance).
2. É o menino que conta a história, sendo um narrador de primeira pessoa e sendo protagonista (narrador autodiegético) como se pode ver pelos exemplos, nos quais deve ser observado o uso dos pronomes: "me viu", "passei horas em frente ao espelho a olhar para os meus olhos".
3. Assustou-se e teve pena da tristeza que havia nos olhos dela.
4. Quando alguém tentava meter-se nos seus assuntos pessoais.
5. Tomás de Aquino é, provavelmente, o pai do menino.
6. Não, ele pensa que a culpa não é dela, porque afirma: "Isso não se faz a uma criança".
7. Na tradição cristã, o pecado original foi a sombra do "mal" que permaneceu em todos os homens

depois do episódio contado no primeiro livro da *Bíblia*, o *Genesis*, sobre a desobediência de Adão e Eva a Deus, facto que provocou a expulsão do Paraíso.

8. Resposta aberta. Pode ser dor, tristeza, sofrimento, saudade.
9. Sim, a expressão “os olhos são o espelho da alma”.
10. Não sabia nada dela, nem da cor, nem da forma, sem se seria alguém, como se vê em “e ninguém me apareceu”. Concluiu que não teria alma.
11. Quando acordava tinha “ramelas”; e quando mergulhava no mar ficava com os olhos vermelhos.
12. Seriam transparentes e limpas, pois viam-se coais.
13. Resposta aberta.
14. Talvez o menino chorasse com saudades da mãe, como diz no texto: “Claro que sentia a falta da minha mãe”.
15. Procurava companhia, mas também o contacto físico (carícias e abraços), coisas tão simples como dar as mãos numa roda.
16. Não, a tristeza dos outros meninos é por pena dele, e passaram a evitá-lo.
17. Conta que “foi à vida”, ou seja, deixou de pensar nisso e procurou companhia na natureza, caminhando pelos montes.
18. Resposta aberta. A sua “doença” era solidão; Ernesto era um menino solitário, que vivia apenas com o pai, sem conhecer o carinho e o afecto.

FICHA 37

Nível Sugerido C1

Lima Barreto, Triste Fim de Policarpo Quaresma

1. A frase tem origem na “Carta de Pero Vaz de Caminha” que é o documento através do qual Pero Vaz de Caminha, que estava na caravela que chegou ao Brasil em 22 de Abril de 1500 comandada por Pedro Álvares Cabral, informa o rei de Portugal sobre o descobrimento de uma nova terra e sobre os seus povos e características.
2. Segundo o dicionário Houaiss, ufanismo é o “orgulho exacerbado pelo país em que nasceu; patriotismo excessivo”.
3. Se repetir todos os dias o que é descrito no primeiro parágrafo, a personagem coloca a sua cama de dormir e costuma ler livros sobre o Brasil.
4. Resposta pessoal. No entanto, a passagem “Tudo na nossa terra é extraordinário” parece apontar para um patriotismo exagerado da personagem principal.
5. Charles Robert Darwin (1809-1882) foi um naturalista inglês que explicou a origem, a transformação e a perpetuação das espécies ao longo

do tempo através dos mecanismos baseados na *seleção natural*. Ele é citado por supostamente apreciar ouvir o coaxar dos sapos à noite.

6. O som que se ouve normalmente é o coaxar dos sapos.
7. O coaxar dos sapos é comparado a uma peça musical, mais precisamente a um hino. Vale lembrar que um hino pode ser um “canto solene em honra da pátria e/ou de seus defensores”. O uso desta palavra reforça o carácter patriótico da personagem que parece acreditar que mesmo os sapos cantam as glórias do país.
8. Um ruído que não era habitual que vinha da despensa fez a personagem suspeitar que havia algo de errado.
9. A personagem se levanta, pega um castiçal e vai à despensa verificar o que há de errado.
10. Policarpo Quaresma encontrou formigas da espécie saúva na despensa.
11. Uma mordida (ferroada) de formiga provocou a dor na personagem.
12. As formigas estavam roubando a comida que se encontrava na despensa, especialmente o milho e o feijão porque os recipientes em que se encontravam estes produtos tinham sido deixados abertos por descuido.
13. Policarpo Quaresma tentou matar todas as formigas.
14. As formigas começaram a subir pelo seu corpo e a mordê-lo.
15. Pode-se dizer que as formigas venceram a batalha, já que Policarpo teve que fugir da despensa.
16. Os inimigos (as formigas) estavam em muito maior número e vinham de todos os lados.
17. As formigas são comparadas a um exército.
18. Resposta aberta. O dicionário Houaiss define alegoria como “modo de expressão ou interpretação que consiste em representar pensamentos, ideias, qualidades sob forma figurada”. Poder-se-ia, por exemplo, dizer que a história busca mostrar que a natureza sempre sai vencedora e nunca poderá ser domada pelo homem.

FICHA 38

Nível Sugerido C1

Lima Barreto, Triste Fim de Policarpo Quaresma

1. A música teve inúmeras gravações ao longo do século e muitas delas costumam ser encontradas nas plataformas online de vídeos.
2. Segundo a personagem, o estilo que melhor representa o país é a modinha cantada e acompanhada por um violão.
3. Policarpo meditou, fez pesquisas e consultou especialistas para chegar a esta conclusão.

4. O mais brasileiro dos instrumentos seria o violão. Note-se que na verdade o violão não tem origem no Brasil.
5. A personagem começou a aprender a tocar violão para poder tocar modinhas.
6. Ricardo (cujo nome no livro é Ricardo Coração dos Outros) é considerado o melhor violonista da cidade e, por esta razão, Policarpo o escolheu para ser seu professor.
7. Não. Quando iam começar a aula, foram chamados para jantar por Dona Adelaide que é a irmã de Policarpo Quaresma).
8. O cardápio era: sopa e frango com quando.
9. Policarpo não quer elementos estrangeiros em sua mesa. Por isso, proíbe que a irmã sirva ervilhas que devem ser substituídas por quando.
10. Ricardo é bastante diplomático e não diz nem mal nem bem. Simplesmente diz que existe a possibilidade de ser bom (o que ao mesmo tempo significa que existe a possibilidade de não o ser).
11. Não, pelo contrário. Dona Adelaide diz abertamente que detesta as comidas nacionais que o irmão a obriga a comer.
12. Segundo Policarpo, o Brasil é “capaz de produzir tudo o que é necessário para o estômago mais exigente”, ou seja, pode produzir todos os produtos que alguém possa querer.
13. Ela diz que a manteiga se torna rançosa, ou seja, que fica com gosto azedo e amargo e cheiro desagradável.
14. Ele diz que nos outros países ela é feita com gorduras de esgotos, ou seja, com produtos que não são naturais.
15. Policarpo parece acusar as pessoas que não gostam dos produtos nacionais de falta de patriotismo.
16. Ele afirma somente comprar produtos fabricados ou produzidos no Brasil.
17. Resposta aberta.
18. Resposta aberta. No entanto, o texto tem sido ao longo do tempo visto como uma crítica às pessoas exageradamente patrióticas e não conseguem enxergar nenhuma qualidade no que é estrangeiro.

FICHA 39

Nível Sugerido **B2**

José Lins do Rego, Menino de Engenheiros de resposta

1. O poema pode ser facilmente encontrado na Internet e também está na página 80 do primeiro volume desta coleção Português com Textos.
2. Não é necessário escutar todas as canções e o professor também pode sugerir outras se as conhecer.

3. Os quadros podem ser encontrados na internet.
4. Os trens tiveram uma enorme importância na modernização do Brasil no século XIX e início do século XX. Como o país tem dimensões continentais, as linhas férreas ajudavam a encurtar as distâncias e possibilitavam a comunicação e o transporte de produtos entre as diversas partes do país.
5. O trem servia também como relógio, pois através da sua passagem era possível saber que horas eram.
6. Não se diz exactamente quantos meninos eram, mas havia seguramente mais de 4. Além do narrador e de seu primo Silvino havia mais alguns meninos, o que se comprova na passagem “os meus primos e os moleques tinham corrido”.
7. O plano dos meninos era colocar uma pedra na curva para causar um acidente de trem (também chamado descarrilhamento).
8. A ideia foi de Silvino, primo do narrador.
9. Não, os adultos não deixavam, como mostra a passagem: “Mas nos proibiam esse espectáculo com medo das nossas traquinagens pelo leito da estrada.
10. Um menino tinha conseguido fazer o trem parar ao colocar um pano vermelho em u pau que o maquinista provavelmente interpretou como sinal de perigo.
11. Não houve um acidente porque, momentos antes de o acidente acontecer, o narrador retirou o obstáculo que se encontrava em frente ao trem.
12. Somente o narrador, porque os outros fugiram (“os meus primos e os moleques tinham corrido”).
13. O trem poderia ter descarrilhado e o narrador poderia ter sido atropelado pelo trem.
14. A cena do desastre ocorre na imaginação do narrador. Ele antevê o que poderia acontecer.
15. O menino se sentia culpado, apesar de não ser o autor do plano e de ter evitado um desastre.
16. Certamente. Ele começa o texto por dizer que foi “um dos lances mais agoniados da minha infância” e termina dizendo que depois do ocorrido nunca mais tentaria outros atos heróicos (“Nunca mais em minha vida o heroísmo me tentaria por essa forma”).
17. Resposta aberta.
18. Resposta aberta.

FICHA 40

Nível Sugerido **B2**

José Lins do Rego, Menino de Engenheiros de resposta

1. Segundo o dicionário Houaiss, um internato é um “estabelecimento escolar em que os alunos residem na própria escola”. Já um colégio de freiras

é uma escola de confissão católica, administrado pela igreja e em que as aulas podem ou não ser ministradas pelas próprias religiosas.

2. Não. O narrador fala sempre da mãe no passado e usa muitas vezes o pretérito perfeito (“como lhe chamavam os criados”) e no mais-que perfeito (“Criara-se”), indicando que ela já não está mais presente.
3. Sim, a família tem muitos criados e a mãe era filha de um senhor de engenho (dono de fazenda produtora de cana-de-açúcar).
4. Quanto à polidez: “tom de voz de quem pedisse um favor”, “mansa”, “terna como uma menina de internato”. Quanto à religião pode-se sublinhar: “colégio de freiras” e “nascida para a reclusão” (como as freiras).
5. Estes elementos transmitem a imagem de uma mulher recatada, obediente e passiva, exactamente o papel que se esperava de uma mulher na época.
6. A satisfação do menino é estar na companhia da mãe e usufruir de seus carinhos.
7. Sim. Menciona-se no texto que ele vinha “exasperado” (irritado) e que cometia “intemperanças verbais” e que fazia a mãe chorar.
8. Ela chora, mas depois procura esquecer o ocorrido.
9. Não. Ele começa o texto por dizer que as fotos não fazem justiça à mãe. Ele usa as suas próprias lembranças.
10. Sim. Ao longo do texto diz-se que ela os tratavam bem e que eles a apreciavam, como nos trechos: “Os criados amavam-na” e “os tratava com bondade”.
11. A mãe do menino foi assassinada pelo marido num “excesso de cólera”, provavelmente provocado por ciúmes.
12. Não. Ele menciona que “fica a pintar o retrato da mãe”, mas trata-se de uma metáfora para dizer que ele pensa nela com os elementos de sua memória complementados pelos de sua imaginação.
13. Segundo o narrador, sim. Ele menciona que o marido era “o homem que tanto amara”.
14. Não. Ele diz que o destino é injusto e que o fato o marcou pelo resto de sua vida.
15. O menino tornou-se alguém “meio cético, meio atormentado de visões ruins”.
16. Ao mudar de ambiente, o menino ia conhecer um lugar totalmente novo e sem a presença dos pais, ou seja, uma vida totalmente diferente.
17. Lembra-se da viagem de trem e das pessoas que o acompanhavam.
18. Os familiares acreditam que o pai estava insano (no texto “doido”).
19. Resposta aberta.

FICHA 41

Nível Sugerido **B1**

Maria José Dupré, Éramos Seis

1. A Avenida Angélica fica na cidade de São Paulo. Pode-se, por exemplo, consultar a sua página na wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Avenida_Ang%C3%A9lica.
2. O narrador da história é a mãe da família. Alguns elementos encontrados no primeiro parágrafo para justificar a resposta (meus filhos, meu marido)
3. Mãe: Dona Lola
Pai: Júlio
Filhos: Carlos, Alfredo, duas outras crianças (nomes não indicados)
4. Não parece ser uma família pobre para os padrões brasileiros da época, mas sim uma família de classe média, como indicam os seguintes elementos: o pai tem um trabalho e as crianças vão a uma escola particular. Além disso, mais tarde, aparecerá a figura Durvalina que parece ser a empregada, o que também indica que a família tem certas posses.
5. Resposta aberta. A gaiola pode indicar que a casa não era grande e que eles eram obrigados a sempre dividir os mesmos espaços. Pode-se dizer também que a presença da gaiola faz pensar numa prisão. No entanto, os passarinhos engaiolados costumam ser, ao menos aparentemente, ativos e chegam até mesmo a cantar, o que poderia indicar alguns momentos de felicidade, apesar da falta de liberdade.
6. Quatro. O pai, a mãe e os dois filhos mais velhos.
7. Ele, às vezes, ia à confeitaria encontrar amigos e beber.
8. Ao que parece, sim. O pretérito imperfeito “quando passava das sete e ele não aparecia” indica uma ação que se repete.
9. O diálogo final ocorre durante o jantar.
10. Quando ele voltava de casa embriagado.
11. A forma como Carlos come a sopa, como se fosse um cachorrinho (provavelmente, sem usar a colher).
12. Durvalina parece ser a empregada da família (é ela quem tira os pratos).
13. Para desviar a conversa da disputa entre pai e filho e quebrar o silêncio.
14. Sim. Como indica a interjeição “Ah! Meu Deus!” seguida pela pergunta retórica “Por que eu falava?”
15. Porque considera que todos deveriam reconhecer que ele sempre trabalha muito e tem dias atribulados. O fato de ele estar bêbado também contribui para a sua irritação.
16. Pode-se sublinhar as seguintes passagens “passava pisando duro pela sala”, “Júlio ficava ver-

meio” “batia a mão no peito olhando para mim e repetindo”

17. Sim. Ele parece estar bastante tenso e se compara a um burro de carga.
18. Resposta aberta.

FICHA 42

Nível Sugerido **B1**

Maria José Dupré, Éramos Seis

1. O Brasil foi o único país latino-americano a enviar tropas para a Europa quando o então presidente Getúlio Vargas juntou-se aos Aliados contra as forças nazistas. O episódio mais conhecido deste período é a Batalha de Monte-Castello (página wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Monte_Castello) que ocorreu no Norte da Itália.
2. Pode-se sublinhar Pácífico-Sul, Ilhas Salomão, Austrália, Cucun, ilha de Guadalcanal, Tulagi, Gavatu, Mocambo, Cocada, cordilheira de Stanley, Porto Moresbi. Os alunos também podem sublinhar Bela Helena que é o nome que a família dava ao jardim que tinha em casa.
3. Desde o dia 5 de Agosto. No início da carta, Alfredo diz “desde 5 deste mês” e no final escreve “este agosto tem sido o mês mais longo da minha vida”.
4. São mãe e filho.
5. Porque está lutando com o exército durante a 2ª Guerra Mundial.
6. Alfredo diz que sua vida passada era um mar de rosas e que sua vida presente é uma correnteza.
7. O batalhão ao qual pertence Alfredo parece, até o momento, ter vencido todas as batalhas.
8. Antes, Alfredo tinha dito que sua vida passada era um mar de rosas (expressão que denota tranquilidade) e depois diz sua vida presente é uma correnteza, expressão que denota a extrema agitação e desconforto com que vive atualmente.
9. Não. Chega a dizer que a mãe não o reconheceria e compara-se a um demónio.
10. As tropas japonesas que estavam na região do Pacífico Sul.
11. Pode-se sublinhar as seguintes palavras e expressões: “comboio”, “caças”, “base”, “estou no elemento”, “lutando”, “chuva de balas”, “bombas”, “horror”, “reforços”, “combatido”, “conquista”, “Vencemos”, “combater”, “vencer” e “guerra”.
12. Segundo a mãe, esta é a primeira carta longa que ele escreveu em muitos anos, o que indica que não escreve com frequência ou que escreve apenas bilhetes. No final da carta, Alfredo diz não saber quando escreverá novamente.
13. Ele diz lutar por um ideal que é o de ter um mundo melhor.

14. Resposta aberta. Sugestão: Sendo uma mulher simples e que não deve ter viajado muito, deve ter tido problemas para compreender os topónimos (nomes de lugares) e também os termos militares.
15. Parece ter apreciado receber a carta que releu inúmeras vezes.
16. Sente que nunca mais o verá (“meu coração me avisou no momento da despedida que Alfredo não voltaria mais”), ou seja, que ele provavelmente morreria na guerra.
17. Resposta aberta.
18. Resposta aberta.

FICHA 43

Nível Sugerido **B2**

Rachel de Queiroz, O Quinze

1. Resposta aberta. Sugere-se que o professor promova a discussão com a turma e verifique, em geral, que sentimentos associa à solidão.
2. As personagens são Conceição e um dentista, cujo nome não é revelado.
3. Não. Ela estava distraída e pediu que ele repetisse utilizando a expressão: “O senhor falou?”
4. Conceição não ouviu a primeira pergunta do dentista pois estava distraída olhando para o casal formado por Lourdinha e seu marido (nota: Lourdinha é prima de Conceição e irmã mais velha de Vicente).
5. Eles falam sobre felicidade e relacionamentos.
6. A frase sublinhada deveria ser “Mas, Dona Conceição, a senhora não tem felicidade igual porque não quer”, mas os alunos também podem escolher sublinhar a passagem que se inicia nesta frase e que vai até “por mim e pelos outros...”. Trata-se de uma forma de dizer que os homens em geral têm interesse em Conceição, mas que ela escolhe deliberadamente continuar sozinha.
7. Porque afirma nunca ter encontrado alguém “que valesse a pena”.
8. Ao ouvir que Conceição nunca encontrara alguém “que valesse a pena”, Vicente se afasta de Conceição e do dentista e vai conversar com um amigo, o que pode denotar certa frustração ou descontentamento. (nota: no romance, Vicente é apaixonado pela prima Conceição)
9. Para Conceição, o amor é algo incoerente que tem mais a ver com conveniências do que com realidade.
10. Ela não afirma que o amor não existe, no entanto, diz que nunca presenciou pessoalmente a sua existência.
11. Como Conceição afirma ter nascido para viver só, não parece ter a intenção de se casar um dia.
12. O dentista cita uma frase da bíblia que diz “Pobre dos solitários”, o que nos leva a crer que, para ele a solidão é um castigo.

13. Não. Para ela as pessoas que escreveram os livros antigos não eram mais sábias do que as pessoas de hoje em dia.
14. Ela parece contrariada com a opinião do dentista e o trata de pedante.
15. Vicente não percebeu que a prima saía.
16. Conceição deixou a companhia do dentista mas continuou pensativa a lembrar a conversa que teve. Ao mesmo tempo que considera o dentista pedante, ela também reconhece que Lourdinha parece feliz, ou seja, tem sentimentos contraditórios.
17. Usa bigode (“torceu o bigode”), parece ser um homem gordo (“mão papuda”, “dedo gordo do moço”) e tem olhos pequenos (“olhinhos miúdos”).
18. Resposta aberta.

FICHA 44

Nível Sugerido **B2**

Rachel de Queiroz, O Quinze

1. Resposta aberta. Sugere-se que o professor promova a discussão com a turma e indique algumas fontes de informação fiáveis. O professor também pode explicar a diferença entre as palavras imigração e emigração e falar sobre as questões das mudanças climáticas que, segundo os especialistas, serão responsáveis num futuro próximo por enormes movimentos migratórios.
2. Resposta aberta. É sabido, no entanto, que a água é essencial para as plantações e a sua falta inviabiliza o cultivo de quase todas as culturas de plantas. O professor pode também apresentar a canção Asa Branca de Luís Gonzaga para sensibilizar os alunos sobre a questão da seca no nordeste.
3. O trecho faz referência a Chico Bento, o pai da família e a Cordulina, a mãe. Fala-se também de dois filhos: Pedro, o mais velho e o mais novo, Duquinha (trata-se de um apelido, no livro, ele se chama Manuel). O casal tem também um outro filho, Josias, que não é nomeado claramente no trecho apresentado.
4. Conceição não ouviu a primeira pergunta do dentista pois estava distraída olhando para o casal formado por Lourdinha e seu marido (nota: Lourdinha é prima de Conceição e irmã mais velha de Vicente).
5. O texto diz que a família sobrevive “só talvez por um milagre”. Este comentário mostra que todas as condições são adversas para esta família e serve para salientar a dificuldade de se viver em condições de miséria extrema, onde há grande probabilidade de não se sobreviver.
6. “O comer era quando Deus fosse servido” significa que a família nunca sabia ao certo quando ter a próxima refeição, pois tudo depende do acaso e de ter sorte o suficiente para encontrar algo para comer.
7. Não. Como prova o trecho “Chico Bento, a custo, sujeitando-se às ocupações mais penosas, arranjava um cruzado, uma rapadura, algum litro de farinha. Mas isso de longe”, apesar de a personagem estar disposta a realizar até mesmo os trabalhos mais árduos, eles apareciam apenas “de longe em longe”, ou seja com pouca frequência.
8. Quando não tinha dinheiro, a família se alimentava principalmente com as raízes locais (mucunã e batata-brava) que encontrava pelo caminho.
9. O menino tentava ajudar através do seu trabalho, mas, segundo o texto, se nem mesmo os adultos conseguiam trabalho, as crianças tinham ainda mais dificuldade.
10. Porque tinha de se colocar na posição de mendiga, tendo que pedir alimentos com a criança no colo a outras pessoas para poder alimentar a si e a sua família.
11. Não. O texto afirma que ele “desaprendeu a andar”, ou seja, ela inicialmente era capaz de andar e depois voltou a engatinhar, como se estivesse regredindo ao invés de evoluir. Este trecho mostra a que ponto a situação de pobreza extrema pode afetar o desenvolvimento normal das crianças.
12. A falta de dinheiro obrigou-o a se desfazer de sua burra que estava num estado deplorável, muito magra e com poucas forças.
13. Às duas da tarde, Cordulina começa a passar mal e ter tonturas (provavelmente provocadas pela fome). Neste momento os viajantes param.
14. A passagem a ser sublinhada é a seguinte: O cabelo em falripas sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, envesgando os olhos, roçando a boca. A pele, empretecida como uma casca, pregueava nos braços e nos peitos, que o casaco e a camisa rasgada descobriam. Constatamos que o que se descreve não é exatamente a aparência natural da mulher, mas, sobretudo, os efeitos que a situação de miséria e pobreza tiveram em sua aparência (o estado dos cabelos e da pele, a sujeira das roupas).
15. A parte a ser sublinhada é a seguinte: o Duquinha, também era só osso e pele, levava, com um gemido abafado, a mãozinha imunda, os dedos ressequidos, aos pobres olhos doentes. Como na questão anterior, temos uma descrição que se concentra mais nos efeitos provocados pela miséria do que na aparência natural da criança.
16. As descrições todas (de Cordulina e Duquinha e da burra) são sempre um retrato dos efeitos da miséria sobre a vida.
17. Ao ver o pai triste, Pedro imita o pai e também toma a mesma atitude. Este trecho sugere que há muito pouca esperança de que a situação se altere e que a pobreza e a tristeza continuarão na próxima geração da família.
18. Resposta aberta. É bastante provável que o leitor sinta que o trecho final transmite uma falta de esperança, já que a situação de pobreza não parece se alterar e as personagens continuam caminhando sem muita perspectiva de mudança de situação.

FICHA 45

Nível Sugerido **B1**

Jorge Amado, Capitães de Areia

1. Trata-se de uma reportagem de jornal. Nota ao professor: o livro se inicia com esse texto, como se fosse um recorte de uma notícia publicada no jornal local.
2. Sugerem questões de crime e violência. Seria provavelmente publicado na seção policial de um jornal ou revista.
3. Trata-se de um assalto a uma casa. Alguns meninos invadiram uma casa para praticar roubos.
4. Na casa de um comendador (menciona-se no primeiro parágrafo “a senhora do comendador”).
5. O título se refere à luta entre o jardineiro e o líder dos Capitães da Areia.
6. Roubaram objetos de valor da sala de jantar.

Raul Ferreira *tem nome e sobrenome *linda criança *inocente	Chefe dos Capitães da Areia *seu nome não é mencionado *tem uma cicatriz no rosto *tem más intenções (pensava em furtar) *malvado, mestre em brigas, criminoso, ladrão
--	---

8. Enquanto Raul é descrito apenas com adjetivos positivos, destacam-se do chefe do bando, apenas as características negativas.
9. A classe social mais alta, mais abastada. São os moradores do bairro mais aristocrático que têm medo dos ataques dos Capitães da Areia.
10. As famílias mais ricas da região.
11. Resposta aberta. No entanto, como o jornalista fala na primeira pessoa e cita nomes de autoridades com bastante reverência (trata-os de “ilustres”), temos a impressão de que se endereça diretamente a estas pessoas.
12. Para Raul, brincar parece significar utilizar brinquedos caros que lhe são dados pelos pais. Já para o chefe do bando, brincar parece significar ter a liberdade de fazer o que quiser.
13. Resposta aberta. Sugestão: Materialmente, Raul Ferreira possui mais objetos de valor. No entanto, pode-se também argumentar que o chefe do bando tem uma liberdade que é desejada por Raul e que ele dificilmente terá.
14. O jornalista ouviu os funcionários da casa do comendador bem como o seu filho, Raul Ferreira.
15. Raul parece ter mais respeito do que medo do chefe dos Capitães da Areia.
16. Segundo o jornalista, o cinema é uma má influência para a juventude por colocar ideias erradas na cabeça das crianças, mostrando meninos que fogem de casa como heróis.
17. A foto da casa do comendador pode servir como ilustração da matéria. No entanto, mostrar o comen-

dador no momento em que recebe a sua condecoração parece servir mais para agradar o próprio do que para servir como suporte à notícia.

18. Resposta aberta. Entretanto, cabe lembrar que não se trata de uma notícia real, mas de uma recriação de uma realidade com o fim específico de contar uma história dentro de um livro. Além disso, o texto é cheio de nuances nas entrelinhas que mostram a subserviência do jornalista às pessoas com poder e a forma como uma parcela da sociedade vê o bando de meninos que serão tema das páginas subsequentes do livro.

FICHA 46

Nível Sugerido **B2**

Jorge Amado, Capitães de Areia

1. Resposta aberta. Sugere-se, ao menos que se faça uma visita à página da wikipedia <https://pt.wikipedia.org/wiki/Candomblé>.
2. Resposta aberta. Note-se que o nome pode apresentar diversas grafias Sugere-se, ao menos que se faça uma visita à página da wikipedia <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iemanjá>.
3. Os homens se transformam em estrelas enquanto as mulheres, no máximo, se transformam em santas.
4. Resposta aberta.
5. Resposta aberta. Sugere-se, ao menos que se faça uma visita às páginas da wikipedia.
Zumbi: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Zumbi_dos_Palmares_\(Maués\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Zumbi_dos_Palmares_(Maués)).
Lucas da Feira: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lucas_da_Feira;
Besouro: https://pt.wikipedia.org/wiki/Besouro_Mangangá.
6. Até o momento da publicação desta obra, não havia páginas wikipedia de Rosa Palmeirão e Maria Cabaço (às vezes também chamada Maria Cabaço). Trata-se de duas personagens históricas femininas negras que eram lutadoras de capoeira. Maria Cabaço sempre se envolvia em brigas de rua e recusava-se a ter um parceiro ou namorado. Era considerada muito feia. Já Rosa Palmeirão (cujo verdadeiro nome era Cândida Rosa de Jesus), era considerada muito bela e diz-se que tinha uma voz muito bonita e que cantava muito bem.
7. Dora é a esposa e o amor de Pedro Bala. Tudo indica que ela morreu recentemente.
8. Sente-se totalmente desconsolado.
9. Pedro quer “acompanhar Dora”, ou seja, deseja pôr fim à própria vida.
10. Tudo indica que se trata de um lugar para onde vão os mortos.
11. Provavelmente trata-se de um delírio.
12. Não, não parece, neste momento, dar importância a mais nada, nem mesmo à própria vida.
13. Segundo os astrônomos, um cometa passou pelo céu da Bahia.
14. Para Pedro Bala, o que se viu no céu foi a transformação de Dora em estrela.

15. Ter, nesta frase, possui o sentido de existência, que a gramática tradicional costuma atribuir apenas ao verbo haver. No entanto, o uso do verbo ter com o sentido de existir é extremamente difundido no Português Brasil tanto no uso coloquial como jornalístico e literário. Veja-se, por exemplo, o poema No meio do caminho tinha uma pedra, presente na primeira edição de Português com Textos.
16. Ao mesmo tempo que se refere à noite escura, refere-se também ao fato de Salvador ser (ainda nos dias atuais) a cidade com a maior população afrodescendente em todo o Brasil. Os heróis citados, assim como os personagens principais do livro são afrodescendentes.
17. Não, ao ver a estrela que julga ser Dora, é inundado por felicidade.
18. Dentro do barco (a saveiro do Querido-de-Deus) que o resgata da água.

FICHA 47

José Mauro de Vasconcelos, O Meu Pé de Laranja Lima

Nível Sugerido **B1**

1. Resposta aberta. A laranja-lima é uma das inúmeras espécies de laranjas consumidas no Brasil (o maior produtor mundial do fruto). Tem sabor suave e doce e é a menos ácida entre as laranjas populares.
2. Trata-se do menino Zezé e de uma árvore, um pé de laranja-lima.
3. O menino está contrariado por achar que todo mundo, menos ele, sempre tem razão.
4. Fica assustado com o fato de o pé de laranja-lima ser capaz de falar.
5. Ele até pensou em fugir, mas foi dominado pela curiosidade e acabou por ficar.
6. Segunda a árvore, por todas as suas partes: folhas, galhos, raízes etc....
7. Pediu que ele se encostasse a ela para ouvir o seu coração.
8. Não, apenas Zezé.
9. Diz que uma fada um dia lhe disse que quando ficasse amiga de um menino como Zezé ganharia a habilidade de falar.
10. Promete que nunca vai perder a sua habilidade de falar com o menino.
11. Não. A árvore pede que o menino suba em seu galho e brinque de cavalo usando a sua imaginação. O menino também menciona que tem um cavalo de brinquedo que vai dar ao seu irmão mais novo.
12. Ele começa a gostar muito (adorar) a árvore.
13. Promete que vai visita-la sempre que puder.
14. Porque alguém o espera o espera ("já estão de saída lá na frente").

15. Inicialmente diz-lhe que tem que sair. Depois volta e lhe dá um grande abraço.
16. Glória parece ser alguém da família do menino que cuidava dele e o acompanhava na visita. (No livro, Glória é a irmã de Zezé, mas neste trecho, esta informação não é clara).
17. Resposta aberta.
18. Resposta aberta. No livro o menino tem 5 anos de idade.

FICHA 48

José Mauro de Vasconcelos, O Meu Pé de Laranja Lima

Nível Sugerido **B1**

1. Resposta aberta.
2. Inicialmente a professora não lhe conta o motivo. Depois descobrimos que o menino tem roubado flores de um jardim para dar à professora.
3. Foi denunciar o crime do menino à professora. Provavelmente contou-lhe as informações que tinha.
4. Não. Esperou um pouco. Segundo o menino, não aparentava ter vontade de tratar do assunto.
5. Não negou. Diz que é verdade com um movimento de cabeça quando a professora lhe fez a pergunta.
6. Pertencem à família de Serginho (como usa-se o diminutivo, conclui-se que, ou é um colega de classe de Zezé ou um amigo dele).
7. Durante as manhãs, ao ver que o portão não está trancado, entra no jardim e rouba uma flor.
8. Não. Diz que o que ele faz não é correto.
9. Zezé afirma que o mundo é de Deus e as flores são de Deus e, portanto, tem o direito de colhê-las.
10. Ele não quer que a mesa da professora fique sem flores (este trecho nos leva a crer que os colegas de classe de Zezé também são pobres e ninguém tem dinheiro para dar presentes à professora).
11. A professora lhe dá dinheiro às vezes.
12. Porque acredita que outras crianças precisam do dinheiro tanto quanto ele.
13. Dorotília é uma colega de classe de Zezé. Ela é negra e tem o cabelo enrolado em coquinhos e amarrado com cordão.
14. Muito pobre. A mãe tem onze filhos e vive do trabalho de lavadeira.
15. Porque ela é negra e muito pobre. Este trecho denuncia o problema do racismo no Brasil.
16. A mãe de Zezé ensinou-lhe a sempre dividir o que tem com os outros.
17. Chora ao perceber a bondade do menino, que mesmo tendo tão pouco, ainda se preocupa em dividir com os outros.
18. Zezé pensa que a professora chora por causa dos roubos que ele cometeu.

FICHA 49

Nível Sugerido **B2**

Clarice Lispector, A Hora da Estrela

1. Resposta aberta. As cartomantes costumam se vestir com trajes muito próximos dos da tradição cigana. Elas costumam ser associadas às ciências ocultas e às artes divinatórias.
2. A cena se passa no espaço de trabalho da cartomante.
3. A cartomante considera a vida de Macabéa muito má e até mesmo horrível.
4. Na verdade, Macabéa nunca pensou muito sobre sua própria vida.
5. Segundo a cartomante, a vida atual de Macabéa é muito ruim. Ela perderá em breve o emprego e perdeu o namorado?
6. O passado de Macabéa foi trágico. Não conheceu bem os pais e foi criada por alguém que não a tratava bem.
7. Macabéa não considera que a tia lhe tenha feito mal. Pensa apenas que ela a educou da melhor forma possível.
8. A Cartomante diz que, considerando a situação financeira de Macabéa, a consulta será gratuita. Macabéa, no entanto, recusa a oferta e faz questão de pagar pela consulta.
9. O futuro de Macabéa, segundo a cartomante, será muito bom. Uma grande mudança vai ocorrer na sua vida e ela vai se casar com um estrangeiro rico.
10. Não. Apesar de a cartomante ter “revelado” que ela iria perder o emprego em breve, no mundo real, Macabéa continua empregada.
11. Reagiu com esperança. Até aquele momento, Macabéa nunca antes tinha tido esperança nenhuma. Foi a primeira vez que ela conheceu essa sensação.
12. Sim. Ela vai se casar com um homem estrangeiro que lhe trará dinheiro.
13. Inicialmente, o marido de Macabéa seria o seu atual namorado que reataria o relacionamento com ela.
14. É muito difícil descrevê-lo pois a cartomante dá-lhe características que uma só pessoa não pode ter ao mesmo tempo. Ele é um pouco loiro, mas os olhos podem ser de quase todas as cores possíveis.
15. Segundo a cartomante, todos os estrangeiros são ricos.
16. Resposta aberta. No entanto, a forma como a cartomante dá informações demasiado vagas ou como primeiro dá uma previsão e depois diz que na verdade ela não vai acontecer pode nos levar a crer que ela, na verdade, é uma charlatã.
17. Não. Ela não quer um casaco de pele porque seria inútil no calor do Rio de Janeiro.
18. Há no texto a palavra EXPLOÇÃO entre parenteses que aparece. Não parece fazer parte da história e vem em momentos que podem parecer aleatórios.

Uma interpretação possível é que estas partes do texto entre parênteses vêm como se fosse uma trilha sonora de um filme, para adicionar emoção a algumas partes do enredo.

FICHA 50

Nível Sugerido **B1**

Clarice Lispector, A Hora da Estrela

1. Resposta aberta.
2. Resposta aberta.
3. As personagens são Macabéa e Olímpio. Dois jovens nordestinos que acabam de se conhecer e que começam um relacionamento.
4. Porque ela percebeu que ele também era nordestino como ela.
5. “Qual é mesmo a sua graça?”. A expressão “qual é a sua graça” é uma outra forma, mais antiga e rebuscada de perguntar o nome de alguém.
6. Macabéa não é um nome comum no Brasil.
7. Durante os primeiros anos de sua vida, a menina não tinha nome. Era uma prática comum nas regiões mais pobres do Brasil de só dar nome às crianças se elas sobrevivessem por algum tempo.
8. Foi uma promessa que sua mãe fez a uma santa.
9. Não. Diz até que preferia não ter nome nenhum.
10. Ele é nordestino, do estado da Paraíba.
11. Foram passear debaixo da chuva e param à frente de uma loja de ferragens.
12. Nos três encontros que tiveram, havia um tempo chuvoso.
13. A frase do: “Você também só sabe é mesmo chover.” No plano semântico, entende-se por aí que a culpa da chuva é de Macabéa, o que parece bastante ilógico. Já no plano sintático, o verbo chover é impessoal e normalmente ninguém pode chover.
14. Depois de muitos encontros, ela resolveu perguntar-lhe o nome.
15. Porque “de Jesus” é sobrenome de crianças orfãs de pai e ele aparentemente não queria que ela soubesse deste fato de sua vida.
16. Resposta aberta.
17. Ele o educou para se aproveitar das pessoas e conquistar mulheres.
18. Resposta aberta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de (1988). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina (8ª edição).
- Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018.
- AUGUSTO, Sara (2018). "Corpo de barco e de rio": a memória dos textos literários em PLE. *Actas do 4º Fórum Internacional do Ensino da Língua Portuguesa na China*. Macau: IPM. 255-268.
- AUGUSTO, Sara e CHRISTIANO, Caio (2017). *Português com Textos I*. Macau: IPM.
- BALDICK, Chris (2008). *Dictionary of Literary Terms*. Oxford University Press.
- BASSNETT, Susan e GRUNDY, Peter (1993). *Language through literature: Creative language teaching through literature*. Essex: Longman.
- BERTHELOT, Reine (2011). *Littératures francophones en classe de FLE*. Paris: L'Harmattan.
- BIZARRO, Rosa e XAVIER, Lola Geraldine (2017). *Contos em Português: ler para aprender PLE*. Macau: IPM.
- CEIA, Carlos (2012). *The Profession of Teaching Literature: a Portuguese Professor Reflects on the Pedagogical Goals*. Lewiston: Edwin Mellen Press.
- COELHO, Jacinto do Prado (1976). *Ao contrário de Penélope*. Lisboa: Bertrand, 1976.
- COLLIE, Joanne e SLATER, Stephen (1987). *Literature in the Language Classroom. A resource book of ideas and activities*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DEFAYS, Jean-Marc et al. (2014). *La littérature en FLE : État des lieux et nouvelles perspectives*. Paris: Hachette.
- GENETTE, Gérard (1969). *Figures II: Essais*. Paris: Seuil.
- GENETTE, Gérard (1972). *Figures III*. Paris: Seuil.
- GENETTE, Gérard (s.d.). *Discurso da Narrativa*. Lisboa: Vega.
- GODARD, Anne (org.) (2015). *La littérature dans l'enseignement de FLE*. Paris: Didier.
- HOLME, Randal (1998). *Talking Text: innovative recipes for intensive reading*. Essex: Longman.
- FIGUEIREDO, Maria Jorge V. e BELO, Maria Teresa (1990). *Comentar um texto literário*. Lisboa: Presença.
- FIÉVET, Martine (2013). *Littérature en classe de FLE*. Paris: CLE International.
- FONSECA, Fernanda Irene (2000). Da inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da literatura. *Congresso Internacional de Didática da Língua e da Literatura*, 1998. Coimbra: Almedina.
- KENNEDY, Peter e FALVEY, Peter (orgs.) (1999). *Learning language through literature in secondary schools*. Hong Kong: Hong Kong University Press.
- LARANJEIRA, Pires (1995). *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- LAZAR, Gillian (1993). *Literature and Language Teaching. A guide for teachers and trainers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MARCHESE, Angelo e FORRADELLAS, Joaquín (1998). *Diccionario de retórica, crítica y terminología literaria*. Barcelona: Ariel.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de (2001). *Introdução aos Estudos Literários*. Lisboa: Verbo.
- MENDES, Margarida Vieira (1997). *Pedagogia da Literatura*. In *Românica*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 155-166.

- MOISÉS, Massaud (1997). *A criação literária. Prosa*. São Paulo: Cultrix.
- MORIER, Henri (1975). *Dictionnaire de Poétique et de Rhétorique*. Paris: PUF.
- REIS, Carlos (2008). *O conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários*. Coimbra: Almedina
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. (1990). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.
- ROCHETA, Maria Isabel e NEVES, Margarida Braga (1999). *Ensino da Literatura – Reflexões e propostas a contra corrente*. Lisboa: Ed. Cosmos.
- ROTTAVA, Lucia e SANTOS, Sulany Silveira dos (2006). *Ensino e Aprendizagem de línguas. Língua estrangeira*. Ijuí: Editora Unijuí.
- SEQUEIRA, Rosa Maria (2003). *O poder e o desejo. O ensino da literatura a estrangeiros na Universidade*. Lisboa: Ministério da Educação.
- VILELA, Maria Graciete (2005). Sobre o ensinamento da literatura: os ensinamentos de Xerazade. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4593.pdf> (consultado a 08/10/2018).
- XAVIER, Lola Geraldine (2017). *Literatura Africanas em Português: uma introdução*. Macau: IPM.

Textos

- AGUALUSA, José Eduardo (1996). *Estação das Chuvas*. Lisboa: Dom Quixote.
- ALMEIDA, Germano (1992). *O meu Poeta*. Lisboa: Caminho.
- AMADO, Jorge (1998). *Capitães de Areia*. Rio de Janeiro: Record/Altaya.
- BARRETO, Lima (2017). *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Brasília: Edições Câmara.
- BESSA-LUÍS, Agustina (2009). *A Sibila*. Lisboa: Guimarães Editores.
- BRAGANÇA, Albertino (2017). *Ao Cair da Noite*. Lisboa: Colibri.
- CARDOSO, Luís (2017). *Para onde vão os gatos quando morrem?* Lisboa: Sextante.
- CHIZIANE, Paulina (2008). *Nikette. Uma história de poligamia*. Lisboa: Caminho.
- COUTO, Mia (1992). *Terra Sonâmbula*. Lisboa: Caminho.
- DUPRÉ, Maria José (1987). *Éramos Seis*. 30.ª ed. São Paulo: Ática.
- FERNANDES, Henrique de Senna (2012). *Amor e dedinhos de pé*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- FERREIRA, Vergílio (1983). *Aparição*. Lisboa: Bertrand.
- JORGE, Lídia (2017). *A Costa dos Murmúrios*. Lisboa: D. Quixote.
- LISPECTOR, Clarice (1995). *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Record/Altaya.
- LOPES, Baltasar (1988). *Chiquinho*. Lisboa: África - literatura, arte e cultura.
- MÃE, Valtér Hugo (2011). *o nosso reino*. Lisboa: Objectiva.
- MOURÃO-FERREIRA, David (2009). *Um Amor Feliz*. Lisboa: Editorial Presença.
- ONDJAKI (2012). *Os Transparentes*. Lisboa: Caminho.
- PEIXOTO, José Luís (2002). *Uma casa na Escuridão*. Lisboa: Temas e Debates.
- PEPETELA (1996). *Parábola do Cágado Velho*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- QUEIROZ, Rachel de (1993). *O Quinze*. 64.ª ed. Editora Siciliano.
- REGO, José Lins do (1999). *Menino de Engenho*. 74.ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- SARAMAGO, José (1999). *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Círculo de Leitores
- SILA, Abdulai (1994). *Eterna Paixão*. Bissau: Ku Si Mon Editora.
- VASCONCELOS, José Mauro de (1969). *O Meu Pé de Laranja Lima*. 12.ª ed. São Paulo: Melhoramentos.

PORTUGUÊS COM TEXTOS 2

apresenta 50 fichas de trabalho fotocopiáveis para serem utilizadas por professores que ensinam o Português como Língua Estrangeira em todos os níveis de proficiência. Tomando o texto na sua especificidade literária, as fichas de trabalho pretendem ser um exemplo de como usar o texto narrativo (excertos de romances) como recurso indispensável para ir além do conhecimento da língua e como veiculação de formas distintas de ver o mundo tal como é contado na literatura em língua portuguesa produzida em diferentes latitudes.

Ensinar através da literatura é ensinar o uso da língua dentro do espectro do que uma cultura considera ser linguagem literária. A língua torna-se, então, mais rica e significativa e, a vários níveis, carrega consigo marcas não só de expressão subjectiva mas também do contexto em que o texto foi produzido. São essas marcas que definem uma cultura, enquanto partilhadas entre os falantes de uma língua, diferenciando-se e simultaneamente estabelecendo pontes com outras culturas. É expectável que, quando adquire e consolida o conhecimento de uma língua, o aprendente queira preencher o espaço entre a aprendizagem dessa língua no quotidiano e a fruição do texto literário, dando conta da visão do mundo que ele revela.

Sara Augusto Mestre em Literaturas em Língua Portuguesa (Universidade de Lisboa, 1995), doutorada (Universidade Católica, 2005) e pós-doutorada em Literatura Portuguesa (2007-2009, Universidade de Coimbra e Università degli Studi Roma Tre). As suas áreas de investigação e docência repartem-se entre a Literatura Portuguesa e as Literaturas em Língua Portuguesa e o ensino de Literatura e de Língua Portuguesa como língua estrangeira. Entre outros livros, publicou *A Alegoria na ficção romanesca do Maneirismo e do Barroco* (F. Calouste Gulbenkian, 2010), *Guerra Interior*, de Matias de Andrade (CLP, 2012). Co-autora do volume *Português com textos 1* (IPM, 2017).



Caio Christiano Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Poitiers e doutorado em Linguística pela mesma universidade. Tem experiência de ensino no Brasil, na França e na China. As suas áreas de investigação e docência repartem-se entre o ensino do Português como Língua Estrangeira, a linguística de *corpus* e as diferenças linguísticas entre as variantes europeia e brasileira da língua portuguesa. É autor de *A Prática do Ensino do Português como Língua Estrangeira* (IPM, 2017) e co-autor do primeiro volume desta coleção.

